

TRILOGIA 2323

# Sobreviventes do Caos

VOLUME 1



» BIANCA GULIM «





PERIGOSAS NACIONAIS

**TRILOGIA 2323**  
**SOBREVIVENTES DO**  
**CAOS**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados ao autor

Bianca Gulim  
*coordenação editorial*

Thaís Carvalho  
*revisão de texto*

Eduardo Viviani de Carvalho  
*arte da capa*

Michelle Pereira  
*diagramação e projeto gráfico*  
*adaptação da capa*

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica feita pelo autor

Gulim, Bianca.

C331s                Sobreviventes do Caos [livro eletrônico] /  
Bianca Gulim de Carvalho. – São Paulo: autor independente,  
2016.  
ePUB

ISBN 978-85-923280-0-9

1. Literatura brasileira 2. Romance Distópico 3. Ficção 4.  
Série

I. Título

CDD – B869.3

CDU – 82-3/49

*Copyright do texto ©2016 por Bianca Gulim de  
Carvalho*

*Copyright da ilustração ©2016 por Eduardo  
Viviani de Carvalho*

PERIGOSAS NACIONAIS

**TRILOGIA 2323**  
**SOBREVIVENTES DO**  
**CAOS**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

# BIANCA GULIM

PERIGOSAS ACHERON



# Índice

[Zero](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

# PERIGOSAS NACIONAIS

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

# PERIGOSAS ACHERON

# Zero

Em 2222, um vírus letal varreu a Terra. A morte acontecia setenta e duas horas após a contração da doença. Não demorou muito para a praga alcançar todos os continentes. Meses após a identificação do vírus, metade da raça humana já havia padecido. Não foi possível conter a proliferação.

Os Estados Unidos conseguiram desenvolver uma medicação que controlava os sintomas da doença, ganhando tempo para a procura da cura. Porém, a matéria-prima do remédio era escassa e o governo americano declarou que o medicamento seria usado exclusivamente pelos americanos, se recusando a ajudar outros países.

O caos reinava e não foram necessárias reuniões de Estados para que o restante do mundo resolvesse invadir os Estados Unidos em busca do medicamento que poderia salvar a raça humana da extinção. Uma guerra pela salvação da espécie se iniciou. Ninguém tinha o que perder: sem a

## PERIGOSAS NACIONAIS

medicação, a morte era certa, apenas questão de tempo.

Rumores de que outros países também possuíam tal medicação não demoraram a se espalhar. Assim, a guerra se expandiu dos Estados Unidos ao restante do mundo. Os poucos sobreviventes à doença procuraram o remédio por todos os cantos da Terra.

A guerra terminou o trabalho da praga. Em 2223, não havia mais o que destruir. Não existiam mais recursos para buscar a cura. Poucos eram os sobreviventes, apenas centenas de pessoas espalhadas pela Terra. A essa altura, não foi difícil conter a praga, pois poucos restaram para proliferá-la.

Os doentes foram assassinados e os saudáveis, poupados. Mas poupados para quê? Era o fim de tudo. A raça humana teria que recomeçar sua evolução em um mundo devastado.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# Um

Ano 2323.

É tarde e ainda chove. Saio para a noite mesmo assim, deixando a chuva me molhar. Dizem que água de chuva purifica. Quem sabe? Não custa tentar.

Estou sem blusa e fico com mais frio à medida que avanço na floresta. Mas isso não importa. O frio nem me faz cócegas. Dá apenas para notar, perceber que o sinto.

Passo pelos guerreiros que estão de sentinelas esta noite, eles não ousam fazer perguntas. Minha feição não deve estar nada agradável. Ótimo, é como me sinto.

Avanço um pouco mais na floresta e paro. Olho para o nada, respirando fundo, sentindo os cheiros da mata.

Sinto sua presença antes de escutar seus passos sobre as folhas. Darion é um grande guerreiro e seus movimentos são silenciosos, mas posso

PERIGOSAS ACHERON



escutar cada passo que ele dá.

– O que foi?

O safado me conhece tanto que nem se preocupa em me perguntar se estou bem. Só quer saber se foi alguma novidade que me fez abandonar o alojamento. Talvez ele tema que eu parta em uma missão sozinha.

– Nada. Não consigo dormir – respondo, tentando aliviar a preocupação que eu sabia que mostraria em minha voz.

Nem sei por que perco tempo tentando disfarçar minha dor para Darion. Deve ser a força do hábito.

– Ele vai aparecer. É forte, inteligente e conhece esta floresta mais do que nós dois juntos.

Darion é um cara positivo, sempre pensa no melhor. Eu sempre penso no pior. É uma questão lógica pra mim: se é sempre o pior que acontece, qual o sentido em ficar esperando um milagre?

– Já faz quatro dias. Algo está errado. Você sabe disso tanto quanto eu. Deveríamos estar fazendo alguma coisa.

Passo as mãos no cabelo e depois no rosto, exasperada.

– Celine – Darion coloca as mãos nos meus  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

ombros, se concentrando no meu rosto. Ele espera que eu olhe para ele antes de continuar, e eu o faço – seu irmão sabe o que faz. Ele decidiu ir sozinho até a fortaleza e deu ordens para que ninguém o seguisse. Não podemos arriscar perder essa aliança.

Aliança? Eu não diria que não sermos atacados caracterize uma aliança, mas essa é uma discussão desgastada, não tenho tempo para ela.

– Não posso simplesmente ficar esperando!

Eu me livro de suas mãos e passo por ele, olhando para a floresta escura.

– Celine... – suspira, derrotado. Percebeu que bancar o otimista não vai me convencer. Ele vai apelar, como sempre faz – nós dois sabemos que nosso povo precisa de você. Todos estão assustados com a ausência do líder e a possibilidade de um ataque. Se você sair nesse momento delicado, o desespero reinará. Eles confiam em suas habilidades – Darion me puxa pelo braço, me fazendo olhar para ele novamente – eles confiam em você. Eu confio em você.

Apenas o observo. Seu rosto moreno, seus traços fortes. Os cabelos compridos realçam ainda mais a aparência de índio.

## PERIGOSAS ACHERON

Sorrio de leve. Ele percebe que me convenceu e sorri de volta. Então me puxa pela nuca, beija minha testa e me abraça. Retribuo, me sentindo mais calma. Darion sempre sabe como me acalmar, mesmo que por pouco tempo.

Fico triste ao perceber que este instante de calma existe somente porque sei que, se meu irmão não voltar, não estarei sozinha. Não que Darion possa substituí-lo, é claro. Mas o medo de ficar sozinha é maior do que o medo de que meu irmão morra.

Esses pensamentos me deixam enojada, pois sei que me sentir assim é errado, egoísta. Saio delicadamente do abraço do meu melhor amigo.

– Esperarei mais dois dias. Depois disso, você e eu iremos atrás dele, ok?

Sei que estou pedindo muito. Não é seguro que dois dos melhores guerreiros deixem o acampamento em busca do melhor guerreiro que foi em missão de paz e ainda não voltou. Mas foda-se. Quero ir atrás do meu irmão, saber se ele está bem. Também me preocupo com meu povo, mas meu irmão está acima de qualquer coisa.

Escuto Darion suspirar. Mesmo discordando de

mim, ele vai concordar. Ele sempre acaba fazendo o que eu quero.

– Ok, Celine. Dois dias. Agora volte para o alojamento, por favor. Vou percorrer o perímetro.

Ele vira de costas e começa a caminhar. Eu o alcanço e o abraço, passando meus braços por baixo dos dele. Encosto meu rosto em suas costas.

– Você é sangue do meu sangue, e eu te amo – digo baixinho.

Ele pousa sua mão em cima da minha, que repousa em seu peito.

– Você é uma cretina. Volte logo para o alojamento – sua voz tem um tom divertido.

Dou risada e o solto, retornando ao alojamento. Passo pela entrada e percebo que não chove mais. O silêncio reina, todos estão dormindo. Ainda não sinto sono.

Estou quase chegando ao meu quarto quando escuto Max xingando. Reflito um pouco, decidindo ir até seu quarto. Entro sem bater. Ele está sentado na cama, limpando sua arma. A caixa de munição está aberta, quase vazia.

– Algum dia você vai colocar em prática a possível educação que te deram, princesa guerreira?

Aliás, o que te ensinaram quando você era criança, além de encher os outros de porrada? Acho que você entra sem bater para um dia me ver pelado. Não precisa disso, princesa. Se quiser, basta pedir – eu me sento na cadeira em frente à cama, olhando séria para ele. Ele percebe que não estou para brincadeira e seu sorriso some – o que foi desta vez?

Ele deixa a arma de lado e examina meu corpo com calma, provavelmente procurando algum ferimento. Deve achar que eu briguei com alguém. Desde que tivemos que nos juntar com os aligortes, isso acontece com certa frequência.

– Se meu irmão não aparecer em dois dias, eu e Darion iremos atrás dele. Você fica para proteger o alojamento.

Ele joga a cabeça para trás, dando risada. Uma risada de verdade, ele realmente está achando graça. Filho da puta!

Espero em silêncio que seu ataque de riso acabe, apesar de minha vontade ser de socar sua cara.

– Você está falando sério? – ele me pergunta ainda rindo.

Levanto a sobrancelha. Muito ousado esse Max.

Eu sou a líder quando meu irmão não está, e ele ousa rir de uma ordem minha. Eu nem sei por que perco meu tempo. Esse filho da puta não obedece ninguém. Desde que mudou de lado, há um ano, vive conosco sem respeitar qualquer hierarquia. O desgraçado faz o que está a fim e ponto. Só está aqui porque meu irmão confia nele.

Decido que não vale a pena discutir com Max e me levanto pra ir embora, mas ele se adianta, me segurando pelo braço.

– Você não vai a lugar algum! – ele vocifera.

Agora sou eu quem dá risada. Ele continua me segurando, me olhando com raiva.

– Me solta – peço com falsa gentileza.

– Prometa que você não vai – ele ordena.

Putá que pariu! É muita audácia. Eu vou matar esse filho da puta!

Uma raiva começa a tomar conta de mim e eu me solto de seu braço, empurrando-o bruscamente. Obviamente, ele nem cambaleia. O desgraçado é forte! Antes que eu termine de decidir socar sua cara, ele segura meu punho, o torce nas minhas costas e usa a outra mão para prender meu outro braço. Não sinto dor, no entanto não consigo me

mexer. Tento atacar suas pernas com os pés, mas ele já as tirou de meu alcance.

– Conheço seus movimentos, princesa guerreira. Você é boa, mas eu sou melhor – dou risada. Ele sabe que luto melhor do que ele. Daqui a pouquinho ele vacila, me dando a chance de acertar seu rosto com traços perfeitos – se você soubesse o quanto eu adoro te ver irritadinha desse jeito, não me daria esse prazer – ele sussurra com a boca perto do meu ouvido.

É agora. Seu foco se perdeu e, por um instante, ele se esqueceu da nossa pequena batalha. Com toda minha força, me lanço para trás, fazendo com que ele bata no pedaço de tronco que lhe serve de cômoda. Por sorte, ele bate as costas na quina e me solta, gemendo. Não perco tempo e empurro seu corpo com a minha perna. Ele bate na parede e lá fica. Espero que uma rachadura apareça no barro pelo impacto, mas as paredes foram bem feitas e nada acontece. Ou eu não o empurrei com toda a força que ele merecia.

– Caralho, Celine!

Ele se agacha, passando as mãos nas costas. Eu me lembro de que seu ferimento ainda não está

totalmente cicatrizado. Corro e me agacho ao seu lado, levantando sua blusa para ver o estrago que fiz. Os pontos abriram, e o ferimento sangra.

Max não emite som algum, mas sei o quanto está doendo. Já tive pontos abertos, isso dói à beça.

– Desculpa – digo enquanto o ajudo a se encostar na parede.

Tento me levantar, com intenção de chamar Mario para limpar o ferimento e refazer os pontos, mas Max me puxa pelo pulso.

– Prometa que você não vai – dessa vez ele pede.

Sinto pena dele, conheço a necessidade que ele tem de me proteger. Talvez por sentir que deve isso ao meu irmão, que salvou a sua vida. Ou porque ele gosta de mim mais do que deveria. Abaixo a cabeça, refletindo por alguns segundos.

– Não posso – sussurro.

Estou sendo sincera, eu não conseguiria manter essa promessa. Não sei nem se vou aguentar esperar dois dias.

Max levanta meu rosto pelo queixo, e eu vejo desespero em seus olhos. Ele tem muito medo de que algo aconteça comigo. Sei disso. Posso ver em

# PERIGOSAS ACHERON



seu rosto, posso sentir em seu olhar.

Odeio vê-lo desse jeito. Ele é tão metido a fodão, nunca demonstra se importar com nada. Está sempre acima de tudo. Mas, neste momento, ele deixa transparecer o quanto se importa. Talvez de propósito, para me convencer. Talvez sem querer, por não conseguir se controlar.

Ele sempre se controla. Acho que eu sou o único motivo de seu descontrole. Ele sabe que estou sendo sincera, que realmente não posso apenas esperar a notícia da morte do meu irmão.

– Eu vou com você – ele diz com convicção, apesar de seus olhos demonstrarem súplica.

– Está bem – não discuto.

A verdade é que quero que ele vá comigo. Eu me sinto segura com ele por perto. Ele me faz dar risada até nas piores situações. E, mesmo sabendo que o alojamento ficaria menos protegido sem ele, não vou lhe negar isso. Não com ele me olhando desse jeito, implorando em silêncio.

– Prometa.

– Prometo.

Ele me estuda por um tempo antes de se convencer e solta meu pulso. Corro até a

## PERIGOSAS ACHERON

enfermaria, peço a Mario que me acompanhe até o quarto de Max com equipamentos para a limpeza do ferimento e a feitura de novos pontos.

Quando chegamos, Max já está sentado na cama, limpando seu ferimento sozinho, com pinga. Se ele soubesse o trabalho que dá para prepará-la, não a desperdiçaria dessa maneira. Mas ele não está nem aí, sua pose de machão sabe-tudo está de volta.

– O que foi, princesa? Achou que podia me derrubar? – seu tom é de pura ironia e seu olhar, divertido.

– Você é um babaca!

Saio rindo e vou em direção ao quarto de Darion para ver se ele voltou de sua ronda, ainda ouvindo Max xingar Mario e dizer que não precisa de ajuda com um *cortinho*. Metido a fodão. Um filho da puta esse Max!

Bato de leve na porta de Darion e entro devagar. Ele já está dormindo, provavelmente percorreu somente o menor perímetro. Sua expressão é séria. Eu me aproximo e beijo seu rosto.

De volta ao meu quarto, me sinto sonolenta. Deito na cama sem me cobrir, apesar do frio. Vejo a imagem do rosto de meu irmão sorrindo antes de

PERIGOSAS NACIONAIS

cair no sono.

PERIGOSAS ACHERON

## Dois

Acordo, mas não abro os olhos na tentativa de manter o sonho vivo. Nele, corro na floresta com meu irmão enquanto ele tenta me ensinar como desviar rapidamente dos obstáculos. Sou pequena demais para aprender e minha mãe, que nos observa, se diverte com o empenho de Julio.

– Ela é muito pequena, meu amor – diz minha mãe ao se aproximar e beijar a bochecha do meu irmão.

– Ela precisa aprender. Precisa ser forte!

– Ela será! Como você, como o papai.

Minha mãe me pega no colo, me beijando no rosto.

Não é um sonho, é uma lembrança. Eu me lembro desse dia. Meus pais ainda eram vivos, cuidavam de mim. Foi antes de nosso pai nos trair. Foi antes de eu ver minha mãe levar um tiro na testa.

A imagem vem à minha mente: minha mãe sussurrando para que eu aguento firme e sua cabeça  
PERIGOSAS ACHERON

indo para trás de repente, com o impacto do tiro.

Eu me levanto em um pulo, me esforçando para expulsar a imagem da minha cabeça, mas ela permanece. Vejo repetidamente a morte de minha mãe diante dos meus olhos. Começo a suar e escuto gritos. Uma garota grita desesperadamente, como se sentisse uma dor enorme. Temo que estejamos sendo atacados.

— Celine! Celine! — escuto a voz de Max, sentindo seus braços me sacudirem.

Abro os olhos e vejo seu rosto preocupado olhando para mim. Logo em seguida, Darion entra no quarto com uma faca na mão.

Ainda não sei por que todas as vezes que eu tenho esse pesadelo Darion aparece armado, pressupondo que eu esteja sendo atacada. Max fazia isso no início. Hoje, ele já sabe que se trata apenas de um pesadelo e que eu grito enquanto ainda estou dormindo.

Max acaricia meu rosto, e Darion respira aliviado. Ele realmente achou que eu estava sendo atacada. Afasto a mão de Max e me levanto rápido, usando a barra da camiseta para enxugar meu rosto molhado de suor. Darion me olha em expectativa.

# PERIGOSAS NACIONAIS

– Estou bem.

Ele concorda e sai do quarto. Olho pela janela, percebendo que ainda é noite. Não devo ter dormido nem duas horas, mas já estou a todo vapor.

Vou em direção à porta do meu quarto. Quando algo leve atinge minhas costas, me viro e vejo que Max jogou seu moletom em mim. Aprecio o traje preto, característico da fortaleza.

– Tá frio pra caralho – ele diz ao passar por mim bocejando, voltando para seu quarto.

Visto o moletom e me dirijo lentamente até o portão do alojamento. José abre caminho assim que me vê. Sorrio de maneira falsa. Ele finge não perceber, sorrindo docemente de volta.

Incrível como meus guerreiros me conhecem. Eles sabem os momentos em que devem ficar de boca fechada, sem me aborrecer com perguntas idiotas. Gostaria que o restante de meu povo tivesse a mesma postura. Mas eles não me conhecem tão bem.

Acho que só conhecemos uma pessoa de verdade após passarmos por situações de sobrevivência ao lado dela. São nessas ocasiões que mostramos quem realmente somos. Quando a

## PERIGOSAS ACHERON

possibilidade de morrer é grande, nenhum mentiroso mantém sua farsa. Nenhum traidor continua fingendo lealdade. Nessas situações, vemos quem está ao nosso lado de verdade. Quem morreria pelo outro.

Continuo caminhando até que a adrenalina passe. Começo a me sentir um pouco cansada, sonolenta. Isso é muito raro. Deve ser porque não durmo direito desde que meu irmão foi até a fortaleza.

Será que foi uma boa ideia? Quando Julio me disse que iria, eu fui contra, claro. Principalmente por ele querer ir sozinho e desarmado.

O objetivo da viagem era esclarecer à fortaleza que não iniciamos mais uma guerra. O que mais queremos é paz. Tivemos que ajudar os aligortes, senão o povo da areia acabaria com todos. Meu irmão deu a ordem para intervirmos. A missão era diminuir as mortes, mas o povo da areia não nos deixou pacificar a luta e fomos atacados também. Tivemos que matar alguns.

Os sobreviventes perceberam que não tinham chances e se renderam. Deixamos que fossem embora porque eles nos convenceram de que

estavam cumprindo ordens, sem saber o motivo do ataque. Ao serem questionados, os aligortes disseram também não saber por que foram atacados.

Isso está zunindo na minha cabeça. É tudo muito estranho. O que fez o povo da areia viajar por tanto tempo para atacar os aligortes?

Eu não gosto dos aligortes. Povo falso. O líder me dá nojo e seu filho quase me faz vomitar. Povo escroto! Fingem querer a paz, mas no fundo são gananciosos por poder.

Na verdade, tenho pena do povo aligorte. Os líderes é que são uns filhos da puta. Com certeza fizeram algo para incitar a ira do povo da areia.

Outra coisa esquisita: o povo da areia mandou apenas alguns guerreiros para o ataque e eles pareciam não ser dos mais fortes, em comparação aos lutadores cruéis que já enfrentamos. Sei que eles poderiam ser melhores, já presenciei isso.

Pensando bem, acho que gosto menos ainda do povo da areia do que dos aligortes. Eles matam sem dó, são o maior risco para nossa paz. Qualquer conflito e eles usam a violência.

Ok, estou sendo um pouco hipócrita. Eu sou a

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

primeira a recorrer à violência quando algo me tira do sério. Mas não saio matando por aí. Que comparação esdrúxula, eu e os guerreiros do povo da areia!

Sim, já matei alguns. Mas somente quando muito necessário. Eu acho.

Onde será que está meu irmão agora? Por que ainda não voltou? A fortaleza o manteve preso? Será que nos culpam pelo conflito?

A fortaleza é engraçada. Diz repudiar a guerra, a violência. É a favor da paz, da harmonia entre os povos. Mas o que fazem os de lá quando alguém coloca em risco nossa paz? Matam! É uma ótima forma de repudiar a violência: punir os infratores com a morte.

Sorte que eles detêm tecnologia. Senão, todos os povos já teriam acabado com essa porra de fortaleza. Bando de filho da puta! Ninguém é aceito, ou nasce lá ou nunca será considerado de lá. É o jeito que eles acharam para manter a linhagem pura. Deve ser por isso que Max nunca quis voltar.

Percebo que a raiva que sinto dos povos mais uma vez toma conta de mim e vejo claramente a imagem do meu irmão me repreendendo: *Não*

## PERIGOSAS ACHERON

*mantenha esse ódio dentro de você, isso te faz mal. E não generalize. Já que vai odiar, odeie quem toma as decisões que você julga erradas. Um povo não tem culpa das decisões que seu líder toma. Estão apenas vivendo, seguindo as regras que lhe foram impostas. O que eles podem fazer? Às vezes, nem sabem o que seus líderes fazem. Às vezes, temem se rebelar e acabarem mortos. Não seja injusta. Coloque em prática o que mamãe nos ensinou.*

Odeio essa última parte. Eu queria ser como minha mãe: doce, alegre, leve... Fico pensando se eu seria assim, se não visse minha mãe morrer na minha frente, se não fosse torturada aos nove anos para revelar informações que eu desconhecia. É, acho que hoje eu seria uma garota de dezenove anos doce, alegre e leve. Eu seria como ela.

Sacudo a cabeça, espantando as lembranças. Não gosto de me lembrar da minha mãe. Sempre que o faço acabo revivendo sua morte.

Olho em volta e noto que já amanheceu. O tempo passa rápido quando paramos para pensar na vida.

Volto para o alojamento e decido conversar com

Diná antes do treinamento. Ela já está acordada, perto da enfermaria. Os velhos têm mania de acordar muito cedo.

Ela não precisa se virar para notar minha presença.

– É cedo demais para perguntas, menina.

– Diná, é sério! Algo está acontecendo. Você não achou estranho o ataque do povo da areia aos aligortes? – pergunto, me colocando na frente dela.

– Todo ataque é estranho, Celine. O que falta é amor no coração dessas pessoas.

Nossa, que raiva. Eu amo Diná. De verdade, de todo o meu coração. Mas sinto vontade de dar um tapa na cara dela quando ela vem com essa história de amor.

– Eu sei, Diná. O amor é o que nos salvará. Agora, deixando o sentimentalismo de lado, podemos focar na estratégia? Qual o objetivo do povo da areia em mandar alguns guerreiros atacarem os aligortes? Eles não são o povo mais forte, eu sei. Mas têm muitos guerreiros. Não faz sentido o povo da areia arriscar um ataque pequeno. Por que não vieram com mais guerreiros ou com os melhores? Isso é estranho. E outra coisa: por mais

## PERIGOSAS NACIONAIS

que os poucos guerreiros do povo da areia conseguissem dominar todo o povo aligorte, que é o que estava acontecendo antes de intervirmos, eles deveriam saber que nós ajudaríamos os aligortes. O líder do povo da areia deveria saber que meu irmão fechou uma aliança com os aligortes em busca de paz. Você não acha?

– Desculpe, menina. Eu me perdi em tanta estratégia, poderia repetir?

Que engraçada! Ela escutou tudo muito bem. Respiro fundo para não gritar com a pessoa mais doce e amável que eu conheço. Ela só quer *purificar meu coração*, como ela mesma sempre diz.

– Ok, Diná. Responda uma coisa, você conhece o líder do povo da areia? Sabe quem é?

– Ninguém o conhece – Diná me responde séria, sem olhar para mim, enquanto continua limpando o algodão colhido ontem, que em suas mãos hábeis se tornará linha para tecelagem em breve.

– Caralho! Se pelo menos eu soubesse como ele é, eu poderia tentar supor o motivo do ataque. Eu sei que Jafar lidera os aligortes em busca de poder. Sei que a fortaleza busca paz. De uma maneira

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

torpe, mas busca. E o povo da areia, o que quer? Pelo o que seus guerreiros lutam? Vocês, velhos, não deveriam saber das coisas para ensinarem aos mais novos? – pergunto com petulância.

– Seu irmão é um grande líder. Sua alma é nobre e seu corpo, forte. Ele sabe o que é certo. Sabe o que fazer para garantir a paz ao nosso povo. Eu sei que devemos confiar nele. Você confia em seu irmão?

Agora ela olha para mim, e eu preferia que não o tivesse feito. Diná sempre sabe o que falar. Não tinha uma pergunta mais filha da puta para me fazer.

– Confio – digo baixo, ainda olhando para ela.

– Se algo estivesse errado, você não acha que ele saberia?

Então tudo fica claro. É óbvio que algo está errado. E é óbvio que meu irmão percebeu.

Conforme esses pensamentos tomam forma na minha cabeça, arregalo os olhos e encaro Diná. Sua feição continua pacata, e eu não perco tempo.

Saio correndo em direção ao centro de treinamento. Procuro por Darion, mas não o encontro. Avisto Max.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Max! – grito, e ele olha pra mim, vindo em minha direção – Vem cá – digo assim que ele me alcança, o levando para um canto onde os alunos não possam nos escutar – lembra quando eu te disse que algo estava errado? Que o ataque do povo da areia não fazia sentido?

– Porra, princesa. Esse povo só quer sangue. São uns loucos. Não te falei que nem a fortaleza consegue contê-los? Eles fazem o que querem e pronto. O Jafar deve ter comido alguém de lá e o corno veio cobrar.

– Para de brincar, seu filho da puta! Você conhece meu irmão, não conhece? Se algo estivesse errado, ele perceberia, não é? – pergunto séria, fazendo Max ir diminuindo o sorriso aos poucos.

– Perceberia. É esperto, o safado.

– Ele percebeu! Por isso saiu do alojamento. Por isso ainda não voltou. Ele disse que foi até a fortaleza para ganhar tempo. Sabia que eu perceberia também, achou que deveria agir antes disso. Alguma coisa está muito errada, Max.

– Você acha que tudo gira ao seu redor, não é? Acha que seu irmão partiria por achar que você poderia perceber que algo está errado? – ele me

## PERIGOSAS ACHERON

olha curioso.

Que vontade de dar um soco nele. Aperto o punho, fazendo cara de muito brava. Ele me olha com petulância, como se dissesse *vai me bater?* Apesar da raiva, continuo discutindo com o desgraçado.

– Não só por isso. Ele saiu para tentar resolver, seja o que for que está errado, antes que eu percebesse e tentasse ir junto ou quisesse resolver sozinha. Sei lá, porra. Cadê o Darion?

– Não sei. Ele se esqueceu de me avisar. Vou brigar com ele. Já disse pra ele me avisar cada passo que der...

Max continua as piadinhas, e eu continuo refletindo sobre tudo.

– Espera – interrompo – você disse que nem a fortaleza consegue conter o povo da areia?

– Sim. A fortaleza repreende qualquer forma de violência que possa gerar uma guerra, eles a temem. E o povo da areia adora uma violência, um ataquezinho a outro povo...

– E por que a fortaleza não os impede? Por que não os punem com a morte, como fazem quando um dos povos incita a guerra? – interrompo Max

## PERIGOSAS NACIONAIS

mais uma vez.

– Porque eles são muitos, Celine. Estão espalhados pelo mundo todo. Não se sabe até onde eles foram. São bárbaros. Não têm piedade. Provavelmente a fortaleza teme que, ao atacá-los, acabem perdendo o combate. Na dúvida, os deixam por lá.

– A fortaleza é o único povo que tem tecnologia, armas de fogo. Não faz sentido temerem um combate. Nada faz sentido. Que merda! Eu odeio não ter informações! – digo e levanto os braços, entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

– Calma, Celine... – Max coloca as mãos nos meus ombros. Ele percebeu o quanto estou nervosa – O que aconteceu para surgirem tantas dúvidas? Só o ataque? Ou tem algo mais? – ele me olha desconfiado.

– Não sei, Max. Eu sempre tive minhas dúvidas. Algumas coisas nunca fizeram sentido, mas eu nunca precisei pensar muito a respeito. Desde que meu irmão negociou a paz, as coisas pareceram melhorar. Agora, com meu irmão sumido, as dúvidas não param de surgir. Nada mais faz sentido.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

– Está com medo porque seu irmão não está aqui para te proteger?

No começo eu acho que é uma brincadeira, no entanto Max olha sério para mim.

– Eu ouvi mesmo isso? Pareço o tipo de garota que precisa de proteção? – estou estupefata com a pergunta.

Não é nem um pouco do feitio de Max me perguntar algo tão idiota. Ele sabe o quanto sou forte. Sabe que não preciso que me protejam. Eu protejo as pessoas!

– Relaxa, princesa. Vai que você está tendo um surto existencial. De repente... acontece! – que cretino. Saio andando, mas ele me puxa pelo braço – Ei, guerreira. Calma, não precisa sair andando. Agora é sério. Eu confio no seu julgamento, apesar de achar que você tem pouca idade para especular tanto assim. Vamos lá. Está com dúvidas? Faltam informações?

– Sim! Não é óbvio?! – grito, mas Max parece não se importar.

– Então vamos recapitular o que sabemos, para entendermos o que nos falta saber, para buscar a informação – faz muito sentido. Parece ser um bom

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

plano, além de óbvio. Nada como calma para conseguir pensar direito. Se existe uma pessoa capaz de manter a calma, essa pessoa é o Max. Ou, pelo menos, finge muito bem estar totalmente tranquilo diante de situações perturbadoras. Ou ele simplesmente é tão frio que pouquíssimas coisas o abalam – me deixe entender o que se passa por essa cabecinha linda – ele diz enquanto passa a mão pelos meus cabelos.

Dou um tapa na sua mão, e ele gargalha.

– Primeiro, vamos achar o Darion – informo.

## PERIGOSAS ACHERON

# Três

Procuramos por todo o alojamento, e nada do Darion. Perguntamos a todos, mas ninguém sabe dele. Eu e Max nos dividimos para procurar nos arredores, e nada.

Já estou bem preocupada quando José, que estava dormindo após finalizar o turno da noite, vem ao meu encontro.

– Chefe, o Darion partiu um pouco depois de você, antes do amanhecer.

– Como é que é? – pergunto nervosa, fazendo Max se aproximar para escutar o que me irritou.

– Sim. Um pouco depois que você saiu para a floresta, Darion fez o mesmo, carregando uma mochila. Achei que você o tivesse mandado atrás de Julio.

Fico zozza. Minha feição deve ser de horror porque José se aproxima perguntando se eu estou bem, o que é uma raridade.

Olho para Max, que me encara impassível. Provavelmente, já está bolando o plano de como PERIGOSAS ACHERON

me impedir de ir atrás de Darion.

Antes que eu possa tentar ir em direção ao portão, Max me diz com toda a sua calma:

– Não dá mais tempo de ir atrás dele. Ele partiu há umas três horas. Está muito à nossa frente, você sabe o quanto ele é rápido. Agora, olhe para mim e responda, tem algo que vocês saibam e eu não?

– Não – respondo, apenas.

Realmente não há. Eu conto tudo a Max. Não sei o motivo, mas conto.

– Acha que ele sabe de algo que eu e você não sabemos?

– Não. Se ele soubesse, já teria me falado. Acho que ele foi porque eu o fiz prometer que iria comigo se Julio não aparecesse em dois dias. E ele sabe que é errado que os dois deixem o alojamento. Ele foi primeiro para que eu ficasse. Está tentando me proteger, como sempre.

– Não deixaremos que seja em vão. Venha, vamos entender o que está acontecendo nesta porra!

Max está irritado. Há dias eu não o via desse jeito. Quero ir atrás do Darion, claro. Mesmo assim, decido fazer o que Max sugeriu.

– Obrigada, José. Te aviso, qualquer coisa.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Acaricio o braço do meu guerreiro e sigo Max até meu quarto.

Resolvemos falar um para o outro tudo o que sabemos, mas é inútil. O que eu sei, Max sabe e vice e versa. O detalhe é que Max viveu vinte e oito anos na fortaleza, conhece muitos detalhes que eu nunca tive acesso. E conheço um pouco os aligortes, já que dividimos a floresta há anos.

Já sobre o povo da areia, sabemos muito pouco. Sabemos apenas que eles não temem a fortaleza como o restante de nós. Eles invadem os povos para roubar alimentos, roupas, mulheres, homens... e somem!

A verdade é que nós nunca fomos muito longe. Não somos exploradores. Encontramos um lugar habitável que nos proporcione o que é necessário e ficamos. Às vezes temos que migrar, mas nunca para muito longe.

O povo da areia com certeza já chegou aonde ninguém mais chegou. Talvez seja por isso que a fortaleza não os pune. Nem a fortaleza deve saber onde eles estão.

– Revisar o que já sabemos não está ajudando – detesto constatar o óbvio, mas estamos perdendo

## PERIGOSAS ACHERON

tempo enquanto Julio e Darion estão fora, correndo perigo. Max me olha sério, ele concorda comigo – e os aligortes?

– O que têm eles?

– Será que sabem de algo? Com certeza Jafar sabe por que foi atacado, ele não é bobo.

– Se ele sabe, não vai falar. Não falou até agora.

– Ele não precisa nos contar – insinuo, olhando travessa para Max.

Estou encostada na parede, Max está sentado na cama. Ele se levanta devagar, dá dois passos lentos e fica bem na minha frente. Levanto um pouco o rosto para continuar olhando em seus olhos.

– Está querendo escutar atrás das portas, princesa? – ele se aproxima mais, apoia a mão direita na parede, ao lado do meu rosto. Prendo a respiração, como sempre faço quando ele se aproxima demais. Ele usa a mão esquerda para passar o dedo indicador pela minha bochecha. Começo a respirar pela boca, um pouco ofegante – Já fez isso antes?

Faço que sim com a cabeça, e ele sorri, malicioso. Paro de olhar para seus olhos castanhos com aqueles cílios longos e escuros que eu adoro.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Observo seu nariz longo, perfeitamente proporcional ao seu rosto, sua boca carnuda, seu queixo quadrado. Por que ele tem que ser tão lindo? Lindo demais! Rosto lindo, corpo lindo, tudo lindo!

Max troca o indicador pelo polegar e o passa pela minha boca. Eu já estou de olhos fechados, arfando. Não preciso olhar pra ele pra saber que está adorando. Ele ama o que causa em mim. Um filho da puta.

Ele apenas roça os lábios nos meus. Sei que ele quer que eu tome a iniciativa, que eu grude meus lábios nos dele. Mas não vai acontecer. Ele vai se render a mim e não o contrário.

Passo minha língua devagar por seu lábio inferior, mandando seu autocontrole embora. Ele junta nossas bocas e envolve minha cintura com o braço, segurando minha nuca com a outra mão. Passo meus braços por seu pescoço, puxando seus cabelos. Ele geme na minha boca, e eu adoro.

Com muita facilidade, ele me puxa para cima. Envolvero sua cintura com minhas pernas. Ele senta na cama comigo em seu colo e começa a beijar meu pescoço. Eu lhe dou total acesso. Foda-se. Estou uma pilha de nervos, preciso disso. Preciso de Max.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele faz tudo sumir da minha cabeça.

– Você é muito deliciosa. Eu estava morrendo de saudade – ele sussurra no meu ouvido e morde o lóbulo da minha orelha. Suspiro alto quando ele puxa meu cabelo com força, me fazendo olhar para ele – fala que você é minha – ele ordena.

Antes que eu possa pensar em responder, alguém bate à porta.

– Celine? – é a voz de Arthur, seu tom é sério.

Pulo do colo de Max, deixando-o ofegante na cama. Paro em frente à porta e olho para ele, que me encara com os olhos semicerrados.

Assim que Arthur me vê, começa a falar:

– Uma movimentação estranha, chefe. Aos poucos, cinco guerreiros aligortes saíram do alojamento, como se não quisessem que notássemos.

– Como se eles pudessem ser mais espertos do que nós – Arthur sorri para mim. Ele adora um elogio, adora se sentir melhor que os outros povos. Somos parecidos nesse ponto – você pediu que alguém os seguisse?

– Sim, Líria, que é a mais silenciosa. Disse para não deixar que a vissem, como prioridade.



– Você nunca me decepçiona.

Pisco para meu guerreiro favorito. Ele abre um sorriso enorme, pisca para mim de volta e sai andando pelo corredor.

Mal termino de fechar a porta e sinto Max atrás de mim. Encosto a testa na madeira, respirando fundo. Ele coloca meu cabelo de lado e morde a minha nuca devagar. Sua mão acaricia minha barriga por baixo da camiseta.

Minha vontade é de simplesmente deixar que ele faça o que quiser. Mas Arthur tem razão, a movimentação é estranha e eu preciso averiguar. Max sabe disso, então beija minha nuca lentamente, sem urgência. Sabe que não vai terminar o que começamos.

– Você não ouviu Arthur? – pergunto baixinho.

– Uhum.

Ele não para o que está fazendo. Eu me viro devagar, e ele permite. Olha para mim com doçura enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

– Vamos resolver isso. Vou tentar descobrir algo com os aligortes e você espera Líria voltar para saber aonde foram – é mais uma sugestão do que

uma ordem.

– Ok.

Isso é o que eu mais gosto em Max. Ele confia em mim, sabe que sou forte. Se fosse Darion, iniciaria um discurso de como é perigoso e blá, blá, blá.

Para Max, contanto que eu não vá para muito longe dele, eu posso fazer qualquer coisa. Ele sabe que posso cuidar de mim. E isso me fascina.

Reflito sobre como me despedir. Posso ver a felicidade em seus olhos, eu nunca lhe dera tanta liberdade. Sempre que ele se aproximou, eu o afastei. O único beijo que ele me deu foi semanas atrás e só aconteceu porque ele ficou tão furioso quando eu disse que amava Thomás, meu namorado na época, que me atacou violentamente sem me dar chance de afastá-lo. Foi preciso que crianças aparecessem correndo pelo local para que ele me soltasse.

Aliás, por que eu deixei que isso acontecesse hoje? Eu sei que não é uma boa ideia, que um relacionamento com Max seria muito intenso, fugiria do meu controle. E, além de odiar qualquer coisa que me fuja do controle, não posso me dar ao

## PERIGOSAS NACIONAIS

luxo. Tenho pessoas que dependem de mim, preciso estar sã para protegê-las.

Mas, com meu irmão e Darion correndo perigo longe de mim e essa certeza de que algo de ruim está nos rondando, eu precisava de algo bom. E resistir a Max é uma tarefa muito árdua. Hoje, simplesmente não consegui.

Decido não beijá-lo na boca antes de ir. Não quero que ele pense que agora temos algo, porque não temos. Beijo seu rosto e encosto minha testa na dele.

– Tome cuidado – ele me pede.

– Você também.

Abro a porta e vou em direção à parte do alojamento onde se reúnem os aligortes.

## PERIGOSAS ACHERON

# Quatro

Passo pelas mulheres que estão preparando a carcaça dos animais que serviram para nos alimentar na última refeição. Elas separam ossos, dentes e nervos para usarmos nas pontas das flechas e nas facas. As peles servirão de cobertores quando o frio de verdade chegar.

Eu me aproximo das crianças brincando em volta dos galões onde a garapa fermenta para virar pinga. Sento perto delas, fingindo participar de alguma brincadeira. Observo os aligortes reunidos a alguns metros. Procuro Jafar, mas não o vejo.

Três guerreiros estão afastados da maioria e estudam atentos o alojamento. Um deles olha para mim. Por não pensar em outra coisa, sorrio. Ele sorri de volta e continua olhando ao redor.

É como se eles estivessem nos vigiando. Para quê?

O filho de Jafar, Maison, passa apressado pelos três guerreiros que fazem a vigília, indo em direção à maioria aglomerada. Mas passa direto, entrando

pela porta do galpão onde acredito que se encontra Jafar.

Eles estão na parte final do alojamento, atrás deles está a floresta. Decido não passar pelos guerreiros e dar a volta na mata.

Passo pelo portão do alojamento sem ver Max ou Líria. Penso em perguntar a César se ele os viu, mas não tenho tempo. Não quero perder o que Maison tem a dizer para Jafar. Pela sua pressa, imagino que seja algo importante.

Diminuo o passo ao me aproximar do meu destino. Não quero que ninguém me veja ou ouça. Não acredito que tenha algum guerreiro aligorte vigiando esta parte da floresta, mas não posso arriscar.

Quando estou quase chegando, avisto Jonas na árvore mais próxima desta parte do alojamento. Ele olha para mim, e eu faço sinal de silêncio, levando o indicador à boca. Ele assente, me pede que espere e sobe mais alguns galhos na árvore. Ele já entendeu que quero me aproximar dos aligortes. O que mais eu estaria fazendo ali, sorrateira?

Mais do alto ele me dá sinal livre, o que significa que realmente não existe nenhum

## PERIGOSAS NACIONAIS

guerreiro aligorte vigiando por aqui. Pisco para ele e continuo avançando.

Chego à nossa cerca de proteção e não encontro ninguém. Nenhum guerreiro passaria ileso por essa cerca, cheia de espinhos, alguns venenosos. Mas eu sou menor do que um guerreiro comum e começo a cavar a terra. Quando acho que tem espaço suficiente para meu corpo, tiro o moletom de Max e passo por baixo da cerca.

O galpão em que se encontram os aligortes tem somente uma janela. Era onde guardávamos alguns mantimentos, colchões, sacos de dormir, roupas pesadas e outras heranças do mundo antes do vírus que acabou com tudo. Meu povo encontrou um alojamento subterrâneo décadas atrás. Dizem que as pessoas que viviam lá embaixo ficaram presas e morreram de sede muito antes de seus ossos serem encontrados. Sinceramente, não sei se isso é verdade ou apenas uma lenda. De qualquer maneira, o que me interessa é a utilidade das coisas que foram descobertas. Como as pessoas que a usavam morreram não faz diferença.

Eu me aproximo da janela lentamente e, por sorte, ela está destrancada. Espero um momento,

## PERIGOSAS ACHERON

não escuto nada. Abro um pouco, bem devagar. Espero mais. Nada. Chego mais perto, observando lá dentro.

Jafar conversa com Maison, mas eles estão muito longe, não posso ouvi-los. Maison parece um pouco nervoso, ao contrário de Jafar, que parece tranquilo e... alegre.

É impossível escutá-los e tenho dificuldade em enxergar seus lábios para tentar lê-los. Estão muito longe, o galpão é enorme.

Fico intrigada ao observar o lugar. Os colchões onde os aligortes deveriam estar dormindo não estão espalhados pelo chão, mas enfileirados em um canto. Eles fazem isso todo dia de manhã e os arrumam para dormir novamente à noite? Duvido!

Junto com os líderes estão quatro guerreiros que não participam da conversa, apenas andam pelo galpão. Penso em tentar entrar pela janela para escutar o que estão falando, mas vejo algo que me perturba: uma espécie de cela, feita com barras de metal. Eles usaram a parede como um dos lados, sendo que três lados são feitos de aço.

De onde saíram essas barras? Como chegaram lá sem que eu ou meus guerreiros víssemos? E, pior,

por que os aligortes providenciaram uma cela?

Um calafrio percorre meu corpo, minhas mãos começam a suar. Olho para Jafar, que sorri para seu filho. Eles têm um plano e irão colocá-lo em ação.

Decido me arriscar a entrar no galpão. Mesmo que me vejam, posso derrotar os quatro guerreiros com certa facilidade. Eles são grandes, mas não são espertos e não tiveram o treinamento que eu tive. Sei como derrotá-los.

Começo a abrir a janela um pouco mais, o suficiente para que eu passe, quando Jafar se precipita em direção à saída do galpão. Um dos guerreiros sai atrás dele.

Reflito durante alguns segundos. Maison é um idiota, se limita a seguir as ordens do pai. Já Jafar é inteligente e frio, uma mistura muito perigosa. Decido seguir o pai, pois sei que não conseguirei muitas informações com o filho.

Não posso dar a volta no alojamento sem passar pelos aligortes, então volto pelo caminho que fiz, correndo. Passo por Jonas, sinalizando para que ele continue sua vigia.

Antes de chegar ao portão, percebo que algo está errado. Não há nenhum dos meus guerreiros por



perto. Nem mesmo na entrada, que é o posto mais importante de vigilância.

Meu coração acelera, o que está acontecendo? Entro no alojamento, meus olhos varrendo o lugar. Nada fora do normal, a não ser o fato de nenhum dos meus guerreiros estarem à vista, nem mesmo Max.

Tenho duas opções: procurar meus guerreiros ou seguir em direção a Jafar. Decido ir em direção ao galpão. Mas não vejo Jafar, cheguei tarde demais.

– Droga! – reclamo baixo.

Eu me aproximo da entrada do galpão, e um dos guerreiros aligortes fecha minha passagem.

– Saia da minha frente ou eu te mato antes que você possa pensar em se defender – o nervosismo se revela em minha voz.

O guerreiro aligorte tira uma faca da cintura. O que está acontecendo aqui? Eles são convidados em nosso alojamento. Salvamos a vida de todos há alguns dias. Como ele ousa?

Meus movimentos são rápidos. Em alguns segundos a faca do aligorte está entre minha pele e minha calça, e ele repousa no chão, desmaiado.

Os outros guerreiros aligortes formam um

## PERIGOSAS ACHERON

círculo à minha volta, me impedindo de entrar no galpão. Algo está muito errado!

– O que vocês pensam que estão fazendo? No nosso alojamento, vocês seguem nossas ordens. E eu ordeno que vocês saiam da minha frente!

Sou tomada pela fúria. A adrenalina corre pelo meu sangue, estou pronta para acabar com todos eles. Sairei machucada, eles são muitos. Mas sairei vitoriosa.

Esses guerreiros têm apenas músculos. Sem tática, são treinados unicamente para desenvolverem habilidades físicas. O que é importante, mas não o suficiente. Principalmente contra nós.

Suas fraquezas são facilmente identificáveis. E, só de olhar para eles, já as tenho em mente. Explorá-las é a parte fácil. Minha única preocupação é ser alvejada à distância, caso exista um bom atirador de facas entre eles. Porque aí ele poderá me acertar enquanto eu estiver lidando com os outros. Mas não acho que seja o caso, vou arriscar.

– Calma, cavalheiros. Se a princesa quer nos visitar, deixemos que ela passe – é a voz de

Maison.

A palavra *princesa* em sua voz me dá ânsia. Como eu odeio esse filho da puta! Olho para ele, deixando a raiva que sinto transparecer em minhas feições.

– Que porra é essa? Por que seus guerreiros me atacam? – praticamente cuspo as palavras.

– Te atacam? Não é um guerreiro meu desmaiado logo ali? – seu tom é de pura ironia, e a raiva em mim cresce.

– Ele tentou me impedir de transitar pelo meu alojamento. Sorte ainda estar respirando! Aliás, o que você está escondendo aí dentro para ordenar que não me deixassem passar?

Já sei a resposta, mas prefiro que ele não saiba que eu sei da existência de uma cela no meu alojamento.

– Nada. Por favor, me dê o prazer – ele faz sinal para que eu siga em frente, e eu o faço.

Entro no galpão. Os três guerreiros continuam lá e me olham com desconfiança, o que me indica que eu não deveria estar ali.

Olho para a cela e, antes que eu possa perguntar o que farão com ela, um guerreiro aligorte entra no

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

galpão trazendo um rapaz amarrado e uma garotinha que chora.

O rapaz tem o rosto muito machucado. Obviamente, lutou contra o aligorte, que está menos ferido. Foco na garotinha, sentindo seu desespero. É como se olhasse para mim mesma, há dez anos.

– Os prisioneiros, senhor – o guerreiro fala para Maison.

– Coloque-os na cela – ordena o príncipe aligorte.

Estou tão confusa que demoro um pouco para reagir. Mas, quando o guerreiro aligorte empurra o rapaz em direção à cela, eu me coloco na frente. A garotinha dá um grito, e o rapaz usa as mãos amarradas para trazê-la para mais perto dele, como se a estivesse protegendo de mim. Olho para ele, que me encara com raiva.

– Solta eles – ordeno ao guerreiro aligorte, que não se mexe.

Maison começa a rir. Respiro fundo. Antes que eu possa responder, o choro da garotinha se intensifica. Seu desespero corta meu coração. Ela deve ter no máximo dez anos, está muito assustada.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já estive nessa situação.

Decido que nada acontecerá com ela. Não permitirei que nada aconteça a essa garotinha. Eu me ajoelho à sua frente. Ela está de cabeça baixa, tentando controlar o próprio choro. O rapaz dá um passo para trás, levando-a junto. Olho para ele mais uma vez.

– Está tudo bem. Não vou machucá-la.

O rapaz me olha intrigado, mas não se movimenta quando me aproximo da garotinha novamente. Pego sua mão, e ela olha para mim. Com a outra mão, enxugo suas lágrimas.

– Qual é seu nome? – pergunto docemente.

– Savana – ela responde baixinho.

– Savana, eu sou a Celine. Não precisa mais chorar. Você está segura agora. Ninguém vai te machucar, eu prometo.

Ela continua me olhando, parecendo se acalmar. Estou prestes a dizer o quanto ela é linda, mas Maison não me dá a chance.

– Chega de sentimentalismo. Grugs, coloque os prisioneiros na cela – ele diz.

Eu me levanto, soltando a mão da garotinha.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Grugs, se você fizer isso, serei obrigada a machucar você. Não sei como as coisas funcionam entre vocês, mas aqui nós não fazemos prisioneiros. Nós não machucamos crianças! – posso escutar o terror em minha voz na última frase.

Grugs dá um passo para o lado, soltando a corrente que prende o rapaz. Ele decidiu me enfrentar, e eu decido que ele vai morrer.

Não tenho outra opção. Sei que há mais três inimigos à minha volta, além de Maison. Não posso arriscar apenas imobilizar Grugs, pois lhe daria a oportunidade de me atacar novamente enquanto luto com os outros guerreiros.

Passo a mão pela cintura, sentindo a faca. Eu a deixo na posição que preciso que esteja e dou um passo para o lado também, ficando frente a frente com meu adversário.

Ele é muito grande e, portanto, lento. Grugs tira duas facas da cintura, segurando uma em cada mão. Olha para mim e sorri. Ele está confiante, dado o meu tamanho. Ótimo, é como quero que ele se sinta.

Olho para o rapaz machucado, que entende o recado e se afasta um pouco, levando a garotinha

## PERIGOSAS ACHERON

consigo.

Tudo acontece muito rápido. Com um grito, Grugs avança. Exatamente como eu esperava, ele primeiro tenta me acertar com a faca da mão direita, desvio com facilidade. Em seguida, faz o mesmo com a faca da mão esquerda. Mas ele é realmente lento, eu consigo pegar a faca na minha cintura antes mesmo de desviar de seu segundo golpe. Agora ele está bem perto de mim, e eu passo a faca em sua garganta.

O sangue espirra no meu rosto, mas não paro. Eu me agacho, e o golpe do segundo guerreiro atrás de mim acerta o corpo inerte de Grugs, que ainda não caiu no chão. Giro a faca em minha mão e movimento meu braço para trás, acertando a barriga do meu agressor.

Eu me levanto e vejo o terceiro e o quarto correndo em minha direção. Um deles, o que está mais a frente, tem um facão. É Tito, guerreiro de confiança de Jafar.

Corro em direção a eles e jogo minha faca no que está mais atrás, acertando seu peito. Sei que Tito tentará acertar meu pescoço com o facão. Então, quando estamos próximos, me jogo de

joelhos, deslizando no chão. O facão passa por cima de mim, um pouco mais perto do que eu gostaria. Pego a faca do peito do aligorte e, antes de conseguir jogá-la em Tito, escuto o tiro.

A bala queima a pele do meu braço, me fazendo agachar para segurar o ferimento. Tito vem em minha direção.

– Chega, Tito! Coloque os três na cela – Maison o impede.

Vejo que ele segura uma arma. Como ele a conseguiu? A única arma do alojamento é a de Max. Onde Maison conseguiu a que tem nas mãos? Apenas a fortaleza possui esse tipo de armamento.

Alguns guerreiros aligortes entram correndo no galpão, e Maison faz sinal para que eles saiam, sacudindo a arma diante deles. Tito larga o facão e vai em direção ao rapaz machucado, o pegando pelo braço. Ele tenta resistir, mas não consegue. A garotinha chora ainda mais.

Tito joga os dois na cela e vem até mim. Penso em como derrubá-lo, mas ele me pega pelo braço ferido e uma dor lancinante toma conta de mim. Grito.

Já não tenho forças. Não reajo enquanto ele me



joga na cela e a tranca.

– É melhor que essa garota tenha calado a boca quando eu voltar ou terei que dar um tiro na cabeça dela! – grita Maison e sai do galpão, acompanhado por Tito.

# Cinco

Eu me sento apoiada na parede, respirando fundo. Meu braço ainda dói e sangra muito. A bala pegou no meu lado esquerdo, um palmo abaixo do ombro. Com dificuldade, rasgo a barra da minha camiseta, usando a boca para amarrá-la no ferimento.

Encosto a cabeça na parede e fecho os olhos. Respiro fundo, esperando a dor diminuir. Não acontece. Escuto uma voz masculina.

– Está tudo bem. *Shhh*. Olhe para mim. Estou aqui, fique calma. Vamos sair daqui – ele acaricia o rosto de Savana com as mãos amarradas. Ela se acalma aos poucos – muito bem. Essa é a minha garota. Preciso que seja a menina corajosa de sempre – ela assente.

Observo o rapaz. Ele é bonito. Seus olhos verdes me chamam atenção. É um verde escuro que eu ainda não tinha visto. Ele é loiro e tem o cabelo quase raspado. Deve ter uns 25 anos, talvez mais.

Ele olha para mim, eu não desvio o olhar. Ele se

levanta apoiando as costas na grade e vem em minha direção. Se ajoelha na minha frente, olhando meu braço ferido. Levanta as mãos amarradas na altura dos meus olhos.

O guerreiro aligorte fez um nó clássico com a corrente fina. Analiso toda a corrente, que se estende em uns dois metros. O nó não é difícil de desfazer, mas é preciso duas mãos e um pouco de habilidade. A garotinha não conseguiria, ainda mais estando nervosa.

Reflito sobre desfazer o nó, libertando suas mãos. Não acho que ele tentará me machucar. Talvez eu precise que ele tire a bala do meu braço, de qualquer maneira.

Decido ajudá-lo e uso a mão direita, recorrendo à esquerda só quando muito necessário. Livro suas mãos e ele me olha. A garotinha se aproxima, sorrindo para mim. Sorrio de volta.

O rapaz aproxima sua mão do meu braço ferido, e eu seguro seu pulso com a mão direita antes que me toque. Ele apenas olha para mim, esperando. Seu rosto não demonstra nada, não sei o que se passa em sua cabeça.

– Tudo bem, meu irmão não vai machucar você

– a garotinha me diz.

Na mesma hora, penso em Julio e sinto medo. Obviamente, fomos traídos pelos aligortes. Tenho certeza de que a ausência do meu irmão tem algo a ver com isso. Seria muita coincidência. Eles teriam mais dificuldades em executar seu plano com meu irmão por perto. Eles nos enfraqueceram, dando um jeito de tirar Julio do alojamento.

E meus guerreiros? Todos com certeza ouviram o tiro. Por que ninguém apareceu? Meu Deus, o que está acontecendo?

A dor me desvia dos meus pensamentos e me faz perceber que o rapaz mexe no meu ferimento. Ele parece refletir enquanto observa o machucado. Nossos olhos se encontram.

– Quem é você? – pergunto, minha voz saindo fraca. É como me sinto.

De repente, manter o foco parece difícil. Ele me encara, me sacodindo pelo braço bom. Isso me irrita um pouco e faço uma careta.

– Fique acordada – ele me diz.

Sua voz é grave, marcante.

Escuto um barulho e a sonolência acaba. Eu me viro e vejo Jonas entrando pela janela. Um alívio

# PERIGOSAS ACHERON

percorre o meu corpo e me esforço para levantar, Savana me ajuda.

Conforme caminho em direção à grade, noto que Jonas está enfurecido. Ele vem até mim, olhando ao redor.

– Princesa... – ele alcança a grade, pega minha mão e observa meu ferimento – O que está acontecendo?

Ele vai em direção à fechadura e a sacode, tentando abri-la.

– Não sei. Os aligortes são inimigos – tenho que me esforçar para falar.

– Ouvi o tiro. Corri para os portões e vi que eles estavam sendo vigiados por guerreiros aligortes. Imaginei que algo estava errado e fiz o mesmo caminho que você, por trás do galpão. Olhei pela janela e a vi presa aqui – Jonas me explica. Ele já desistiu da grade e segura minha mão novamente. Seus olhos se desviam do meu rosto, focando em algo além de mim – quem é ele?

Olho para trás e vejo Savana em pé, segurando na barra da camiseta do seu irmão, que olha sério para mim. Estou cansada, mas, por algum motivo, meu cérebro registra como eles não se parecem,

mesmo sendo irmãos.

Sacudo a cabeça, me concentrando no que realmente importa.

– Não sei. Jonas, ainda não sei o que está acontecendo, mas Maison tem uma arma. E não é a arma de Max. Talvez os aligortes estejam com a fortaleza. Esta cela deve ter vindo de lá. Acho que você é o único que não foi capturado. Precisa sair daqui antes que alguém apareça. Fique por perto, tente observar para saber o que está acontecendo – minha voz começa a falhar e eu fecho os olhos.

– Princesa! – Jonas me chama com urgência.

Eu me recupero e foco nele.

– Vá agora. Darion e meu irmão estão fora. Talvez não tenham sido capturados também – digo isso, mas na verdade acredito que eles estejam presos na fortaleza.

– Não quero dei...

– Não é um pedido – eu o interrompo.

Não quero ser grossa com Jonas, mas não temos tempo. E sei como ele reage aos meus comandos. Ele assente com a cabeça, seguindo em direção à janela.

Estou exausta, mas, num lampejo, vejo a  
PERIGOSAS ACHERON

imagem de Jonas bebendo em sua garrafa de bolso.

– Jonas – chamo, fazendo-o olhar para mim – você tem bebida? – pergunto, apesar de saber a resposta. Ele sempre leva consigo sua garrafa com pinga.

– Sim.

Estico o braço, falar está exigindo muito esforço.

Jonas me entrega sua garrafa. Agradeço com um aceno de cabeça e o observo sair pela janela.

Tento me virar para voltar à parede, mas minhas pernas não obedecem. Perco o equilíbrio e caio. Sinto os braços do irmão de Savana nas dobras dos meus joelhos. Estou zonzá, acho que ele me carrega em seu colo. Sou colocada no chão e apoiada na parede. Respiro fundo.

Meu colega de cela tira a tampa da garrafa de Jonas para cheirar o conteúdo. Isso vai doer muito. Ele lava a mão direita com pinga. Respiro fundo de novo, tampando a boca com a mão direita. Ele joga bebida no meu braço e eu fecho os olhos com força. Logo depois, seus dedos queimam ainda mais minha pele.

Minha mão não consegue abafar meus gritos

como eu gostaria. Estou totalmente desperta e me controlo para não gritar muito alto. Fico me contorcendo, mas ele não para.

Quando penso que não aguento mais, sou agraciada com o alívio de sua mão se afastando. Volto a me encostar na parede, respirando pela boca, ofegante. Sinto meu rosto molhado pelas lágrimas, apesar de não me lembrar de ter chorado. Talvez seja suor. Ou os dois.

A sonolência se aproveita da minha exaustão, voltando com força total.

– Ela está bem, Luke? – é a voz de Savana.

Abro os olhos e vejo o rosto de Luke. Ele me observa, parecendo intrigado. Estou muito cansada, então apenas sorrio. Eu não conseguiria tirar a bala sozinha. Ele sorri de leve, quase forçado. Fecho os olhos.

– Durma – diz Luke, sem gentileza.

Não abro os olhos para observá-lo. Paro de lutar contra e deixo o sono me levar.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Seis

Minha mãe está nervosa. Ela segura minha mão, posso sentir que treme. Continuo andando, apesar do cansaço. Mamãe disse que não temos tempo.

Papai está mais a frente, abrindo caminho pela mata fechada. Não vejo de onde sai o guerreiro que o derruba. Minha mãe grita, me puxando para mais perto. Sinto mãos me carregando, me afastando de minha mãe. Grito e me debato. Mas é em vão, sou levada com facilidade.

– Celine! – mamãe grita por mim.

Não posso vê-la, apenas escuto seus gritos. Um tiro faz com que eles cessem.

Sou colocada no chão e vejo um homem enorme apontando uma arma para cima. Mamãe é colocada ao meu lado e ela me abraça, sussurrando para que eu fique calma. Promete que dará tudo certo. Meu pai está ajoelhado à nossa frente, nos observando com horror nos olhos.

– Jorge, Jorge, Jorge... – diz o homem que atirou para cima – Onde estão minhas armas, Jorge?

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu vou consegui-las, Pietro. Não é fácil conquistar a confiança da fortaleza.

– E para onde você estava indo com tanta pressa, acompanhado de sua família? A confiança da fortaleza fica naquela direção? – o homem aponta para onde estávamos indo.

Meu pai suspira, minha mãe me aperta em seus braços.

– Por favor, Pietro, não as machuque. São inocentes.

Pietro olha para nós. Minha mãe beija minha cabeça, sem olhar o que acontece à nossa frente.

– Inocentes... – Pietro repete, ainda olhando para nós – Sabe o tipo de pessoa que eu mais odeio, Jorge? – meu pai o encara assustado, sem responder – Traidores. Você é um traidor, Jorge. Traiu a confiança da sua família e de seu povo ao fazer uma aliança conosco. Talvez elas sejam inocentes, mas sua traição custará suas vidas.

– Não! – meu pai grita e se levanta.

Pietro atira duas vezes em seu peito. Tomo um susto, mas não grito. Minha mãe me levanta rápido pelos braços, me lançando para frente.

– Corra! – ela grita.

## PERIGOSAS ACHERON

Desobedeço sua ordem e me viro para ela. Alguém me puxa pela camiseta, me segurando. Começo a chorar. Minha mãe grita enquanto se debate contra um homem grande que segura seus braços. Ela chora também.

– Mamãe... – choramingo.

Ela olha para mim e vejo o quanto ela está assustada.

Minha mãe é colocada de joelhos, e Pietro se aproxima. Meu coração bate muito rápido, minhas mãos estão suadas.

Pietro levanta a arma em direção ao rosto da minha mãe. Ela controla o choro, respira fundo e olha para mim.

– Agente firme – ela sussurra.

Vejo sua cabeça ir para trás com força.

Acordo e abro os olhos. Para meu espanto, não estou tão assustada como costuma acontecer quando sonho com minha mãe. Olho ao redor. Savana dorme, Luke está sentado ao seu lado, olhando para a porta do galpão. Ainda estamos sozinhos.

Luke está sem moleto agora, de modo que posso ver seus braços torneados. Eu me levanto,  
PERIGOSAS ACHERON

percebendo que sua blusa me servia de travesseiro. Ele me escuta e olha para mim.

Fico sentada, as costas apoiadas na parede. Meu braço está enfaixado com a barra da minha camiseta. Ainda dói, mas não tanto. É suportável.

Observo Luke. Quem é ele? De onde veio? Preciso conhecê-lo melhor, saber com quem estou lidando. Talvez eu precise de sua ajuda para sair daqui. Ele seguiria Savana, de qualquer maneira, e não planejo deixá-la para morrer.

Já percebi que ele não é do tipo que fala muito, então precisarei puxar assunto. Olho para a janela e vejo que já é noite.

– Quanto tempo eu dormi? – minha voz parece melhor.

– Umas seis ou sete horas – ele volta a olhar para a porta.

É bastante. Há meses eu não dormia tanto assim.

– De onde vocês são, Luke?

Ele me observa, sem dizer nada.

– Do deserto – responde, finalmente.

– Vocês são do povo da areia?

Estou intrigada, eles não parecem ser de lá.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os homens do povo da areia são guerreiros e carecas.

Não que Luke não pareça um guerreiro. Ele é alto, mais do que eu. Um pouco mais baixo do que Max. Seus músculos são definidos, como os do corpo de um guerreiro. Mas não um guerreiro do povo da areia.

Eles pintam o rosto de preto. Parecem loucos. Não são fortes, mas muito ágeis. Não sei nada sobre o treinamento deles. Contudo, sei que enfrentá-los é sempre muito difícil.

– Éramos. Saímos de lá – ele ainda olha para a porta. Não digo nada, apenas o observo. Ele olha para mim, desconfiado – e você? É filha do líder daqui?

Avalio a ideia de ser sincera com ele. Luke não parece perigoso, até me ajudou com a bala. E é também tudo o que eu preciso para saber mais sobre o povo da areia. Conheço apenas alguns guerreiros que tivemos que enfrentar em determinados momentos. Os capturados nunca sabem de nada, parecem seguir ordens sem entender a estratégia.

– Quem é seu líder?

## PERIGOSAS ACHERON

Ele faz cara feia. Não gostou que eu respondesse com outra pergunta. Eu também não gostaria, mas estou muito curiosa, é inevitável.

Ele vai me dizer algo, mas a porta do galpão se abre. É Maison.

– Tudo bem – ele diz olhando para trás, provavelmente dispensando algum guerreiro.

Ele caminha até perto da grade. Eu, Luke e Savana estamos perto da parede, o mais longe possível dele.

Maison traz uma arma na mão e se agacha à nossa frente, deixando nossos olhos na mesma altura. Meu olhar demonstra desprezo, fazendo-o sorrir maliciosamente, satisfeito.

– Como está se sentindo, princesinha? – respiro fundo, e ele me observa – Como está o bracinho? Dói muito? – ele coloca a cabeça de lado, em expectativa. Quer que eu responda, e eu não o faço – Sabe, você está fazendo essa cara de brava, mas dá pra ver a dor nesse seu rostinho lindo. Você está fraca, precisando de uma aguinha – ele saca uma garrafa de bolso, a sacodindo no ar – que eu posso te dar. Posso cuidar de você – fico enojada e deixo transparecer. Ele dá risada – você é muito ousada,

## PERIGOSAS NACIONAIS

não é? Acha que eu não tenho coragem de atirar na sua cabeça?

Minha vontade é de falar que tenho certeza de que ele não teria problemas em atirar em uma mulher machucada enquanto ela está trancada em uma cela. Mas é exatamente o que ele quer ouvir. Quer a satisfação de me ver fula da vida. Eu não darei isso a ele.

Ele entende que não entrarei no seu jogo e começa a ficar nervoso.

– Você se acha o máximo, não é? Com esse corpo perfeito e esses olhos azuis. Ninguém é bom o bastante para você! – ele grita a última frase.

Puta que pariu, o clássico discurso do rejeitado. Eu mereço! Meu irmão e melhor amigo estão sumidos. Meus guerreiros devem estar aprisionados, como eu. Talvez todos estejam mortos. E esse filho da puta nojento vem reclamar porque eu nunca olhei para ele? Eu vou vomitar!

– Maison, você é um bosta – digo, fingindo estar calma – por que você não para de me fazer perder tempo e chama o seu pai? É ele que toma as decisões. Você é só um macaco executor.

– Você não faz ideia, não é? – ele volta a sorrir

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu vou adorar ouvir seus gritos. Você vai gritar, princesa perfeita. Você vai chorar sangue – ele sussurra.

Minha raiva aumenta, me deixando ofegante. Penso em Julio.

– Onde está o meu irmão?

Sei que ele está nervoso, talvez isso o faça revelar algo. Mas Maison apenas joga a cabeça para trás, gargalhando.

– Seu irmão sabe se cuidar, Celine. Ele não é incrível? Um superlíder! Carinhoso, justo, inteligente, estrategista, um ótimo lutador... Vamos, me ajude. Diga mais sobre seu irmão! – suas palavras estão carregadas de inveja, e eu o encaro com desprezo. Ele se levanta, apontando a arma para mim – Sabe o único motivo de eu não atirar na sua cabeça agora? – não digo nada. Ele responde, mesmo assim: – Porque eu ainda não consegui o que quero de você. Você ainda vai gritar para mim!

Ele se vira, indo embora. Suas palavras me afetam, me preocupam. Começo a achar que meu irmão realmente corre perigo.

Apoiando as costas na parede, me levanto com dificuldade. Meu braço dói e eu fecho os olhos.

## PERIGOSAS ACHERON

Escuto o barulho da janela se abrindo, ciente de que é Jonas. Ele vem em minha direção com uma mochila na mão.

– Você está bem? – ele me pergunta quando alcança a grade. Eu me aproximo e ele abre a mochila. Pega uma garrafa de água e me entrega – Eu esperei que Maison viesse para entrar. Eu sabia que ele viria em breve.

Dou um gole generoso de água. Está deliciosa. Bebo um pouco mais e me viro para trás. Savana já está acordada. Estendo a garrafa para Luke, que se aproxima.

– Estou bem, e você? O que descobriu?

Pego a mochila de sua mão e vejo frutas. Dou uma mordida em uma maçã. Já começo a me sentir um pouco melhor.

Passo as frutas para Luke. Volto a encarar Jonas, percebendo que ele está triste.

– Acho que Max nos traiu – ele diz, cabisbaixo.

Meu coração parece que para. Arregalo os olhos.

– O quê? – minha voz falha, quase não sai.

– Ele é o único que eu vi. Está andando normalmente pelo alojamento, armado. Não encontrei nenhum dos nossos guerreiros. Devem

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

estar nos dormitórios. Nosso povo quase parece normal. Fazem as atividades do dia a dia, mas vejo que estão assustados. Os guerreiros aligortes andam pelo alojamento. É como se eles tivessem tomado nosso lugar. Os guerreiros deles pelos nossos – estou sem palavras. Quase não escutei nada depois que ele disse sobre Max andar normalmente entre nossos inimigos. Eu não posso acreditar que ele me traiu. Deve haver outra explicação – eu rodei todo o alojamento pela floresta. Eles devem estar nos dormitórios. Tento entrar? – ele me pergunta.

Jonas aguarda minhas orientações, mas estou estupefata. Deixo meus olhos percorrerem o galpão enquanto tento me recompor.

– Não – espero uma ideia iluminar minha mente, mas ela não vem. Jonas me olha em expectativa – não se exponha, eles não podem te encontrar. É nosso elemento surpresa. Fique por perto. Sairemos daqui assim que possível. Vou precisar de você – ele assente para mim, olhando para meu braço machucado. Seu olhar transborda preocupação – vou ficar bem – digo ao passar minha mão pelas grades e afagar seu braço.

– Ficarei por perto, princesa. Tome cuidado.

## PERIGOSAS ACHERON

Trago mais água e comida quando puder.

Luke se aproxima e entrega a mochila para Jonas. Ele assente com a cabeça, em agradecimento, eu imagino. Jonas assente de volta e vai em direção à janela.

Imagens de Max correm como um filme em minha cabeça. Max sorrindo, Max fazendo piada, Max se aproximando demais.

Não posso acreditar que ele tenha me traído. Traído meu irmão, que salvou sua vida! Não. Eu não acredito. Sei que existe outra explicação para isso.

Luke começa a andar de um lado para o outro. Reparo que ele o faz com dificuldade, também está machucado. Deve ter apanhado bastante dos aligortes. Provavelmente, dos cinco guerreiros que Arthur viu saírem do alojamento mais cedo.

– Quem é Max? – Luke me pergunta.

Savana se levanta, vem até mim e se senta ao meu lado. Em um gesto carinhoso, segura minha mão.

Não sei o que responder. Quem é Max para mim? Decido ser sincera com ele. Preciso de informações do povo da areia. Ele, aparentemente,

quer saber sobre nós. Podemos trocar essas informações.

– É um dos meus guerreiros – não é uma mentira.

– Seus guerreiros? – Luke enfatiza a palavra *seus*, levantando uma sobrancelha para mim.

– Meu irmão é o líder do nosso povo. Eu lidero os guerreiros – digo com a voz firme.

Ele me acha fraca? Fico chateada e acho que ele percebe. A opinião dele não deveria me afetar. Por que estou chateada?

Luke me olha intrigado. Essa expressão em seu rosto já me cansou. Reviro os olhos, exasperada, e viro meu rosto para o lado. Então me deparo com o lindo rosto de Savana sorrindo para mim. Tinha me esquecido que segurava sua mão. Sorrio de volta para ela.

– Você também tem um irmão mais velho? – ela me pergunta, curiosa.

Nem parece a garotinha assustada que chorava há pouco.

– Sim.

Ela é muito bonita. Seus olhos são verdes, um pouco mais claros que os de Luke. Seus cabelos

PERIGOSAS ACHERON

compridos são castanhos. Ela lembra um pouco Julio.

– Onde ele está? Ele virá nos ajudar?

Meu coração se aperta, sinto vontade de chorar. Não sei onde meu irmão está, se ele está bem. Mordo o lábio, segurando o choro.

– Eu não sei – respondo com sinceridade, e minha voz sai um pouco embargada. A curiosidade de Savana se transforma em tristeza, seu sorriso some. Ela percebe minha dor – mas ele é forte e sabe se cuidar. Aparecerá em breve – tento consertar o meu erro e alegrar a garotinha – quantos anos você tem? – acho melhor distraí-la.

– Quase nove! – ela me responde animada, soltando minha mão para fazer o número nove com os dedos.

– Quase nove? – pergunto rindo.

– Falta pouco, não é, Luke?

Olho para Luke, que sorri para a irmã, fazendo que sim com a cabeça. Depois ele olha para mim, ainda sorrindo.

Ele é lindo e olha bem nos meus olhos. Sustento seu olhar. Ele desce para minha boca, depois para o meu corpo. Eu me sinto quente e sei que estou

## PERIGOSAS ACHERON

corando. Ele amplia o sorriso.

Percebo que respiro pela boca e desvio o olhar. Savana apoia a cabeça em meu braço, alheia a nossos olhares.

Penso em Max, ele ficaria furioso se visse como Luke me olhou. Encosto a mão no rosto, sentindo o calor na minha pele. Não olho novamente para Luke. Preciso pensar sobre tudo isso. Não tenho tempo para flertes.

Foco na fortaleza. Por que eles deram uma arma para Maison? Será que ele a roubou? Duvido, é um inútil. Seu exército fraco não conseguiria invadir a fortaleza.

Meu braço dói e me lembro de que Luke teve prática em tirar a bala do meu braço, como se já tivesse feito isso antes.

– O povo da areia tem armas?

Ele me olha confuso, parecendo não entender minha pergunta.

– Algumas.

– Como conseguiram?

Estou ávida por essas respostas. Preciso delas para entender o que está acontecendo, para salvar meu irmão e meus guerreiros.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Com os homens de botas pretas que andam com elas.

Ele está se referindo à fortaleza. Ele não os conhece por esse nome. Talvez ele saiba menos do que eu imaginava, menos do que eu.

Por que a fortaleza daria armas para o povo da areia? Seria estupidez armar o inimigo. Ou será que eles as roubaram?

– Eles deram armas para vocês? Você é um dos guerreiros do povo da areia?

Sinto o ânimo me dominar com a possibilidade de mais informações e me movo para frente. Savana, que já está dormindo, cai para o lado. Luke se mexe rápido e a segura. Ele a pega no colo e a deita distante de nós, colocando sua blusa sob sua cabeça. Ela se mexe, mas não acorda.

Luke volta e se senta ao meu lado, também apoiando as costas na parede. Dobra os joelhos, olhando para mim.

– Não sou um dos guerreiros. Não nasci em uma família guerreira – fico confusa.

Eu me inclino para mais perto dele e diminuo o tom da minha voz, como se estivéssemos dividindo um segredo. Eu quero muito saber mais sobre seu

PERIGOSAS ACHERON



povo. Eu preciso.

– Não pôde escolher ser guerreiro?

Ele me observa, sorrindo docemente para mim. Devo estar com a expressão de uma garotinha curiosa. Recuo, séria. Ele dá uma risada baixa, controlada.

– Não. Temos as famílias guerreiras, as vigilantes, as caçadoras, as curandeiras, as artesãs, eu sou... – ele para por um segundo – eu era um caçador.

Atividades divididas por famílias? Ser condicionado a fazer o que toda a sua família faz? Que porra de organização é essa?

– Quem é o seu líder? – pergunto baixinho, chegando mais perto dele outra vez.

Devo estar com a mesma expressão infantil de antes, mas foda-se. Preciso saber mais sobre esse líder.

Luke sorri e rompe a distância entre nós, quase encostando seu rosto no meu.

– Ele se autointitulou Rei. É como temos que chamá-lo – ele sussurra para mim, igualando nosso tom de voz.

– Como ele é? – pergunto, olhando para sua

## PERIGOSAS ACHERON

boca.

Eu me sinto estranha. Hipnotizada, por falta de palavra melhor. Não sei se pelas informações ou por Luke. Possivelmente a mistura dos dois.

– Impiedoso – estudo como seus lábios se mexem enquanto ele sussurra – você é muito linda.

Olho para seus olhos, ele me observa atento. Levanta a mão, tocando meu rosto. Espero que seu polegar acaricie meus lábios, como Max sempre faz.

A imagem de Max vem à minha mente e eu me afasto do toque de Luke. Encosto as costas na parede novamente, respirando fundo.

A culpa me invade, como se eu tivesse algo com Max e o estivesse traindo. Mas nós não temos nada.

Escuto a porta do galpão se abrir e começo a me levantar. Luke se adianta e me ajuda. Jafar entra, e eu dou dois passos para frente.

Pouco depois, Max e Tito aparecem. Paro de caminhar, observando Max vir em minha direção. Ele tem sua arma na cintura e parece... tranquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Sete

Tito busca um banco e o coloca na frente de nossa cela. Jafar se aproxima e se senta. Max permanece em pé, ao seu lado.

– Boa noite, Celine – é a voz de Jafar e está carregada de falsa gentileza.

Não olho para ele. Meus olhos estão grudados em Max, que me olha impassível.

Não sei como está minha expressão. Imagino que reflita a tristeza que sinto ao olhar para uma das pessoas em quem mais confio no mundo. Talvez seja uma idiotice minha, afinal nos conhecemos há apenas um ano. Mas eu sempre senti como se nos conhecêssemos a vida inteira.

– Como se sente? – Jafar insiste.

Não consigo desgrudar os olhos de Max, então não respondo. Ele veste uma calça cinza e uma camiseta preta. Não é muito justa, mas posso ver seu corpo musculoso através do tecido fino.

A tristeza aumenta no meu peito, me fazendo moder meu lábio inferior para reprimir o choro que

PERIGOSAS ACHERON

começa a me sufocar. Acho que Max percebe minha reação, pois aperta o punho direito, apesar de seu rosto não mostrar qualquer sentimento.

— Eu sabia que a presença dele te desestabilizaria, mas não a esse ponto. Nunca te vi chorar, querida. Hoje terei esse prazer? — Jafar demonstra o quanto está gostando deste momento.

Ele tem razão. Nunca deixei que ninguém me visse chorar, com exceção de meu irmão e Darion.

Direciono meu olhar para Jafar, finalmente. Noto que ele está desarmado. Ele espera que eu diga algo, mas permaneço em silêncio.

— Peço desculpas pelo meu filho. Não estava em nossos planos atirar em você, Celine. Mas não se preocupe, Mario virá em breve cuidar do seu ferimento.

Por que ele me concederia essa gentileza? Só consigo pensar que ele quer algo em troca.

Continuo imóvel, olhando para Jafar, que está sentado com as pernas cruzadas. Agora, percebo como a idade marca sua pele. Ele está velho. Meu pai teria a idade dele, se estivesse vivo.

— Às vezes, as coisas saem do controle. Você deve saber disso, como a boa estrategista que seu

## PERIGOSAS NACIONAIS

irmão lhe ensinou a ser – pensar em meu irmão aumenta minha raiva e eu passo a respirar pesadamente. Luke se aproxima de mim, parando a um passo de distância. Max olha para ele, sem demonstrar nada – eu não pretendia tomar o poder do seu povo tão cedo, mas a saída de Julio me obrigou a improvisar – o nome do meu irmão na boca desse desgraçado me faz ficar enjoada. Posso escutar minha respiração – ora, não fique tão irritada. Seu irmão ficou no passado. É melhor você se preocupar com outras coisas. Ele já está morto.

A ira dentro de mim explode, e eu me jogo contra a grade violentamente. Jafar se levanta, assustado. Ao sacudir a grade, meu braço dói. Deixo a dor de lado, esse filho da puta não vai dizer que matou meu irmão!

– Mentiroso, desgraçado! – vocifero – Você nunca seria capaz de encostar um dedo no meu irmão! – sinto o sangue do meu ferimento se espalhar pelo meu braço, mas não paro – Eu vou matar você!

Tito tira o facão das costas, se aproximando. Escuto Savana gritar e sinto os braços de Luke me puxando pela cintura. Não largo as grades, meus

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

dedos a seguram com toda a força. Luke me imobiliza e aproxima o rosto do meu ouvido.

– Te ver assim é exatamente o que ele quer. Veja a satisfação no sorriso dele – ele sussurra para que ninguém mais além de mim possa ouvir.

Vejo Jafar, percebendo que Luke tem razão. Respiro fundo, solto as grades e começo a andar pela cela.

Meu irmão não está morto. Ele está bem. Tudo vai ficar bem.

Repito essas palavras mentalmente para me acalmar, mas não acredito nelas. No fundo, sei que a possibilidade de meu irmão estar morto é grande. Contudo, não posso perder o controle. Preciso ser mais esperta do que Jafar para sair daqui.

O líder dos aligortes se senta novamente, e eu olho para Max. Agora ele demonstra raiva, mas não está olhando para mim. Ele olha para Luke.

Ele está assim porque viu Luke sussurrar algo no meu ouvido. Sorrio sem alegria, o autocontrole de Max foi embora. Ele pode fingir qualquer coisa, menos que suporta a ideia de outro homem próximo demais de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, algo se ilumina em minha mente. *Ele pode fingir qualquer coisa*, repito. É isso. Max não me traiu. Ele nunca faria isso. Está fingindo estar do lado de Jafar. Ele é o único que tem a frieza necessária pra permanecer calmo numa situação como esta. Ele é o único que não perderia o controle ao ver nosso povo dominado por um tirano nojento que pensa exclusivamente em poder.

Eu me sinto tão aliviada que não reprimo um sorriso sincero que brota em meu rosto. Jafar deve estar mentindo, provavelmente também não sabe onde meu irmão está.

– Mais calma? – ele me pergunta, e eu apenas o encaro – Ótimo. Preciso que você faça algo por mim, querida. Seu povo é muito curioso e, ao que parece, leal a você. Eles notaram a sua ausência e de seus guerreiros. Eu não quero uma rebelião. Não quero ter que matar todo mundo. Você quer?

O pânico ameaça tomar conta de mim aos poucos, e eu tento disfarçar. Sei que ele seria capaz de matar todos os meus guerreiros e me pergunto se eles ainda estão vivos.

– Onde eles estão? – me esforço para parecer mais calma.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

– Quem? Seus guerreiros? – assinto com a cabeça – Alguns tiveram que morrer. Culpa da lealdade que você inspirava neles. Ofereci uma aliança e eles se sentiram ofendidos. Tive que usar suas mortes como exemplo. Os mais calmos, que aceitaram melhor a situação, estão seguros – alguns tiveram que morrer? Começo a me sentir enjoada e zozza – Max foi inteligente ao ficar do meu lado. E o espertinho que quase fugiu de nós... Como era mesmo o nome dele? – Jafar pergunta para Max.

– Jonas – Max responde, me fazendo sentir dificuldades em respirar.

– Sim, Jonas – ele volta a olhar pra mim – Jonas também está morto, Celine.

Não pode ser. Ele está mentindo. Está falando em mortes para me desestabilizar. Deve saber que somos nove guerreiros. Percebeu que estava faltando um. Não deve ter sido difícil conseguir seu nome.

Jonas está vivo, assim como meu irmão. Eles estão bem.

Repito isso de cabeça baixa na tentativa de manter a calma. Luke está certo. Jafar quer me ver arruinada e nada me abalaria mais do que saber que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pessoas que eu amo estão mortas.

Acalmo minha respiração, voltando a olhar para frente. Max assume novamente sua expressão impassível e Jafar ainda sorri para mim.

– Você não acredita em mim, não é? Deveria, querida. Digo a verdade. Mas isso não é importante. Quem morreu, morreu. Quem ainda está vivo, ainda está vivo – ele dá uma risada – tenho uma proposta para você! Se você for tão inteligente quanto escuto dizer que é, vai aceitá-la – não digo nada, apenas olho para o nojento, sem disfarçar meu repúdio – é o seguinte: você e parte de seus guerreiros só estão vivos porque precisarei de vocês. Não sei até que ponto posso confiar no povo da areia e preciso de bons guerreiros ao meu lado – confiar no povo da areia? Além da fortaleza, eles também estão ajudando os aligortes? – você não tem mais nada. O último integrante da sua família está morto e o homem por quem você se apaixonou te traiu.

Ele olha para Max, que não retribui seu olhar. Jafar acha que Max está do seu lado. Eu tenho certeza de que ele está fingindo. Isso me traz certa satisfação e eu decido entrar no jogo de Jafar.

## PERIGOSAS ACHERON

– Você acha que eu me apaixonei por Max? – pergunto séria.

Fingir ironia nesse momento não vai funcionar. Ele sabe que me abalou, se eu fingir estar achando graça, ele saberá que é mentira.

– Oh, minha querida. Você deve ter percebido que eu não nasci com o dom da força bruta. Mas fui abençoado aqui – ele aponta para sua própria cabeça – eu a conheço tão bem! – minhas sobrancelhas se unem. Ele acha que me conhece? – A pobre garota que viu os pais morrerem diante de seus olhos. Que cresceu e se tornou uma linda mulher, mas incapaz de amar. Sua infância te traumatizou, querida? Eu realmente achei que você nunca se apaixonaria por ninguém. Tantos homens a bajulando, no entanto você não conseguia sentir nada por nenhum deles. É triste mesmo... – ele olha para cima, divagando – o seu trauma, digo. Mas eu vi como você olhava para Max. Sei o quanto ele mexe com você – a calma que eu tinha conseguido começa a ir embora, dando lugar à raiva – e sei o quanto dói ver que ele te traiu, como seu pai – seu tom se mantém calmo, o que me irrita ainda mais – enfim, você está fazendo eu me perder do assunto principal. Eu estava falando como você não tem PERIGOSAS ACHERON

mais nada, nem ninguém. Logo, não há motivos para você não se unir a mim. Vamos, vou deixar que você tome um banho, ficando apresentável para seus guerreiros. Você dirá a eles para seguirem as minhas ordens de agora em diante. Depois você vai acalmar seu povo. Eles são muitos e, se resolverem se rebelar, posso acabar perdendo os poucos guerreiros bons que tenho. Volume apenas não me adianta muito, você bem sabe. Preciso de qualidade. E preciso de suas mulheres para procriarem e, assim, aumentar o número do meu exército. Volume e qualidade me parecem uma mistura vitoriosa.

Ele realmente acha que eu vou me unir a ele? Ordenar que meus guerreiros sigam suas ordens? Eu começo a rir e é uma risada sincera. Eu realmente acho engraçada a sua confiança. Mas a graça dura pouco, pois enxergo seu plano. De alguma maneira, ele se juntou com o povo da areia, apesar de não confiar neles.

Olho para Luke, que mantém Savana atrás dele, longe dos olhos de nosso inimigo. Jafar precisa de mim e de meus guerreiros, já que os dele são péssimos. Como ele mesmo disse, ele não nasceu com o dom da força bruta. Seu filho é um lixo

## PERIGOSAS ACHERON

inútil, ele precisa que alguém treine seus guerreiros. Precisa de mais número em seu exército. Precisa de mim e de minhas habilidades. Como sempre, o filho da puta busca poder.

Para quê? Para usar contra quem? Talvez a fortaleza não tenha dado aquela arma para Maison. Luke disse que o povo da areia possui algum armamento. Eles devem ter entregado a arma para Jafar, selando a aliança que fizeram, se é que isso é verdade.

Não vou participar desse plano. Eu morro antes de ver meus guerreiros obedecendo ordens desse idiota nojento.

– E como você acha que vai me convencer a participar desse seu planinho? – não resisto à provocação, mas ele não parece ligar.

– Ah, princesa, eu sei como convencê-la.

– Você é um coitado, Jafar. Acha que pode me machucar a ponto de eu te ajudar? – meu tom é debochado, e ele dá risada.

– Claro que não! – ele faz uma pausa para se recuperar do riso. Está muito confiante – Eu sei o quanto você é resistente... fisicamente – o que ele quer dizer? – como eu disse, eu a conheço. Força

## PERIGOSAS NACIONAIS

bruta não funcionaria bem com alguém que foi torturada aos nove anos – escuto Luke limpar a garganta, e Max volta a fuzilá-lo com o olhar. Não olho para Luke para saber sua reação. Jafar parece nem ter percebido a mudança no comportamento de Max, e prefiro que continue assim – deve ter sido difícil para uma garotinha – Jafar olha para atrás de mim, e sei que está olhando para Savana. Fecho os olhos, respirando fundo ao perceber aonde ele quer chegar – sabe, quando essa garotinha apareceu aqui tão assustada, você deve ter visto você mesma nela, não é?

Como isso me passou despercebido? A presença de Luke aqui é um mistério, suponho que ele tenha sido capturado para que os aligortes conseguissem informações. Mas por que trazer uma garotinha? Ele planejou tudo desde o início. Sabia o efeito que sua presença causaria em mim.

Escuto Luke se mover.

– Se você encostar um dedo na mi...

Max aponta sua arma para Luke. Eu o seguro pelo braço, impedindo que ele se aproxime mais da grade. Fico na sua frente, olhando em seus olhos. Ele está furioso.

## PERIGOSAS ACHERON

Vejo Savana sentada com as costas apoiadas na parede. Seu rosto está afundado em seus joelhos dobrados. Volto meu olhar para Luke, sem precisar repetir suas palavras. Ele já percebeu que Jafar quer irritá-lo. Ele não avança, permanece ao meu lado.

– Bom, a escolha é sua, Celine – diz calmamente Jafar – se não fizer o que peço gentilmente, eu mato essa garota! E depois, se você insistir em ficar contra mim, eu mato as outras crianças desse lugar. Pretendo que elas sejam meu futuro exército, mas eu posso providenciar outras – ele é muito frio, fala de crianças como se fossem peças de um jogo – eu não quero pressioná-la, então deixarei que pense um pouco a respeito – ele se levanta para sair – mas, antes que eu vá, vou mostrar algo para que você saiba que eu não estou para brincadeira – seu tom de voz muda pela primeira vez. Ele não está mais tão calmo, apesar de não estar nervoso. Ele olha para Tito, que sai do galpão, deixando a porta aberta – é melhor ficar comigo, Celine, ou o sangue das pessoas que ama não vai parar de escorrer.

Tito volta carregando algo embrulhado em uma lona, e sei que é um corpo. Meu coração para no peito, sinto meu estômago se embrulhando. Ele joga o cadáver no chão e puxa a ponta da lona,

## PERIGOSAS ACHERON

fazendo o corpo se desenrolar até ficar exposto. O rosto está muito machucado e inchado, mas eu o reconheço. É meu irmão.



# Oito

Minhas pernas vacilam, me fazendo cair de joelhos. Meu irmão está morto. Ele se foi para sempre. Escuto um barulho ensurdecedor e demoro um pouco para perceber que sou eu gritando.

Tito fala algo sobre Julio ter implorado pela vida, sinto as mãos de Luke tampando meus ouvidos. Mas é em vão, posso escutar tudo. Ele continua, dizendo que Julio parecia uma mulherzinha. Imagino meu irmão de joelhos, com o rosto machucado. Meu estômago revira e, antes que eu possa tentar impedir, estou vomitando.

Luke solta meus ouvidos e segura o meu cabelo para trás. Posso ouvir Tito gargalhando. Se eu apenas imaginasse essa situação, estaria furiosa, me debatendo contra a grade, gritando ameaças aos meus inimigos. Mas estou sem ação, não consigo me mexer.

Meu coração está em pedaços, uma forte dor se instala em meu peito. Levo a mão até ele e aperto. Luke me pega pela cintura e me coloca sentada em

## PERIGOSAS NACIONAIS

meu lugar de sempre na cela. Ele usa a barra da sua camiseta para limpar minha boca. Olho para ele, vendo sua tristeza.

As primeiras lágrimas escorrem pelo meu rosto. Soluços fazem com que meu peito doa ainda mais. Aperto a mão com mais força, e Luke tenta segurar meu braço, tenta impedir que eu diminua a dor no meu peito.

Eu o empurro e me desequilibro. Fico de joelhos, com as mãos me apoiando no chão. Um choro descontrolado toma conta de mim, escuto os gritos novamente. Só podem ser meus, mas não sinto que eu esteja gritando. Não sinto nada, com exceção dessa dor no meu peito, que aumenta cada vez mais. Meu irmão está morto. Eu nunca mais o verei.

Os gritos se transformam na palavra *não*, e eu a repito algumas vezes.

Perco a força nos braços e eles dobram. Luke me segura antes que eu caia. Tento controlar o choro, mas é impossível. Eu perdi o meu irmão, o que sobrou da minha família. Estou sozinha.

Jafar tem razão, eu não tenho ninguém. Darion deve estar morto, assim como meus guerreiros. E

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Max provavelmente me traiu.

Meu choro aumenta. Decido não lutar. Limpo minha mente e me entrego à dor, deixando que ela me consuma.

# PERIGOSAS ACHERON

## Nove

Estou mais calma e já não choro. A dor no meu peito continua, mas agora consigo raciocinar. Percebo que estou encolhida no colo de Luke. Ele tem seus braços ao meu redor, suas mãos acariciam minhas costas. Savana dorme ao nosso lado, uma de suas mãos segura minha canela.

Eu me mexo e Luke afrouxa os braços. Ele olha pra mim, examinando o meu rosto. Deve achar que eu estava dormindo, embora eu estivesse apenas imóvel. Eu acho.

– Tudo bem? – ele me pergunta baixinho.

Desvio os olhos dos seus. Já é dia, o sol entra no galpão. Reflito sobre sua pergunta. Definitivamente, eu não estou bem. Mas posso ficar pior. Passei a acreditar nas palavras de Jafar. Sei que ele matou Jonas e outros dos meus guerreiros.

Contudo, também sei que ainda existem alguns vivos. Darion deve estar bem ou ele jogaria sua morte na minha cara também. E meu povo está a alguns metros de distância de mim, sofrendo nas

mãos de um líder que não é o nosso. O nosso está morto.

Afasto esse pensamento da minha cabeça. Preciso focar no meu trabalho, que é proteger meu povo. Olho para Savana, ela também precisa de mim. Jafar a usará para me atingir em breve, eu preciso impedir isso.

Meu braço lateja, me fazendo lembrar de que estou ferida, o que certamente atrapalhará meus planos de fugir dessa cela.

Apoio em Luke para sair de seu abraço, e ele geme. Sem pedir permissão, levanto sua blusa, examinando sua barriga. Um hematoma enorme pinta seus músculos de roxo e preto. Ele sorri de leve para mim.

— Não é nada — ele tenta me tranquilizar, mas sei que está mentindo. Esse ferimento, apesar de ser fácil de curar, pode impedir seus movimentos. Não posso contar com ele lutando para sair daqui — como está seu braço? — seu tom é doce e amável.

Ele está com pena de mim. Eu também estaria se fosse ele. Meu estado de há pouco era lamentável.

Se meu irmão estivesse aqui, diria para eu deixar a tristeza para depois, que a guerreira dentro de

mim deve ser mais forte. Fecho os olhos ao pensar em Julio. Ele nunca mais me dirá nada. Não me repreenderá, não me abraçará, não falará que me ama mais do que tudo no mundo. Tenho que me esforçar para não chorar. Consigo.

Abro os olhos e vejo que Luke me observa. Precisamos de um plano. Vou para longe de Savana, puxando Luke pelo pulso. Não quero que ela acorde e ouça o que tenho para falar.

– Precisamos sair daqui. Jafar vai machucar Savana para me atingir – Luke assente com a cabeça – mais cedo ou mais tarde, Maison virá para cumprir sua promessa e...

– O que você quer dizer? – Luke me interrompe, parecendo aborrecido.

– Maison tem certa fixação por mim desde que me conheceu. Eu o odeio, claro. Ele é um escroto. Nunca pensei que rejeitá-lo tinha o ofendido tanto. Mas ele deixou claro que eu estava errada.

– Você acha que... – ele tem dificuldades em falar o que quer – ele tentaria te... – ele limpa a garganta – estuprar?

– Eu tenho certeza – sei que foi isso que ele quis dizer quando mencionou que ainda não conseguiu o

que quer comigo. Luke aperta a mandíbula, ele está bravo – relaxa, ele não conseguiria nem chegar perto – tento tranquilizá-lo, e é verdade.

– Ele tem uma arma – Luke diz entre os dentes.

Ele está bravo mesmo. Por que ele se importa tanto assim? Posso estar sendo muito vaidosa. Ele pode estar bravo pelo ato do estupro, não por mim. Talvez alguém que ele goste muito já tenha sido estuprada. Uma namorada, possivelmente.

Não gosto da ideia de Luke namorando. Não chego a ficar nervosa, mas me sinto desconfortável.

– Ele é um tapado. A arma não o ajudará contra mim...

– Não – Luke me interrompe, decidido.

– O quê? – estou um pouco pasma.

– Não. Você não vai deixar ele se aproximar. Ele está armado e pode conseguir o que quer. Não é ponto final, pensaremos em outra coisa.

Minhas sobrancelhas se unem enquanto o observo. Ele pensa que pode tomar essa decisão? Que decide por mim o que eu vou ou não fazer? Fico irritada, mas me controlo, respirando fundo. Não posso me descontrolar agora. Precisamos sair daqui antes que Savana se machuque. Decido ir

## PERIGOSAS ACHERON

com calma.

– Luke, ele virá de qualquer jeito. Eu o conheço. Só existe uma razão para ele mesmo não ter trazido o corpo do meu irmão: não se expor ao pai. Jafar sabe que me estuprar não vai ajudar sua causa. Ele liberaria isso para o filho apenas após conseguir tudo que ele quer de mim. E Maison deve ter fingido não estar nem aí para que o pai não incumbisse alguém de vigiá-lo. Maison não quer que o pai saiba o que ele planeja, pois sabe que seria impedido – Luke olha para mim, ainda resistente – não temos tempo! Não sei o que Jafar é capaz de fazer com Savana – ele olha para a irmã, que dorme tranquila – não podemos arriscar. Podemos?

– Por que você se importa tanto com ela?

– Nenhuma criança deveria passar pelo que ela está passando. O que acontecer aqui a perseguirá pelo resto de sua vida. Talvez ela nunca se recupere. Talvez ela tenha pesadelos à noite – estou me descrevendo. Não quero que ela seja como eu – e você, por que se preocupa comigo?

Luke olha para mim, parecendo confuso.

– Deve ser porque você ajuda minha irmã – ele



responde, mas não me convence. Ficamos nos olhando por longos segundos – como está seu braço?

– Não sei. Não dói tanto quanto antes, mas vai piorar se eu não cuidar disso logo.

– Me deixa ver.

Ele se aproxima, tirando o pedaço de pano do meu ferimento. Está bem perto de mim, e eu posso sentir seu cheiro quando respiro. É gostoso.

Luke avalia o machucado e faz uma cara feia.

– Muito ruim?

– Sim – ele olha para mim. Assim, de perto, não consigo parar de olhar para seus olhos. São tão bonitos – está infeccionando.

– Tenho medo que isso me impeça de lutar. No instante em que Tito me segurou por esse braço, perdi todas as minhas forças – isso começa a me preocupar mais – você também está machucado, então... – deixo no ar.

– Então precisaremos da arma – Luke completa. Faço que sim com a cabeça – tudo bem. O que faremos depois? Fale sobre seu acampamento, seu povo, você...

Fico intrigada, mas decido responder. Quanto

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

mais ele souber, melhor. Não conseguirei fazer isso sozinha. E confio nele, já que não tentou me prejudicar, até agora.

– É pequeno. Você o viu todo para chegar até aqui. É aberto, possui três coberturas. A primeira casa que você viu ao passar pelos portões é nosso dormitório. A casa pequena que vem logo depois é onde ficam os alimentos, panelas.... é também onde fica o ambulatório e todos os equipamentos médicos. E, por fim, esse galpão – ele olha em volta – onde ficavam alguns mantimentos também. Com a chegada dos aligortes, reunimos tudo na casa pequena, deixando aqui apenas os colchões e sacos de dormir.

– Onde ficam as armas? – ele me interrompe.

– Cada um guarda as suas em seu dormitório. No meu quarto tem um arco e flecha e algumas facas – ele fica me olhando em expectativa, esperando mais – o quê? – pergunto.

– Só isso? Você não é a líder dos guerreiros?

Ele parece estar se divertindo, o que não me irrita.

– Sim, e as armas que eu uso são arco e flecha e facas. Algum problema?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Bem, sim! Aquele grandão tem um facão gigantesco! Você quer lutar com ele com algumas facas?

– Posso matá-lo somente com as mãos, mesmo com esse braço machucado – e eu falo sério.

Tito não me daria trabalho. Ele já estaria morto se Maison não tivesse uma arma de fogo. Luke me observa por um momento, depois olha para Savana.

– Você já usou uma arma como a que quer roubar?

Ele está sério, provavelmente imaginando o que poderia acontecer com sua irmã se não sairmos logo daqui.

Eu me lembro de Max me ensinando a atirar. De como ele passou as mãos pelas minhas costas para me colocar na posição perfeita. De como seu toque me fez bem. Eu me lembro de seu olhar de orgulho quando acertei o alvo no primeiro tiro, após seguir à risca todas as suas recomendações.

Percebo que estou divagando e foco em Luke.

– Estava pensando em quê?

Ele está querendo saber demais.

– Eu sei atirar – volto a me concentrar em nosso plano – voltando ao alojamento, imagino que meus

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

guerreiros estejam aprisionados nos dormitórios. Na casa pequena há muitos itens comuns, por isso as pessoas passam por lá o tempo todo. Se bem que nos dormitórios também. Mas lá, pelo menos, tem portas.

Não estou convencida. Eles não devem estar nos dormitórios também.

– Onde mais poderiam estar?

– Não sei. Fora do alojamento? – olho para ele em expectativa.

– Do meu acampamento até aqui, não vi nada.

– Acampamento? Você não veio do deserto?

– Sim. Mas não viemos apenas Savana e eu. Há outras pessoas que também não querem mais viver no deserto.

– Quantos fugiram com você?

A ideia de outras pessoas para nos ajudar me anima.

– Oitenta e nove.

Fico chocada. Oitenta e nove? Meu povo tem cento e vinte pessoas e esse cara trouxe oitenta e nove fugitivos do deserto?

Ele percebe meu choque, e eu divido com ele

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

meu pensamento. Agora ele que está chocado por saber que meu povoado tem apenas cento e vinte pessoas.

– Estão todos aqui? Esse é seu povo? Achei que fosse só um dos acampamentos.

– Quantos guerreiros vieram com você?

Um plano já começa a se formar na minha cabeça.

– Alguns.

– Alguns quantos? – pressiono.

– A maioria são mulheres e crianças. Uns dezessete guerreiros vieram conosco. Mas eles são bons. Tão bons que os aligortes não invadiram nosso acampamento, se é que eles sabem onde fica. Eles têm medo dos nossos guerreiros, mesmo em pouco número – sei que os aligortes realmente temem o povo da areia. Eles travariam um combate apenas se necessário. Ou fariam uma aliança, como Jafar disse – eles pegaram a mim e Savana porque estávamos longe do acampamento, caçando. Não sabia que corríamos perigo ali, tão longe do deserto. De qualquer maneira, os guerreiros que estão comigo não podem nos ajudar. Não sabem onde estamos. Eu não sabia que havia povos nessa

## PERIGOSAS ACHERON

floresta até ser capturado – fico decepcionada e me sento, cruzando as pernas. Por mais que eu esteja certa e Maison venha até aqui com a arma, me fazendo sair da cela, o que faríamos depois? Minhas costas doem. Giro o pescoço em busca de alívio – quantos guerreiros você acha que ainda tem? – sua voz é cautelosa, ele sabe que é um assunto delicado.

Não acredito que isso esteja acontecendo. Meu irmão está morto, não sei quais de meus guerreiros estão mortos. A dor volta a latejar no meu peito. Percebo que estava melhor antes.

Preciso focar em algo e é em sair daqui e salvar o que sobrou do meu povo. Tento me concentrar em bolar uma estratégia.

– Éramos nove. Agora não sei. Jonas se foi. Nossa única vantagem é Max.

– Como é? – seu tom é irritado – Está contando com aquele maluco que quase atirou na minha cara há pouco?

– Ele não atiraria na sua cara... – digo, mas não sei se é verdade.

Não tenho ideia do que Max faria se soubesse que Luke disse que me acha linda. Se soubesse que

ele tocou meu rosto. Aliás, como foi que as coisas chegaram a esse ponto? Eu não sou de deixar ninguém encostar em mim assim. É preciso que eu conheça a pessoa há um tempo para que eu me sinta à vontade. Conheci Luke ontem e ele já acariciou meu rosto.

Ele fica em pé na minha frente, os braços cruzados com força contra o peito, me mostrando que está bravo.

– Ele está com o homem que matou seu irmão.

Eu me enfureço e me levanto rapidamente. Fico frente a frente com Luke.

– Max nunca machucaria meu irmão! – grito.

Na mesma hora, me dou conta de que isso não é algo que eu devia estar gritando. Não posso estragar o disfarce de Max.

– Você realmente é apaixonada por ele, não é? Não consegue acreditar que ele te traiu. Ele era seu namorado? – seu tom é acusatório, como se fosse errado se Max fosse meu namorado.

Puxo seu braço para baixo, fazendo-o se agachar comigo.

– Psiu! – peço silêncio – Não podemos estragar o disfarce de Max.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– O quê? – ele me olha confuso – Você combinou isso com ele?

– Não.

– Ele fez algum sinal que a levasse a pensar isso?

Luke não confia em mim.

– Não. Ele não se arriscaria a esse ponto. Percebe a gravidade da situação? – estou magoada, além de nervosa – Meu irmão está morto! – sinto meus olhos se encherem de lágrimas – Meu povo foi tomado, por falta de palavra melhor. Darion está sumido. Alguns de meus guerreiros morreram, nem sei quais – uma lágrima escorre pelo meu rosto, e eu a limpo rapidamente com as costas da mão – acha que Max arriscaria nossa única chance? Ele é a nossa única chance, Luke. É melhor você confiar em mim ou Savana sofrerá as consequências.

Sei que estou sendo grossa, mas não me importo. Ele me deixou nervosa acusando Max, me magoou não confiando em mim. Viro de costas para Luke e começo a caminhar. Decido encerrar o diálogo com ele, aproveitando para refletir sobre a situação.

Foco em Jafar. Ele está tentando montar um

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

exército, isso ficou claro. Sabe que seus guerreiros são uma porcaria, então precisa que eu e meus guerreiros treinemos seus jovens. Quer usar nossas mulheres para conseguir mais guerreiros.

Fico enojada e faço uma careta. Ele é muito frio. Parece que fez algum tipo de aliança com o povo da areia, mas não confia neles ainda. Preciso saber mais sobre o povo da areia e seu líder.

Estou prestes a fazer algumas perguntas a Luke quando a porta do galpão se abre e um guerreiro aligorte entra. Ele se apoia na parede e fica ali, nos vigiando.

## PERIGOSAS ACHERON

## Dez

Já é tarde da noite quando Luke acorda. Ele adormeceu ao anoitecer. Não sei há quanto tempo não dormia.

Um guerreiro aligorte permanece conosco, mas não é o mesmo. Ninguém apareceu para trazer comida ou água. Também não trouxeram Mario para cuidar do meu braço. Jafar está nos enfraquecendo. Acha que em algum momento estaremos tão desesperados que faremos o que ele quiser.

Já tentei falar com esse guerreiro, que me ignora. Decido tentar novamente, mas a porta do galpão se abre, e Maison entra. Ele espera que o aligorte saia e fecha a porta. Está sozinho, carregando a arma na mão direita.

Olho para Luke, que aperta as mãos nos punhos enquanto olha com raiva para Maison. Continuo olhando para ele, esperando que ele me olhe de volta. Ele o faz, e eu assinto de leve com a cabeça. Preciso que ele fique tranquilo para que eu possa

fazer o que deve ser feito.

Maison se aproxima, fazendo sinal com a arma para que eu me afaste da entrada da cela. Obedeço. Ele tira uma chave do bolso e a coloca na fechadura. Começo a pensar que tudo vai acontecer como imaginei. Eu me animo com a ideia de sair desse confinamento. Derrubar Maison será fácil, apesar da arma. Só preciso que ele vacile por um único segundo. E ele o fará. Sei que vai.

Ele gira a chave, mas não abre a porta. Aponta a arma pra mim.

– Sei do que você é capaz. Se você tentar qualquer coisa, eu atiro na sua cabeça e na cabeça deles também – Maison fala baixo, mas sei que está nervoso. Olho para trás e vejo que Savana ainda dorme. Ótimo. Ele abre um pouco a porta – saia – ordena.

Ele está atento, apontando a arma para minha cabeça. Saio devagar, e ele fecha a porta rapidamente. Pede para que eu me afaste. Continua apontando a arma pra mim e desce o olhar por todo o meu corpo.

Estou longe dele, não dará tempo de alcançá-lo antes que ele atire. Tenho que chegar mais perto.

Ele volta a olhar para o meu rosto.

– Você é muito gostosa! – escuto a respiração de Luke ficar pesada e torço para que ele não faça nenhuma besteira. Não preciso olhar para ele para saber que está se controlando. Como eu o conheço tão bem? Eu sempre tive um dom para identificar as pessoas, mas isso demanda alguns dias. Maison respira fundo, está nervoso. Eu me sinto calma, concentrada – Venha até aqui.

Ótimo! É tudo o que eu preciso. Caminho devagar em sua direção, parando a um passo de distância. A arma quase encosta no meu rosto. Maison respira com dificuldade, me fazendo perceber o quanto ele deseja isso. O quanto ele me deseja.

Ele levanta a mão em direção ao meu rosto.

– Não toque nela! – grita Luke, e eu escuto o barulho da grade.

Não olho para ele. Estou totalmente focada em Maison, que olha para Luke e começa a mover a arma em sua direção, o dedo ainda sem encostar no gatilho.

Sou mais rápida do que ele. Acerto seu pulso com um soco, fazendo com que ele deixe a arma

cair. Com a mesma mão, acerto sua garganta, e ele não consegue respirar. Após receber uma joelhada entre as pernas, Maison cai diante de mim. Seguro sua cabeça com as duas mãos e, em um movimento calculado, quebro seu pescoço.

Corro em direção à arma antes que o corpo de Maison repouse no chão e a coloco na cintura. Savana já está de pé, dando a mão para o irmão.

Vasculho os bolsos de Maison em busca da chave. Abro a porta, libertando os dois. Penso no que fazer. Não tive oportunidade de bolar um plano e tento me concentrar. Há muitos guerreiros aligortes atrás da porta do galpão. Não conseguiremos passar por eles sozinhos, enquanto estivermos machucados e carregando Savana.

A janela é nossa única opção. E eu sei que ela estará vigiada depois que eles acharam Jonas. Olho para Luke, que me observa em expectativa.

– Se eles souberem que escapamos, não teremos chance, eles são muitos. Teremos que sair escondidos – ele assente.

Vou em direção à janela, e eles me seguem. Encosto o ouvido na madeira. Não ouço nada. Abro a janela devagar e espero. Nada. Eu me concentro

## PERIGOSAS NACIONAIS

na escuridão que posso ver pela fresta. Não vejo nem escuto nada. Passo minha cabeça pela janela, espiando lá fora. Ninguém.

Saio para a floresta e avisto a cerca. Coloco os braços para dentro do galpão para puxar Savana. Luke sai logo atrás.

Vamos sorrateiros até a cerca. O buraco que eu havia cavado não existe mais, eles o encontraram. Procuro por algum inimigo à nossa volta e não vejo ninguém. Acho estranho não ter nenhum aligorte aqui, vigiando.

Começo a cavar, com a ajuda de Luke. Deve ter chovido, pois a terra está úmida. Isso facilita muito o nosso trabalho.

Vislumbro uma sombra, mas é tarde demais. O guerreiro aligorte acerta um chute bem nas minhas costelas. Esbarro em Luke antes de cair para o lado. Sinto a arma escapar da minha calça.

O golpe me causa uma dor muito grande, e eu fico um pouco sem ar. Tento me levantar, mas o guerreiro senta em cima de mim. É Tito. Uma de suas mãos aperta meu ferimento no braço, me fazendo gritar. Sua outra mão envolve meu pescoço.

## PERIGOSAS ACHERON

Não tenho forças para reagir, meu braço dói demais. Tito aperta cada vez mais minha garganta, me impedindo de respirar. Minha visão já está ficando embaçada quando escuto o tiro. Tito alivia a pressão no meu pescoço, caindo para o lado.

Puxo o ar e ele demora a vir. Luke se agacha ao meu lado, me puxando pelo braço bom.

– Vamos! – ele grita.

Vejo que Savana já passou pela cerca. Meus sentidos voltam aos poucos, e eu escuto os gritos dos guerreiros que certamente vêm em nossa direção. Alguns já devem estar vindo pela floresta. Outros pela janela do galpão. Eu e Luke estamos machucados, não conseguiremos correr muito.

– Você sabe voltar para o seu acampamento?

– Sim! Vamos! – ele continua me puxando pelo braço.

Eu sei que não vamos conseguir, que não podemos ser mais rápidos do que os aligortes. Eles nos pegarão e nos prenderão novamente. Tudo será em vão. Jafar descontinuará a morte do filho matando Savana. Olho para ela, que está assustada do outro lado da cerca, e sei o que devo fazer.

– Vá você, Luke. Tire sua irmã daqui. Volte para

## PERIGOSAS NACIONAIS

o seu acampamento e mantenha a vigilância. Eu ganho tempo para vocês.

Pego a arma de sua mão.

– Não! Não vou deixar você aqui!

Ele me puxa pelo braço de novo. Seguro seu pulso, fazendo-o se virar pra olhar pra mim.

– Seremos pegos e tudo isso será em vão. Jafar matará Savana, Luke. Vá, agora!

Ele olha sério para mim, parecendo refletir sobre a situação.

– Então vá você. Eu mantenho eles ocupados.

Ele tenta tirar a arma da minha mão, mas eu não deixo.

– Você não sabe atirar, eu não sei onde fica seu acampamento. Eu consigo mais tempo do que você. Além do mais, eles precisam de mim. Não vão me matar! – ele não solta meu pulso – Luke! Estamos perdendo tempo! – grito.

Luke olha para trás, para Savana. Depois olha para mim de novo. Seu olhar é triste. Eu me sinto da mesma maneira.

Ele dá um passo à frente e segura meu rosto com as mãos.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu volto para buscar você – ele diz, decidido.

Quero dizer a ele para não fazer isso, mas preciso que ele vá embora agora. Por isso, concordo com a cabeça.

Ele me solta e passa por baixo da cerca com dificuldade. Os espinhos rasgam sua blusa, mas ele continua. Passa para o outro lado, pega a mão de Savana e começa a correr.

Quatro aligortes aparecem atrás da cerca. Acerto os quatro com tiros. Logo depois, outros guerreiros aparecem pela janela do galpão. Com as duas últimas balas, derrubo mais dois.

Não sei quantos mais consigo abater antes que eles me imobilizem.

## PERIGOSAS ACHERON

# Onze

Abro os olhos e vejo que estou no galpão novamente. Eu me sinto fraca, meu corpo todo dói. Meu braço e minha barriga são os piores.

Não consigo avaliar como estão os ferimentos. Não consigo me mexer. Fecho os olhos, pensando no meu irmão e na minha mãe. Imagino os dois felizes, em um jardim colorido. Na minha mente, eles estão bem, em um lugar melhor.

Olho ao redor da cela, confirmando que não há mais ninguém comigo. Isso é um bom sinal. Luke deve ter conseguido fugir com Savana ou estariam presos também.

Tento me mexer novamente para ver se tem algum aligorte me vigiando, mas tudo dói e desisto da ideia. Sinto gosto de sangue em minha boca. Vejo que o sol entra pela janela, iluminando uma parte da cela. Estou com frio e gostaria de me movimentar até lá, mas não tenho forças.

Penso em Max. Imagino onde ele está, se está elaborando algum plano para me tirar dali, se sabe

## PERIGOSAS NACIONAIS

que estou machucada. Fico sonolenta e agradeço a possibilidade de parar de sentir essa dor. Eu me concentro no sono e não demoro para voltar a dormir.

## PERIGOSAS ACHERON

## Doze

Escuto vozes, mas não abro os olhos. A dor me atinge e eu busco permanecer com o rosto impassível. Reconheço a voz de Mario.

– Agora só podemos esperar – ele diz.

– Ela corre risco de vida? – é Jafar, ele parece preocupado.

Sei que essa é minha vantagem. Ele precisa de mim, por isso não me negou ajuda médica.

– Não. O braço está infeccionado, mas vai melhorar com as ervas. O corte na barriga é profundo e corre o risco de infeccionar também. O pior será a dor que ela sentirá ao acordar – nem preciso imaginar, já a sinto – ela terá que ficar uns dias de repouso até conseguir se movimentar normalmente outra vez.

– Ótimo. Preciso que ela fique bem para vingar a morte do meu filho – sua voz não demonstra tristeza.

Ele não está nem aí. Deve estar agradecido por eu tirar aquela anta do seu caminho. Está apenas

PERIGOSAS ACHERON

fazendo teatro para tentar justificar meus machucados.

Não sei o que meu povo sabe, mas imagino que ele tenha inventado um ataque e que eu lutei ao lado de seu filho. *Vingar a morte de meu filho...* Esse cara é um cretino!

Decido que é melhor que eles achem que estou dormindo.

– Quando Zafena trouxer as ervas que preciso, farei um chá para impedir a infecção – é a voz de Diná. Meu coração se enche de alegria por saber que ela está viva.

Escuto passos e mais algumas trocas de palavras até que o silêncio reine. Espero um pouco, me concentrando em não pensar na dor que sinto. Abro os olhos e reconheço o quarto. Não é o meu, mas tenho certeza de que estou nos dormitórios.

Tento me levantar, mas fico zozza. Levo a mão até minha cabeça, sentindo um tecido. Ela está enfaixada. Eu me esforço e consigo levantar a cabeça a ponto de ver meu corpo. Uso apenas top e calça, minha barriga está enfaixada também. Olho para o meu braço e vejo outra faixa.

Estou fraca e com fome, mas tento me levantar

novamente. Consigo apoiar as costas na parede atrás da cama. Relaxo, esperando que a piora da dor causada pelo esforço passe. Escuto vozes fora do quarto e sei que há pelo menos dois guerreiros na porta, me vigiando. Vasculho minha mente em busca de um plano, mas é em vão. Tudo que consigo planejar envolve disposição física e estou muito fraca e dolorida, uma criança me derrotaria.

Começo a sentir medo. Medo do próximo passo de Jafar. Medo que ele me machuque mais, que machuque meus guerreiros, meu povo.

Esse quarto não possui janelas, então não sei se é dia ou noite. Não tenho ideia de quanto tempo fiquei desacordada. Mas, como não senti quando me locomoverem até aqui, suponho que eu tenha caído em um sono profundo. Ou tenha desmaiado de dor mesmo, vai saber.

Minha garganta fica seca, procuro por água no quarto. Nada. Imaginar o bem que me faria deixa minha boca ainda mais ressecada.

A porta do quarto se abre, e Diná entra carregando uma garrafa e alguns copos. Ela não fecha a porta atrás de si, permitindo que um guerreiro aligorte fique nos observando. É um dos

guerreiros que tentaram impedir a fuga de Luke e Savana. Ele tem um corte feio na testa. Presumo que eu tenha provocado o ferimento. Quem mais?

Eu fico aliviada por ver alguém que amo. Alguém que me ama. Diná se aproxima, mas não me abraça, o que julgo estranho. O que eu mais quero nesse momento é um abraço seu.

– Que bom que está acordada, querida – algo está estranho. Diná nunca me chamou de *querida* e seu tom não me é familiar – isso impedirá que a infecção se espalhe.

Ela enche um copo com o conteúdo da garrafa. Quando vejo o líquido cair no copo, fico com água na boca, estou morrendo de sede. Talvez esse remédio também faça a dor passar.

Ela me dá o copo cheio, deixa a garrafa ao lado da minha cama e logo se vira para o guerreiro.

– Como está sua testa? – ela pergunta com uma gentileza que não reconheço.

Dou um gole generoso no chá, sem prestar atenção na resposta do aligorte. O gosto é horrível, mas a sensação é deliciosa.

Diná se vira de costas para o guerreiro, olhando pra mim. Ela sibila sem som a frase *não beba*. Meu

corpo endurece, o aviso chegou tarde demais. Ela pega a garrafa e outro copo.

– Aqui está, isso vai melhorar seu corte – ela passa um copo cheio para o aligorte, que reclama do gosto – não é pra ser gostoso, é pra ser eficaz.

Obediente, o guerreiro toma o que sobrou.

O que será que tem nesse chá? O que acontecerá comigo agora que já o bebi? Olho aflita para Diná. Ela continua conversando com o aligorte, que boceja enquanto pisca os olhos devagar.

Começo a me sentir sonolenta e já imagino do que se trata o remédio. Diná fez um chá de uma planta roxa que gera alucinações e muito sono. Ela sabe que não estou do lado dos aligortes. Apesar do medo do efeito da planta, me sinto aliviada por meu povo saber a verdade.

– Quem é aquela garota? – pergunta o aligorte.

– Não sei, por que não vai lá perguntar? – Diná incentiva.

– Preciso ficar no meu posto!

O guerreiro parece abobalhado, o que me indica que o chá já fez efeito para ele, que tomou um copo cheio. Examino o copo na minha mão e vejo que tomei menos da metade. Minhas pálpebras ficam



## PERIGOSAS NACIONAIS

pesadas, uma neblina invade o quarto. Ouço vozes, mas não consigo distingui-las. Mãos me sacodem com força. Eu me concentro e vejo o rosto de Diná na minha frente.

– Eu disse para não tomar! – agora seu tom é familiar.

– Tarde demais... – minha voz sai meio cortada.

– Vamos, levante-se – ela me puxa pelo braço, o que me irrita. A cama está confortável, quero tirar um cochilo. Tento me livrar de suas mãos, mas ela segura o meu rosto – olhe para mim! – Diná está nervosa, e eu obedeço – Zafena está distraído o vigilante do portão. Eles estão com poucos guerreiros, então a guarda está fraca. Você precisa sair daqui hoje, antes que eles consigam reforços e seja impossível fugir – sua cara começa a se mexer, me fazendo dar risada. Sinto o peso da mão de Diná no meu rosto. Ela me deu um tapa na cara – concentre-se! Muitas pessoas estão se arriscando aqui!

A vontade de rir passa. Ela quer que eu fuja, mas eu não posso! Não posso abandonar meu povo, meus guerreiros. Vou ficar e lutar.

– Eu vou lutar – percebo que as palavras saem

## PERIGOSAS ACHERON

enroladas – não vou embora! Não vou fugir!

– Olhe para você, Celine! – seu tom não é mais irritado, e sim triste – Você está em pedaços – olho para mim mesma e vejo as faixas – saia daqui, se recupere! Esperaremos por você!

Um sono muito forte me domina, e eu fecho os olhos. Diná me sacode de novo, com mais violência. Abro os olhos, focando em seu rosto. Ela me ajuda a levantar e a andar em direção à porta. Reparo em meus pés descalços. Tento avisá-la, mas não consigo. Estou bocejando sem parar.

Quando saímos do quarto, vejo o guerreiro que me vigiava dormindo no final do corredor. Logo à direita está a porta de saída dos dormitórios. Eles me colocaram em um dos primeiros quartos.

Estou com muito sono e fecho os olhos, deixando que Diná me leve.

Uma dor aguda na cabeça me faz abrir os olhos. Percebo que estou no chão e que Diná está caída ao meu lado. Ela começa a se levantar. Eu decido que vou ficar deitada, está tão gostoso.

Mas ela não desiste e me puxa pelo braço. Ela está se esforçando demais, já é bem velha. Então, por respeito, me levanto. Sacudo a cabeça,

buscando me concentrar. Olho ao redor e me lembro de que estou tentando fugir. Preciso lutar contra esse sono para sair daqui, para voltar recuperada e ajudar meu povo.

Diná abre a porta dos dormitórios, o frio da noite alcança até os meus ossos. Passo as mãos nos braços em busca de calor. Penso em voltar para a cama, na expectativa de amenizar o frio e o sono que me consomem. Dou meia volta, mas mãos me puxam.

O frio aumenta. Eu me dou conta de que estou ao ar livre. O portão de saída para a floresta está bem à minha frente e ninguém o vigia.

– Vá, menina! Corra e não olhe para trás. Em algumas horas o sono e as alucinações vão passar.

Alucinações? Estou alucinando? Sinto apenas sono. Talvez a quantidade de chá que eu tomei não tenha sido suficiente para gerar alucinações.

Começo a me sentir esperançosa, mas o frio leva essa pequena alegria embora. Olho para a mata e vejo o quanto ela está escura. Estou com medo.

– Venha comigo – peço.

– Não posso. Logo eles perceberão que você se foi e irão atrás de você. Eu vou atrasá-la. Além do

## PERIGOSAS NACIONAIS

mais, eles precisam de mim – ela diz olhando para trás – preciso mantê-los calmos e impedir uma guerra – ela se refere ao nosso povo.

Eu me lembro de Jafar dizendo que eles perceberam minha ausência e de meus guerreiros.

– Chame-os. Vamos todos!

Sinto mais um tapa na cara. Esse dói ainda mais do que o primeiro. Levo a mão ao rosto, afagando a região dolorida.

– Celine! Lute contra o efeito do chá. Você tomou só um gole e pode se controlar! Essa é a sua única chance. É a nossa única chance! Sei que Julio morreu, precisamos de você mais do que nunca! – meu irmão está morto, como eu pude me esquecer disso? As lágrimas descem pelo meu rosto, fazendo Diná me olhar entristecida – Droga! – ela se arrepende do que disse. Parece refletir um pouco e olha ao redor – O guerreiro daqui voltará em breve. Zafena não irá segurá-lo por muito tempo. Vá, agora! – ela aponta para a floresta.

Observo a mata escura e não sinto vontade de ir até ela. Penso na cama que eu estava deitada. Acho que tinha uma coberta lá. Passo as mãos nos braços mais uma vez.

## PERIGOSAS ACHERON

Decido voltar para o quarto. No momento em que vou dizer isso para Diná, escuto a voz de Julio me chamando. Vasculho a floresta à sua procura, o encontrando apoiado em uma árvore. Meu irmão, tão bonito. Ele estende o braço em minha direção, e eu vou até ele. Mas, quando o alcanço, não consigo tocá-lo. Tento novamente, e ele some como fumaça.

– Não! – grito e, em algum lugar na minha mente, sei que devo fazer silêncio – Julio? – chamo por ele baixinho.

Mas ele não aparece porque está morto. Eu nunca mais vou tocá-lo. O frio parece cortar minha pele. Eu me sento no chão, abraçando os joelhos com os braços.

Avisto uma mulher vestindo branco, correndo mais para o fundo da mata. Eu me esforço para enxergar melhor na escuridão e, quando a mulher olha para mim sorrindo, percebo que é minha mãe.

– Mamãe – sussurro.

Meu corpo dói, estou com frio e sono. Mas minha mãe parece estar se divertindo, então me levanto e corro atrás dela. Escuto sua risada, que me faz rir também. Ela para, deixando que eu a

## PERIGOSAS NACIONAIS

alcance. Passo a mão por seu rosto, e ela também some.

Fico parada, olhando para onde ela estava, tentando entender o que está acontecendo. Sacudo a cabeça, permitindo que a realidade me assombre. Minha mãe está morta, assim como meu irmão. Eles não estão aqui, não vão me proteger. As pessoas que vejo são apenas alucinações.

Um grito de guerra interrompe meus pensamentos. Clarões se destacam na escuridão, se movendo em minha direção. São tochas. Eles perceberam minha fuga.

Tento me mexer, mas minhas pernas falham, me fazendo cair de joelhos. Estou muito fraca, o frio e o sono pioram minha situação. Como um *flash*, o rosto de Diná aparece na minha frente, e escuto sua voz: *sei que Julio está morto. Precisamos de você mais do que nunca!*

Meu irmão protegeu meu povo por anos após a traição do meu pai. Meu povo sempre confiou nele, mas ele morreu. Sinto uma lágrima escorrer por meu rosto e a limpo rapidamente. Uso o braço machucado, fazendo o ferimento latejar. Ouço mais gritos, dessa vez mais próximos.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Forço meu corpo e me levanto. Meu povo depende de mim! Diná e Zafena se arriscaram, não posso deixar que seja em vão. Fecho os olhos, deixando que os rostos dos meus guerreiros passem em minha mente, um por um. Abro os olhos e me deparo com Max. Ele está sério, bem aborrecido.

– Corra! – ele vocifera.

Mexo minhas pernas, começando a correr. Cada passo que dou é como se uma faca rasgasse meus músculos, mas eu não paro. Meu rosto arde, não sei se por causa do frio ou se os galhos das árvores me machucam. Quanto mais eu corro, mais sonolenta me sinto. A adrenalina não corta o efeito da planta. Uma sensação estranha me domina, como se eu flutuasse, e percebo que estou parada.

Continuo escutando os gritos, mas não consigo me mexer. Meu corpo dói muito. Tento subir em uma árvore próxima e não consigo alcançar nem o primeiro galho. Não me lembro de ter me sentido tão impotente quanto agora. Penso em desistir, em deixar que me capturem. Será que eles vão me deixar na cela ou voltarei para o quarto? Eu acho que tinha uma coberta lá.

O sono começa a me vencer, e eu decido que

## PERIGOSAS ACHERON

vou dormir ali mesmo. Eu me sento, apoiando a cabeça na árvore. Noto que os gritos estão mais altos e gesticulo para que eles façam silêncio. O frio piora. Eu me deito em posição fetal, buscando calor. Fecho os olhos ao me sentir melhor. Acho que só preciso de um cochilo.

Estou quase dormindo quando sou sacudida novamente. Diná está me irritando demais. Tento abrir os olhos para pedir que ela pare, mas não consigo.

Subitamente, uma sensação de bem-estar toma conta de mim e meu corpo se aquece. Que delícia! Eu me aconchego mais, aliviada.

Sinto um cheiro familiar, o cheiro de Luke. Eu me sinto tão melhor que decido me entregar para essa alucinação. Respiro fundo, tentando sentir seu cheiro mais uma vez. Consigo.

– Seu cheiro é tão gostoso – digo para ninguém.

Sei que ele não está aqui, mas não importa. Ao acordar mais tarde, provavelmente estarei aprisionada de novo. Quero aproveitar esse momento de paz, mesmo que não seja real.

Imagino Luke na minha frente e passo os braços em volta do seu pescoço, descansando a cabeça em



# PERIGOSAS NACIONAIS

seu peito. O sono volta a tomar conta de mim, e eu deixo que ele me leve.

# PERIGOSAS ACHERON

# Treze

– Do que você sente mais falta?

Encaro Max deitado, o braço direito dobrado atrás da cabeça. Ele pensa um pouco antes de responder.

– Da munição em abundância – dou risada – e das festas – ele completa enquanto avalia meu corpo.

Estou sentada de pernas cruzadas na sua frente. Está calor, eu uso bermuda e regata.

– Como eram?

– Música alta, bebidas, luzes e tudo mais o que geradores podem proporcionar – ele dá risada. Já me acostumei com suas reclamações sobre a falta de geradores no nosso alojamento – vestidinhos pretos... – ele olha para mim, malicioso – Às vezes fico te imaginando com um daqueles vestidinhos pretos.

– É mesmo? – olho travessa para ele.

– Sim – ele se levanta, se movendo em minha

direção. Descruzo as pernas e vou para trás até minhas costas apoiarem na parede – você ficaria deliciosa – suas palavras e seu tom malicioso fazem um calor se espalhar dentro de mim. Ele toca minha bochecha com o indicador – se você soubesse as coisas que quero fazer com você, Celine – sua voz é grave, ele acaricia minha boca. Começo a perder o controle e penso em Thomás. Isso não está certo, não faz nem uma semana que terminamos. Tento me levantar, mas Max me puxa pela perna, me fazendo cair em seu colo – você é linda demais, princesa. Eu não resisto – ele puxa meu cabelo para trás, passando o nariz por todo o meu pescoço exposto. Seus dentes mordem de leve o lóbulo da minha orelha. Não consigo conter um gemido e sinto seu sorriso na minha pele – você é minha, Celine... Toda minha – ele faz o caminho de volta, mordendo meu queixo.

Eu sei que isso é errado, que eu deveria afastar Max. Mas não consigo. Simplesmente não resisto.

Meus braços já estão em volta do seu pescoço. Puxo seu cabelo, o calor aumentando em mim. Eu me movo em seu colo, buscando fricção em seu corpo para aliviar minha vontade. Ele se descontrola e tira minha blusa bruscamente.

## PERIGOSAS ACHERON

Levanto os braços para ajudá-lo.

Sua boca está quase na minha quando o som de um grito nos interrompe. Olho para ele assustada e escutamos mais um grito. Pulo de seu colo, visto minha blusa e calço meus sapatos. Ele já está abrindo a porta com sua arma em punho. Outro grito.

Max corre para fora dos dormitórios, eu vou em direção ao meu quarto. Pego meu arco e o saco de flechas. No caminho para a saída, encontro com Arthur saindo de seu quarto, armado com suas facas.

Armo uma flecha no meu arco enquanto Arthur olha rapidamente para fora.

– Povo da areia. Seis à frente.

Sinalizo para ele ir para a direita e saio logo atrás, virando para a esquerda.

Acerto quatro guerreiros com os rostos pintados de preto até chegar à primeira árvore do alojamento, perto do portão. Eu a uso como proteção para analisar nossa situação. Algumas crianças e mulheres estão agachadas, escondidas atrás de uma rocha. Jonas está com elas, segurando facas nas duas mãos. Mas ele não pode avançar,

## PERIGOSAS NACIONAIS

flechas estão sendo lançadas.

César, Julio e Max se protegem em outras árvores. A porta da pequena casa está fechada e eu imagino que o resto de meu povo esteja lá dentro.

Alguns guerreiros do povo da areia avançam cada vez mais para dentro de nosso alojamento, vindos do fundo. Vejo Darion subindo na última árvore antes da floresta, carregando seu arco e flechas.

Começo a subir na árvore que uso como proteção, alcançando a altura que quero antes de Darion. Atiro em nossos inimigos, começando pelos arqueiros. Darion faz o mesmo ao subir o suficiente.

Com a ausência das flechas, meus guerreiros avançam. Jonas sinaliza algo para Max e leva as crianças e mulheres para dentro da casa pequena. Max usa sua arma para dar cobertura.

Tento acertar mais alguns guerreiros do povo da areia, mas, com os arqueiros mortos, a luta está corporal, o que me impede de mirar com precisão. Todos se movem rápido, de modo que posso acertar algum dos meus. Decido descer da árvore e vejo que Darion já está no chão.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Meu arco está nas minhas costas e minha faca em punho quando me aproximo da batalha. José cai no chão e um guerreiro da areia ficar em pé na sua frente. Ele levanta uma lança, mas não tem tempo de usá-la. Jogo minha faca e ela acerta seu peito.

Estou de mãos vazias no momento em que um guerreiro se lança contra mim. Caio embaixo dele e, rapidamente, sua faca vem em minha direção. Uso os braços para detê-lo, mantendo a lâmina a poucos centímetros do meu rosto.

Minhas forças já me abandonaram quase completamente quando escuto o tiro e sinto o sangue do meu inimigo sujar meu rosto. Max empurra o guerreiro morto com o pé, fazendo-o cair ao meu lado. Aceito sua mão para levantar e percebo que a batalha acabou.

Olho ao redor, todos os meus estão bem. Arthur parece um pouco mais machucado que os demais. Max se vira, e eu vejo que sua regata está rasgada nas costas. Um corte sangra.

– Max! – ele se vira para mim e eu me aproximo  
– Suas costas.

– Eu sei.

Quero ver seu ferimento melhor, mas ele não

## PERIGOSAS ACHERON

deixa. Com a mão na minha nuca, examina o meu rosto.

– Você está bem?

– Sim! Suas costas estão sangrando – meu tom é urgente. Ele sorri, me deixando que o vire – Mario! – grito e começo a andar em direção ao ambulatório, puxando Max pela mão.

– É só um cortinho, princesa – ele tenta me tranquilizar.

Ele se senta na maca. Fico de frente para ele, entre suas pernas.

– Dói muito? – pergunto preocupada, acariciando seu joelho.

Ele me puxa pela nuca e beija o meu rosto antes de levá-lo até o seu peito. Aceito seu abraço e permaneço ali, observando Mario cuidar do ferimento.

Estou revivendo essa lembrança quando acordo calmamente. Abro os olhos devagar e não reconheço o lugar.

A realidade volta à minha mente aos poucos. Eu me lembro de que fugi após ter tomado o chá alucinógeno de Diná. Fecho os olhos instintivamente, tentando escutar algo. Escuto

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

somente o familiar barulho de água. Eu me levanto devagar, intrigada.

Ao me movimentar, a dor na minha barriga chama minha atenção. Ela não está mais enfaixada. Agora, o ferimento está coberto por uma pasta verde que se parece com os remédios de ervas feitos por Diná, porém de tonalidade mais clara.

Com a cabeça menos confusa e conseguindo olhar mais adiante, reconheço a gruta onde estou. Darion descobriu esse lugar há alguns anos. Ele o mostrou apenas para mim e para meu irmão, e nós às vezes nadávamos no pequeno lago que se formou entre as rochas.

É nosso lugar, fica bem escondido. A entrada é protegida por uma grande rocha, que é fácil rolar para o lado. Para chegar aqui é preciso andar por uma espécie de caverna, virando nas direções certas das bifurcações.

Além de mim, Julio e Darion, Max é o único que conhece esse lugar, pois eu lhe mostrei há algum tempo. Julio não pode ter me trazido aqui, então penso que Darion ou Max me encontraram na floresta. Talvez eu realmente tenha visto Max durante a fuga, não alucinado que ele estava lá.

## PERIGOSAS ACHERON



Um barulho interrompe meus pensamentos. Avisto Luke carregando dois coelhos no ombro e alguns galhos nos braços. Quando olha para mim, sorri.

– Como está se sentindo?

Ele deixa os galhos e os coelhos no chão e se aproxima. Apenas agora reparo que estou deitada em cima de um colchão fino encapado com uma espécie de lona. Não é do meu alojamento. Confusa, olho para Luke.

– Savana? – pergunto.

– Está bem, no nosso acampamento.

Ele se senta ao meu lado e começa a examinar o ferimento da minha barriga. Com a mão no meu ombro, me empurra um pouco para trás, me incentivando a deitar.

– O que aconteceu? Você conhecia esse lugar?

Não estou entendendo nada. O que Luke faz aqui? Como achou nossa gruta?

– Seu amigo está no nosso acampamento e, quando eu disse que estava vindo te buscar, me orientou a trazer você pra cá.

– Darion? – fico feliz com a possibilidade de saber que meu melhor amigo está vivo. Ele assente

PERIGOSAS ACHERON

com a cabeça, e um alívio enorme toma conta de mim – Ele está bem?

– Está um pouco machucado, foi atacado. Um dos guerreiros que vieram conosco o encontrou na floresta.

– Machucado? Onde?

– Está melhor do que você – ele tenta me tranquilizar enquanto analisa meu ferimento – está doendo?

– Sim.

Darion é forte. Se está vivo, não importa quão ferido, ficará bem.

– E o braço?

– Dói menos – tento me levantar, mas ele me impede, colocando a mão no meu peito. Permito que ele me faça deitar novamente – e eu? Como vim parar aqui?

– Estava a caminho do seu alojamento quando encontrei você desmaiada na floresta – ele sorri com malícia – desmaiada mais ou menos, né?! Você estava inconsciente, mas falava – sei o que ele quer dizer. Eu me lembro de ter achado que ele era uma alucinação e ter falado que gostava do seu cheiro. Sinto meu rosto esquentar. Luke dá risada,

PERIGOSAS ACHERON

mas não demora a voltar a se concentrar – vamos lavar essas ervas para colocarmos outras? – ele me pergunta docemente, passando o braço pela minha cintura para me ajudar a levantar.

Em pé, avalio meu estado. O braço dói um pouco, mas nem perto do quanto doía antes. Olho para ele, vendo que também está com a pasta de ervas. Minha barriga dói mais, mas eu não consigo avaliar o corte, pois não posso vê-lo.

Saio do apoio de Luke para tentar caminhar sozinha. Consigo, com certa facilidade, e vou em direção ao lago. Ele me segue, e eu o encaro.

– O que foi? – ele me pergunta, surpreso.

– Você acha que vai me dar banho?

– Você está muito fraca. Prometo que não vou espiar – ele tenta parecer sério, mas percebo que está se divertindo.

– Eu vou sozinha – meu tom é severo, definitivo.

Ele solta uma risada alta.

– Ok, eu trouxe roupas limpas para você. Vou acender a fogueira e fazer algo para você comer.

Temos sorte de estarmos em um lugar onde a fogueira não vai denunciar nossa localização. A  
PERIGOSAS ACHERON

fumaça não alcançará a floresta.

Luke me entrega as roupas, e eu as avalio. Uma calça de um tecido que desconheço, uma camiseta preta, calcinha e sutiã pretos. Parecem roupas da fortaleza. Principalmente o sapato que nem preciso levantar do chão para saber que é pesado.

Eu me lembro das imagens do meu sonho, de Max dizendo que me imaginava em um vestido preto.

Olho para Luke, ocupado com a fogueira, de costas para mim. Quando chego perto do lago, começo a tirar a roupa.

Encosto a ponta do pé na água, percebendo que ela não está fria. Também não está quente, mas morna. Entro de corpo inteiro e sinto que começo a relaxar.

Estou fraca e com fome, mas a água alivia esses sintomas. Encontro meu lugar favorito, onde posso ficar sentada com as costas apoiadas em uma rocha e com o corpo quase todo imerso. Eu me abaixo mais, afundando a cabeça na água. A sensação é deliciosa e eu fico lá o máximo que consigo.

Recapitulo tudo que aconteceu. Preciso pensar em como agir, meu povo precisa de mim. Tenho

que me recuperar e ficar forte para invadir meu próprio alojamento e livrá-los da tirania de Jafar.

Mais informações seriam muitos úteis. Luke pode me ajudar nisso.

– Luke? – o chamo.

– Sim – ele responde de onde está.

Estou de costas para ele, mas o som de sua voz denuncia que ele está longe.

– Conte para mim o que aconteceu depois que você saiu do alojamento.

– Corremos para o nosso acampamento. Eu me perdi e demoramos mais do que eu gostaria. Quando chegamos, fiquei sabendo que tínhamos um visitante. Não precisei conversar muito com seu amigo para que ele entendesse toda a situação. Ele bolou um plano – é claro que bolou. Darion sempre tem um plano. Sorrio para mim mesma – ele queria vir comigo para buscá-la, mas não tinha condições, iria me atrasar. Ele me fez prometer que traria você sã e salva – é claro que fez. Sinto uma saudade enorme do meu melhor amigo. Fecho os olhos e vejo seu rosto, sorrindo para mim – tentamos convencer os guerreiros que fugiram comigo a me ajudar a te resgatar, mas eles não quiseram se

## PERIGOSAS NACIONAIS

envolver – o tom de Luke é triste e eu imagino que talvez ele tenha se sentido traído – eu fiquei furioso, mas os entendo. Eles escaparam do deserto para fugir da violência, da guerra que travavam todos os dias sob as ordens do rei. Não quiseram se envolver numa nova guerra, com um povo que nem conhecem. Eles ficaram bem assustados com a situação, achando que seu povo iria atrás de mim...

– Os aligortes não são do meu povo – eu o corrijo.

– Sim, desculpe. Você entendeu. Enfim, as coisas não ficaram melhores após Darion dizer que, com certeza, eles viriam. Então, quando eu saí para vir atrás de você, eles migraram para seu antigo alojamento.

Quase caio da rocha em que estou sentada ao escutar essa cagada. O que deu em Darion para permitir isso?

– Não! Os aligortes sabem onde fica nosso antigo alojamento. Pelo menos o seu acampamento eles ainda não sabem onde...

– Calma, Celine – ele me interrompe – posso terminar? – eu não respondo e ele continua: – Foi ideia do seu amigo – isso não me parece ideia de

## PERIGOSAS ACHERON

Darion – ele disse que lá tem um portão alto e que não seria muito difícil reforçar a cerca viva – Darion deve estar louco, deixamos aquele alojamento justamente por não oferecer segurança suficiente. As cercas não são fortes o bastante para parar um ataque – e a parte principal do plano não é essa. Todos os homens que vieram do deserto comigo raspam o cabelo e vão pintar os rostos de preto. Se os aligortes se aproximarem, verão vários guerreiros do deserto protegendo o acampamento e os temerão. Eles não vão saber que apenas dezessete dos quarenta e seis homens são guerreiros treinados – isso sim parece um plano de Darion, ele sabe que Jafar teme os guerreiros do povo da areia e nunca enfrentaria quarenta e seis deles com seu exército fraco. É um bom plano. Se der errado e Jafar tentar invadir o acampamento, estaremos perdidos. Contudo, eu não consigo pensar em um plano melhor. E também acredito que Jafar não ordenaria esse ataque – relaxa, Celine. Amanhã, se você acordar bem melhor, vamos para lá. Se tivermos sorte, não encontraremos ninguém no caminho.

Sair daqui amanhã não me agrada. Gostaria de ir agora encontrar Darion, juntos pensaríamos em

## PERIGOSAS ACHERON

algo para salvar nosso povo. Mas eu realmente estou muito fraca. Todo o meu corpo dói, o ferimento na barriga pode impedir meus movimentos.

Eu me forço a não pensar nisso, tentando relaxar na água. Não demora muito para eu me sentir melhor. Começo a passar a mão delicadamente pela minha barriga para limpá-la. Será que foi Luke que fez esse remédio?

– Luke? – o chamo novamente.

– Sim? – ele ainda está longe, provavelmente entretido com a fogueira.

– Obrigada.

– Você salvou a mim e a minha irmã, Celine. Eu serei eternamente grato – seu tom é sério, e a palavra *eternamente* chama minha atenção.

Ele pretende cuidar de mim para sempre? Automaticamente, penso em Max e já imagino o conflito. Ele vai ficar furioso.

Eu me dou conta de que nem sei se Max está bem. Será que ele conseguiu manter sua farsa? Pensar em Jafar descobrindo a traição de Max faz meu estômago revirar.

Afundo a cabeça na água mais uma vez em uma  
PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

tentativa de esvaziar minha mente. Ele é forte, esperto e possui a frieza necessária para esse tipo de coisa. Max vai ficar bem. Sei que vai. Ele deve estar preocupado comigo. Há quanto tempo sai de lá?

– Luke, faz tempo que você me pegou na floresta?

– Foi ontem de madrugada. Você dormiu bastante, ainda bem. Já deve estar para anoitecer – sua voz fica mais alta, fazendo eu me afundar o máximo que posso na água. Mas ele não se aproxima muito, vejo apenas seu braço quando ele deixa uma toalha perto das minhas roupas – tem uma toalha aqui para você.

Escuto seus passos indo para longe novamente. Ele pensou em tudo. Roupas, toalha, colchão, cobertas, remédios...

Relaxo um pouco mais na água, me esforçando para não pensar em nada. Meu corpo e minha mente precisam de descanso para funcionarem da melhor maneira possível.

Sinto o cheiro da carne, o que faz minha barriga roncar. Estou faminta.

– Vou sair – aviso Luke.

## PERIGOSAS ACHERON

– Não vou olhar – ele responde, divertido.

Eu me enxugo e visto minhas novas roupas. A calça é feita de um tecido que gruda nas minhas pernas. A camiseta não chega a marcar minhas curvas, mas fica um pouco justa. Penso se foi Luke quem as escolheu. Acho estranho ele ter encontrado roupas que me servem tão bem. Ele devia ter muitas opções para escolher.

Luke já está sentado e a fogueira, apagada. O lugar ainda está esfumaçado. Ele me avalia com malícia enquanto me aproximo.

– Onde conseguiu estas roupas? – pergunto, me sentando de frente para ele.

Eu me sinto bem melhor, minha barriga não dói muito quando me movimento. Luke me passa um pedaço de carne, e eu não demoro a aceitá-la.

– Nossa fuga foi planejada, nós trouxemos muitas coisas. Água, alimentos, roupas, *kits* de dormir, toalhas, ervas...

– Foi você que fez o remédio que estava na minha barriga? – eu o interrompo.

Já estou no meu segundo pedaço de carne. Luke come devagar.

– Não, foi nossa curandeira. Mas ela usou ervas

## PERIGOSAS ACHERON

da sua floresta, além das que já tinha. Eles gostaram do nosso acampamento. Comida e água em abundância longe do deserto, tudo o que buscávamos.

– Quanto tempo viajaram do deserto até aqui?

– Seis dias.

– Não estão tão longe. Acha que eles viriam atrás de vocês?

Ele reflete antes de responder.

– Talvez – era melhor nem ter respondido, dava na mesma.

Termino de comer meu quarto pedaço de carne, satisfeita. Tomo dois longos goles de água e suspiro. Estou bem melhor.

Olho para Luke, vendo que ele me observa, sorrindo. Eu me levanto, pego a toalha que usei e me sento no colchão onde dormi. Começo a secar meu cabelo. Luke se senta na minha frente, segurando um pequeno pote.

– Precisamos colocar mais ervas na sua barriga. Eu lavei suas faixas, podemos usá-las novamente.

Ele tenta tirar a toalha da minha mão e me deitar, mas eu resisto. Quero secar meu cabelo antes de deitar novamente. Ele não insiste e

## PERIGOSAS ACHERON

continua sentado, me esperando.

– Talvez seja melhor sairmos na madrugada. É mais seguro.

– Mais seguro? – ele parece surpreso – As tochas mostrarão a eles onde estamos.

– Conheço toda esta floresta, não precisaremos de luz. Estamos perto do nosso antigo alojamento. Quatro horas, no máximo.

– Você está fraca, não conseguirá andar tão rápido.

– Estou me sentindo bem melhor. Meu braço quase não dói e a barriga é suportável.

– Vai melhorar ainda mais quando você dormir com essas ervas – ele sacode o pote na minha frente.

Ele tem razão. Ao sair do lago, vi que o corte na minha barriga está começando a fechar.

A toalha já está toda molhada, não conseguirei secar mais meu cabelo. Começo a me sentir um pouco cansada. Já dormi pra caralho e ainda preciso descansar. Eu devo ter tomado uma bela surra.

Eu me deito devagar, e Luke se aproxima. Ele levanta minha camiseta até deixar todo o corte exposto. É um grande ferimento, começa um pouco

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

abaixo dos meus seios e vai além do meu umbigo, do lado direito.

– Hum, está bem melhor – delicadamente, ele passa o dedo com a pasta verde na minha pele. Sua mão está gelada, seu toque me deixa com frio – está doendo?

– Não.

Fico olhando para seus olhos enquanto ele coloca atentamente o remédio em mim. São muito bonitos. Ele olha para mim, me pegando no flagra. Não desvio o olhar e percebo quando ele olha para minha boca.

Aquela sensação de estar sendo hipnotizada ameaça tomar conta de mim e, de repente, não estou mais cansada. Sinto sua mão livre acariciar o lado da minha barriga que não está machucada. Um arrepio me percorre toda.

– Onde você conseguiu olhos tão lindos?

– Eu poderia te perguntar a mesma coisa – minha voz é apenas um sussurro.

Ele abre um sorriso, e eu observo sua boca. Sem qualquer motivo, o rosto de Max aparece na minha mente. Paro de olhar para Luke e viro o rosto para o lado.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Qual é o problema? – o encaro, intrigada – Por que se controla tanto? Faça o que tem vontade – seu tom não me indica que seja uma ordem, mas, mesmo assim, não me agrada.

– Você acha que conhece minhas vontades? – pergunto, arrogante.

– Eu não acho, eu sei! Você não mente bem, Celine. Seu corpo te denuncia! – ele é muito abusado. Acha que me conhece, que conhece as reações do meu corpo. É um coitado. Ele me conheceu outro dia! Estou irritada, não quero mais conversar com ele. Tento me levantar, mas ele me impede – Você precisa descansar, vou pegar as faixas.

Quero xingá-lo por achar que pode me dar ordens, mas ele se levanta rapidamente e sai andando.

Luke volta com as faixas e tenta colocá-las em mim, mas eu as tiro de suas mãos, fazendo o trabalho sozinha. Ele não insiste e fica observando eu passar a faixa na minha barriga, depois sai da gruta sem dizer nada.

Volto a me deitar, fechando os olhos, embora eu não sinta um pinga de sono. Dormi muito nos

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

últimos dias e sei que vou ter muita dificuldade em pegar no sono esta noite. Sem problemas, estou acostumada.

Aproveito o tempo para refletir sobre tudo. Aparentemente, Jafar fez algum tipo de aliança com o povo da areia. Mas por quê? Consigo enxergar as vantagens que os aligortes teriam: ajuda de melhores guerreiros, a promessa de não serem atacados... mas e o povo da areia, o que eles ganham com isso? O que eles querem que Jafar tem a oferecer?

Não consigo pensar em nada. Talvez Jafar tenha dito aquilo para me confundir. É bem a cara dele. Funcionou!

Se bem que essa é a única explicação para a arma que Maison carregava. Pensar em Maison me traz à mente a imagem de quando o matei e isso me incomoda. Ele era um cretino, merecia morrer. Com certeza faria muitas pessoas sofrerem se não estivesse morto, mas eu preferia que não tivesse sido eu a fazê-lo.

Às vezes, sonho com os rostos dos guerreiros que matei, quando me lembro de suas feições. Talvez Maison passe a fazer parte desse pesadelo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez eu visualize seu rosto mais do que gostaria.

Eu me forço a parar de pensar nisso, voltando a focar nos últimos acontecimentos. Existe a possibilidade de a fortaleza ter dado a arma a Jafar, que repassou para o filho. Mas, do mesmo jeito que não vejo vantagens para o povo da areia se juntar com os aligortes, não entendo o que a fortaleza teria a ganhar com essa aliança.

A verdade é que Jafar não tem porra nenhuma a oferecer. Seus guerreiros são ruins, seu povo não é bom em estratégias. Nem casas eles têm, já que o povo da areia destruiu sua vila.

O que Julio tinha na cabeça para firmar uma aliança com Jafar? Eu me pergunto, mas já sei a resposta: piedade. O que eu mais admirava no meu irmão era também uma das coisas que mais nos trazia problemas: seu altruísmo. Sempre querendo ajudar a todos, nem que para isso ele tivesse que sacrificar suas vontades.

O povo da areia costumava atacar os povos que viviam na floresta em busca de comida, água, roupas, pessoas... Eu nem gostava de imaginar o que eles faziam com os homens e mulheres que levavam com eles após os ataques.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Os aligortes são fracos, sempre sofriam ataques. Ao contrário do nosso povo, que raramente era atacado. Antigamente, acontecia com mais frequência. Mas o povo da areia perdia todas as batalhas, por isso devem ter parado de aparecer.

Claro que meu irmão ficou com pena quando Jafar o procurou para dizer que seu povo estava quase em extinção. Fizemos uma aliança e criamos uma grande fogueira na vila de Jafar. Se atacados, eles deveriam acender a fogueira e meu irmão mandaria ajuda.

Os aligortes nunca foram nossos inimigos. Eles sempre estiveram perto de nós, praticamente dividíamos a floresta. Entretanto, nunca fomos próximos. Jafar sempre foi um tirano. Nunca colocou a mão na massa, apenas explorou seu próprio povo.

Max me contou que ele ofereceu mulheres jovens à fortaleza em troca de armas. Um nojento, escroto. O que ele faria com as armas se a fortaleza aceitasse a troca?

E Max? Será que está vivo? Pensar nele me faz sentir um aperto no peito e eu busco tirá-lo da minha cabeça, por ora. Mas é impossível, então

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

tento pensar em coisas boas.

Eu me lembro de quando o vi pela primeira vez. Meu irmão entrou em nosso alojamento o carregando nos ombros. Ele estava desmaiado e bem ferido. Lutou com dois guerreiros do povo da areia e, depois de derrotá-los, foi atacado por um puma.

Percebi de imediato que Max vinha da fortaleza. As roupas e as botas pretas eram inconfundíveis.

Depois de Mario fazer os curativos, fiquei com ele no ambulatório porque não queria que ele acordasse sozinho, sem saber o que havia acontecido. Naquela época, eu ainda não sabia que ele é um idiota arrogante que faz o que quer sem se preocupar com as consequências.

Eu estava sentada em sua cama, reparando o quanto seu rosto era bonito, no momento em que ele abriu os olhos. Ao contrário do que eu imaginava, ele não ficou assustado. Olhou para mim e não desviou mais o olhar, nem para tentar identificar onde estava. Levantou o braço, tocando meu rosto com a mão.

Apesar de achar aquilo extremamente inapropriado, fiz o que tive vontade, virando meu

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

rosto em direção à sua mão, deixando que ele fizesse carinho em mim. Perguntei se ele sabia onde estava e ele me respondeu: *provavelmente no paraíso*. Dei risada, segurando sua mão com gentileza. Eu lhe disse que ficaria bem, que estava seguro, e ele voltou a dormir.

Estou sorrindo feito uma boba quando escuto os passos de Luke. Ele tem uma garrafa na mão, a mesma que usei para tomar água mais cedo. Nem reparei que ele a pegou antes de sair.

Olho para ele e percebo que a minha irritação foi embora.

– Tem alguns guerreiros aligortes andando pela floresta. Acho que estão te procurando – meu coração acelera com a possibilidade de voltar para aquela cela. Luke percebe o horror em minhas feições – não se preocupe, não estão tão perto daqui. E se passarem pela entrada, nem vão perceber.

Ele tem razão. A entrada desse lugar é bem sutil. Darion a descobriu há anos e ninguém mais a encontrou desde então.

Luke suspira, girando o pescoço, cansado. Ele se aproxima e se senta ao meu lado. O colchão em que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

estou deitada é grande, cabe nós dois. Ele se ajeita e deita, apoiando a cabeça no braço direito, olhando para cima.

Estou deitada de lado, olhando para Luke, quando ele se vira e me encara. Desta vez, não sustento seu olhar. Eu me viro de barriga para cima, assim como ele, e olho para o teto da gruta.

Um silêncio desconfortável domina o ambiente. Fecho os olhos, tentando dormir. Depois de um tempo, reforço minha teoria de que passarei essa noite em claro.

Eu me mexo novamente, deitando voltada para Luke. Vejo que ele ainda está acordado, mas não olha para mim. Continua olhando para cima, na mesma posição de antes.

Então me lembro de que, quando eu era pequena e não conseguia dormir, meu irmão me contava histórias dos povos para me distrair, me fazendo adormecer.

– Me conte sobre seu povo – meu tom é baixo, quase um sussurro.

– O que você quer saber? – ele não parece ainda estar irritado, mas não olha para mim enquanto fala.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Me conte mais sobre a organização de tarefas que você mencionou. Eu pensei que todos os homens do povo da areia eram guerreiros.

– Por que pensou isso?

Luke me olha com aqueles olhos verdes incríveis, finalmente.

– Não sei. Acho que me ensinaram isso, em algum momento.

Estou sendo sincera. Realmente não me lembro de onde tirei essa informação. Luke demora a responder, fica apenas estudando meu rosto.

– Nosso primeiro líder acreditava que o talento estava no sangue, que era passado de geração em geração. Logo, o bom guerreiro teria filhos bons guerreiros. O bom caçador teria filhos bons caçadores e assim por diante – continuo olhando para ele, interessada em mais informações – logo, se seu pai é um caçador, você não terá outra opção além de ser um caçador. E torça para que você seja bom o suficiente! – seu tom é amargo.

– Como assim?

– Quem não é bom o suficiente em seu ofício é jogado no deserto para morrer.

– O quê? – estou horrorizada e isso se reflete em

## PERIGOSAS ACHERON

minhas feições. Ele concorda com a cabeça – Você é bom caçador?

Eu me sinto mal só de imaginar Luke sendo jogado no deserto para morrer. Acho que ele percebe minha reação, pois abre um sorriso triste.

– O melhor – ele não parece entusiasmado. Luke desvia o olhar de mim e fica olhando para o nada, pensativo – mas Savana não. Em sua idade, ela já deveria ter demonstrado aptidão. Ela não será uma boa caçadora – ele parece chateado, e eu começo a me sentir da mesma maneira.

– Por isso você fugiu? – sei que o assunto é delicado, mas quero saber mais.

– Também. Foi o empurrão final. Nunca gostei de viver no deserto, nunca gostei das regras que me eram impostas. Eu abomino nosso rei. Foi ele que passou a matar as pessoas que não eram talentosas em seus ofícios – sinto a raiva em sua voz ao falar de seu líder. Quero saber mais sobre ele, no entanto decido não interrompê-lo – antigamente, essas pessoas passavam a trabalhar junto com os escravos, já que um caçador não se mistura com um guerreiro, por exemplo...

– Espere! – eu o interrompo, chocada – Você

disse *escravos*?

– Sim. O que você acha que eles fazem com as pessoas que roubam dos outros povos? Quem você acha que trabalha pesado para construir nossas casas? Não é fácil viver no deserto. As casas precisam ser refeitas com frequência... – ele continua falando, mas eu paro de escutar.

Escravos? Isso deve ser uma piada de muito mau gosto. Pior do que isso, matar seu próprio povo porque eles não são bons no que foi imposto para eles? Acho que Luke percebeu meu repúdio e falta de atenção, pois não escuto mais sua voz.

– Isso é um absurdo!

Estou revoltada, apesar de nem conhecer as pessoas que sofrem com essa tirania.

– Eu sei. Por que acha que fugimos?

Escuto a voz do meu irmão dizendo que um povo não tem culpa das decisões que seu líder toma. Que eles apenas vivem com as regras que lhe foram impostas. Ele tinha toda razão. O que eu faria se tivesse nascido em um povo como esse?

– Por que as pessoas não se rebelam? Por que não fazem algo a respeito, tiram o líder do poder a força, sei lá... Qualquer coisa!

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Porque a maioria concorda com ele – seu tom é seco, me indicando que ele despreza essas pessoas tanto quanto seu líder.

– Você não pode estar falando sério. Seu povo concorda com isso?

– A maioria do meu povo é composta por guerreiros e eles têm alguns privilégios. São considerados mais do que as outras famílias. As mulheres das famílias guerreiras não precisam trabalhar, já que procriar para gerar mais guerreiros é a única responsabilidade delas. Os guerreiros servem o rei e o restante do povo serve os guerreiros. Eles gostam disso, não querem mudar.

– Eles não sofrem quando seus familiares são mortos por não serem bons guerreiros?

– Teoricamente, sim, mas não tenho certeza na prática. As outras famílias não se misturam com os guerreiros. Só tive contato com alguns, quando ia ao acampamento deles para deixar comida. E agora conheço os que fugiram, mas eles pensam diferente. Não conversamos muito sobre isso, de qualquer maneira. Preferimos não nos lembrar do que deixamos para trás.

– Acampamento deles? – destaco a palavra

## PERIGOSAS ACHERON



*deles.*

Ele dá risada antes de continuar. Está se divertindo com o fato de eu não saber de nada sobre o povo da areia.

– Cada função tem um acampamento próprio. Perto do meu acampamento, ficava o acampamento dos curandeiros e dos artesãos. Éramos os últimos, os mais próximos da floresta. Não esta floresta, mas uma floresta do outro lado do deserto. Ficávamos lá porque éramos as famílias que precisavam ir para a mata para caçar e para pegar plantas medicinais e outros recursos. Os vigilantes ficam espalhados por todo o deserto, em vários acampamentos embaixo da terra – sinto minhas sobranças se unirem. Vigilantes? Não são os guerreiros que vigiam? Luke percebe minha dúvida e ri mais uma vez – vigilantes apenas vigiam. Eles viajam para todos os lados e voltam com informações para o rei. Além de vigiar o deserto, é claro – ele suspira – e mais para o centro do deserto ficam os guerreiros, o rei e os escravos.

– Em quantos vocês são?

– Milhares. Não sei ao certo.

Milhares? Estou tão chocada que minha boca se

## PERIGOSAS NACIONAIS

abre em um movimento involuntário. Luke continua se divertindo com a minha falta de conhecimento.

– Milhares?

– Sim. Setenta por cento são guerreiros, quinze são vigilantes e os outros quinze são caçadores, curandeiros e artesãos.

Setenta por cento guerreiros? Meu Deus!

– Luke, estamos perdidos! Se eles vierem atrás de você e dos que fugiram, se eles realmente estiverem ajudando os aligortes, não temos chances contra tantos guerreiros! – meu Deus, o que será do meu povo?! – Espere, se eles são tantos assim, por que mandam tão poucos para nos atacar? Nós já os derrotamos várias vezes quando eles tentaram invadir nosso alojamento e nos roubar. Por que eles não vieram em maior número para garantir a vitória?

– Não sei, Celine. Não conheço a estratégia deles. Como eu disse, eu os via apenas quando ia deixar comida, sei somente o que as pessoas comentam.

– Você era praticamente um escravo, então!

Eu me arrependo assim que as palavras

## PERIGOSAS ACHERON

terminam de sair pela minha boca, mas Luke não parece ter se ofendido.

– Se você soubesse como os escravos são tratados, acharia que eu até tive sorte – a tristeza volta a fazer parte da sua voz e me contagia.

Além de revolta, uma mágoa me invade, me fazendo sentir uma enorme vontade de fazer algo a respeito. Mas fazer o quê? Eu não consigo nem proteger o meu povo, que dirá o povo dos outros!

– Fale sobre esse líder – preciso saber mais a seu respeito.

– Eu o vi algumas vezes nas celebrações.

– Celebrações? – eu o interrompo – Vocês celebram o quê? A morte dos familiares? – estou sendo irônica, mesmo sem querer. Luke não tem culpa, mas é inevitável.

– Enfim, nas celebrações o povo todo se reúne no acampamento dos guerreiros, e o rei aparece para dar seu discurso. Dizer que nosso povo é perfeito, uma vez que garantíamos que as imperfeições fossem descartadas – Luke praticamente vomita as palavras.

Fica claro o quanto ele odeia seu líder. E como poderia ser diferente? Nem posso acreditar que a

## PERIGOSAS NACIONAIS

maioria do povo da areia concorda com esse regime. Matar as pessoas porque elas não são boas no que foram obrigadas a tentar fazer?

Eu odeio Jafar por matar por poder. Mas odeio ainda mais o líder do povo da areia, sem nem mesmo conhecê-lo. E, pior, sinto medo. Medo pelo meu povo, pelas pessoas que amo.

Preciso de um plano. E preciso de Darion e Max para isso. Darion eu verei em breve, se tudo der certo. Em algumas horas estaremos juntos. Já Max, eu não faço ideia. O que será que ele tem em mente? Como será que estão as coisas no alojamento? Quantos de meus guerreiros ainda estão vivos?

Passo as duas mãos no rosto, exasperada. Eu não poderia estar em uma situação pior! Vendo o mundo ruir, sem poder fazer nada além de descansar para tentar ter condições de agir.

Suspiro, fechando os olhos. Preciso dormir logo para acordar e ir até nosso alojamento antigo. Lá, eu e Darion teremos alguma ideia para recuperar nosso povo. Com nossos guerreiros ao nosso lado, teremos mais chances contra o povo da areia.

A voz de Luke vem à minha cabeça: *milhares*.

## PERIGOSAS ACHERON

Não, nem com nossos guerreiros teremos chances. Como nunca ficamos sabendo que eles são tão numerosos assim? Pensei que a fortaleza fosse o maior povo. Max sempre disse que eles são muitos, mas nunca usou o termo *milhares*.

Sacudo a cabeça e volto a focar em pegar no sono. Eu me esforço para deixar minha mente vazia, mas não consigo. As coisas passam pela minha cabeça sem parar.

Penso em Julio, me perguntando o que ele faria no meu lugar, se estivesse vivo. Com certeza, daria prioridade para o nosso povo. Provavelmente, nunca fugiria do alojamento, como eu fiz. Ele ficaria e lutaria. Mesmo que não tivesse condições, ele morreria tentando.

Imagino meu irmão decepcionado comigo e me sinto péssima. Respiro fundo, tentando pensar em outra coisa, em vão. Só vejo Julio desapontado.

– Fale de você agora. Seu povo, sua família.

Eu tinha praticamente esquecido que Luke estava deitado ao meu lado.

Se tem algo que eu não gosto de fazer, é falar sobre mim. Mas fico agradecida por ele me distrair, pois sei que meus pensamentos me levariam para

um lugar sombrio.

Olho para ele, pensando em como falar de mim. Ele me olha em expectativa, e eu não tenho ideia do que dizer.

– O que você quer saber?

Luke sorri com a minha pergunta, como se soubesse que não seria uma conversa fácil. Ele avalia o meu rosto com calma antes de responder.

– Conte como as coisas aconteceram na sua vida. Como você se tornou líder dos guerreiros do seu povo – noto que ele fala com cautela e sei que ele quer saber mais sobre o que ouviu Jafar falar sobre mim.

Reflico sobre me abrir tanto para ele. Não me sinto à vontade para isso, mas ele já me confiou várias informações. Sem contar que voltou para me buscar depois de estar em segurança com sua irmã e seu povo.

Eu me dou conta de que ainda não tinha refletido o suficiente sobre isso. Luke arriscou sua vida pela minha e me conhece há tão pouco tempo.

Ele me observa e deve imaginar que estou ponderando responder ou não sua pergunta. Limpo a garganta.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Depois que meus pais morreram, meu irmão iniciou meu treinamento antes do esperado. Eu estava pronta antes do esperado.

Sei que ele quer mais, mas encerro por aí, optando por apenas responder sua pergunta. Sua feição me diz que ele ficou satisfeito com a resposta. Talvez pensasse que eu nem responderia.

– Fale mais sobre seus pais – ele me incentiva.

O rosto de minha mãe vem à minha cabeça, me fazendo sorrir.

– Minha mãe era muito bonita.

– Isso eu já sabia – ele diz, correndo os olhos por todo o meu rosto – tenho certeza de que vocês são bem parecidas.

Dou risada. Ele tem razão. Sempre que vejo meu reflexo é como se olhasse para minha mãe.

– Sim, mas apenas fisicamente. Seus cabelos eram mais curtos, também – quando percebo já estou enrolando o dedo nos meus cabelos compridos e ondulados. Estão quase secos – ela era doce, delicada, amorosa... – me recordo da minha mãe cuidando de mim com carinho. Meu nariz arde de leve, meus olhos se encherem de lágrimas. O que está acontecendo comigo? Estou chorando

## PERIGOSAS ACHERON

nesses últimos dias o que não chorei a vida toda. Fecho os olhos, limpando a lágrima que tenta escorrer pelo meu rosto. Espanto as lembranças e me concentro em continuar conversando com Luke – sua beleza chamou a atenção do meu pai, chefe do nosso povo na época – as sobrancelhas de Luke se unem, certamente uma reação ao meu tom amargo ao falar do meu pai.

Odeio falar sobre ele. Eu o odeio, mesmo depois de morto. Só de pensar nele, já começo a sentir uma raiva tomando conta de mim.

Luke deve ter percebido como me sinto tendo essa conversa, e acho que ele não vai mais fazer perguntas.

– O que aconteceu com eles? – insiste.

– Meu pai nos traiu, e minha mãe foi assassinada por isso – digo, e é tudo o que ele arrancará de mim nesta noite.

Sinto sua mão tocando meu rosto antes de perceber que ele se moveu para mais perto. Estudo seu olhar e não vejo malícia. Ele está com pena.

Eu odeio a reação das pessoas quando conto minha história, por esse motivo não a conto para ninguém. Mas, por incrível que pareça, não me



## PERIGOSAS NACIONAIS

sinto mal enquanto Luke me olha com preocupação.

– Gostaria que você nunca tivesse passado por isso – sua voz é tão baixa que eu quase não escuto.

Fecho os olhos, deixando que ele acaricie meu rosto.

– Eu também.

A raiva em mim vai embora, dando espaço para a sonolência.

Viro meu corpo para Luke novamente, me aproximando um pouco mais. Seus dedos passam do meu rosto para meus cabelos. Seu carinho é gostoso, faz com que eu me sinta bem.

Aproveito essa sensação boa e relaxo. Percebo o sono chegando cada vez mais, e me atenho ao barulho da respiração de Luke para não pensar em mais nada. Nesse momento, quero apenas dormir.

Ele continua fazendo carinho em mim. No meu rosto, na minha cabeça, nos meus cabelos. Estou quase dormindo quando o escuto sussurrando:

– Durma, linda princesa. Eu cuido de você esta noite.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# Catorze

Sonho com meu pai a noite inteira. Eu me lembro do quanto ele pressionava Julio para ser o guerreiro perfeito e minha mãe para ser a mulher ideal, de acordo com seus critérios. Não consigo dormir direito, acordo o tempo todo. Ao contrário de Luke, que parece estar descansando bem, em sono profundo.

Desisto ao despertar do quinto cochilo. Chamo Luke e começamos a arrumar as coisas para irmos embora.

Ele tenta argumentar que ainda não estou pronta, mas me mantenho irredutível. Apesar de não saber que horas são, tenho a impressão que ainda não amanheceu.

Para nossa sorte, a noite ainda reina quando saímos silenciosamente da gruta. Ainda não estou cem por cento, o simples exercício de caminhar faz minha barriga doer um pouco.

Não tiro a faixa para saber o quanto o machucado melhorou, mas posso sentir que está

## PERIGOSAS NACIONAIS

melhor do que após o banho de ontem. Essas ervas são mesmo boas. Mas, mesmo assim, enfrentarei grandes dificuldades se tiver que lutar.

Luke carrega uma faca, e percebo que ele não sabe usá-la muito bem, pelo simples modo como ele a segura. Ele deve caçar com arco e flechas.

Está frio e escuro. Observo a mata por um tempo até que meus olhos se ajustem na escuridão. Em alguns minutos, posso enxergar quase claramente. Luke não tem essa facilidade, por não conhecer a floresta tão bem quanto eu. Já fiz o caminho dessa gruta para nosso antigo alojamento milhares de vezes, não me preocupo.

Mesmo assim, vou devagar e na frente. Luke pisa exatamente onde pisei, conseguindo caminhar na mata sem fazer barulho.

Caminhamos um pouco e esperamos. Fico atenta a qualquer movimento ou som na floresta. Somente quando tenho certeza de que os barulhos que nos cercam são apenas de animais, voltamos a caminhar.

Luke espera pacientemente toda vez que paramos, obedecendo cada ordem que dou sem pestanejar. Ele tem consciência de que eu sei o que

## PERIGOSAS ACHERON

estou fazendo.

Depois do que eu imagino terem sido duas horas de caminhada com pausas, sinalizo para que Luke suba em uma árvore para verificar se estamos sendo seguidos. Eu poderia fazer isso, aproveitando para tentar ver nosso antigo alojamento, mas temo abrir o corte da minha barriga e ter que parar para descansar. Luke se movimenta bem, claramente não sente mais a dor que sentia quando estávamos aprisionados.

Está quase amanhecendo no momento em que uma agitação estranha em alguns pássaros a nossa direita chama minha atenção. Faço sinal para Luke ficar imóvel e fecho meus olhos, prestando atenção aos sons que a floresta traz para mim.

Reconheço o ruído de gravetos se quebrando no chão, o farfalhar de folhas ainda presas em seus galhos. São sons aleatórios, o que mostra que não se trata de uma única pessoa. Eles estão próximos e, se tentarmos correr, chamaremos atenção. Por sorte, estamos em uma mata fechada, onde há muitas árvores ao redor.

Tomo minha decisão e olho para Luke, que parece um pouco assustado. A essa altura, ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

também deve estar escutando a aproximação. Sinalizo para que ele tenha calma e para se agachar devagar. Ele me obedece.

Já agachados, esperamos. Posso escutar nossa respiração claramente. Mas isso não me preocupa, pois os barulhos da floresta são mais altos.

Menos de um minuto depois, vejo três homens da fortaleza se aproximarem. Eu já imaginava que não eram aligortes, eles são péssimos guerreiros e muito pouco silenciosos. Conversam entre eles em qualquer atividade que estejam realizando. Os sons que escutei vinham de guerreiros treinados em passar despercebidos. Apesar de suas botas pesadas, seus passos fazem o menor barulho possível.

Os guerreiros da fortaleza passam pela nossa direita sem falar uma palavra. Percebo que eles estão atentos, mas não parecem estar procurando por algo.

Estamos a uma hora do nosso alojamento antigo e a um dia da fortaleza. Começo a me perguntar o que eles estão fazendo aqui.

Espero um tempo razoável para me levantar. Luke faz menção de dizer algo, mas eu sinalizo

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

para que fique em silêncio. Conversaremos sobre isso mais tarde, no alojamento.

O sol começa a clarear a floresta, o que não me agrada, prefiro me esconder na escuridão da noite. Aperto o passo para chegarmos mais rápido.

Meu coração palpita quando avisto nosso antigo alojamento. O portão alto da entrada está de pé, parecendo melhor do que eu me lembrava. Darion certamente fez alguns ajustes.

Da floresta, posso ver oito guerreiros do povo da areia. Quatro vejo por cima dos portões, certamente sobre plataformas de madeira. Darion as adora, pois são muito úteis, permitindo que os vigias enxerguem além da floresta. Outros quatro estão do lado de fora, armados com lanças. Dois deles realmente são guerreiros. Outros dois seguram as lanças da mesma maneira que Luke segura uma faca.

Luke aperta meus ombros atrás de mim, e eu escuto sua risada alta. Ele está comemorando nossa chegada em segurança. Sinto uma onda de alívio percorrer meu corpo. Olho ao redor para ter certeza de que não temos companhia. Luke já está quase no portão, acenando para seus amigos.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

O portão se abre aos poucos, me dando a oportunidade de analisar melhor os guerreiros que fazem a guarda. Eles não parecem estar felizes com a nossa chegada.

Eu me lembro de Luke dizendo que eles saíram do deserto para fugir das guerras. Provavelmente eles acham que eu traria uma guerra até eles. Provavelmente eles estão certos.

Ignoro os olhares desconfiados e entro devagar no meu antigo alojamento. Ele continua o mesmo: cabanas feitas com bambus e palha, além de um grande espaço aberto.

Crianças correm pelo lugar, homens e mulheres se dedicam à cerca viva. Mais olhares desconfiados. Alguns até raivosos.

Avisto Savana no colo de Luke. Ela corre em minha direção assim que ele a coloca no chão. Eu me agacho para ficar da mesma altura que ela, retribuindo seu abraço apertado.

Estou feliz em vê-la bem. Ela me solta e olha pra mim, sorrindo.

– Tudo bem, pequena? – pergunto com doçura.

Ela faz que sim com a cabeça.

– Estava com saudades!

## PERIGOSAS ACHERON



Ela é muito amorosa. Eu mal a conheço, mas já a amo. Crianças causam isso nas pessoas. Ou na maioria delas.

– Eu também! – olho além de Savana e vejo Darion caminhar bem devagar em minha direção – Eu já volto – aperto seu nariz, me levantando.

Darion está perto, fazendo eu me sentir feliz como não acontecia há muito tempo. Rompo a distância entre nós e o abraço.

Ele manca um pouco, parece não estar bem. Mas não vou perguntar nada agora. Neste momento, só quero sentir o carinho do meu melhor amigo, ter alguém que eu conheço muito bem e que me ama perto de mim.

Ele respira fundo, me apertando ainda mais. É impossível não pensar em Julio, já que Darion era um grande amigo dele. Eu me pergunto se Luke contou que meu irmão está morto.

– Eu sinto tanto, Celine.

Darion responde minha pergunta sem que eu precise verbalizá-la. Sinto meu coração se apertar e uma vontade de chorar que já me é familiar.

– Eu não pude fazer nada, Darion. Desculpe.

Não acho que a culpa pela morte do meu irmão

## PERIGOSAS ACHERON

seja minha, mas uma sensação de que eu poderia ter feito algo que mudasse seu destino me assombra.

Darion se solta do meu abraço, me segurando pelos ombros. A primeira lágrima desce pelo meu rosto, e ele a limpa rapidamente.

– Não havia nada que você pudesse fazer, Celine – seu tom é sério – Jafar já devia ter planejado isso com muito empenho. Ele sabia que matar Julio enfraqueceria nosso povo e precisava disso – sim, ele tem razão. Jafar planejou tudo desde o começo. Desde que propôs uma aliança com nosso povo. Abaixo a cabeça, tentando conter o choro – não temos tempo para lamentar. Você é uma guerreira! E vai fazer o que deve ser feito.

Percebo o quanto Darion está decidido. Sei que ele tem um plano pronto em sua mente e estou louca para participar dele.

– Como você está? O que aconteceu com você? – pergunto.

Eu ainda não sei de muitas coisas que Darion sabe, e vice e versa. Está na hora de compartilharmos.

– Venha, vamos conversar melhor lá dentro –

ele aponta para uma cabana pequena, que usávamos como ambulatório. Eu me dou conta de que todos pararam suas atividades para olhar para nós – sim, eles não estão felizes com a nossa presença.

Darion começa a caminhar, e eu o sigo. Olho para trás e vejo Luke conversando com um dos homens com o rosto pintado de preto. Pela sua postura, sei que se trata de um guerreiro de verdade.

Ele não parece feliz, e Luke parece irritado. O guerreiro levanta as mãos para o alto, como que desistindo da conversa, e olha para mim. Posso sentir a raiva em seu olhar, ele já me odeia.

Minha vontade é de sustentar seu olhar para mostrar que não tenho medo de cara feia. Mas meus instintos dizem para eu voltar a olhar para frente, e os sigo.

Entro na cabana logo atrás de Darion. Uma senhora está sentada de olhos fechados, imóvel. Na mesma hora me lembro de Diná, imaginando que ela seja a curandeira que Luke mencionou. Quando nota nossa presença, apenas sorri.

– Sua amiga finalmente está segura, guerreiro – seu tom de voz é tão calmo que chega a me

tranquilizar um pouco.

Uma saudade enorme de Diná invade meu peito.

– Sim, Tereza – Darion usa um tom que raramente o vejo usar. Um tom de respeito incondicional.

Olho para ele, que sorri. A senhora abre os olhos e se levanta. Ela olha pra mim, vindo em minha direção. Seu rosto é sereno, dando a impressão de que ela acumula muito conhecimento. Quero sorrir e o faço.

Ela chega bem perto de mim e segura minhas mãos enquanto sorri com ternura. Eu me sinto bem. Tem sido rara uma sensação boa como esta.

Tereza toca o meu rosto, sem me surpreender. Meio que esperava que ela fizesse algo assim. Ela não me diz nada, apenas continua sorrindo.

– Vou deixar vocês conversarem – diz finalmente, saindo da cabana com passos lentos.

Ela deixa uma energia que transporta paz, o que me faz imaginar como ela conseguia lidar com a realidade do povo da areia.

– Você ficou sabendo do povo da areia? – pergunto.

Darion está sentado em um banco feito de

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tronco. Eles sabem se virar com os recursos da floresta.

– Eles são muitos, Celine – ele parece decepcionado, preocupado. Eu me sinto da mesma maneira.

– Milhares, segundo Luke – começo a andar pela cabana – o que faremos, Darion?

Estou assustada, com medo. E eu odeio essa sensação.

– Para começar, vamos entender o que está acontecendo.

Como sempre, Darion é muito mais calmo e racional do que eu.

– Sim! O que você tinha na porra dessa cabeça para sair do alojamento sem me falar nada?

Fico nervosa ao me lembrar dessa falha de Darion e isso passa pela minha voz. Ele respira fundo.

– O que você acha que eu tinha na cabeça? Eu fui atrás de Julio, Celine. Para onde mais eu iria? – ele continua calmo, o que me irrita.

– Você é um filho da puta! – estou gritando, ele merece – Você disse que iríamos juntos!

## PERIGOSAS ACHERON

– Eu menti – ele fala isso com uma tranquilidade que me tira do sério. Minha vontade é partir para cima dele e dar um soco na sua cara – às vezes é impossível dialogar com você, Celine! Quando você está emocionalmente envolvida, não pensa direito! Já imaginou o que teria acontecido se você tivesse saído do alojamento? Qual seria a situação com Jafar agora? – ele aumenta um pouco o tom de voz, mas não está gritando.

Talvez ele tenha razão. Jafar teria ainda mais espaço para trabalhar sem minha presença. Coloco as mãos na cintura, não sei o que responder.

– Conte o que aconteceu.

Preciso de mais informações para pensar na melhor estratégia.

– Estava a caminho da fortaleza quando fui encurralado pelos aligortes. Eles eram muitos, não tive opções. Tive que me esconder.

Como os aligortes alcançaram Darion? Ele saiu muitas horas antes. Minha expressão deve ser de confusão, pois Darion me olha em expectativa.

– Cinco guerreiros saíram horas depois de você, como o alcançaram?

– Os aligortes que me encurralaram estavam à

minha frente e não atrás de mim. E eram guerreiros que eu nunca tinha visto. Eu os reconheci pelas roupas e flechas – que coisa mais estranha. Havia mais aligortes do que os que estavam no nosso alojamento? – enfim, eles me acertaram duas flechas e eu consegui fugir. Subi em uma árvore, deixando os idiotas me procurarem por horas – os guerreiros aligortes são mesmo muito ruins. Que lugar mais óbvio para se esconder em uma floresta do que em cima de uma árvore? – quando eles desistiram, eu já tinha perdido muito sangue, estava fraco – olho para suas pernas, vendo que a direita está enfaixada. Não encontro o outro ferimento que ele mencionou – Norah me achou na floresta e me trouxe para cá.

– Norah?

– É um guerreiro do povo da areia. O líder dos que estão aqui – na mesma hora já sei de quem se trata. Com certeza é a figura que discutia com Luke e me encarou. Que maravilha! O líder deles já me odeia. Começo a rir sozinha, e Darion me encara – está achando engraçado?

– Pareço estar me divertindo? – estou irritada. É óbvio que não estou achando engraçado! Minha

## PERIGOSAS NACIONAIS

risada é de nervoso, sei lá. Darion está estranho, e isso me incomoda – O que você tem? Está esquisito!

– Estou preocupado, Celine. Essas pessoas não nos querem aqui – ele aponta para a porta da cabana – pelo o que Luke me contou, nosso povo está preso com Jafar. Alguns de nossos companheiros estão mortos... – ele para de falar e massageia os olhos com as mãos.

Ele realmente está estressado, apenas não demonstra por ser muito fechado. Fico abalada ao me lembrar de meus guerreiros.

Eu me aproximo de Darion, me sentando em seu colo. Ele me abraça pela cintura, e o machucado da minha barriga dói, mas não digo nada. Assim como eu, Darion estava sozinho, sem poder agir. Sei como se sente.

Passo os braços pelo seu pescoço, apoiando meu queixo na sua cabeça.

– Nós vamos pensar em alguma coisa, Darion. Vamos recuperar nosso povo, ficará tudo bem. Não sabemos se Jafar realmente matou alguns dos nossos. Ele pode ter mentido – estou tentando tranquilizá-lo, mas não acredito muito em minhas

## PERIGOSAS ACHERON



próprias palavras.

– Você acredita no que está dizendo?

Eu sempre tive a impressão de que Darion podia ler minha mente. Devo estar certa.

– Sim – minto, mesmo ciente de que ele sabe disso.

Não posso verbalizar que acho que tudo está perdido. Meu irmão me ensinou a sempre pensar no melhor, a manter a esperança acesa no coração das pessoas que quero bem.

Eu costumo ser pessimista e Darion, otimista. É estranho ver os papéis se invertendo. Mas ele precisa de mim agora, farei por ele o que ele sempre fez por mim.

– Me conte o que aconteceu com você – depois de um tempo de silêncio, Darion se manifesta.

Estou começando a responder quando Luke entra na cabana. Ele une as sobrancelhas ao olhar pra nós, e eu saio do colo de Darion, que fica surpreso com a minha reação.

Até eu estranho, por que saí do colo do meu melhor amigo? Olho para Luke, percebendo que ele está irritado.

Eu me sinto desconfortável e cruzo os braços.  
PERIGOSAS ACHERON

Luke fica encarando Darion, que sustenta seu olhar. Está claro que ele está com ciúme.

Darion finalmente desvia o olhar de Luke para olhar para mim. Seu olhar é acusatório, sei o que ele está pensando.

– Não – digo para Darion enquanto balanço a cabeça freneticamente em negação.

– Uhum – ele levanta uma sobrancelha.

Filho da puta! Está achando que eu tive algo com Luke, algo que justifique esse ciúme irracional dele.

– Você é ridículo! – estou perplexa. Como ele ousa pensar isso? Pensando bem, por qual outro motivo eu sairia do colo dele assim que Luke entrou? Por que raios eu fiz isso, afinal? A irritação ameaça me tomar por completo, então decido mudar de assunto – Não temos tempo para suas especulações, Darion. Quer saber o que aconteceu ou não?

– Pode falar – ele continua a me olhar desconfiado. Decido ignorar.

Nem me interessa em saber qual a reação de Luke para isso tudo. Foco em me lembrar de tudo o que aconteceu, com a intenção de contar para

Darion com a maior riqueza de detalhes possível.

Conto tudo para ele, que me escuta com paciência, sem me interromper. Falo da arma de Maison, da sua morte, do meu encontro com Jafar, do corpo do meu irmão, da suposta aliança dos aligortes com o povo da areia, de como fugimos e chegamos até ali.

Quando termino, Darion passa a mão no queixo, pensativo. Espero em silêncio que ele fale algo.

– Apenas uma arma de fogo? – ele me pergunta.

– Só vimos uma. Acho que, se eles tivessem mais armamento de fogo, Jafar faria questão de me mostrar.

– Talvez...

Escuto Luke se mexer atrás de mim. Eu tinha quase me esquecido de que ele estava ali. Ele tem esse dom! Não disse uma palavra desde que chegou.

– Precisamos pensar no que fazer. Teremos problemas com Norah. Ele acha que vocês trarão morte para nós, os outros confiam nele.

Ótimo, seremos expulsos do nosso próprio alojamento! Fixo meu olhar em Darion.

– Nossa prioridade é recuperar nosso povo.

PERIGOSAS ACHERON

Precisamos tirar eles de lá – ele apenas concorda com a cabeça – nossa única esperança é Max.

Luke gargalha, me fazendo olhar nervosa para ele.

– Você está brincando, não é? – ele me pergunta assim que seu ataque de riso cessa – Você ainda não entendeu que ele te traiu? Que ele está com seus inimigos?

Ele está furioso, gritando. Eu me descontrolo.

– Quem você pensa que é, Luke? Você não o conhece! – ele começa a rir de novo – Você não me conhece! – vocifero, fazendo-o parar de rir na mesma hora.

– Eu acho engraçado você dizer isso, Celine, quando fui eu que arrisquei a vida para ir buscar você – ele está muito bravo, e eu não sei o que dizer frente ao seu argumento – onde estava Max enquanto você desmaiava na floresta? O que ele fez enquanto você vomitava depois de ver seu irmão morto? – minha respiração fica pesada, começo a respirar pela boca – Vamos! Responda para mim! – ele grita tanto que eu tenho certeza de que todos lá fora podem ouvir.

Entendo sua revolta por eu dizer que ele não me

conhece. Ele realmente arriscou sua vida por mim, e eu fui grosseira ao dizer isso, talvez até ingrata. Mas isso não lhe dá o direito de acusar Max. Ele realmente não o conhece, não sabe do que ele seria capaz.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Em vão, é claro.

– Luke, preste bem atenção no que eu vou te dizer – não estou gritando, mas meu tom não é nem um pouco amigável – eu sou muito grata por você ter ido me resgatar. Eu ainda estaria aprisionada se não fosse por você – ele me encara com os olhos arregalados. Seu peito sobe e desce conforme ele respira – mas isso não quer dizer que você é o dono da verdade. Você não conhece Max. Eu o conheço, tenho certeza de que ele não me trairia. O que você acha que aconteceria se ele tentasse me defender de Jafar naquele momento? Ele seria morto, bem ali na minha frente, e nada poderia fazer para me ajudar!

Luke continua furioso, eu não o convenci. Olho para Darion, pedindo ajuda em silêncio. Ele faz que não com a cabeça, me deixando chocada.

– Desculpe, Celine. Mas faz todo sentido que Max tenha nos traído – sinto meu coração acelerar,

não terei o apoio de Darion – na verdade, acho que ele nem chegou a nos trair porque nunca foi um de nós.

– Como é?

O que Darion tem na cabeça? Como ele pode não acreditar em Max?

Ele se aproxima de mim e segura minhas mãos. Apesar da decepção que me invade, não me afasto.

– Pense bem, Celine – seu tom é cauteloso, ele sabe que deve escolher bem as palavras nesse momento – faz somente um ano que ele apareceu – isso não significa nada. Seu caráter não tem nada a ver com isso – por que ele não voltou para a fortaleza? Ele sempre deixou bem claro que achava lá um lugar melhor – isso é verdade, mas também não significa nada – responda, Celine, por que Max abandonaria seus queridos geradores, que proporcionam muito conforto, acesso a armas de fogo, munição? – apenas olho para meu melhor amigo – Aliás, por que a fortaleza deu munição para ele? Quando Julio o achou na floresta, sua arma estava descarregada. Ele sempre teve munição.

– Ele pegou na fortaleza quando foi dizer que

## PERIGOSAS NACIONAIS

não voltaria mais – minha voz está baixa, não demonstra mais raiva.

Só consigo refletir sobre o que Darion está me dizendo.

– Sim. E por que a fortaleza daria munição para ele, se estava indo embora? Por que a fortaleza simplesmente deixou que ele fosse embora? E, mais uma vez, por que ele trocou a vida confortável na fortaleza para viver na floresta conosco? Para que arriscar a vida em possíveis ataques? Ninguém invade a fortaleza. Lá, ele tinha segurança. Por que abandonar tudo isso? – as palavras de Darion ecoam na minha cabeça. Não sei responder suas perguntas. Nunca tinha parado para pensar muito nisso. Para mim, Max simplesmente quis sair da fortaleza e viver conosco. Vejo sua imagem em minha mente, sorrindo para mim – Era tudo parte de um plano, Celine. Ele se aproximou de nós – ele limpa a garganta – de você, com um propósito.

Sei o que Darion está querendo dizer. Ele acha que Max se aproximou de mim com a intenção de fazer com que eu me apaixonasse por ele, confiasse nele.

E eu realmente confio, contava tudo para ele.

## PERIGOSAS ACHERON

Algo me vem à mente.

– Não, Darion! Ele sabe onde fica nossa gruta. Ele teria contado para Jafar, e eles teriam nos encontrado.

– Você contou para ele onde fica nossa gruta? – Darion parece nervoso e solta minhas mãos.

– Sim – respondo.

– Caralho, Celine! O que mais você contou para ele?

– Tudo – minha voz é quase um sussurro.

Darion passa as mãos no rosto.

– Estamos perdidos – é a voz de Luke.

Olho para ele, depois para Darion. Eles estão errados! Max não me traiu. Eu sei disso. Posso sentir.

– Chega! Vocês estão enganados. Max não me traiu. Ele me conhece bem, sabe o quanto nosso povo é importante para mim. Ele certamente tem um plano. Percebeu que podia conquistar a confiança de Jafar e que esse era o melhor jeito de nos ajudar – meu tom é sério e definitivo, não discutirei mais isso com eles – eu confio em Max, sei que o plano que ele tem em mente é bom. Ele é um ótimo guerreiro, nunca nos deixou na mão –

PERIGOSAS ACHERON



foco meu olhar em Darion – ou estou enganada? Alguma vez ele te deu motivos para desconfiar dele dessa maneira, Darion? – ele me olha impassível, mas sei que está refletindo.

– Ele é frio, Celine. Sempre foi – agora nossa conversa mantém um tom civilizado – você já viu que ele não tem problemas em matar.

– Sim, Darion. Já vi que ele nunca teve problemas em matar quem nos atacou, quem colocou em risco nosso povo.

– Pare, Celine. Não fale comigo como se eu fosse um idiota – ele começa a ficar nervoso novamente – todos nós matamos em batalha porque é o que precisamos fazer pelo bem do nosso povo. Mas nós sempre buscamos uma saída pacífica e, quando não é possível, nos sentimos mal por termos matado. Mesmo que tenhamos matado assassinos treinados.

Ele tem razão, Max é realmente muito frio, nunca demonstrou sentimento. Não na frente de Darion. No entanto, eu já vi o lado sentimental de Max, sei o quanto ele gosta de mim. Ele não faz questão de esconder isso nos momentos em que estamos sozinhos.

– Isso não significa que ele nos traiu, Darion – meu tom é apelativo. Preciso que ele acredite em mim. Dessa vez, eu que me aproximo para segurar suas mãos – por favor, preciso que confie em mim. Quando me enganei?

Ele não responde, pois sabe que eu nunca me enganei. Sempre previ perfeitamente os passos de nossos inimigos, por isso sempre fomos vitoriosos. A frase *para tudo há uma primeira vez* ecoa na minha cabeça, e eu a ignoro.

– Eu confio – ele passa a mão no meu rosto – sei que nunca se enganou. Mas desta vez é diferente.

– O quê? O que mudou, Darion? – não estou entendendo meu melhor amigo. Por que ele está fazendo isso? Ele começa a responder, mas para. Me encara, tenta outra vez e continua em silêncio – O quê? – pressiono.

– Você está apaixonada por ele – ele solta as palavras todas de uma vez.

Eu mal acredito que acabei de ouvir isso. Ele está de brincadeira? Está me testando para saber até onde vai minha paciência?

Solto suas mãos e começo a dar risada. É engraçado. Realmente, muito engraçado. Isso não

pode estar acontecendo. Levo a mão à boca, minha cabeça indo de um lado para o outro, em negação.

– Eu vou fingir que não ouvi o que você disse.

– Ele está certo.

Ah, não! Não! Não! Não! Uma coisa é eu ouvir essa palhaçada do cara que cresceu comigo, que me apoiou todos esses anos. Do meu melhor amigo que, querendo ou não, tem direito de me falar a bobagem que quiser.

Mas escutar isso de Luke? De onde mesmo saiu esse filho da puta? Caralho, eu vou matá-lo. Respiro fundo duas vezes antes de falar:

– Luke, não! Pare, agora. Sério. Eu não quero machucar você.

Mentira! Eu quero muito machucá-lo. Quero socar esse rosto lindo para ele aprender a pensar duas vezes antes de falar desse jeito comigo.

Eu dei a chance, mas ele é ousado e levanta o dedo para mim. Está prestes a dizer algo, e eu estou prestes a atacá-lo, quando cinco homens de rostos pintados entram na cabana, um atrás do outro.

Logo depois, a senhora que eu simpatizei mais cedo entra devagar, no seu ritmo de idosa. Ela se senta onde Darion estava sentado há pouco.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para todos dentro da cabana, me demorando um pouco mais em quem acredito ser Norah, e respiro fundo. Vai dar merda.

## PERIGOSAS ACHERON

# Quinze

Norah para diante de mim, me encarando. Ele me analisa dos pés à cabeça. Está nervoso, mas eu não estou nem aí.

– Você parece bem para ir – ele me diz, fingindo calma. É um péssimo mentiroso.

– Norah, nós ainda vamos conversar sobre isso.

Luke fica entre nós, e eu não gosto da sua atitude. Mas sei que essa é uma situação delicada, então permaneço calada.

– Conversar, Luke? – é, Norah está bem irritado – O que você acha que eles vão fazer quando souberem que ela está aqui? – ele aponta para mim de maneira brusca – Temos crianças aqui, Luke! O que você tem na cabeça? Atravessamos o deserto para morrer por quem nem conhecemos? Essa guerra não é nossa!

Coitado, ele não faz ideia.

– Vocês já fazem parte dessa guerra, Norah. Não há como voltar atrás – digo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo Luke pela cintura, voltando a ficar frente a frente com seu líder.

– Eu resolvo isso, Celine – Luke tenta me interromper, mas eu não permito.

– Não, Luke. A verdade é que eu já estou aqui. Darion passou a noite aqui. Estamos em nosso antigo alojamento. Não adianta dizer a eles que ficará tudo bem, pois não ficará. Por mais que eu vá embora, vocês ainda serão alvos de Jafar.

– Do que você está falando? – Norah se aborrece ainda mais.

Decido abrir o jogo com ele. Não tenho motivos para mentir e, na situação em que estamos, qualquer aliança é um aumento de forças. Nossa única chance é nos unirmos.

Preciso de ajuda pra invadir meu alojamento e matar Jafar. Eu e Darion até daríamos conta dos aligortes, mas, além de não estarmos em nossa melhor forma, temo que o líder do povo da areia tenha mandado guerreiros para ajudar Jafar.

– Jafar é o líder dos aligortes. Ele matou meu irmão, líder do nosso povo. Seu objetivo é aumentar o número de aligortes e fortalecer seus guerreiros. Ele tirou a sorte grande com a vinda de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

vocês. O que acha que vocês representam para ele? – Norah continua me encarando, mas parece refletir sobre o que eu falo – A ideia de Darion impediu um ataque apenas temporariamente. Quanto tempo você acha que vai levar para eles notarem a diferença entre vocês? Seus amigos mal sabem segurar uma lança – meu tom é um pouco debochado, o que irrita Norah ainda mais.

– O que você acha de eu fazer um acordo com eles? – ele grita – Será que ele aceita você em troca de não nos atacarem?

Luke contou para eles que Jafar tem interesse em mim.

– Ele aceitará. E assim que você me entregar para ele, suas mulheres servirão apenas para procriar e seus guerreiros serão escravos – vocífero, dando um passo à frente para ficar bem perto de Norah – e eu vou gostar de ver você tentar encostar em mim.

Estou pronta. Ele pode vir que eu vou acabar com ele. Sinto a adrenalina começar a formigar minhas mãos, a respiração ficando pesada. É meu corpo reagindo, se preparando rapidamente. Eu nasci para o combate.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Calma, pessoal! – Darion se coloca entre nós, nos afastando. Reconheço a calma tão familiar no tom da sua voz – Norah, eu agradeço a ajuda de vocês e, se seu desejo for, nós iremos embora – bufo. Darion e sua mania pacificadora. Esse alojamento era nosso. Eu não vou a lugar algum! – mas é importante que você saiba que Celine tem razão. Mesmo se formos embora, isso não impedirá o ataque de Jafar. Ele precisa de alguém bem treinado para passar seus conhecimentos para seus guerreiros e verá em seu povo essa oportunidade.

– Ótimo! Eu entrego vocês a eles e ensino seus guerreiros em troca de paz! – ele continua irritado.

Começo a pensar que ele levará adiante o plano de se desfazer de nós, não importa o que seja dito. Talvez eu deva acabar com ele agora mesmo para tentar negociar com o próximo líder da hierarquia deles.

– Norah – todos se viram para Tereza, que ainda está sentada – como você poderá negociar paz em troca de morte? – uma ótima pergunta. Olho para Norah, mas ele continua em silêncio. É óbvio que ele a respeita muito. Provavelmente, todos a respeitam muito. Ela se levanta, olhando para os

## PERIGOSAS ACHERON



outros guerreiros do povo da areia – Eles são bem-vindos aqui.

Vejam só, Norah não é líder porra nenhuma.

– Mas, mãe, tem um monte de guerreiros varrendo a floresta atrás dela! – *mãe*? Para! Esse filho da puta não saiu dessa mulher incrível! – Eu mesmo os vi ontem. Eles têm uma arma de fogo!

Caralho, tinha me esquecido disso. Que merda!

– Meu filho – seu tom é tão calmo que tenho vontade de abraçá-la. Ela se aproxima de Norah e segura suas mãos – de que adianta viver se suas mãos estiverem sujas de sangue? – ele suspira, abaixando a cabeça.

Sei que ela ganhou a discussão, por ora. Mas para mim não é suficiente.

– Tereza, agradeço seu apoio e suas palavras. Contudo, precisamos esclarecer algumas coisas – a raiva no rosto de Norah tinha suavizado, mas isso passa. Ele realmente me odeia – compaixão não é o único motivo para vocês nos deixarem ficar – uso o termo *deixar* para não criar mais caso. Eu ficaria de qualquer jeito – nós precisamos de vocês tanto quanto vocês precisam de nós – Norah solta uma risada irônica, e eu me volto para ele – quanto

tempo até seus inimigos chegarem até você, Norah? – suas sobrancelhas se unem, por essa ele não esperava – O pouco que Luke me contou de seu líder me diz que será uma questão de honra recuperar os fugitivos que ousaram desobedecê-lo. Além disso, caso você ainda não esteja sabendo, parece que o meu inimigo se aliou ao seu – pela primeira vez os outros guerreiros se manifestam, mesmo sem dizer nada. Eles se olham, inquietos – sim, Jafar disse que firmou uma aliança com o povo da areia.

– Entre ele dizer e ser verdade há uma enorme diferença – diz Norah.

– Sim. Pode ser que seja mentira. Mas me diga uma coisa, e se for verdade? E mais, mesmo que seja mentira, qual é a sua chance se o povo da areia vier atrás de vocês?

– Nenhuma. Que diferença isso faz?

– Nós podemos te ajudar.

Todos os guerreiros dão risada. Eu já contava com essa reação, então espero.

Sei que Luke me disse que eles são milhares e sob essa perspectiva realmente não poderíamos ajudar. Mas eu nunca vi um ataque do povo da

## PERIGOSAS NACIONAIS

areia de grande magnitude. Decido me apegar a isso.

– Você diz muitas besteiras, garota – o tom de Norah é de zombaria.

*Garota?* Meu sangue ferve com sua ousadia e sinto a mão de Darion tocar o meu ombro. Ele sabe que estou perdendo a paciência, seu toque certamente me pede calma. Respiro fundo, me controlando.

– A garota nunca perdeu uma batalha contra seu povo, Norah. Aliás, se quiser, podemos ir lá fora para eu mostrar o que a garota pode fazer – não quero mais perder tempo com Norah. Ele é irracional, já decidiu que ficará contra mim. Eu me volto para os outros guerreiros – estamos apenas eu e Darion agora, mas recuperaremos nosso povo em breve. Nossos guerreiros são os melhores – escuto novamente a risada de Norah, mas não olho para ele – se acham que o treinamento que tiveram fez de vocês grandes guerreiros, vocês não têm ideia do que nosso treinamento fez conosco. E repito, nunca perdemos uma batalha contra o povo da areia. Isso não mudará.

– Ela tem razão – Darion me apoia – sabemos

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que vocês não querem mais guerra, mais mortes. Nós também não. Acreditem, se tem algo que valorizamos é a paz. No entanto, nem todos são como nós e precisamos nos defender dessas pessoas. Vocês têm mais chances conosco do que sozinhos. E vice e versa – ele se vira para Norah – mais uma vez eu lhe afirmo que iremos embora, caso seja sua vontade. Mas pense bem antes de tomar essa decisão.

Norah reflete em silêncio sobre as palavras de Darion. Percebo que seu problema é pessoal comigo. Não importa o que eu diga, ele será contra. Quando Darion fala, ele pelo menos escuta.

Por que será que ele já me odeia? Por que ele acha que eu represento mais perigo ao seu povo do que Darion, por exemplo?

– O que você tem em mente? – é Tereza que se manifesta.

Ela sabe que seu filho não verbalizará que concorda, mesmo que ache que é o melhor. Dá pra perceber que ele é orgulhoso.

Aliás, é mesmo incrível como um filho pode ser diferente de seus pais. Além da minha família, essa senhora e Norah são ótimos exemplos disso.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Começo a me perguntar pelo que Norah já passou em sua vida para ter se tornado essa pessoa que conheço hoje. Minha irritação com ele diminui. Talvez ele tenha sofrido muito. Talvez tenha perdido entes queridos. Quem sou eu para julgar a maneira como ele tenta defender as pessoas que ama? Talvez ele tenha razão, e eu realmente represente um perigo para eles estando aqui.

Refletir sobre isso faz com que eu me sinta péssima. Até agora, pensei exclusivamente em meu povo. Estou tentando convencer Norah a se aliar a nós porque precisarei de seus guerreiros para salvar as pessoas que jurei proteger.

Meu Deus, essa senhora prefere morrer a me entregar para Jafar, e eu não pensei em seu bem nem por um minuto! Não foi isso que meu irmão me ensinou.

De repente, me sinto sufocada e saio da cabana. Erro meu, olhar para as crianças brincando inocentemente faz com que eu me sinta pior ainda. O que será delas?

Um menininho olha para mim, sorrindo. Sinto vontade de chorar. O que estou fazendo? Ele continua sorridente, fazendo com que eu não possa

## PERIGOSAS ACHERON

mais olhar para ele. Volto para dentro da cabana, e todos me observam.

Isso é errado. Meu irmão se decepcionaria comigo. De novo.

Levo a mão à boca, reprimindo o choro. Darion se aproxima de mim. Os demais parecem um pouco chocados.

– O que foi? – meu melhor amigo se mostra preocupado.

– Eles têm razão, Darion. Talvez eles sofram mais se nós ficarmos aqui – ele me repreende com o olhar, dizendo em silêncio que é melhor termos essa conversa em particular, mas eu não ligo – há crianças aqui, Darion! O que estamos fazendo? – sei que minhas palavras mexem com ele, embora ele não demonstre nada.

– Estamos sobrevivendo a esse caos, Celine.

– Celine, vocês estão certos – Luke se aproxima, colocando as mãos nos meus ombros – eu já te vi lutar e posso imaginar que Darion seja tão bom quanto. Sem vocês, nossas chances são menores.

– Não, Luke – minha voz está embargada, e fico com vergonha por estar desse jeito na frente de tantas pessoas. Respiro fundo, me recusando a

derramar uma lágrima sequer – Jafar não desistirá enquanto não me encontrar. Ele sabe o que posso proporcionar ao seu exército. Se eu sair daqui, ele virá atrás de mim e vocês poderão fugir...

– Fugir para onde, menina? – Tereza se aproxima de mim, seu olhar carinhoso aumentando o aperto no meu coração.

Ela nem me conhece e está disposta a morrer por mim. Ela deve ser tão maravilhosa quanto Diná.

– Para longe – minha voz é quase um sussurro.

Ela sente minha aflição e me abraça. Caralho, ela me abraça! Retribuo, me controlando o máximo que posso para não chorar. Eu não me entrego, deixo que a tranquilidade dessa senhora seja transportada para dentro de mim.

Depois de um tempo, me acalmo. Ela só me solta ao perceber isso.

– Não importa para onde iremos, se eles nos quiserem mortos, virão atrás de nós. E sabíamos disso quando abandonamos o deserto. Qual será a consequência se você passar seus conhecimentos para esse exército, menina?

Não tinha pensado por esse lado. Eu me recuso a ajudar Jafar porque o odeio. Mas, além disso, do

## PERIGOSAS NACIONAIS

que ele seria capaz se tivesse ótimos guerreiros a seu comando? Muito sangue seria derramado.

– Pessoal, precisamos manter a calma – como sempre, Darion está sendo racional – não vamos tomar nenhuma decisão precipitada – olho ao redor, vendo que os ânimos se acalmaram. Norah parece tranquilo, pela primeira vez – sugiro que avaliemos nossas opções.

Darion está certo, o primeiro passo é avaliar nossas opções. Esfrego as mãos no rosto, me preparando para fazer uma das coisas que faço melhor: bolar um plano.

Mas, antes, preciso de algumas informações. E também preciso que Norah fique do meu lado, por isso decido ser paciente com ele.

– Ok, independente se você deixará que fiquemos, estamos aqui agora. Vamos pensar juntos – estou olhando para Norah, e ele não responde nada, mas sei que aceitou minha oferta – Luke me disse que vocês são milhares, o que para nós é uma surpresa. Já fomos atacados por vocês algumas vezes. Por que seu líder manda somente alguns guerreiros por vez, se tem tantos disponíveis?

Ele continua me olhando, refletindo sobre me

## PERIGOSAS ACHERON



dar essa informação.

– O padrão deles é sair com a quantidade de guerreiros necessários para o ataque de cada povo – ele destaca a palavra *deles*, fazendo eu me dar conta de que os estou tratando como se fossem do povo da areia. Não são mais e o fato de Norah fazer questão de mostrar isso me diz que ele não é uma pessoa ruim. Se fosse, continuaria no deserto. Talvez tenhamos apenas começado mal – os vigilantes viajam e informam aos guerreiros e ao rei onde está o que eles precisam. Armas, escravos, roupas... Acho estranho que vocês nunca tenham perdido para eles – ele olha para seus guerreiros, que parecem concordar – nunca fiquei sabendo de uma derrota.

– Já os derrotamos algumas vezes, Norah – Darion está tão confuso quanto eu – você nunca tinha vindo para cá antes?

– Não. Não costumamos vir para esse lado, eu nem sabia que aconteciam ataques aqui. O rei não diz, mas sei que ele teme os homens de botas pretas. A maioria dos ataques são realizados do outro lado do deserto. Lá tem muito mais povos para roubar – *do outro lado do deserto?* Mais povos

do que aqui? – eu não costumava participar dos ataques, de qualquer maneira. Meu papel era ficar no acampamento, ensinando nossas crianças – puta que pariu, que Jafar nunca escute isso. Um professor? É tudo que ele precisa – talvez os homens que atacaram vocês fossem vigilantes. Eles têm algum treinamento de luta e costumam ficar semanas fora do deserto, até meses. Talvez eles estivessem varrendo por aqui, precisando de água, comida, roupas... Não sei.

– Do outro lado do deserto? – me atenho ao que mais me chamou atenção. Norah concorda com a cabeça – Há muitos povos para lá?

Reconheço meu tom de voz, a avidez por informações está de volta.

– Sim. Do outro lado, eles têm roupas muito melhores. As armas são mais resistentes, os colchões são mais macios, e algumas engenhocas que vêm de lá são bem úteis...

Ele parece estar descrevendo a fortaleza, pelas informações que Max compartilhou comigo.

Examino minhas roupas, percebendo que elas realmente são melhores do que as que nosso povo usa. Reparo nas roupas que os demais da cabana

vestem e vejo que são semelhantes às minhas.

– Está dizendo que povos do outro lado do deserto têm tecnologia?

O que mais nós não sabemos?

– Não sei. Como eu disse, eu não costumava sair. Mas, quando os guerreiros voltavam do outro lado, traziam coisas bem melhores do que quando vinham para cá. Na verdade, vir para cá era algo raro.

– Você diz o lado de lá e o lado de cá como se o deserto ficasse bem ao centro – o tom de Darion é de surpresa.

– Sim, pelo que os vigilantes nos passam, o deserto fica no centro. Dos dois lados você encontra florestas.

Como pudemos viver tanto tempo com tão pouca informação? Como lutar contra o que nem conhecemos?

O pânico ameaça tomar conta de mim, mas eu não me rendo a ele. Respiro fundo, focando no próximo passo.

– Ok. Podemos dizer que nossa prioridade é recuperar meu povo? Não apenas para salvá-los, mas para termos mais guerreiros do nosso lado.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Estou sendo sincera. Além de querer meu povo de volta, se meus guerreiros estiverem conosco, nossa chance contra os aligortes e o povo da areia é muito maior.

Norah reflete sobre minha pergunta, olhando para seus guerreiros.

– E como você pretende fazer isso? Atacando-os?

– Não. Isso é o que eles esperam que eu faça, e detesto ser previsível – Jafar já deve ter feito várias armadilhas, ele sabe que eu faria qualquer coisa por meu povo, sabe que vou buscá-los – peça para seu povo fazer uma fogueira bem grande. Esta noite, nós vamos celebrar.

– O quê? O que você acha que temos para celebrar? – Norah parece inconformado.

– Nada. Mas eles não sabem disso – todos parecem refletir sobre minha sugestão. Como as coisas mudam, não? Há alguns dias eu dava ordens. Agora, apenas sugiro – vamos confundi-los. Quem sabe temos sorte, e eles vêm até nós.

– Acha que vão querer participar da festa? – pela primeira vez outro guerreiro fala algo. *Participar da festa...* Que amador!

## PERIGOSAS ACHERON

– Aposto que não. Mas Jafar ficará curioso ao ver uma grande fogueira e escutar canções. Vai querer saber por que estamos felizes. Ele mandará alguém para averiguar. Precisamos saber se os aligortes e o povo da areia realmente fizeram uma aliança. Talvez esse alguém nos traga respostas.

– Pensei que sua prioridade fosse resgatar seu povo.

Pobre Norah. Pode ser um bom lutador, mas com certeza não é um bom estrategista.

– E é, mas eu sou paciente. Deixemos que Jafar pense que eu desisti deles. Max saberá o que estou fazendo e plantará essa ideia em seus pensamentos.

– Max?

Norah não sabe de tantas coisas quanto eu imaginei.

– Temos um infiltrado – Luke faz que não com a cabeça, inconformado. Darion não demonstra nada – até que nos provem o contrário.

– Não sei se Jafar acreditará que você desistiu do nosso povo, Celine – Darion pondera.

– Eu também não. Mas ele não terá certeza. Não saberá o motivo da celebração. Não saberá que temos poucos guerreiros. Ele não saberá de nada,

ficará confuso. E, se eu conheço bem Jafar, isso o deixará furioso. Vejamos qual será o seu próximo passo. Depois, refletimos sobre o nosso próximo passo – ninguém diz nada – Norah, diga ao seu povo que eles devem estar felizes esta noite. Eles cantarão, dançarão e beberão. Se acha que eles não são capazes de fingir, invente algo que faça com que eles se sintam bem. Que o povo da areia não virá atrás de vocês, por exemplo.

– Está pedindo que eu minta para meu povo?

– Essa decisão é sua. Preciso de pessoas felizes esta noite. Como você fará isso, fica a seu critério – ele parece não gostar do que eu disse, mas eu não dou oportunidade para que se manifeste a respeito – Darion, não vá lá fora. Não quero que eles saibam que você ainda está machucado. Tereza, quanto tempo até que ele se recupere totalmente?

Ela se aproxima de Darion e levanta sua camiseta. Só agora vejo que ele está ferido nas costas.

Eu me aproximo, avaliando seu ferimento. É um corte e está feio. Provavelmente, a flecha pegou de raspão, mas devia estar envenenada. É um veneno clássico que os aligortes usam, tirado de plantas.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Embora não mate o adversário, impede que a ferida se feche rapidamente.

Darion continua impassível. Provavelmente, está pronto para lutar. Tenho certeza de que esse machucado, mesmo estando feio, não impede seus movimentos. Sua perna é o que me preocupa.

Lendo meus pensamentos, Tereza se abaixa e tira a faixa da perna de Darion. Puta merda, isso sim está feio! A flecha varou sua perna e posso ver os furos da entrada e da saída, mesmo com as ervas por cima.

– Em três dias ele ainda sentirá dor, mas conseguirá se movimentar.

Três dias? Caralho, não temos três dias! Terei que fazer isso sem Darion. Não olho para ele. Começo a caminhar para fora da cabana, mas Luke me segura pelo braço.

– Aonde você vai?

– Estamos perto do meu alojamento. Vou me aproximar para tentar descobrir algo.

– Não, Celine. Você não vai a lugar algum – pronto, Luke acha que pode me dar ordens. Estou perdendo a paciência com ele – sua barriga ainda está ruim e seu braço pode piorar.

## PERIGOSAS ACHERON

Nisso ele tem razão. Quase não sinto dor no meu braço, o que não significa que ele esteja curado. Se os pontos abrirem, voltarei a perder meus movimentos. E isso não pode acontecer.

Ainda estou refletindo sobre ir ou não quando Tereza se aproxima, levantando minha blusa. Norah sai da cabana, e seus guerreiros o seguem.

Seguro a blusa para Tereza tirar minhas faixas. Ela olha meu ferimento coberto com ervas e vai até o final da cabana. Pega um pano, molha em uma bacia cheia de um líquido que acredito ser apenas água e volta até mim. Sinto um pouco de dor enquanto ela limpa a ferida, apesar de seu toque ser delicado.

Já sem as ervas, Tereza examina mais uma vez meu machucado.

– Você precisa dormir para seu corpo agir. Mais algumas horas de sono e este corte estará quase fechado. Você ainda sentirá dor, mas ficará bem – ela passa a examinar o meu braço – o mesmo aqui.

– Não acho que conseguirei dormir tão cedo, Tereza. Eu dormi demais nos últimos dias.

– Você precisa.

Ela tem razão. E Luke também. De nada adianta



eu me aproximar do meu alojamento se não estiver cem por cento. Posso ser capturada novamente e tudo estará perdido.

– Eu sei, mas não consigo. Não sou muito de dormir. Como eu disse, dormi muito nos últimos dias.

Não é birra, realmente não estou com um pingão de sono. Na verdade, me sinto bem agitada.

– Tereza, dê a ela aquele chá que você me deu – olho para Darion em expectativa – vai te fazer dormir por algumas horas – desaprovo essa ideia e demonstro isso em minhas feições. Não sei se é uma boa ideia apagar nesse momento. E se Jafar nos atacar? – está tudo bem. Amanheceu há pouco tempo, você vai acordar antes do anoitecer. As ervas de Tereza fazem milagres.

Ele está certo, elas agem muito mais rápido do que as ervas de Mario.

Apesar de não me sentir confortável com a ideia, decido confiar nessas pessoas. Afinal, Darion está aqui há dias e eles não lhe fizeram mal. E eu duvido que Tereza permita que Norah se aproveite do fato de eu estar apagada, caso ele queira.

– Tudo bem, ficarei com você – Luke passa a

mão nas minhas costas, tentando me tranquilizar.

É incrível como seu humor muda rápido. Há poucos minutos ele estava para me matar, agora voltou a ser carinhoso. Vai entender.

Ainda estou irritada com ele, mas apenas faço que sim com a cabeça. Ele se vira e sai da cabana.

Tereza já limpou meus ferimentos com um líquido marrom que eu nem perguntei do que se tratava. Ela está terminando de colocar mais ervas quando Luke volta carregando um colchão. Ele o estica no chão, e percebo que ele é mais grosso do que o que usamos para dormir na gruta. Bem melhor do que os colchões que dormimos, feitos de algodão.

Eu me sento, estendendo a mão para pegar o chá que Tereza me oferece. Darion assente com a cabeça. Tomo tudo em um único gole. O gosto é horrível. Faço uma careta ao engolir e entrego a caneca para Luke. Ele se diverte com minha expressão.

Respiro fundo e me deito. Ainda não sinto sono, mas fecho os olhos. Meu corpo relaxa aos poucos.

Qual será o próximo passo de Jafar? O que ele achará da nossa celebração?

Penso em Max. Ele entenderá perfeitamente o que está acontecendo. Talvez Jafar pense que seja fingimento, mas ele não terá como ter certeza.

Max... Será que ainda está vivo? Será que está bem? Esses pensamentos me assustam. Eu me viro de lado, tentando pensar em outra coisa. O chá começa a fazer efeito, e eu bocejo.

Alguém acaricia meus cabelos. Sei que é Luke, já reconheço seu toque. Será que Darion está vendo isso? Não abro os olhos para descobrir. Aproveito a sonolência e, para não pensar em outras coisas, me concentro na sensação gostosa que o carinho de Luke me proporciona.

## Dezesseis

– Tem certeza de que sabe para aonde está indo, princesa? – escuto Max resmungar atrás de mim – Já demos tantas voltas que eu provavelmente não consigo voltar.

– Não confia em mim? – meu tom é de brincadeira. É claro que ele confia. A resposta é tão óbvia que ele fica em silêncio – Vai valer a pena. Estamos quase chegando.

Continuo andando e visualizo a última bifurcação. Viro à direita e, depois de alguns minutos, já posso ouvir o som da água correndo. Olho para trás, sorrindo para Max, que pisca para mim.

Decidi trazê-lo aqui quando ele reclamou sobre nosso alojamento não ter água quente. A lagoa desta gruta nunca está fria. No mínimo, morna.

Alcançamos o espaço aberto, e eu paro diante da água. Max me alcança e olha para mim. Nem preciso mergulhar o pé para saber que está quente, posso sentir o calor.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Você não queria um banho quente? – ele sorri para mim enquanto começa a se despir.

Max tira a camiseta e não consigo olhar pra nenhum lugar que não seja sua barriga. Eu a adoro. Seus músculos são definidos, sua pele tem um bronzeado diferente. Ele é delicioso.

Quando percebo, já estou respirando pela boca, deixando minha imaginação ir além. Volto meu olhar para a lagoa e não vejo Max tirar a calça.

Espero alguns segundos e olho pra ele novamente, que está de costas, apenas de cueca, entrando devagar na água. A lagoa é funda desde a beirada, fazendo-o imergir. Isso o pega desprevenido, e eu dou risada. Ele está rindo também ao colocar a cabeça para fora da água, já na metade da lagoa. Lá, sei que não dá pé.

– Vem – ele diz.

Sua voz grave me convidando é o suficiente para fazer eu me sentir quente. Como ele faz isso comigo?

Mas eu mantenho o controle. Sei o que vai acontecer se eu entrar na água com ele. Não vou resistir, ele é lindo demais para isso. E Thomás não merece.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Puta que pariu, Thomás. Preciso pensar sobre o que fazer em relação a ele. Já faz um tempo que ele me pergunta por que estou distante, fria.

A verdade é que ele sabe a resposta. Sabe que eu fiquei assim desde que Max veio morar conosco. Pobre Thomás. Sempre gostou de mim muito mais do que eu gosto dele. Mas nunca me cobrou nada, provavelmente por achar que eu terminaria se ele verbalizasse o que sente por mim. Eu sempre o usei, mesmo que sem maldade. O usei durante anos para não me sentir tão sozinha, agora o uso para me manter longe de Max.

O barulho da água interrompe meus pensamentos, e eu vejo que Max nada pra perto de mim.

– Não, estou bem aqui – ele não gosta da minha resposta.

Tiro meu sapato e dobro a barra da minha calça o máximo que consigo. Eu me sento na borda, colocando as pernas na água. Max se aproxima e segura meus dois pés.

– Você pensa demais, Celine.

– Alguém tem que pensar aqui, Max.

Estou tirando sarro dele para mudar de assunto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Mas ele não dá risada, como eu imaginava. Ele sobe as mãos dos meus pés até os meus joelhos, encontrando a barra da calça dobrada. Sorrio.

A sensação é muito gostosa. Adoro quando ele me toca, e ele sabe disso.

Max chega ainda mais perto, ficando entre minhas pernas, segurando minha cintura. Eu o abraço com as pernas por baixo de seus braços, para lhe dar apoio. O único lugar que dá pé nessa lagoa é na outra borda.

Seus braços molham minha camiseta, mas eu não me importo. Suas mãos encontram minha pele e passeiam pelas minhas costas, me acariciando. Seus cabelos escuros caem em sua testa. Eu os jogo para trás, passando a mão pela sua cabeça. Ele fica lindo todo molhado.

– Eu poderia te puxar aqui para dentro comigo – ele volta as mãos para minha cintura, apertando.

– Mas você sabe que está frio e que não seria uma boa ideia voltar para o alojamento com as roupas molhadas.

Sei que ele não arriscaria que eu ficasse doente, mesmo querendo muito que eu entre. Ele faz uma careta, me fazendo dar risada.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Adoro o som da sua risada – ele se mexe e apoia as mãos nas minhas coxas, para trazer seu rosto para perto do meu. Ele está olhando para minha boca, e a única vontade que eu tenho é de fechar os olhos e esperar. Mas isso não seria certo. Apoio minhas mãos atrás de mim e meu corpo vai para trás, longe do seu alcance. Ele aperta minhas coxas, me fazendo cócegas – você é tão difícil... – ele suspira, se divertindo.

– Se eu fosse fácil, você enjoaria rápido – eu o provoco, e seu sorriso some.

– Não diga isso, Celine. Eu nunca enjoaria de você – seu tom é sério. Acho que o magoei, sem querer.

– Desculpe – falo baixinho.

Ele me encara, e eu sustento seu olhar. Não demora muito e ele está sorrindo novamente, assim como eu. Então me solta, usando a beirada como apoio para se lançar para trás e ficar boiando.

Putá que pariu, vai ser gostoso assim na casa do caralho! Desvio o olhar porque senão vou entrar nessa lagoa de roupa e tudo.

Ele nada por um tempo. Mergulhando e voltando à superfície várias vezes. Ele parece feliz,

## PERIGOSAS ACHERON



relaxado. Gosto de vê-lo assim. Normalmente está sério ou fazendo piadas cretinas com os outros.

Max se aproxima novamente e voltamos para a posição de antes, ele acariciando minha cintura.

– Está gostoso?

Ele faz que sim com a cabeça, me olhando. Sorrio para ele e deixo que me observe.

– Como você achou esse lugar? – ele olha em volta.

– Não fui eu, foi o Darion. Não conte para ele que eu te trouxe aqui, era nosso segredo.

Ele se aproxima mais, me abraçando pela cintura, os cotovelos apoiados em minhas coxas.

– Você já trouxe Thomás aqui? – seu tom malicioso me deixa com vontade de responder que sim, só para ele ficar puto. Mas não gosto da ideia de mentir para ele. Por isso, faço que não com a cabeça. Ele sorri vitorioso e, para minha surpresa, se afasta. Afunda mais na água, segurando minhas pernas com as duas mãos – Me fale sobre seu pai.

Ele é tão curioso. Sempre que ficamos sozinhos, me pergunta sobre alguém. Já lhe contei tudo que me lembrava sobre minha mãe, já lhe falei sobre Julio, Diná... Por que ele quer saber do meu pai?

Suspiro e volto a apoiar as mãos atrás de mim. O que dizer sobre meu pai? Reflito um pouco. Max aguarda, sem dizer nada.

– Ele era muito exigente. Julio sofreu um pouco com ele, quando era mais novo. Nosso pai forçava muito seu treinamento. Ele tinha que ser o melhor guerreiro de todos. E era – a imagem de meu irmão treinando vem à minha mente, me fazendo sorrir – minha mãe também tinha que ser a melhor de todas. Era a mais bonita, a mais amável, a mais alegre... – respiro fundo e posso sentir o cheiro dela – Meu pai tinha tudo, mas ele queria mais – meu sorriso some e começo a me lembrar da sua traição – houve uma época em que outros povos habitavam esta floresta. Um deles eram os tripones, liderados por Pietro – sinto um gosto amargo ao dizer o nome do assassino da minha mãe – nós não vivíamos em paz, mas também não travamos uma guerra. Você sabe que a fortaleza não permitiria – olho para Max, e ele assente para mim. Ele está sério, assim como eu – meu pai e Pietro estavam cansados de viver sob as ameaças da fortaleza. Quando perceberam que possuíam um inimigo em comum, se aliaram. O objetivo era conseguir armas de fogo, o único motivo que fazia com que a fortaleza

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

dominasse os demais povos. Meu pai ficou incumbido dessa parte.

Subitamente, fico muito cansada e deito no chão, apoiando minha cabeça entre os braços.

Não posso mais ver Max, mas sinto seus movimentos. Suas mãos largam minhas pernas e sobem pelas minhas coxas até chegarem à minha barriga. Ele dobra minha camiseta para ficar brincando com as gotas de água que caem no meu umbigo.

– Continue – ele me incentiva.

– Meu pai sabia que não podia invadir a fortaleza e simplesmente roubar as armas. Então ele teve uma péssima ideia. Achou que poderia convencer o líder da fortaleza a lhe dar armas, se ele provasse que precisava delas para manter a paz – paro de falar e fico em silêncio por um tempo. Max não me pressiona, se limita a acariciar minha barriga. Sinto seu rosto apoiando em meu joelho esquerdo – ele organizou um ataque com Pietro a seu próprio povo. Em uma de nossas celebrações, os guerreiros tripones invadiram nosso alojamento a pedido do meu pai. Muitas vidas foram perdidas. No dia seguinte, meu pai foi até a fortaleza dizer

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que precisava de armas de fogo para defender seu povo, que estava sendo constantemente atacado pelos tripones – Max beija meu joelho, mas isso não alivia a dor que me invade ao me lembrar disso tudo – é claro que o líder da fortaleza não deu armas ao meu pai. Foi uma péssima ideia... – sacudo a cabeça de leve, em negação. Observo o teto da gruta por um tempo antes de prosseguir – a essa altura, Julio já tinha dezenove anos e não estava alheio a tudo isso, como eu, que tinha nove. Quem me contou tudo isso foi meu irmão. Ele nunca me disse com certeza, mas acho que minha mãe também estava começando a perceber que meu pai não era o homem bom que dizia ser – imagino qual seria minha reação se eu tivesse idade suficiente para entender o que estava acontecendo. Não faço ideia... – a fortaleza fez o de sempre e foi atrás dos tripones. Meu pai não esperava por isso. Ele tinha uma boa relação com o líder da fortaleza, tinha certeza de que conseguiria as armas. Com o ataque planejado, nosso povo perdeu muitos guerreiros, o que fez com que os tripones se tornassem mais fortes do que nós – meu pai foi muito burro, era quase óbvio que isso aconteceria – foi uma péssima ideia... – suspiro.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– O que aconteceu depois? – sua voz é baixa, ele está triste por mim.

– Quando meu pai percebeu que a fortaleza atacaria os tripones, ele viu que estava acabado. A fortaleza poderia descobrir tudo. Ou pior, Pietro, na época com mais guerreiros do que ele, poderia vir atrás de nós. E como um ótimo covarde que meu pai era, ele achou melhor fugir. Decidiu que abandonaríamos o alojamento. Meu irmão já sabia de tudo e se recusou a ir conosco. Minha mãe não queria deixá-lo, mas meu pai não lhe deu alternativa. Pietro tinha guerreiros vigiando os passos de meu pai e soube de nossa fuga – respiro fundo. O que vem a seguir é a pior parte, e Max já sabe – Pietro nos encontrou, matou meus pais e deixou seus corpos para apodrecer na floresta. Ele me levou com ele, pois achava que eu poderia saber de algo. Ao invadir o alojamento dos tripones, os guerreiros da fortaleza me libertaram.

Max para de acariciar minha barriga e passa os braços pelas minhas costas, me puxando de leve. Eu o ajudo, me levantando. Ele apoia os braços novamente nas minhas coxas e toca meu rosto. Sua mão não está mais molhada.

## PERIGOSAS ACHERON

– Você o odeia?

Max é muito estranho. Quem perguntaria isso depois de ouvir essa história?

Apenas faço que sim com a cabeça. Detesto a sensação que estou sentindo e decido que está na hora de irmos embora.

– Vamos? Já está tarde – ele concorda.

Eu me levanto e arrumo minha calça. Max sai divino da lagoa. Analiso seu corpo, ciente de que ele está pacientemente esperando que meu olhar passe por ele todo.

Quando me volto para seu rosto, vejo que ele me olha com os olhos semicerrados. Jogo suas roupas para ele e saio andando, sem lhe dar chance. Escuto sua risada e sorrio comigo mesma.

Em alguns segundos, escuto ele caminhar atrás de mim. Quando me alcança, está vestindo a camiseta.

Caminhamos em silêncio e em todo o caminho eu me esforço para apagar as imagens de meus pais da minha cabeça, mas não consigo. Eu me sinto triste e nem me desgasto tentando disfarçar.

Ao chegarmos à entrada da gruta, me posiciono para empurrar a pedra que esconde a passagem,  
PERIGOSAS ACHERON

mas Max me interrompe. Ele me puxa pela mão, me virando para ele. Apoio na pedra e o observo. Ele leva minha mão até seu pescoço. Eu a deixo lá, aproveitando para acariciar a pele macia da sua nuca.

– Você sabe que nunca ficará sozinha, não sabe?

Embora seu rosto esteja bem próximo do meu, seu tom não é malicioso.

Ele parece meu irmão falando. Julio sabe que eu temo perder mais entes queridos, acabar sozinha.

Sorrio com tristeza para Max. Coloco minha outra mão em seu pescoço, o puxando para mais perto. Nossas testas se encostam, e ele fecha os olhos. Suas mãos também estão no meu pescoço, seus polegares acariciam meu rosto.

Ficamos assim por um tempo, e eu me sinto melhor. Quando ele abre os olhos, sorrio para ele de novo, sem tristeza dessa vez. Ele retribui.

– Sim, esse é meu sorriso – sussurra.

Meu sorriso se amplia e Max beija a ponta do meu nariz. Sua barba me faz cócegas. Ele percebe e passa o queixo por todo o meu rosto. Luto contra ele, dando risada.

– Para!

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tento empurrá-lo, mas ele me puxa pela cintura.

– Para, você. Vem aqui logo!

Estamos rindo alto e lutando um contra o outro, de brincadeira. Max aperta minha cintura, passando a barba pelo meu pescoço. Estou sentindo muita cócega, então uso as pernas para afastá-lo.

Ele já está investindo contra mim de novo, mas eu levanto as mãos à minha frente.

– Chega – respiro fundo para recuperar o fôlego – chega, por favor!

Ele sorri para mim.

– Diga que você desiste.

– Você é um idiota.

Eu me viro para empurrar a pedra para o lado. Max me ajuda e saímos para a floresta.

Antes que eu possa terminar de fechar a entrada da gruta, braços me puxam e estou presa. Eu me debato, mas não saio do lugar. Tento olhar pra quem me segura, porém é inútil.

Olho para frente e vejo Pietro. Não pode ser, ele está morto. Procuro Max e o encontro de joelhos, diante de mim.

– Max! – grito para ele, que não se mexe – Max!

## PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

– grito ainda mais alto, mas é em vão. Pietro levanta a arma, apontando para a testa de Max – Não! – meu grito é desesperado, e eu me contorço. A cada movimento, sinto minha força se esvair – Max! – grito de novo, sem retorno.

De repente, ele olha para mim.

– Agente firme – ele sussurra.

Escuto o tiro e vejo quando sua cabeça vai para trás bruscamente.

– Nããããão!

Eu me levanto rapidamente, puxando o ar com força. Meu coração bate forte, sinto dificuldade em respirar. Mãos seguram meu ombro e eu as afasto, assustada.

– Tudo bem, tudo bem – é Luke, ele tem as mãos levantadas para o alto. Olho ao redor e vejo que estamos sozinhos na cabana – foi só um pesadelo – ele tenta me tranquilizar.

Não foi só um pesadelo, foi também uma lembrança. Talvez por isso eu esteja tão assustada. Por iniciar com uma lembrança, esse pesadelo pareceu muito real.

Meu coração ainda bate forte, mas o desespero começa a se dissipar. Luke faz menção de tocar

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

meu rosto, e eu me afasto antes que ele consiga.

– Estou bem – caminho pela cabana, minha respiração voltando ao normal. Coloco as mãos na cintura, jogo a cabeça para trás e respiro fundo duas vezes. Tudo bem, foi apenas um pesadelo. Max está bem – que horas são?

– Acaba de anoitecer – ele parece chateado, mas não tenho tempo para perguntar o motivo.

Sem dizer nada, saio da cabana. Lá fora, o movimento é grande. Alguns homens estão terminando de montar uma grande fogueira. Uma menor já está acesa e algumas mulheres estão em volta, limpando a carne de algum animal.

Crianças correm por todos os lados, elas são muitas. Todos parecem felizes. Norah provavelmente mentiu para eles, pois seus sorrisos me parecem genuínos. Dá pra sentir que o clima é bem diferente de hoje mais cedo.

Procuro por Norah e o encontro próximo ao portão do alojamento. Vou até ele.

– Está melhor? – ele me pergunta quando o alcanço.

Ele não está sendo simpático, mas é muito mais receptivo do que antes.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, sua mãe sabe fazer remédios. Tudo certo?

– O que você acha? – seu tom é amargo.

– Mentir nem sempre é errado, Norah.

– Eu espero que você saiba exatamente o que está fazendo, garota. Estas pessoas já sofreram demais – ele parece exausto. Eu o entendo.

– Eu lhe garanto, Norah, farei de tudo para protegê-los. Faço o que julgo melhor para todos – ele me olha por um tempo antes de assentir – escolha dois guerreiros para saírem conosco daqui a pouco. Nós nos esconderemos perto do alojamento. Se eu estiver certa, Jafar mandará alguém para averiguar. Quando o capturarmos, ele nos dirá se realmente existe uma aliança entre o povo da areia e os aligortes.

– E se ele não quiser falar?

– Não se preocupe. O ponto forte dos guerreiros aligortes não é lealdade. Ele nos dirá o que quisermos para se manter vivo – Norah sorri para mim pela primeira vez – sairemos em meia hora. Onde está Darion?

– No primeiro dormitório – ele aponta para a maior cabana.

Agradeço com um aceno de cabeça e vou até lá.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

O lugar é grande, mas apenas Darion está aqui. O restante das pessoas tem o que comemorar e não está pensando em ir dormir tão cedo. Ele está sentado no centro, apoiado no tronco que dá suporte ao telhado.

– Saudade do nosso alojamento? – brinco com ele. Realmente, sinto saudades do meu alojamento. As casas de barro proporcionam muito mais conforto. Aqui, as pessoas precisam dormir no chão, uma ao lado da outra. Lá, tínhamos quartos e camas, que delícia! Darion dá risada, ele concorda comigo – Daqui a meia hora vou sair com Norah e mais dois guerreiros. Acha que Jafar mandará alguém?

– Sim, fiquem próximos daqui.

– Como está a perna?

– Melhorando – ele suspira – odeio não poder fazer nada. Queria poder ir até lá para matar Jafar com minhas próprias mãos.

– Eu também. Mas não podemos arriscar. Pensei que Jafar tinha poucos guerreiros, mas, pelo que você me contou, estava enganada.

– Não reconheci os que me atacaram. E eles estavam bem à minha frente. Eu viajei rápido.

## PERIGOSAS ACHERON

Estava próximo da fortaleza quando me deparei com eles.

– Será que a fortaleza não os viu?

– Não sei.

Ficamos em silêncio. O que guerreiros aligortes faziam próximos à fortaleza? Jafar com certeza planejava tomar meu povo há um bom tempo. Por isso escondeu guerreiros longe de nós. Ele queria que o julgássemos fraco.

Quantos guerreiros será que ele possui, afinal? Pensei que estávamos seguros aqui. Luke disse que demorou seis dias para atravessar o deserto. Então, por mais que os guerreiros do povo da areia sejam rápidos, demorariam alguns dias até chegarem aqui. Eu contava que não seríamos atacados até a chegada deles.

Espero que essa *comemoração* não faça Jafar pensar que é a hora certa de atacar, porque não estaríamos prontos. Aliás, estaremos prontos em algum momento? Os guerreiros que estão aqui são bons?

– Darion, você os viu lutando?

– Eu os vi treinando. Os guerreiros de verdade estão tentando ensinar os homens a lutar. Eles são

bons. As mesmas técnicas dos guerreiros que nos atacaram.

– Eles são ágeis – afirmo.

– Sim. E inteligentes também. Não usam somente a força bruta, sabem como atacar.

Será que eles têm um treinamento parecido com o nosso? Nós aprendemos que não é a força bruta que vence uma batalha. Eu sou a prova disso. Teoricamente, sou a mais fraca do meu povo, mas nenhum dos outros consegue me vencer. De qualquer maneira, isso seria inútil contra milhares de outros guerreiros.

– Como pudemos viver tanto tempo sem saber de nada?

Darion não me responde, pois não sabe o que dizer.

Fico alguns minutos ali, sentada com Darion. Não dizemos nada um ao outro. Sei que ele está pensando em nosso povo. Está tentando imaginar quantos foram mortos, quantos ainda podemos resgatar.

Eu passei por muita coisa quando era mais nova. Sempre pensei que estaria preparada para tudo depois de ver meus pais serem assassinados. Mas

eu não estava preparada para isso. Para perder meu irmão, meu povo. E, pior, não estava preparada para liderar, para tomar decisões que ditam o futuro de tantas pessoas. Quantos inimigos terão que morrer para conseguirmos sobreviver a isso? Quantos terei que matar?

– Você está bem? – Darion interrompe meus pensamentos.

Olho para ele, mas não encontro as palavras para descrever o que sinto sem parecer fraca.

– Teremos que matar muita gente se quisermos sobreviver a isso.

– Não será a primeira vez que você mata. Não fique pensando nisso.

– É diferente. Nós sempre fomos atacados. Eu matei porque não tinha opção, éramos nós ou eles.

– Isso não mudou, Celine. Nossa vida depende da morte deles.

– Mas, agora, a decisão é minha. Antes, eles decidiam nos atacar. Eles escolhiam arriscar as próprias vidas nos atacando, e nós apenas nos defendíamos. Agora, mais cedo ou mais tarde, terei que decidir tirar vidas. Ordenar que meus guerreiros ataquem primeiro – verbalizar a situação

faz com que eu me sinta pior ainda – eu nunca quis isso.

– Muita gente não quis isso. Mas os que quiseram, conseguiram – Darion segura meu rosto, me fazendo olhar diretamente para seus olhos – estamos em guerra, Celine. E na guerra, você mata ou morre. Aceite, essa é nossa realidade. Essa não foi uma decisão sua, mas você terá que aprender a conviver com essa situação – suas palavras me dão força, mas não me animam. Ele percebe que não me convenceu por completo, e apela: – muitas pessoas contam com você, Celine. Eu conto com você.

As palavras de Diná ecoam na minha cabeça: *Estaremos esperando por você*. Sim, meu povo espera por mim. Preciso ser forte por eles. E, se isso significa tirar vidas, eu o farei.

Fecho os olhos e visualizo Jafar. Nesse momento, preciso da raiva, ela me faz mais forte. Esse filho da puta vai pagar por tudo o que está fazendo. Isso eu posso garantir.

Acho que Darion percebe a mudança de sentimentos dentro de mim, da tristeza para o ódio, pois me olha desconfiado. Eu me aproximo e beijo



seu rosto. Então me levanto e vou em direção à saída da cabana.

– Tenha cuidado, Celine. Não deixe a raiva cegar você. Lembre-se de identificar a fraqueza do seu adversário antes de atacá-lo – viro para trás, sorrindo para ele.

– Ainda bem que você me lembrou, já tinha me esquecido.

Ele dá risada, e eu o deixo sozinho.

Fora da cabana, visualizo alguns guerreiros reunidos no final do acampamento. Reconheço dois que estavam com Norah mais cedo. Devem ser de sua confiança.

Eu me aproximo deles, percebendo seus olhares. Alguns ainda me olham com raiva, outros parecem nem ligar para minha presença. Pode parecer loucura, mas acho que me deparo com alguns olhares de admiração, também. Sorrio para essas pessoas e sou correspondida.

Um dos simpatizantes segura um arco diferente do que estou acostumada. A madeira é mais grossa.

– O que você costuma usar? – eu me viro, me deparando com Norah.

Ele reforçou a tinta preta em seu rosto. Está

## PERIGOSAS ACHERON

pronto para uma guerra. Hoje, espero que não seja o caso.

– Tudo. Mas arco e flechas me deixam mais confortável pela distância.

Ele olha para um guerreiro, que entrega um arco e flechas para ele. Norah me passa a arma, e eu noto que é mais pesada do que eu imaginava. Eu observo o arco por um momento, testando seu peso na minha mão, antes de posicionar uma flecha nele.

Procuro um alvo. Preciso saber se me darei bem com essa nova arma.

Avisto uma árvore com uma maçã pendurada em um galho. Levanto o arco, sentindo como a diferença de peso influencia meu movimento. Miro na maçã e seguro a respiração, ficando o mais imóvel possível. Solto a flecha, que atinge a fruta em cheio. Ótimo!

– Pode ficar com esse. Jess! – Norah chama por alguém. Também reconheço Jess. Ele é um dos que me olhou como se nem ligasse para minha presença – Dê um saco de flechas a ela. Sairemos daqui a pouco, avise Nyfer.

– Ei! – é a voz de Luke. Olho para trás e vejo que ele corre até nós – Vou com vocês – ele diz

assim que nos alcança.

– Não vai, não – meu tom é sério e espero que ele saiba que é definitivo.

– Vou, sim! – ele parece irritado, de novo.

– Não, Luke, você não vai – obrigada, Norah! Não aguentaria mais essa discussão com Luke – você não é um guerreiro, isso não é discutível – Luke encara Norah, mas ele não abaixa a guarda – você poderia até nos atrapalhar, Luke. Estou falando sério – Norah está certo. Nada pior do que ter que lutar com pessoas por perto. Nossa atenção se desvia do combate, o que pode ser mortal. Luke não diz mais nada, e eu sei que ele aceitou ficar e esperar – portão em dez minutos – Norah diz para mim e sai acompanhado por Jess.

Não gosto da ideia de Norah me dar ordens, mas fico quieta. Não temos tempo para rixinhas.

– Você vai tomar cuidado? – agora Luke parece triste. Ele está preocupado.

– Luke, eu sei muito bem o que estou fazendo. Fiz isso a minha vida inteira e estou aqui, não estou? – ele assente devagar com a cabeça – Fique tranquilo. Não há nada que eu faça melhor. E, se eu estiver certa, nem será preciso uma luta. Jafar

mandará só um guerreiro, para passar despercebido. Voltamos assim que o capturarmos.

– Será rápido, então? Vocês voltam logo?

– Vai depender da hora que ele chegar. Espero que seja rápido.

Escuto gritos e me viro na direção do barulho. A grande fogueira foi acesa. Homens e mulheres pulam em volta.

Coitados, eles pensam que estão seguros aqui, que o povo da areia os deixou em paz. Inocentes. Eu não teria acreditado.

– Eles estão felizes – Luke diz, chateado.

Ele também não gosta da ideia de mentir para seu povo.

– Precisamos que eles estejam, Luke. Não tínhamos outra opção. De que adianta celebrar se seu povo estiver triste? Jafar saberia que é apenas uma farsa. Não podemos nos dar ao luxo de correr esse risco, não é? – ele suspira, sem responder – Preciso ir. Cuida de Darion para mim? – ele assente.

Eu me viro, mas ele me puxa pela mão e me abraça.

– Cuidado, ok?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Fico com pena de Luke. Ele não foi criado entre guerreiros, não está acostumado a ver as pessoas que gosta saindo para uma batalha. Imagino como se sinta.

Retribuo seu abraço e beijo a junção do seu pescoço. Seu cheiro bom me invade, fazendo meus olhos se fecharem em um movimento involuntário. Mas não me permito relaxar por muito tempo.

– Volto logo, prometo – saio de seu abraço, sem olhar para ele.

Eu o deixo sozinho e vou em direção ao portão. Norah, Jess e outro guerreiro me aguardam.

– Esses são Jess e Nyfer – Norah nos apresenta.

Nyfer é muito alto. Ele me lembra um pouco Darion, também tem traços indígenas.

– Olá, princesa. Eu sou o cavaleiro que protegerá você dos perigos dessa floresta.

Ótimo, temos um palhaço no grupo. Dou risada quando ele se abaixa como se estivesse fazendo uma reverência. Já gosto dele.

Norah revira os olhos, impaciente, e me passa uma faca. Eu a guardo no bolso da calça, na posição certa.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# Dezessete

Andamos juntos por alguns metros, em silêncio. O guerreiro encaminhado por Jafar virá pela frente do acampamento. Ele virá atento, sorrateiro, mas virá pela frente.

Tito talvez tivesse a disposição de dar a voltar neste acampamento, passando por uma parte da floresta onde vivem lobos e pumas. Mas Tito está morto, pelas mãos de Luke.

Quando acho que estamos a uma distância razoável, paro e os outros param comigo. Abaixo um pouco a cabeça, fecho os olhos e respiro fundo. Foco na minha audição, escutando os barulhos da floresta.

Depois de um tempo, sei que nenhum animal grande se mexe perto de nós. Estamos sozinhos.

Sinalizo a primeira árvore para Norah. Ele olha para Nyfer, que a escala. Ao alcançar uma altura razoável, ele se senta em um galho, colocando uma perna para cada lado. Olha para baixo e pisca para mim.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Continuamos e Jess fica em uma árvore pouca coisa mais para frente. Alguns metros depois, Norah e eu também subimos em árvores, ficando um de frente para o outro.

De onde estou, posso ver Jess e escutar qualquer som que Nyfer emita. Já subi até o máximo possível para ver as fogueiras do nosso acampamento e do meu alojamento tomado. Agora, estou na altura certa para surpreender quem passar por aqui. É só esperar.

Fico sentada em um galho grande. Ele é largo o bastante para que eu apoie as costas no tronco, com as pernas esticadas.

Tiro o arco das costas e puxo uma flecha. Deixo os dois posicionados de maneira que facilite um tiro, se necessário. Encosto a cabeça no tronco, estudando a floresta.

Está escuro, mas meus olhos já se acostumaram. O cheiro da noite é revigorante. Puxo o ar devagar, deixando que ele preencha meu corpo. Espero que a floresta sinta que sou parte dela, que me mande os sons que eu preciso ouvir.

Olho para a árvore da frente e vejo Norah. Ele senta como Nyfer e Jess, com as duas pernas

## PERIGOSAS ACHERON



balançando no ar. Segura facas nas duas mãos. São facas diferentes, curvadas, redondas. Nunca vi facas assim. Como será que ele as usa? Será que Norah é um grande guerreiro? Como será o treinamento do povo da areia? Ele disse que era professor, então conhece a doutrina. Será que passou por um treinamento tão pesado quanto o meu?

Ele se vira para mim e estreita o olhar. Sorrio. Ele hesita por alguns segundos, mas sorri de volta.

Um pássaro sai voando de um galho perto de nós e isso deixa Norah alarmado, olhando ao redor. Sinalizo para que se acalme. Não ouço, vejo ou sinto alguém por perto.

Quanto tempo teremos que esperar? Começo a analisar a possibilidade de o inimigo ter dado a volta na floresta. Norah deixou seus guerreiros alertas. Além dos vigilantes, alguns que fingem estar se divertindo na festa também estão atentos. E estamos próximos, caso tenhamos que voltar correndo.

Alongo o pescoço, afastando esses pensamentos. Nosso plano é bom. Jafar não arriscaria um ataque nesse momento. Ele entenderia a situação antes de

## PERIGOSAS NACIONAIS

agir. E, para entender a situação, ele precisa de informações. Ele mandaria alguém para averiguar, antes de qualquer coisa. Sim, dará tudo certo.

Esvazio a cabeça, deixando que meus sentidos tomem conta de mim. Volto a prestar atenção aos sons da floresta e em nada mais.

## PERIGOSAS ACHERON

# Dezoito

Horas se passam até que eu veja um pássaro levantar voo a alguns metros. Ele faz isso de maneira silenciosa. Alguns animais são bem barulhentos, outros não.

Norah permanece sentado, apoiado no tronco, como eu. Ele não notou nada e, talvez, realmente não há o que notar. De qualquer forma, fico um pouco mais atenta.

Presto atenção aos sons. Nada. Apenas alguns animais pequenos ao redor de nós. Continuo concentrada. Nada. Olho para Norah, alheio à minha desconfiança.

Então ouço a primeira pegada. É uma pessoa ou um urso. O som das folhas secas se quebrando a alguns metros é alto demais para ser produzido pela pata de um animal menor. E eu sei que não é um urso que se aproxima de nós.

Sinalizo para Norah, apontando na direção do som, um pouco para a esquerda de nós. Fico de pé e sinalizo para Jess, que avisa Nyfer. Norah também

## PERIGOSAS NACIONAIS

está de pé, apontando uma flecha na direção certa. Faço o mesmo e espero.

Escuto mais passos. A essa altura, Norah também deve estar escutando. Alguns galhos se agitam perto de nós. É um guerreiro grande e silencioso, até onde seu tamanho permite, claro.

Ele se aproxima devagar. Mais alguns passos e ele aparecerá entre as plantas, se tornando um alvo fácil.

Sua perna aparece primeiro, bota preta. Fortaleza? O guerreiro se livra das plantas à sua frente, e vejo que é Max. Ele segura sua arma na mão direita.

– Max! – sussurro, soltando o arco e a flecha – Não atirem! – grito.

Max olha para mim. Já estou na metade da árvore. Pulo e saio correndo no instante em que meus pés tocam o chão.

Assim que os braços de Max me alcançam, ele me puxa pela cintura. Eu me jogo em seus braços, e ele me levanta. Estamos da mesma altura, meu rosto enterrado em seu pescoço. Meus dedos se enlaçam em seus cabelos com força.

– Graças a Deus! – ele diz baixinho.

## PERIGOSAS ACHERON

Sim, também estou agradecida. Max está vivo. Estou em seus braços. Max voltou para mim. Graças a Deus!

Respiro fundo e sinto seu cheiro. O cheiro de Max. Seu braço envolve minha cintura e sua mão o meu pescoço. Ele me aperta contra seu corpo, me deixando com um pouco de dificuldade em respirar, mas não me importo.

Como se lesse minha mente, ele afrouxa os braços em volta de mim e puxa meu cabelo para trás.

Olho para ele. Seus olhos amendoados, sua barba por fazer, sua boca deliciosa. Ele examina rapidamente meu rosto, com uma expressão preocupada. Está reparando nos meus machucados. Ao me lembrar deles, me dou conta de que minha barriga dói, mas não deixo que Max perceba.

Sorrio. Sorrio de verdade, como há muito tempo não fazia. Max está aqui, ele voltou para mim. Não demora muito para ele sorrir também. Reparo como ele fica perfeito sorrindo dessa maneira.

Estou com as duas mãos no seu pescoço e o puxo para mim, encostando sua testa na minha. Sua mão acaricia meu rosto, seu braço aperta minha

cintura. Passo o polegar pela sua boca. Ele é tão lindo.

Escuto uma tosse, saindo do meu estado de torpor.

A realidade me toma de imediato e Max me coloca no chão. Ele olha desconfiado para Norah, Jess e Nyfer, que estão em pé diante de nós.

– Eles estão comigo, são amigos – digo. Estou prestes a apresentá-los quando me lembro do meu povo – Max, você veio sozinho? – ele se vira para mim, avaliando meu rosto.

– O que você acha? – ele me pergunta meio sério, meio brincando. Não sei ao certo.

Quero muito saber do meu povo. Preciso saber se eles estão bem. Max não veio sozinho, ele não faria isso. Se fizesse, já teríamos nos encontrado. Ele ficou para ajudar meu povo, para achar a oportunidade de fugir com eles em segurança. É o que eu faria. É o que eu espero de Max. É o que ele fez.

Olho para a floresta atrás dele, procurando. Ele assovia alto. Sim, eles estão aqui. Max veio na frente para verificar se era seguro. Agora, deu ao meu povo sinal verde para avançar.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração se enche de esperança e dou alguns passos para frente, devagar.

Depois de intermináveis segundos, talvez minutos, vejo o arbusto de onde Max saiu se mexer e reconheço Arthur. Antes que eu possa decidir o que fazer, minhas pernas começam a se movimentar. Eu me jogo nos braços do meu guerreiro favorito, o abraçando.

Logo depois, avisto José e Líria. Meu Deus, como é bom vê-los. Sem soltar Arthur, estico o braço para eles, que se aproximam e nos abraçam. É maravilhoso sentir o calor deles.

Eu os solto para encará-los. Eles não parecem estar muito felizes.

– Graças a Deus, chefe – José aperta meu ombro.

– Pensamos que você estivesse morta – Arthur diz com tristeza.

Quero dizer a eles para sorrirem, para não ficarem mais tristes. Mas só consigo olhar para os rostos das pessoas do meu povo, que vão aparecendo aos poucos. Todos me olham com uma mistura de alívio e tristeza. Thomás se aproxima, e eu o abraço também.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Onde está César? – pergunto.

Sei que Jonas está morto, mas não tenho notícias de César. Ninguém me responde. Foco meu olhar em Arthur, que abaixa a cabeça.

– Sinto muito, princesa – meu coração afunda no peito. Perdi dois guerreiros, dois amigos, nas mãos de Jafar – eu sinto muito, mesmo.

Pobre Arthur. Ele é tão divertido, engraçado. É de cortar o coração vê-lo assim. Meus olhos encontram os de Líria. Ela parece a mais devastada de todos.

Olho para Arthur novamente, que apenas faz que não com a cabeça. Dough é o companheiro de Líria, e não o vejo aqui. Ele sempre foi muito valente. Apesar de não ser um guerreiro, contribuía com frequência para nossa estratégia.

A voz de Jafar invade minha mente: *Alguns tiveram que morrer. Culpa da lealdade que você inspirava neles.* Posso ver claramente a cena de Dough se rebelando contra Jafar.

Fecho os olhos, tentando apagar a cena da minha mente antes que ela resulte na morte de Dough. Eu me aproximo de Líria e a abraço.

– Líria... – não consigo dizer mais nada.

## PERIGOSAS ACHERON



O que dizer a uma mulher que perdeu seu homem? Que sinto muito? Isso é óbvio. Pobre Líria. Ela retribui meu abraço e seu corpo se mexe em um soluço. Pobre Líria.

Enquanto ainda a tenho em meus braços, observo meu povo se aproximar de nós. Ao mesmo tempo em que estou feliz por tê-los novamente, me sinto triste pelas perdas que sofremos. Darion tem razão, na guerra você mata ou morre. E eu preocupada em fazer de meus guerreiros assassinos!

Líria me aperta ainda mais em seus braços. Coitada. Não sei o que dizer, então não digo nada.

Continuo observando meu povo saindo dos arbustos. De repente, as pessoas param de aparecer. Solto Líria e me aproximo de onde elas estavam vindo, esperando por mais.

– Nem todos quiseram vir, Celine – é a voz de Max.

Como assim nem todos quiseram vir?

– Como assim?

– Eles tiveram medo, princesa. Medo do que Jafar faria contra eles. Decidiram que é melhor viver sob as ordens de quem não gostam do que

arriscar suas vidas fugindo. Não as julgue.

Não as julgar? Não tem nem quarenta pessoas aqui! Mais da metade do meu povo preferiu ficar com Jafar? Como assim?

Subitamente, percebo que Diná não está entre nós. Nem Zafena. Elas me ajudaram a fugir. Meu Deus!

– Diná? – minha voz falha ao perguntar a Max.

Diná é como se fosse uma mãe para mim. Não vou suportar outra perda como essa. Não faz nem uma semana que meu irmão se foi. Meus olhos se enchem de lágrimas antes que eu escute uma resposta.

– Ela... – é a voz de Thomás. Eu me viro para olhar para ele, que me encara triste – ela... ela quis ficar.

Diná quis ficar? Sinto minhas sobrancelhas se unirem. Estou confusa.

– Não minta para ela, seu idiota! – Max está irritado.

– Ela acabou de perder o irmão, Max!

Que merda é essa? Onde está Diná, afinal? Eu me aproximo de Max e olho em seus olhos. Ele toca o meu rosto, me respondendo em silêncio.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Não – meu rosto balança de um lado para o outro e as lágrimas escorrem – por favor, Diná não! Diga que ela não morreu por minha causa!

– Ela não morreu por sua causa. Ela morreu por você – ele me diz com suavidade. Mas suas palavras não me tranquilizam. Um soluço escapa, e Max me abraça – ela sabia o que fazia, princesa. Ela teve uma vida plena.

*Vida plena?* De onde diabos ele tirou isso? Saio de seu abraço bruscamente e dou alguns passos, levando as mãos à boca, na tentativa de abafar o choro.

Na minha frente estão apenas os guerreiros da areia: Norah, Nyfer e Jess. Norah me olha entristecido, com pena de mim.

Fico com nojo de mim mesma. Deixei Diná para morrer. Como eu não tinha pensado nisso antes? É lógico que Jafar saberia como eu escapei. É lógico que ele usaria Diná e Zafena como exemplo. Meu Deus, Zafena. Tão jovem, tão bonita.

Sinto a dor no meu peito piorar e uma vontade enorme de gritar. Meu povo está bem atrás de mim. Homens que mal conheço bem na minha frente. Não posso me desestabilizar dessa maneira na

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

frente deles. As pessoas que estão aqui fugiram de Jafar porque confiam em mim. Não quero que eles pensem que sou fraca.

Norah assente para mim. É como se lesse minha mente, meu pedido para que cuide do meu povo por um tempo. Preciso sair daqui.

Passo por ele e viro à direita antes de avistar nosso alojamento. Diná, querida Diná. Eu preciso tanto de você, de seus conselhos. Por que você tinha que ir embora? Por que não voltei para buscar você?

Grito. O mais alto que meus pulmões aguentam.

Diná era a última pessoa que merecia sofrer. Ela só tinha amor e compaixão em seu coração. Era pura. Pura demais.

## PERIGOSAS ACHERON

# Dezenove

Não sei por quanto tempo ando pela floresta, chorando, gritando. Em algum lugar na minha mente, tenho ciência de que corro perigo caminhando sem rumo, distraída. Por isso, ando em círculos, próximo do nosso alojamento.

Não presto atenção aos barulhos da mata, então não escuto Max enquanto ele me segue. Mas sei que ele está aqui, ele não me deixaria sozinha nessas condições. Não com o inimigo à espreita.

Fiquei tão feliz quando o vi. Quando vi meu povo, ou parte dele. E, agora, sinto como se uma faca estivesse enterrada no meu peito.

Mas minha vida é isso mesmo, uma mistura de dor e alegria. Longos períodos de dor, interrompidos por breves momentos de alegria.

As pessoas que eu amo morrem aos poucos. Uma de cada vez. Às vezes, a vida se encarrega de manter uma morte afastada da outra. Outras vezes, ela é impiedosa e as aproxima. Não sei o que é pior: sofrer aos poucos ou tudo de uma vez.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Em breve não terei mais motivos para lutar. Não terei mais quem salvar. Sobrevivência? Sobreviver para quê? Para viver sozinha? Para esperar a próxima morte, a próxima dor?

Minhas pernas doem e eu me sento no chão, apoiando na primeira árvore grande que avisto. Não choro mais. As lágrimas acabam? Chega um momento na vida que seu corpo não produz mais lágrimas?

Meu pai teria vergonha de mim, chorando desse jeito. Mas quem se importa? Ele está morto. Foda-se o que ele pensaria.

Meu pai. Talvez tudo isso seja culpa dele. Meu sofrimento começou quando ele nos traiu. Eu costumava pensar que, se não fosse por meu pai, minha mãe ainda estaria viva. Mas isso não é verdade. Agora, minha mãe seria mais uma pessoa a ser morta. Seria até pior, eu sofreria mais.

Dizem que as crianças não sentem muito as mortes. É verdade e, ao mesmo tempo, mentira. A criança não sofre tanto a morte em si, aquele instante em que seu ente querido dá o último suspiro. Porém, ela sofre com a ausência. Passa a vida sofrendo pela falta. Pobres crianças.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Diná costumava dizer que a morte não significa muita coisa. Que se trata apenas de uma ausência física. Ela acreditava que o espírito acompanha as pessoas que amava em vida. Ela sempre dizia que minha mãe ainda estava comigo.

Eu não acredito nisso. Quando a pessoa morre, ela morre. Acabou. Fim. Senta e chora!

Max tem razão, Diná viveu uma vida plena. Ela não merecia morrer, mas pelo menos morreu velha. Já Zafena morreu jovem. Muito jovem. Mais jovem do que eu. Sua morte deveria pesar no meu peito mais do que a morte de Diná por isso? Eu devo ser uma pessoa muito ruim mesmo. Zafena seria como Diná no futuro, era sua aprendiz.

Quanto mais eu aguento? Quanto mais eu preciso sofrer para desistir? As feridas não cicatrizam enquanto os cortes não param de sangrar. Meu coração é um corte aberto que não se fecha jamais. Quando uma cicatriz está se formando, fechando o corte, outra punhalada faz o sangramento voltar.

Escuto Max se aproximar de mim. Ele se agacha na minha frente e segura minha mão. Vejo a preocupação em seus olhos. É tão bom vê-lo. Tê-lo

## PERIGOSAS ACHERON

tão perto de mim. Sorrio sem alegria para ele.

– Eu gostaria de dar o tempo que você precisa, mas não o temos – ele fala devagar, com cautela – precisamos decidir o que fazer. Jafar deve estar a caminho.

Jafar. Ah, Jafar. Você não imagina o que te espera. Nem passa pela sua cabeça o que eu farei com você.

Sinto a tristeza dar lugar à raiva, que cresce dentro de mim. Sim, a raiva. Eu gosto de senti-la, tê-la dentro de mim. Ela me faz esquecer a dor, me deixa mais forte. Jafar é um homem morto, me encarregarei disto pessoalmente.

Eu me levanto rapidamente e caminho na direção de nosso acampamento. Max me acompanha, sem dizer nada. Ele está atento, diferente de mim.

Quero dizer o quanto senti sua falta. O quanto fiquei feliz em vê-lo novamente. Mas não temos tempo para isso. E minha cabeça só pensa em vingança. Não há espaço para sentimentos bons no meu coração neste momento, a raiva tomou conta de tudo.

Antes que cheguemos perto o bastante do



portão, ele se abre. Vejo meu povo misturado ao povo da areia. O contraste é visível pelas roupas e sapatos. Eu me pareço mais com o povo da areia, agora. Minhas roupas são melhores do que as do meu povo.

– Celine! – Luke corre em minha direção. Ele me abraça assim que me alcança – Tudo bem? – pergunta no meu ouvido.

Não consigo retribuir seu abraço ou responder sua pergunta. Ele é lançado para trás violentamente, caindo no chão. Max caminha decidido em sua direção. Meu Deus, ele vai matá-lo.

Eu me adianto e me coloco na frente de Max, o impedindo de alcançar Luke.

– Max, por favor. Não temos tempo para isso. Não seja irracional! – ele nem sequer olha para mim, seu olhar está fixo em Luke. Ele está muito irritado, respira pesadamente. Continua caminhando, como se fosse passar por cima de mim. Coloco as mãos em seu peito para pará-lo – Max! – grito. Ele continua sem olhar para mim, mas para de caminhar. Escuto a voz de Darion, certamente ele está dizendo algo para Luke. Não olho para trás, mas os escuto se afastando. Graças a

Deus! Seguro o rosto de Max e o faço olhar para mim. Por alguns segundos, fico com medo. Seu olhar é frio, ele está perturbado. Preciso que ele volte – Max, você sabe que não precisa ficar desse jeito – ele estreita o olhar para mim.

– Sei o quê?

Eu sei o que ele quer que eu diga. Não é a hora para isso, mas não posso deixar Max desse jeito. Seu nervosismo é maior do que eu poderia imaginar. Nunca o vi assim, não sei do que é capaz.

Olho no fundo de seus olhos antes de decidir falar o que ele sempre quis escutar. Não seria uma mentira, de qualquer jeito.

Eu me aproximo bem do seu rosto para que ninguém mais escute.

– Que eu sou sua – sussurro.

Ele puxa e solta o ar pela boca. Então se abaixa, passa as mãos pela parte de trás das minhas coxas e me sobe para seu colo. Enlaço sua cintura com minhas pernas e seguro seu rosto com as mãos.

Sei que todos estão olhando, mas foda-se. Este é meu lugar favorito no mundo, o colo de Max.

Ele caminha de volta para a floresta com passos rápidos. Não desvio o olhar de seu rosto para ver a

PERIGOSAS ACHERON

reação das pessoas. Eu não me importo.

Assim que passamos pelo portão, ataco sua boca. Estou ávida pelas sensações que Max me proporciona. Ele está tão ávido quanto eu, nossas línguas parecem brigar. Mordo seu lábio inferior e ele geme.

Um calor me domina, se espalhando pelo meu corpo. Preciso de Max. Preciso nesse instante! Sinto algo sólido nas minhas costas e percebo que estou apoiada em uma árvore, ainda em seu colo. Ele solta minha cintura, segura meu rosto com a mão e me beija com selvageria. Abruptamente, para.

– Você é minha – ele vocifera, ainda bravo – se aquele filho da puta encostar em você de novo eu...

Não deixo que ele termine. Seguro a gola da sua camiseta, aproximo seu rosto do meu e o beijo mais. Nunca é o suficiente, sempre quero mais de Max.

Eu o empurro de leve, subindo a barra da sua camiseta até tirá-la. Seus olhos estão famintos, mas eu não consigo desviar o olhar do seu peito, da sua barriga deliciosa.

Encosto a cabeça na árvore, ainda o observando.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Mordo o lábio, voltando a olhar para seu rosto. Ele é puro desejo. Sorrio, maliciosa.

Max me segura pela nuca, seu polegar roçando meus lábios. Que saudade deste polegar nos meus lábios...

Não deixo que ele se aproveite muito e mordo. Ele sorri, um sorriso de tirar o fôlego. Vira o meu rosto para o lado e começa a beijar meu pescoço. A sensação é maravilhosa. Seus lábios, dentes, língua... Sua respiração pesada na minha pele.

Ele me morde, e eu gemo. Aperto as pernas envolta do seu corpo, sentindo seu membro no meu ventre. Seu dedo ainda está na minha boca e eu o mordo de novo, com mais força, o desejo aumentando, me consumindo. Ele pressiona ainda mais o corpo contra o meu, fazendo eu me descontrolar. Puxo seu rosto de volta para mim e o beijo.

– Preciso de você, Max – falo ofegante – agora!

Ele me coloca no chão e abre o botão da minha calça, sem soltar minha boca. Tiro meus sapatos com os pés, os atirando para longe. Max desliza minha calça pelas minhas pernas e eu o ajudo, tirando a blusa.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ele se levanta, tento ir em sua direção. Mas ele me segura, me empurrando pelos ombros até que eu me apoie na árvore. Ele para e me observa. Estou apenas de calcinha e sutiã, pretos. Max adora preto.

Respiro ofegante, desesperada por seu toque, enquanto ele me observa. Ele me olha de cima a baixo, seu olhar quase queimando minha pele. O desejo aumenta ainda mais em mim.

– Você é muito gostosa, Celine – ele dá um passo, aproximando seu rosto do meu – gostosa pra caralho!

Sua voz está rouca, e eu não aguento mais esperar. Mordo seu queixo e vou chupando sua pele pela mandíbula. Ele tira meu sutiã, apertando meus seios. Uma de suas mãos vai para minhas costas, seus lábios descem pelo meu pescoço.

Jogo a cabeça para trás, suspirando. Estou desesperada por ele, mas ele vai prolongar isso. Vai explorar meu corpo o quanto quiser. Sua raiva parece ter se dissipado.

Levo as mãos até seus cabelos enquanto ele vai descendo sua boca para os meus seios. Ele passa a língua ao redor do meu mamilo e morde de leve.

## PERIGOSAS ACHERON

– Ah! – deixo escapar um grito baixo.

Meu Deus, sou pura sensações! E é delicioso. Max é delicioso. Desço minhas mãos pelos seus ombros, suas costas. Exploro seu corpo até onde alcanço.

Sua mão desce pela minha coxa, me apertando. Eu levanto esta perna e a enlaço em sua cintura. Ele continua com a boca em meus seios, mordendo, chupando.

O desejo se acumula em mim, não aguento mais. Começo a me contorcer em seus braços, sentindo seu sorriso em minha pele. De onde ele tirou este autocontrole?

– O que você quer, Celine? – sua voz rouca aumenta meu desejo.

– Você – respondo sem hesitar, ofegante.

Ele olha para mim, seus olhos brilhando em aprovação.

– Como? – ele quer me torturar.

– De qualquer jeito. O que importa é que seja você!

Não penso para responder, as palavras saem voando pela minha boca. Estou olhando em seus olhos e vejo quando seu autocontrole vai para o PERIGOSAS ACHERON

espaço.

Sua língua entra na minha boca, ele puxa minha outra perna para cima. Volto para minha posição favorita, enlaçando sua cintura com ambas as pernas.

Com um movimento rápido, ele puxa minha calcinha e a rasga. Caralho! Nunca senti tanta vontade de ter alguém dentro de mim deste jeito.

Abro o botão e o zíper da sua calça, a fazendo descer um pouco. Rapidamente, ele se posiciona na minha entrada. Eu gemo, alto.

– Diga que você é minha! – ele ordena, entre dentes.

– Max!

Meu Deus, ele quer me enlouquecer! Max entra apenas um pouco em mim. Jogo a cabeça para trás, mordendo meu lábio.

– Diga!

Ele não vai continuar até que eu diga. Filho da puta! Enlaço meus dedos em seus cabelos e puxo.

– Porra! Sou sua, só sua, toda sua! – grito.

Com uma espécie de rosnado, ele me invade. Grito e não mal consigo recuperar o fôlego. Max

continua me invadindo, rápido, forte.

Minha pele arde com os movimentos contra a árvore. Foda-se. A sensação de Max entrando em mim é sensacional.

Ele passa o braço pela minha cintura, me olhando nos olhos, sem cessar suas investidas. Tento beijá-lo, mas estou muito ofegante, gemendo.

Sua mão aperta minha coxa e eu cravo minhas unhas no seu ombro. Ele geme. Olho para seu rosto, vendo sua mandíbula tensa. Ele afunda o rosto no meu pescoço, e eu presto atenção nos ruídos que ele faz enquanto me come com força.

Um formigamento se espalha pela minha pele, mais intenso entre minhas pernas. Mordo seu ombro mais uma vez. Ele sai do seu esconderijo em meu pescoço. Sua mão solta minha coxa e segura o meu rosto. Ele aperta os dedos na minha nuca, suas pernas se enrijecem.

– Goza pra mim, princesa.

Suas palavras são a minha perdição, e eu sinto uma pressão que começa no meu ventre e se espalha pelo resto do meu corpo. Os músculos da minha barriga se enrijecem. Ele aumenta o ritmo de



suas estocadas.

Max solta o meu lábio e puxa meu cabelo para trás. É o que basta. Meu corpo todo se enrijece e eu explodo. Escuto meu grito de prazer antes de perceber que estou gritando. É alto. Max coloca sua mão sobre minha boca, me silenciando.

Ele volta a enterrar o rosto no meu pescoço. Seu grito sai abafado quando ele goza, apertando minha cintura. Dói, mas não me importo.

Sinto seus espasmos contra mim. Respiro com dificuldade pela boca, o ar entrando e saindo entre seus dedos. Max afrouxa a mão na minha boca e a leva para minha nuca, deixando apenas o polegar nos meus lábios.

Ficamos nessa posição por um tempo. Ele me segurando pela cintura, com o rosto no meu pescoço, e eu com as pernas enlaçadas nele, a cabeça jogada para trás, apoiada na árvore.

Aos poucos, nossas respirações vão se acalmando. O peito de Max sobe e desce mais devagar, eu apoio a testa em seu ombro. Sorrio, a sensação é maravilhosa. Isso foi incrível. Meu corpo todo está relaxado e eu fecho os olhos.

Ele fica imóvel por alguns segundos, então sinto

## PERIGOSAS NACIONAIS

o primeiro beijo no meu pescoço. Ele não para, vai me beijando até que seu rosto fica de frente para o meu.

Abro os olhos e vejo o rosto lindo de Max me estudando. Sorrio preguiçosamente para ele. O que ganho em troca é o sorriso mais lindo do mundo. Faço carinho em seu rosto com as mãos, ele aproxima sua boca da minha, sem encostar.

– Você é maravilhosa, Celine – ele diz devagar, com calma – minha princesa.

Max me beija. Um beijo lento, carinhoso, de um jeito que ele nunca tinha me beijado antes. Sua língua passeia pela minha boca, passa pelos meus lábios.

Aproveito este instante de paz. Eu o beijo calmamente, explorando sua boca. De vez em quando, não consigo resistir a uma mordida no seu lábio inferior, mas o faço devagar.

Eu me sinto completa e percebo que ainda tenho um motivo para lutar. Preciso lutar pela paz para ter mais momentos como este. Para ter Max comigo sempre que eu quiser, sem ter que me preocupar com a possibilidade de um ataque.

Sim, lutarei por Max. E serei vitoriosa.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Vinte

Termino de colocar minhas roupas antes de Max, aproveitando para observá-lo. Ele calça os sapatos e começa a procurar pela camiseta, que está em minhas mãos, escondidas atrás de mim.

Depois de um tempo procurando, ele desiste e olha para mim. Sorri maliciosamente ao perceber meus braços para trás.

– Quer que eu fique sem camiseta, princesa? – diz, caminhando devagar na minha direção.

– Eu poderia queimá-la só para isso acontecer.

Quando ele me alcança, segura meu queixo e me dá um beijo casto. Ele me olha sério, de repente. Falei algo errado?

– Quem é aquele cara?

Meu Deus, tinha me esquecido completamente de Luke. Aliás, tinha me esquecido completamente de tudo. Max faz isso comigo.

A realidade de nossa situação volta para minha mente, fazendo a alegria que tinha se instalado em

meu coração ir embora.

– Luke – respondo apenas, e ele me encara, querendo mais – ele era do povo da areia. Os três guerreiros que você viu mais cedo também. Eles fugiram do deserto em mais de cem pessoas – vejo que Max fica confuso – depois eu te explico tudo.

Tiro sua mão do meu queixo e coloco sua camiseta em seu ombro. Começo a caminhar de volta para o acampamento, mas ele me segura pelo braço.

– O que você tem com ele? – a raiva está de volta em seu olhar.

O que eu tenho com ele? Que filho da puta!

– Que tipo de pergunta é essa, Max? O que você acha que eu tenho com ele?

Como ele ousa desconfiar de mim? Pensando bem, desconfiar de quê? Eu não estaria errada se tivesse algo com Luke. Eu e Max não temos nada. Quer dizer, temos alguma coisa, mas nada definido ou verbalizado.

– Vi o jeito como ele te tocou quando vocês estavam presos. E vi o jeito como ele te abraçou hoje. Se vocês não têm nada, é melhor você avisá-lo. Ou eu mesmo posso fazer isso!

Ele passa por mim ainda sem camiseta, batendo os pés com força desnecessária no chão. Filho da puta. A visão do seu corpo perfeito embaralha as coisas na minha cabeça.

– Você não vai encostar um dedo nele! – vocifero.

Ele para de andar, se virando lentamente para mim. Droga. Despertei nele algo que eu não queria.

Max caminha rapidamente em minha direção, e eu dou alguns passos para trás. Ele me alcança, me empurrando contra a árvore atrás de mim. Antes que eu possa reagir, ele prende meus dois braços contra o tronco, acima da minha cabeça.

– Vou ter que te foder de novo, Celine, para você dizer que é minha mais uma vez? – minha respiração fica ofegante, como sempre acontece quando ele se aproxima de mim desse jeito. Em qual momento eu deixei meu corpo reagir dessa maneira? Ele segura meus punhos com uma mão e acaricia minha barriga com a outra, indo em direção aos meus seios. Fecho os olhos – Porque eu poderia fazer isso agora mesmo! – ele me diz entre dentes.

Respiro fundo, me concentrando. Não vou

deixar meu corpo tomar o controle. Precisamos agir rápido! Discutir com ele não será uma solução. Max me tomará aqui, de novo, se eu o provocar mais.

– Max, ele é só um amigo – ele estreita os olhos para mim. Preciso fazer melhor do que isso – ele salvou minha vida. Estou apenas sendo grata.

– Quem salvou sua vida foi Diná, Celine!

Escutar o nome de Diná é como um soco na boca do estômago. Sei que minhas feições demonstram minha dor, pois Max solta meus braços e começa a acariciar o meu rosto.

– Diná me tirou do alojamento, Max. Mas eu tinha ingerido uma dose daquele chá alucinógeno e desmaiei na floresta. Luke, que voltou da segurança do seu acampamento para me salvar, me encontrou e me levou para a gruta do Darion. Passamos a noite lá até eu melhorar para vir para cá.

– Vocês passaram a noite juntos?

Aqui está o Max puto da vida de novo. Meu Deus, ele é pior do que eu.

Seguro seu rosto entre minhas mãos, aproximando-o do meu.

– Para com isso, Max, por favor! Eu mal  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

conseguia me mexer. Ele cuidou de mim – seus olhos se arregalam e me dou conta de que usei o termo errado – Max, você devia ser grato. Eu provavelmente estaria morta se não fosse por ele. É o que você queria? – ele se afasta de mim, respirando fundo. Ele sabe que tenho razão. Está lutando contra suas emoções, tentando se acalmar. Meu pai do céu, não permita que um dia Max saiba dos olhares que já troquei com Luke. Seria o fim. Vou atrás dele, segurando sua mão – Olha para mim! – ele me obedece, e eu seguro seu rosto – Não temos tempo, ok? Eu tenho muita coisa para te contar.

– Também tenho coisas para contar para você – ele diz baixinho.

É estranho ver Max assim. Ele sempre é tão confiante de si. Suas emoções vão de um extremo a outro em um segundo. Ele e Luke se parecem em alguns aspectos.

– Então vamos voltar para o acampamento e bolar uma estratégia – ele apenas me olha, sem dizer nada – e você não precisa se preocupar com Luke. Eu prefiro os cretinos filhos da puta!

Dou um tapa de leve na sua cara e saio andando.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não vou muito longe, Max me pega no colo, me colocando em seu ombro.

– Você é muito ousada, não é, princesa guerreira?

Dou risada e soco suas costas.

– Me coloca no chão, Max – ordeno, ainda rindo.

Como é bom rir desse jeito. De coisas bobas, sem importância.

Subitamente, me sinto culpada. Eu devia estar rindo? Acho que não sofri o bastante pela morte de Diná.

Max me coloca no chão.

– O que foi? – ele me olha preocupado.

Reflito sobre como lhe responder.

– Depois de perder tantas pessoas, você acha que nos acostumamos e nos recuperamos mais rápido?

Vejo a confusão em seus olhos, mas depois de alguns segundos ele entende o que eu quero dizer.

– Você não precisa se sentir culpada por se divertir, Celine. É o que Diná desejaria para você.

Assinto com a cabeça, mas ele não me

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

convence. Visualizo o rosto de Diná na minha mente e meu coração se aperta.

Mas eu não tenho tempo para sofrer agora. Tenho uma vingança para articular, pessoas para defender.

– Vamos, já demoramos demais – puxo Max pela mão, e nós voltamos para o acampamento.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e um

Quando chegamos, não encontro Norah, Darion ou Luke. Nyfer e Jess também não estão por aqui. Eles devem estar reunidos na cabana, traçando uma estratégia.

Olho adiante, para meu povo reunido. José me observa, e eu sinalizo para que todos meus guerreiros venham até mim.

Eles me alcançam no momento em que estou entrando na cabana. Como eu imaginava, Norah, Nyfer, Jess, Luke, mais três guerreiros que não sei o nome e Darion formam um círculo, agachados no chão.

No centro há um desenho, provavelmente do nosso alojamento. Ao perceberem nossa presença, todos se levantam.

— Arrumou um tempinho para resolver o problema que seu povo nos trouxe? — Norah pergunta, me encarando.

Sinto meus guerreiros inquietos atrás de mim. Olho para Norah e para seus guerreiros. Por último

para Darion. Ele parece um deles, parece estar contra mim.

Ignoro Norah, focando em meu melhor amigo. O que ele está fazendo? Ele me encara de volta por alguns segundos.

– Estamos pensando no que fazer – ele me diz, seco.

– O que você tem, Darion?

Por que ele está assim? Sua atitude está me irritando.

– Nada, Celine. Essas pessoas têm um problema, estou tentando ajudá-las.

Tenho vontade de perguntar a ele se não está preocupado com o *nosso* problema. Mas não quero que Norah pense que darei prioridade ao meu povo. Até porque nosso problema, no fundo, é o mesmo.

Apesar de não gostar nem um pouco de como Darion está se comportando, não tenho tempo de prolongar esse assunto agora. Também não posso me desentender com Norah. Farei a pacificadora dessa vez.

– Ótimo. Vamos resolver este problema, então. Norah, esses são Max, José, Arthur e Líria. São guerreiros de extrema confiança – não consigo  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

evitar que meu olhar se direcione para Luke e vejo sua cara de desprezo quando digo que meus guerreiros são de confiança. Rezo em silêncio para que Max não perceba que Luke se refere a ele – pessoal, esses são Nyfer, Jess, Norah, Luke... – aponto para os outros três guerreiros que desconheço, olhando para Norah.

– Marcos, Zéfis e Assílis – ele aponta para cada um enquanto fala.

– Eles são fugitivos do povo da areia. Viajaram do deserto até aqui – explico para meus guerreiros. Max estreita o olhar para mim, ele quer mais informações. Eu também quero – resumidamente, eles discordam da tirania agressiva de seu líder. Conte o que você conseguiu descobrir com Jafar – me dirijo a Max, e ele me observa atentamente, sem responder.

Sei que ele está ponderando se estas pessoas são confiáveis, se devemos dividir com eles essas informações.

Meus instintos dizem que posso confiar neles. Não temos muitas opções, de qualquer maneira. Se vamos trabalhar juntos, é melhor que todos saibam o máximo possível. Uma equipe bem informada

## PERIGOSAS ACHERON

trabalha melhor, alguém pode precisar tomar uma decisão sozinho.

Assinto com a cabeça, o encorajando a falar. Ele olha para Luke. Puta que pariu, não faça isso, Max.

Luke o encara de volta. Corajoso. Max volta a olhar para mim.

– Jafar fez algum tipo de aliança com o povo da areia – ele observa nossos novos amigos – que lhe deram uma arma. Não consegui descobrir quais os interesses de ambos os lados. Mas Jafar foi se encontrar com eles. Por isso conseguimos vir para cá. Ele levou Tito e alguns guerreiros – droga, pensei que Tito estava morto depois de levar um tiro! Uma pena que não – ele me deixou como responsável. Fiz uma bagunça com os turnos de segurança, reuni os que queriam ir embora, os soltei – ele aponta para meus guerreiros – e viemos para cá.

– Onde vocês estavam? – pergunto para Arthur.

– No último dormitório.

Eu sabia!

– Muito bem. Jafar demorará pelo menos três dias até o deserto, contando que eles sejam rápidos. Estamos no primeiro dia. Podemos nos dar ao luxo

de refletir um pouco – eu me viro para Norah – acha que o povo da areia virá em qual quantidade?

– Temo que eles tenham se encontrado no meio do caminho – ele diz, pensativo. O que ele quer dizer? – acho que o rei mandou alguém atrás de nós.

– Não acha que eles já teriam chegado? – Luke se manifesta pela primeira vez.

Norah continua pensativo, sem responder. Na guerra, não há nada pior do que não ter informações.

– Quantos guerreiros aligortes ficaram no acampamento? – pergunto para Max.

– Dezesseis.

– Podemos buscar o resto de nosso povo.

Sim! Podemos derrotar dezesseis guerreiros aligortes. Sem essa ameaça, meu povo viria conosco.

– Eles fizeram a escolha deles, Celine. Decidiram se render a Jafar. Ele lhes fez muitas promessas. Um povoado promissor, seguro. Sua aliança com o povo da areia os assustou – não! Não posso desistir deles. Jafar é um mentiroso – e nós também não temos tempo. O povo da areia pode

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

chegar a qualquer momento, já que existe a possibilidade de eles já estarem a caminho – pondera Max.

– Que venham! – interrompe Arthur – Nós os enfrentaremos como sempre fizemos. Esta é a nossa casa. Eles não são bem-vindos!

Acabo de me lembrar de que eles não sabem que o povo da areia conta com milhares de guerreiros.

Olho para Max. Ele é muito corajoso, por que não propôs lutarmos, se não sabe a quantidade de guerreiros que eles têm disponível? Ele já sabia. Já sabia que o povo da areia pode acabar com a gente.

Estreito o olhar pra ele, que me olha impassível. Ele está escondendo algo de mim.

– Eles são muitos, Arthur – a voz de Darion interrompe meus pensamentos – milhares.

Vejo os olhos dos meus guerreiros se arregalarem em choque. Volto a encarar Max. O que mais ele sabe, que eu não sei? Por que ele não me contou antes? Será que descobriu isso com Jafar?

– Nós precisamos partir – Max diz – não sabemos quando eles virão. Mas sabemos que não teremos como nos defendermos sozinhos.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Sozinhos? Com quem mais podemos contar?

– O que você sugere? – pergunta Norah.

– Vamos para a fortaleza. Eles nos ajudarão.

O quê? Max deve estar louco.

– Você está maluco? Se a fortaleza souber que tudo isso está acontecendo, eles vão acabar com a gente. Dirão que estamos incitando a violência e dizimarão nosso povo para resolver o problema! – estou gritando.

– Eles nos ajudarão, Celine. Confie em mim.

– Max, você está louco? O que o faz pensar isso?

– Apenas confie em mim, Celine – ele me olha bravo, me repreendendo.

Ele quer que eu concorde agora, para falar algo secretamente para mim depois?

– Max, cara, a Celine está certa. A fortaleza vai acabar com a gente – diz Arthur, colocando a mão em seu ombro.

– Eles não vão nos machucar – Max afirma.

Ele está escorregadio, dizendo frases pela metade, não querendo explicar as coisas. O que está acontecendo?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– O que faz você ter tanta certeza disso? –  
pressiona Darion.

Max respira fundo, olha para baixo e massageia  
os olhos, como se estivesse com dor de cabeça.

– Max? – insisto.

Ele olha para mim por um tempo. Parece  
exausto, de repente.

– Porque o líder da fortaleza é meu tio.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e dois

Apenas fico olhando para Max, sem conseguir dizer nada. Ele mentiu para mim esse tempo todo. Como pôde nunca me contar algo dessa magnitude?

Aliás, ele não me contou quase nada. Não sei sobre sua família, sua criação. Só sei que ele admira muito o pai, que já morreu.

Ele fica me olhando, cansado. Deve estar tentando prever minha reação. Como vou reagir a isso?

Acho que eu deveria estar bem irritada. Mas o que sinto é decepção. Como ele pôde? O que mais esconde de mim?

Aparentemente, Max também esperava uma reação de ira, pois suas sobrancelhas estão unidas e ele parece não entender o que está acontecendo.

Ele não faz ideia. Nem imagina o tamanho do muro que acabou de se levantar entre nós. Ele mentiu para mim. Eu confiava nele. Ele me traiu.

Os dedos dos meus pés começam a formigar. Sim, ela está de volta. Venha raiva, eu te recebo

PERIGOSAS ACHERON

com prazer.

Tombo a cabeça para o lado e estreito os olhos. Não desviei meu olhar de Max desde que ele mostrou ser um traidor, então não sei a reação dos outros dentro da cabana. Presumo que seja um choque geral, já que ninguém fala nada.

Posso imaginar a expressão de Darion. Ele adora ter razão.

Max fica na defensiva. Ergue as palmas à minha frente, pedindo em silêncio para que eu me acalme. O cretino tem a pachorra de pedir que eu me acalme. Que filho da puta desgraçado!

Como eu pude confiar nele? Como fui tão cega? Escuto a voz de Darion me dizendo que eu não estava sendo racional, que eu estava emocionalmente envolvida e não conseguia enxergar o óbvio.

Max, como pôde? Eu lutei por você! Defendi você! Eu vou matar você!

Dou um passo em sua direção. Ele dá um passo para trás.

– Espera – ele me pede, baixo. Fico parada – eu queria muito te contar... – ele começa a se explicar, e eu gargalho. Meu sangue ferve nas minhas veias.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele queria muito me contar. Pobre Max. Balanço a cabeça em negativa enquanto me divirto com sua ousadia – Celine, não faça isso. Eu estava esperando pelo momento certo – ah, não. O clássico discurso do mentiroso. Vamos lá, Max. Você pode fazer melhor do que isso! Dou mais um passo a frente e dessa vez ele fica parado – podemos conversar?

Ele quer conversar. Podemos conversar.

– Como você pôde? – minha voz sai impressionantemente calma.

Ele rompe a distância entre nós rapidamente e segura meu rosto com as mãos.

– Para! Não leva para esse lado, Celine. Não é nada disso! Você me conhece – seguro seus pulsos, tentando afastá-los do meu rosto, mas ele faz força para permanecer como está – você me conhece melhor do que ninguém.

– Eu conheço um mentiroso! – vomito as palavras na sua cara – Um traidor! – vocifero.

Ele arregala os olhos, inconformado.

– Traidor? – ele grita perto do meu rosto, enfurecido.

Arthur segura os braços de Max, fazendo-o me  
PERIGOSAS ACHERON

soltar.

– Se acalma, cara! – parece um conselho, no entanto o tom de Arthur é de ameaça.

Max dá alguns passos para trás, a mão tapando a boca. Ele está muito bravo. Respiro fundo, tentando me acalmar, mas não é possível.

Desisto e vou atrás de Max. Eu o puxo pelo braço para que olhe para mim.

– O que mais? – grito pra ele – Essa é a sua única mentira, Max? Porque eu tenho a impressão de que é apenas a primeira de uma enxurrada!

– Eu nunca menti para você! – seu tom é acusatório. Fico chocada. Como ele consegue dizer isso olhando na minha cara? – Eu omiti – ele completa.

Explodo e me jogo para cima dele, que me segura pelos pulsos.

– Não me faça de idiota, Max! Omitiu é o caralho, seu filho da puta! – estou gritando o máximo que meus pulmões aguentam. Uma confusão se inicia. As pessoas puxam Max para um lado, e eu para o outro. Estamos afastados, mas eu continuo gritando – Eu confiei totalmente em você! Eu lutei por você! Cretino, filho da puta!

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Me solta, porra! – Max empurra José.

Sou levada para fora da cabana. Eu me livro das mãos que me seguram e meus pés encontram o chão. Olho para trás e vejo que é Norah.

Norah? Puta que pariu, podia ser qualquer um, menos ele.

Ele não diz nada, só me encara.

– O que foi? – não tenho condições de manter as aparências – Vai me encher a porra do saco também? – penso em Darion e Luke me alertando – Pelo menos você não pode dizer que me avisou!

– É melhor você se acalmar.

Ah, jura? Que conselho promissor, Norah!

Olho ao redor, todos estão olhando para nós dois. A fogueira enorme ainda está acesa, meu povo se alimenta em volta dela.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. A teoria é fácil.

Líria e José saem da cabana e me estudam. Nenhum deles pergunta se estou bem. Eles passam caminhando por mim e José coloca a mão nas minhas costas, me incentivando a sair dali. Deixo que ele me guie.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Passamos pela fogueira e Lília vai em direção ao nosso povo. José continua me guiando até um grande tronco que usávamos como banco, quase no final do acampamento.

Eu me sento com as mãos apoiadas nos joelhos, respirando fundo. Logo Max, por quê? O que eu fiz para merecer tudo isso? Jogo a cabeça para trás, passando a mão pelo cabelo.

Lília se aproxima com uma caneca e me entrega. Tomo tudo em um gole, sem saber do que se trata. O cheiro forte do álcool invade minhas narinas antes de queimar minha garganta.

Mudo de posição, me virando para a floresta. A noite está clara, devido à lua cheia. Caminho até a cerca viva e permaneço lá. Respiro fundo, sentindo o ar da floresta. Fecho os olhos e recebo o que a mata manda para mim. O cheiro da noite é revigorante.

Meus músculos relaxam, fazendo eu me acalmar um pouco. Mantenho minha mente limpa o máximo que posso.

Talvez eu tenha exagerado. Max é um mentiroso, mas isso não faz dele um traidor. Ele ficou muito ofendido quando eu disse isso.

## PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

Minha cabeça dói.

– Chefe! – é a voz de Arthur e seu tom é urgente  
– Fodeu!

– Que foi? – pergunto, alarmada.

José e Líria já estão ao nosso lado, atentos.

– Os caras estão prendendo o Max.

O quê? Saio em disparada, alcançando a cabana em uma rapidez impressionante. Entro e vejo Max sentado com as costas apoiadas no tronco que mantém a estrutura do telhado. Seus braços estão presos para trás com uma corda. Darion segura sua arma.

Percebo que o rosto de Max sangra, há um corte em sua sobrancelha. Sua boca também está vermelha e sua respiração está entrecortada. Nunca vi Max com uma expressão tão assustadora. Ele está mais do que furioso.

Os guerreiros do povo da areia estão ofegantes, com exceção de Nyfer, que parece um pouco atordoado. Dois deles, que não conheço, têm o rosto machucado. Max deu trabalho. Como eles conseguiram desarmá-lo?

Olho para Norah.

– Solta ele, agora – ordeno.

PERIGOSAS ACHERON

Ele fica quieto, não parece feliz. Seu olhar é triste, como se estivesse fazendo algo que não quisesse.

Luke aparece de trás de Norah, me encarando. Escuto meus guerreiros entrando na cabana. Não preciso olhar para eles para saber que estão prontos para um combate.

– Primeiro saberemos o que mais ele tem para nos contar – Luke diz, fingindo calma.

Max se debate, xingando. Dou alguns passos em direção a Luke. Paro diante dele e olho fundo em seus olhos. Max não é o único enfurecido, estou possesa. Como eles ousam fazer isso? Amarrá-lo e, aparentemente, torturá-lo em breve?

– Solta ele! – vocifero para Luke.

– Não – ele responde, mantendo uma tranquilidade claramente falsa.

Ele não está entendendo. Vou em direção a Darion. Paro a alguns passos de distância e estico a mão para ele, que me observa por um tempo. É agora, Darion. Mostre de que lado você está. Mostre quem importa para você.

Minha respiração está pesada e eu espero, em silêncio. Alguns segundos se passam até que

Darion coloque a arma de Max na minha mão.

Volto a encarar Luke.

– Solta ele – repito, mais baixo dessa vez.

Ele arregala os olhos para mim, inconformado com a ameaça. Não preciso apontar a arma para ele. Não pretendo usá-la, mas quero que ele saiba que não tem vantagem.

– Ele não é confiável. Você é cega? – Luke grita.

As palavras de Darion ecoam na minha cabeça novamente. Olho para Max, que continua se debatendo e xingando Luke.

Talvez eles tenham razão. Talvez meus sentimentos por Max estejam me cegando, me impedindo de ver as coisas com clareza. Mas, independente de tudo isso, ninguém vai machucá-lo. Não vou permitir.

– Nada justifica isso, Luke! – aponto para Max, no chão – Há alguns dias éramos nós, trancafiados em uma cela. O que você está fazendo? – ele me observa pensativo – É isso que vocês fazem? – pergunto, olhando para Norah – É para isso que fugiram do deserto? – grito.

– Não, não foi para isso – é a voz de Tereza.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ela entra na cabana devagar, olhando decepcionada para o filho. Finalmente uma pessoa sensata nesse povo!

Coloco a arma na cintura, me aproximo de Max e desamarro seus pulsos. Ele se levanta rapidamente, furioso. Eu o seguro pelo braço, e ele olha para mim.

– Não – digo. Nossa situação é muito delicada. Partir para cima de quem o amarrou não resolverá as coisas. Seu peito sobe e desce rápido enquanto ele me encara. Max sabe que precisamos ter cautela, mas ele não vai conseguir se controlar. Aperto mais a minha mão em volta do seu braço – temos muito o que conversar – apelo, e sua feição enfurecida se suaviza – vá se acalmar lá fora, eu já vou – ele continua me encarando.

Tudo que ele não quer é me deixar nesta cabana. Contudo, ele não resistirá à chance de poder se explicar para mim. Estou jogando com ele, o que não me agrada. Mas é o jeito.

Ele olha para Arthur, que assente muito de leve para ele. Depois seu olhar se dirige à arma na minha cintura e reencontra meus olhos. Ele quer dizer para eu tomar cuidado, para usar a arma se

## PERIGOSAS ACHERON

necessário. Ele não confia nestas pessoas.

Antes de sair, Max olha para Darion. Posso ver desprezo e nojo em seu olhar. O que eu perdi?

Espero um tempo depois que Max sai e me viro para o povo da areia. Ou ex-povo. Sei lá que merda eles são.

Arthur, José e Lília se posicionam ao meu lado. Darion permanece ao lado de Norah. Sinto como se o estivesse perdendo. Meu melhor amigo.

Decido pensar que ele não vem até nós porque está com a perna machucada e não quer se esforçar.

Olho para Norah.

– Ou isso aqui nunca mais se repete ou nós vamos embora, e vocês estão sozinhos – ele faz menção de responder algo, mas eu não deixo – e não precisa me responder agora, pois quero que você pense muito bem no assunto – meu tom é calmo, e ele não parece se irritar. Apenas reflete sobre o que falo. Dou alguns passos em sua direção – eu não me junto com covardes que torturam pessoas. Eu não acho que você seja assim, Norah, e quero permanecer com essa opinião. Mas isso vai depender do que você me mostrar.

Encaro Luke sentado no chão antes de sair da

cabana. Tenho vontade de dizer que ele não é quem eu pensei que fosse, mas meu olhar de decepção já diz tudo.

Ele fica me encarando triste, se mostrando arrependido. Tarde demais. Ele cometeu um erro terrível.

Fora da cabana, avisto Max onde eu estava há pouco. Ele caminha de um lado para o outro e para quando olha para mim.

Meu povo se aquece na fogueira, alguns com as mãos esticadas em direção ao fogo. Eles parecem infelizes, me olham preocupados. Gostaria de ir até eles e abraçar um por um, dizer que daremos um jeito, que ficará tudo bem. Mas, antes, tenho uma fera para enfrentar.

– E agora, chefe? – ouço a voz de José.

Eu me viro, me deparando com os bravos guerreiros que me sobraram, além de Darion e Max. Então me dou conta de que não ouvi a voz de Líria desde que a vi. Ela não está nada bem. José e Arthur também parecem péssimos.

– Acho que eles são confiáveis – digo baixo. Eles se aproximam mais de mim, para me escutar melhor – mas, depois dessa, é melhor ficarmos

atentos. Esta noite, isso fica por minha conta, já que dormi muito nos últimos dias. Vocês precisam descansar – eles assentem, o que significa que estão realmente cansados – acalmem nosso povo por mim. Amanhã decidiremos o que fazer. Pensem a respeito.

Eles sorriem com tristeza e caminham em direção à fogueira. Seguro o braço de Líria, impedindo que ela passe por mim. Ela fica parada, olhando para o nada. Espero José e Arthur se afastarem.

– Sei que nesse momento parece loucura, mas o tempo fará a dor diminuir. Não vou dizer que chegará um dia em que ela desaparecerá porque seria mentira. Porém, ela fica suportável até que você se acostume e aprenda a viver com ela – não sou muito boa com as palavras, mas sinto que devo isso a Líria, ela merece ser confortada – eu sinto muito – ela assente, olhando para baixo – você nunca estará sozinha, Líria.

Digo a ela o que eu gostaria de escutar. Ela olha diretamente para meus olhos, pela primeira vez desde que nos reencontramos. Uma lágrima escorre pelo seu lindo rosto, e ela assente com a cabeça. Eu

a abraço.

– Eu também sinto... pelo Julio.

É muito bom ouvir sua voz, apesar da tristeza que ela carrega. Eu a aperto mais em meus braços. Quando nos afastamos, enxugo seu rosto e sorrio. Ela sorri de volta, da maneira que consegue.

Observo ela caminhar e se sentar ao lado de Arthur, que apoia o braço em seu ombro, lhe passando seu copo. Ela aceita e toma um gole. Sim, Arthur é a companhia perfeita para quem está triste.

Olho mais adiante e vejo Max parado no mesmo lugar, ainda olhando para mim. Agradeço por ter tido que consolar Líria antes de conversar com ele, pois isso me acalmou. Estou bem mais controlada do que há minutos atrás.

É incrível como nosso humor muda com os acontecimentos. E impressionante o que pode acontecer em tão pouco tempo! Eu queria matar Max, mas vê-lo vulnerável, amarrado, me fez querer matar quem o machucou. Que loucura!

Estou prestes a ir em direção a Max quando escuto Nyfer me chamando. Ele parece cabisbaixo.

Eu simpatizo com ele, o que é raro de acontecer assim tão rápido, logo que eu conheço a pessoa. Sei



## PERIGOSAS NACIONAIS

que ele não ajudou os outros guerreiros a amarrarem Max.

– Desculpe... – ele começa a se explicar, mas eu o interrompo.

– Tudo bem, Nyfer. Não se desculpe pela atitude dos outros – ele solta a respiração pesadamente, abaixando a cabeça. Eu me aproximo e ele volta a olhar para mim – acha que posso confiar neles? – indico a cabana com a cabeça.

Sinto que Nyfer é a pessoa em quem mais posso confiar de nossos novos amigos. Ele olha para trás, para a porta da cabana. Ele realmente está triste. Decepcionado, até.

– Você pode confiar em Norah. Às vezes, ele se deixa levar pela raiva, mas faz apenas o que julga ser o melhor para todos. Caso ele tenha alguma ideia estúpida, Tereza vai repreendê-lo e orientá-lo – Nyfer é bastante articulado, fala bem. Parece já ter pensado nesse assunto, em quem ele pode confiar ou não – Luke teve um ataque de loucura. Nunca o vi assim. Geralmente ele é bem calmo, é sempre ele quem pacifica algum conflito – estou surpresa com o quanto ele está se abrindo. Realmente gosto dele – a maioria dos outros

## PERIGOSAS ACHERON

guerreiros fará somente o que Norah pedir.

Noto que ele usa o verbo *pedir* e não *mandar*. Acho que tenho razão sobre Norah, ele é uma boa pessoa.

– A maioria?

Isso não parece bom. Ele se aproxima um pouco mais de mim.

– Estou sentindo certa resistência vinda de alguém. Alguém capaz de influenciar outros guerreiros – uno as sobrançelas para ele. O que ele quer dizer? – Marcos, de camiseta verde, parece pensar que Norah não está tomando as decisões certas – tento me lembrar do rosto. Loiro, olhos azuis, uns 30 anos – ele não hesitou quando Luke mandou amarrar seu amigo.

Viro o rosto na direção de Max. Ele continua no mesmo lugar, mas agora está com os braços dobrados junto ao peito. Volto a olhar para Nyfer, ele é muito perspicaz.

– Já contou isso a Norah? – Ele faz que sim com a cabeça, com uma cara de quem quer dizer *é óbvio*. Não resisto e solto uma risadinha. Ele pisca para mim – Obrigada, Nyfer. Amanhã decidiremos o que fazer. Pense a respeito esta noite.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Já o estou tratando como um de meus guerreiros e ele parece gostar disso. Andamos lado a lado. Nyfer para quando alcançamos a fogueira e eu continuo reto, em direção a Max.

Enquanto caminho olhando para ele, sinto o peso da conversa que teremos. Nossas próximas palavras definirão nosso futuro.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e três

Quando chego perto o suficiente, Max tenta colocar a mão no meu braço e eu me esquivo. Ele solta a respiração pesadamente enquanto fecha os olhos.

Sim, Max, é assim que vai ser, não pretendo permitir que me toque durante um tempo.

Ele abre os olhos, me encarando. Tenho muitas perguntas a fazer, mas não consigo dizer nada. Aquela decepção volta para o meu peito. Eu prefiro a raiva, dói menos.

Max faz menção de dizer algo, mas permanece em silêncio. Isso se repete algumas vezes. Ele quer escolher bem as palavras. É a melhor coisa que faz.

— Você acha que sou um traidor? — ele me pergunta, por fim.

Putá que pariu, ele está virando o jogo! Dentre tantas coisas que tem para me explicar, ele resolve me fazer essa pergunta? É mesmo um filho da puta.

Tiro sua arma da minha cintura e passo para ele. Cruzo os braços conforme o observo. O que PERIGOSAS ACHERON

responder? Não sei se sua mentira faz dele um traidor.

– Me sinto traída... – não estou mentindo, também não o estou chamando de traidor. Por que essa necessidade de ser sincera com ele insiste em se fazer presente? Ele mentiu para mim desde que me conheceu! Eu sou muito idiota – Eu contei coisas para você que nunca tinha contado para ninguém, Max – meu tom de voz é muito baixo, e sua reação é tristeza – eu briguei com o meu melhor amigo para defender você! – falo um pouco mais alto.

– O quê? – ele parece confuso.

– Darion achava que você realmente estava do lado de Jafar – por que estou dizendo isso a ele? O assunto aqui não é esse. Estou prestes a dizer isso quando Max assume uma expressão de puro ódio e começa a caminhar. Antes que ele passe por mim, eu o seguro pelo braço – você está maluco? – ele me encara, furioso.

– Eu vou matar esse filho da puta! – não vai, não! – Ele me desarmou, Celine. Quando aqueles cretinos tentaram me amarrar, ele se aproximou devagar de mim, como se fosse ficar ao meu lado e,

ao chegar perto o suficiente, me desarmou!

O quê? Darion não faria isso.

– Darion não faria isso! – tento defendê-lo.

– Pergunte para Arthur! Eu não confio mais nele!

– Justo! Ele também não confia em você! – grito e vejo algumas pessoas olharem para nós – Chega! Darion está estranho mesmo, mas isso é problema meu. Não é para falar sobre ele que estamos aqui, é?

Ele olha para mim, passando as mãos na cabeça, exasperado. Ele sabe que talvez não tenha outra oportunidade de explicar suas mentiras. Está se esforçando para se acalmar.

– Escute – ele segura meus braços, e eu permito dessa vez – meu tio é um cretino, um miserável. Eu o odeio com todas as minhas forças. Ele finge ser uma pessoa boa, um líder correto, mas é um grande filho da puta egoísta que só pensa nele mesmo. E é louco de pedra, também. Ele é totalmente imprevisível – Max me olha em expectativa, mas não digo nada. Quero saber muito mais do que isso. Quero saber tudo! – eu não te contei sobre ele porque queria deixar isso no passado. Não queria

## PERIGOSAS NACIONAIS

lembrar que esse filho da puta existe. Pensei que nunca mais precisaria olhar para ele, que eu poderia recomeçar... – ele aproxima seu rosto do meu – com você – ele completa, bem baixinho.

Ele tenta me beijar, mas eu me afasto.

– Não faça isso, Max – meu coração se aquece com suas palavras, mas não posso me deixar levar. Preciso lembrar que esse homem me escondeu informações cruciais durante todo o tempo que esteve comigo – foi por isso que você deixou a fortaleza? Para se afastar do seu tio?

– Não, Celine. Se fosse por isso, eu teria deixado a fortaleza muito antes. Saí de lá porque me apaixonei por você no momento em que te vi pela primeira vez e fui incapaz de ficar longe – puta que pariu! Bem agora esse cretino vem me dizer essas coisas? Será que está tentando me manipular? Porra, não sei de mais nada. Ele tenta se aproximar mais uma vez, continuo me mantendo afastada – não fuja de mim, caralho! – ele insiste e me segura pelos cotovelos, me aproximando dele.

– Porra, Max! Você acha que é fácil para mim? Eu sempre confiei em você. Eu lutei por você, defendi você. E para quê? Para descobrir que você

## PERIGOSAS ACHERON

mentiu esse tempo todo?

– Eu não menti, eu...

– Pare! – não deixo que ele termine – Omissão é uma mentira disfarçada. Foi isso que disse para você mesmo? Que não estava mentindo para mim? – ele abaixa a cabeça, me mostrando que foi exatamente isso que ele fez – Bem, você mentiu para você mesmo, então! – acuso e me afasto novamente. Ele fica parado, sem dizer mais nada. Vejo a tristeza em seus olhos. Ele não fez tudo isso de caso pensado. Não é possível – Sabe, Max, há uma hora eu enfrentaria o mundo por você. Eu duvidaria de mim mesma, mas não duvidaria de você. Mas agora... – ele me olha, destruído. Sei que o que vou dizer vai acabar com ele, mas ainda sinto essa necessidade ridícula de ser sincera – agora eu me pergunto se você está dizendo a verdade ou se está me manipulando.

Sim, eu acabei com ele. Sua expressão é de derrota. Ele se vira e se senta no banco, deixando os ombros caírem. Não parece em nada com Max, parece outra pessoa. A imagem corta meu coração.

Fico triste. A vontade que tenho é de sentar em seu colo e dizer que tudo ficará bem, que amanhã



minha raiva terá se dissipado e tudo voltará ao normal. Mas isso não é verdade. Não sei se um dia voltarei a confiar em Max. Por que ele fez isso? Puta que pariu, por que ele tinha que fazer isso?

Olho para trás e vejo meu povo. O que faremos? Apesar de saber que eu deveria estar bolando uma estratégia para vencer essa guerra, minha cabeça pensa exclusivamente em Max.

Decido mudar de assunto para conhecer o plano de Max sobre a fortaleza. Eu me sento ao seu lado e, antes que eu possa falar algo, ele segura minha mão, sem olhar para mim.

– Eu nunca quis decepcionar você. Eu só queria ter você, ficar com você – sua voz sai um pouco embargada. Estudo seu rosto baixo e não encontro nenhum sinal de lágrimas. Graças a Deus, não sei o que faria se Max começasse a chorar. Mas isso não é nem um pouco a cara dele. Mesmo estando muito mal, ele não choraria assim – eu estava tão ocupado tentando conquistar você que nem me lembrava mais deles – noto que ele diz *deles* e não *dele*. Tem mais do que um tio esperando por ele na fortaleza. Quero perguntar, mas deixo que ele termine de falar – eu comecei a pensar nisso somente quando

## PERIGOSAS NACIONAIS

essa merda toda começou a acontecer. Nunca passou pela minha cabeça que teríamos que pedir ajuda a meu tio. Nunca! – ele faz uma pausa antes de continuar – Eu só queria ficar com você – ele repete. Sua voz está muito estranha, cada palavra é como um soco na minha cara. Ele está muito triste. Não resisto e vou para o seu colo. Ele rapidamente passa um braço pela minha cintura e segura meu pescoço com a outra mão, me apertando junto a ele – me desculpe, minha princesa. Eu não queria decepcionar você, eu juro. Essa informação é muito importante agora, mas, antes, não faria diferença se eu fosse sobrinho do líder da fortaleza.

Isso não é bem verdade, no entanto eu entendo seu ponto. Talvez ele esteja certo. Tento me afastar para olhar para ele, mas ele me segura firme em seus braços, impedindo que eu me mexa.

Espero alguns minutos e tento novamente. Consigo.

Sua boca está inchada, o corte da sua sobrelha está com sangue pisado. Passo o dedo indicador de leve em volta de seus ferimentos.

– Nunca mais omita algo de mim. Mesmo que você ache que não é importante no momento – meu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tom é suave, mas estou falando muito sério, não sei o que será de nós se ele fizer isso novamente.

Ele aproxima seu rosto do meu para me beijar, e eu me afasto, devagar. Faço que não com a cabeça, lentamente. Você vai sofrer, Max. Nem que seja apenas um pouquinho.

Ele sorri para mim, ousado. Estreito os olhos para ele, que se controla para parar de sorrir, mantendo a boca em um bico. Seguro seu rosto com a mão e aperto. Ele se descontrola, dando risada. Segura meu pulso e me puxa novamente para seu abraço.

Ficamos assim por um tempo: Max mexendo nos meus cabelos, acariciando minhas costas, e eu olhando para a floresta na minha frente.

Eu me sinto um pouco melhor a cada minuto. Max é um filho da puta, mas me faz tão bem. Preciso dele. Quero ele. Pertencço a ele.

Gostaria de ficar assim até o final da noite. Até o final da vida. Porém, precisamos decidir o que faremos.

Devagar, me afasto e volto a olhar para Max. Ele parece sonolento. Deve estar muito cansado, quase dormiu enquanto fazia carinho em mim.

## PERIGOSAS ACHERON

– Precisamos decidir o que faremos – digo e ele assente com a cabeça – para começar, me conte tudo sobre seu tio – ele respira fundo, exausto.

Sei que falar sobre essas coisas não o deixará feliz, mas preciso entender o líder da fortaleza o máximo que posso. Aparentemente, a sobrevivência do meu povo depende dele.

Faço menção de sair de seu colo, mas ele não permite.

– Você fica aqui. Este é o seu lugar – ele fala de um jeito meigo.

Max meigo. Tenho vontade de beijá-lo e o faço. Nos beijamos devagar, por longos minutos.

Sua boca é deliciosa, eu amo seu beijo. Ele acaricia o meu rosto, meu pescoço, meus braços, minhas pernas, meu corpo todo. Eu me permito este momento, mesmo ciente de que todos podem nos ver. Não me importo. Max muito menos, ele gosta de mostrar para os outros que me tem.

Interrompo nosso beijo aos poucos e olho para ele, que apenas fica me olhando de volta. Afasto meu rosto do seu, assumindo uma feição séria. Ele respira fundo.

– Ele se chama Joseph. É o irmão mais velho da

## PERIGOSAS ACHERON

minha mãe – mãe de Max. Imagino uma mulher incrivelmente linda, morena com lábios carnudos – ele é o líder da fortaleza desde que meu avô morreu, há seis anos – ele para de olhar para mim e olha em volta, provavelmente procurando as palavras – Joseph sempre odiou meu pai, era contra minha mãe ficar com ele. Meu pai era um soldado da guarda. Já minha mãe era da realeza, como ele se autointitula quando ninguém está olhando – suas palavras são carregadas de rancor. Imagino o líder da fortaleza como um homem mesquinho e frágil. O tipo de filho da puta que fica atrás da mesa tomando decisões estúpidas enquanto homens de verdade vão para a batalha defender seu povo – ele é um louco, e minha mãe não fica muito atrás. Meu pai não era como eles. Sempre me pergunto como ele pôde se apaixonar por uma mulher tão diferente – ele não gosta da mãe? Deixo minha confusão transparecer em meu rosto – minha mãe é maluca, Celine. Tenho pena dela. Depois que meu pai morreu, ela ficou ainda pior, mais amarga, mais agressiva. Ela e Joseph são iguais. A diferença é que ela assume ser uma pessoa horrível enquanto ele posa de bom moço – meu coração se aperta no peito. Eu e Max temos histórias parecidas. Eu odeio

meu pai, ele sente pena de sua mãe. É incrível como o destino pode ser cruel, como pode nos definir. Quem seria Max hoje se sua mãe fosse como a minha? O que seria de mim se meu pai fosse como o de Max? – enfim, pulando meus sentimentos por minha família, Joseph tem uma visão de vocês muito distante da realidade. Ele acha que vocês são selvagens, sem conhecimento algum. Ele não imagina que os antepassados de vocês lhes passaram muitas informações de como era o mundo antes de tudo acabar. Ele pensa que é o único a ter essas informações, uma vez que possui livros.

– Livros? – o interrompo, animada de repente. Ele faz que sim com a cabeça – Minha mãe tinha livros. Ela nos ensinou a ler, Julio e eu.

Várias imagens de minha mãe se dedicando a mim e a Julio vêm à minha mente, me fazendo sorrir.

– Eu sei – Max diz, sorrindo também.

– Sabe como?

Isso eu nunca contei para ele.

– Julio me disse.

Julio compartilhando coisas nossas com Max?! Meu irmão realmente gostava dele.

– Vocês eram bem próximos, não eram?

Ele fica em silêncio por um tempo, olhando em volta. Como será que Max descobriu sobre a morte de Julio? Foi de uma maneira tão cruel quanto como eu fiquei sabendo?

– Sim – ele responde, apenas.

– Ele sabia sobre seu tio?

Ele fica me olhando, pensativo.

– Não sei.

O assunto o deixa triste e a mim também. Até quando sentirei esta dor no peito ao me lembrar do meu irmão? Até hoje, isso ainda acontece quando me lembro da minha mãe, e ela já se foi há muitos anos.

Parece bizarro, mas sinto como se uma nova morte diminuísse a dor de uma morte antiga. A morte de Julio diminuiu um pouco a dor que sinto pela morte de minha mãe.

Estes pensamentos reviram meu estômago, acho melhor mudar de assunto.

– O que mais meu irmão te contou sobre mim?

Meu plano dá certo e Max sorri com alegria.

– Muitas coisas, princesa guerreira. Muitas

coisas... – ele se diverte.

– Me conte uma – peço docemente. Ele fica me estudando, provavelmente escolhendo o que vai me contar. Subitamente, seu sorriso diminui até que ele fica sério, mas não fala nada – Esta, me conte esta!

Ele me encara, avaliando se deve compartilhar comigo o que se lembrou.

– Acho que Julio sabia que iria morrer – ele joga a bomba no meu colo, sem dó. Sinto uma mistura de choque e confusão. Max respira fundo – seu irmão não era um cara calado. Eu não precisava ficar pedindo para ele me falar sobre você. Ele sabia do meu interesse e não parecia se importar. Pelo contrário, ele me ajudou muito. A gente saía para caçar, para fazer a ronda ou qualquer outra coisa que nos deixasse sozinhos, e ele me contava uma história sua, de vocês – ele para de falar, mas eu fico olhando em expectativa para ele, pressionando-o a me contar mais – certa vez, quando saímos para caçar, ele estava muito quieto. Eu estava prestes a perguntar se estava tudo bem, mas ele se adiantou e começou a me falar que ele era a última pessoa da sua família ainda viva – ele fala devagar, escolhendo bem as palavras – e do



quanto você sempre teve medo de ficar sozinha.

Engulo em seco, Max não diz mais nada.

– Deixe que eu adivinhe... Ele fez você prometer que cuidaria de mim?

– Vou lhe dizer exatamente as palavras dele: *Eu não vou lhe pedir para cuidar dela se eu me for, porque minha irmã sabe muito bem se cuidar sozinha. E é mais fácil que ela cuide de você. Apenas não deixe que ela fique sozinha, mesmo que ela lhe peça isso. E ela vai pedir.*

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu viro o rosto, desviando do olhar de Max. Ele acaricia minha perna. Respiro fundo. Não vou chorar, já chorei demais. Decido focar em outra coisa.

– Ele sabia, Max. Sabia que os aligortes não eram confiáveis. Sabia que eles iam nos trair. Sabia que ele era o alvo.

– Não sei, princesa. Acho que ele sabia que algo estava errado, mas não o quê. Se ele soubesse dos aligortes, teria feito algo.

– Ele estava fazendo. Não sei qual era o plano dele saindo sozinho do alojamento, mas ele tinha algo em mente.

Max fica pensando, sem dizer nada. Olho para a

## PERIGOSAS ACHERON

floresta. Julio amava a mata, assim como eu. Escuto Max bocejar e o observo. Ele está acabado, o cansaço é evidente em seu rosto, sua postura.

Meu irmão tinha toda razão, é mais fácil eu cuidar de Max do que ele cuidar de mim. Meu coração se enche de ternura pelo cretino na minha frente. Seguro seu queixo e o levanto, fazendo seus olhos encontrarem os meus. Encosto minha testa na dele.

– Você precisa dormir – digo baixinho.

– Estou bem – ele responde, e eu sorrio.

– É sério.

Saio do seu colo, fico de pé e estendo a mão para ele.

– Está tentando me levar para a cama, Celine? – ele me pergunta, malicioso.

– Quem dera tivéssemos camas aqui. E não é o caso, Max. Eu já dormi muito nas últimas horas. Sono é tudo o que não tenho! – ele faz uma careta para mim, mostrando que não gostou do que eu disse – Preciso resolver algo, antes de qualquer coisa.

– O quê? – ele se levanta.

– Darion – a paz em seu rosto vai embora,  
PERIGOSAS ACHERON

praticamente sinto a raiva dele – Max, calma! – me aproximo, colocando minhas mãos em sua barriga.

– Celine, eu nunca tive nada contra o Darion. Muito pelo contrário. Ele sempre foi bem próximo de você e eu sempre respeitei isso. Sempre o respeitei. Mas o que ele fez hoje... – ele sacode a cabeça, e vejo seu punho direito se fechando – Aquilo foi baixo, Celine. Se aproximar de mim sorrateiramente para me desarmar? Eu pensei que ele estava vindo para o meu lado para mostrar que estava comigo! Posso não conhecê-lo tão bem quanto você, mas, certamente, o Darion que vi hoje não é o Darion que ele demonstrou ser esse tempo todo que estive com vocês. Pense nisso.

Max tem razão. Essa não é uma atitude que Darion tomaria. Essa não é uma atitude de homem. É algo que Jafar faria. Fico enjoada só pela comparação esdrúxula. Tudo isso deve ter uma explicação.

– Max, eu concordo com você. Também não entendo por que Darion fez isso, mas vou descobrir. Não posso simplesmente ficar puta da vida e tirar minhas próprias conclusões. Darion é como se fosse da família, eu nunca viraria as costas

para ele – Max fica me olhando bravo, mas suas feições vão melhorando – olha, amanhã bem cedo teremos que decidir o que faremos. Você precisa dormir, preciso de você pensando direito. Eu resolvo isso com Darion em alguns minutos.

– Porra, Celine. Você percebe o que está me pedindo? Como eu vou dormir enquanto você fica aí, solta neste acampamento com um monte de gente em quem eu não confio?

– Calma, Max. Eu acho que confio neles. Eles parecem boas pessoas.

– Parecem? – ele me olha desconfiado.

– Não tenho como ter certeza, eu os conheço há pouco tempo. Mas eles fugiram do deserto porque não aguentavam viver com assassinatos, sofrimento. Isso faz deles boas pessoas, não?

Max segura meu rosto com as duas mãos.

– Celine, se eu soubesse que tanta falta de informação fosse deixar você tão vulnerável, teria te contado muitas coisas. Eu não imaginava que tudo isso aconteceria... Enfim, você não sabe como esses caras foram criados. As pessoas do povo da areia são selvagens. Eles não pensam racionalmente, tomam decisões baseadas no

instinto. Não consigo imaginá-los como pessoas tão boas assim.

Eu também levo em consideração o instinto para tomar decisões, mas não vou iniciar essa discussão. Sei exatamente como convencer Max a ir dormir e me deixar resolver isso sozinha. E vai doer.

– Max, você me contou há pouco que foi criado por uma louca. Isso fez de você alguém como ela?

Ele arregala os olhos, me mostrando que consegui a reação que precisava, e fica me encarando, pensativo.

– Você é uma cretina!

– Boa noite – digo, vencedora.

Eu me viro e dou dois passos em direção à cabana, mas Max me puxa pelo pulso, me fazendo olhar para ele.

– Seu irmão tinha razão, eu não preciso cuidar de você – seu tom é uma mistura de orgulho e tristeza.

Rompo a distância entre nós e dou um beijo casto em sua boca. Fico com meu rosto bem próximo ao dele, sentindo sua respiração na minha pele.

– Eu preciso de você mesmo assim – sussurro  
PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

tão baixo que não sei se ele ouviu.

O sorriso enorme que ele abre me mostra que ele escutou muito bem. Sorrio e deixo Max sozinho, com cara de bobo apaixonado.

Tenho mais uma fera para enfrentar, esta será uma longa noite. Encarar alguns guerreiros do povo da areia seria mais fácil.

# PERIGOSAS ACHERON

# Vinte e quatro

Entro na cabana e encontro Darion dormindo no mesmo lugar em que dormi mais cedo. Eu me aproximo, me agachando ao seu lado. Sua expressão é séria, a veia de sua testa está saltada, como fica quando ele está preocupado. Dormiu há pouco tempo. Meu amigo, o que está acontecendo com você?

Tiro uma mexa de cabelo da frente de seus olhos e acaricio o seu rosto. Ele se mexe de leve, mas não acorda.

– Ele vai demorar para acordar... – olho para trás e vejo Tereza sentada. Está escuro, a luz da lua clareia somente parte da cabana. Ela fica um pouco macabra sentada em um canto escuro, com uma leve faixa de luz iluminando seu rosto – Ele tem precisado do meu chá para dormir.

Olho novamente para Darion e volto a acariciar seu rosto com traços indígenas.

– Quanto uma pessoa pode mudar em quatro dias? – pergunto, mais para mim mesma do que

para Tereza.

– Depende das circunstâncias.

Tereza não demora para responder, não precisa refletir. Certamente, sua idade lhe trouxe muito conhecimento, principalmente vivendo como Luke descreveu.

– É... as circunstâncias não são nada boas – digo em tom de brincadeira, tentando aliviar um pouco o clima.

Escuto Tereza se levantar, mas não deixo de olhar para Darion. Ela se aproxima e toca o meu ombro.

– Ele esteve muito preocupado com você, menina – *menina*? Respiro fundo e praticamente posso sentir o cheiro de Diná – desde que chegou, só diz que precisa buscar Celine, que Celine precisa ser salva, que Celine não merece sofrer mais... – sinto que ela espera que eu diga algo, mas fico em silêncio – Às vezes, as pessoas têm maneiras estranhas de nos proteger... – ela insiste.

– Não precisa defendê-lo, Tereza. Não para mim – digo da maneira mais doce que a situação me permite.

Não quero ofender Tereza. Gosto dela. Aliás,  
PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

tenho gostado das pessoas mais do que o normal. Foi a morte do meu irmão que fez isso? Talvez meu inconsciente esteja fazendo eu me aproximar das pessoas para não ficar sozinha, já que toda minha família se foi.

– A decepção está estampada no seu rosto, Celine.

– Isso não muda nada. Ele é sangue do meu sangue.

Tereza segura o meu rosto, me fazendo olhar para ela.

– Fico muito feliz em escutar isso. Ele é um ótimo rapaz e precisará de você, agora que está sozinho.

Suas palavras me deixam confusa, mas por pouco tempo. Meu Deus! Minha boca se abre pelo choque e levo minha mão até ela. Caralho, os pais de Darion! Eles não estão aqui. Como pude deixar isso passar despercebido?

A culpa invade meu coração, fazendo eu me sentir péssima. Que tipo de amiga eu sou? E por que a porra da família do Darion não está aqui? Eles devem achar que ele está morto. Preciso ter certeza.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu me abaixo, beijo a testa de Darion e fico alguns segundos bem perto dele. Depois me levanto.

Estou quase na porta quando Tereza me chama. Olho para ela.

– Uma decisão errada não faz de alguém uma pessoa ruim – tento entender o que ela quer dizer, sem sucesso. Por que ela me disse isso? Não me lembro de ter tomado nenhuma decisão errada. Ela está falando de Darion? – não se esqueça de vir aqui antes de dormir para passarmos mais ervas nos seus ferimentos.

Ela se vira e caminha até o final da cabana. Começa a mexer em algumas ervas e líquidos. Ela realmente se parece muito com Diná.

De repente, algo me vem à mente.

– Tereza, se você é mãe de Norah, nasceu guerreira, não?

– Uhum – ela responde sem olhar para mim.

– Como é que agora é curandeira?

Ela para o que está fazendo para se virar para mim.

– Eu não vim para esse mundo apenas para procriar, menina. Minha missão vai muito além

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

disso. Aprendi os segredos das ervas com um grande amigo e guardei para mim. Sabia que um dia seria útil.

Um grande amigo? Sei... Parece que nem todos seguem as regras no deserto. Sorrio para ela.

Não perco mais tempo. Saio da cabana, percebendo que os ânimos já se acalmaram. O povo da areia não canta nem dança. Meu povo continua reunido em volta da fogueira.

Eu me aproximo e vejo que a maioria está dormindo. Os que estão acordados já estão deitados, provavelmente esperando o sono chegar. Com exceção de José, que está sentado, atento.

Será uma boa ideia eles dormirem aqui fora? Se bem que uma cabana de palha não os protegeria de muita coisa. Podem até ser um alvo fácil para um incêndio.

Verifico nossa vigilância. Cinco guardas na porta, Norah entre eles. Ele me encara, mas eu não sustento seu olhar. Mais seis guardas andam pelo acampamento, atentos à floresta. E, se Norah disse a verdade, há ainda alguns guerreiros espalhados pela mata, próximos de nós.

Acho que estamos seguros esta noite. Jafar não

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

seria capaz de voltar tão rápido, de qualquer maneira. A não ser que não tenha sido necessário ir até o deserto.

Chego perto de José, me sentando ao seu lado.

– Onde estão Alexia e Gerson? – pergunto baixinho, não quero acordar ninguém.

– Eles não quiseram vir – fico confusa, e José dá de ombros – eles disseram que seriam mais úteis lá. Estávamos com pressa, por isso não insistimos.

– Será que eles acharam que Darion estaria morto?

– Acho sim. Todos pensaram isso.

José parece cansado. Decido não estender o assunto com ele.

– José, durma um pouco. Amanhã será um longo dia.

– Eu não confio neles – ele me diz, olhando para Norah e os outros guardas na entrada do acampamento.

José também não confia neles. Será que estou confiando nas pessoas erradas? Olho para meu povo dormindo. Se eu errar na tomada de alguma decisão, todos podem pagar com a vida.

## PERIGOSAS ACHERON

Mas não adianta ficar refletindo muito sobre isso agora. Já estamos aqui. E o antigo povo da areia só tem me ajudado. Acolheu Darion e depois a mim. Quem sou eu para julgar o humor com que eles fizeram isso?

– Acho que podemos confiar neles, sim – noto que minha voz também soa cansada, apesar de eu ter dormido o dia todo.

– Tudo aconteceu muito rápido, não foi?

José coloca a mão no meu ombro, tentando me confortar. Sei que ele se refere à morte do meu irmão mais do que à perda dos nossos amigos. Seguro sua mão.

– Vamos ficar bem, José. Precisamos ficar juntos – ele assente, devagar – durma, preciso de você bem amanhã – ele faz menção de dizer algo, mas eu não deixo – eu dormi o dia todo. Vou ficar aqui, vigiando nossos novos amigos.

– Tudo bem – ele concorda, mas não se mexe. Estreito o olhar – tenho algo para você – ele diz, levando a mão até a sua bota.

José tira de lá uma faca, e eu rapidamente a reconheço. A faca que meu irmão me deu há anos.

Sinto um calor invadir meu corpo. Alegria. Pego

## PERIGOSAS ACHERON

a faca da mão de José e respiro fundo. Eu nem me lembrava dela.

– José... – não sei o que dizer. Apenas olho para ele, esperando que a felicidade que ele me proporcionou esteja visível no meu olhar.

– Passei no seu quarto antes de irmos. Sabia que ela era importante para você. Acho que Arthur está com seu arco e flechas... – não deixo que ele fale mais nada e o abraço com força.

Ele demora um pouco para passar os braços em volta de mim, me abraçando também.

– Obrigada, José. Obrigada mesmo.

Ele não me responde. Afaga minhas costas, se levanta e vai em direção ao nosso povo, que dorme no chão. Observo enquanto ele se deita e cai no sono quase que imediatamente.

Estudo a faca em minha mão, me lembrando do dia em que a ganhei de Julio. Foi quando ele me nomeou líder dos guerreiros do nosso povo, um ano após o término do meu treinamento. Ele era o líder até então, e eu me senti muito honrada. Ele disse que nossa mãe teria orgulho de mim.

Respiro fundo, segurando o ar até que o ardor nos meus olhos e nariz passe. Se eu derrubar uma

PERIGOSAS NACIONAIS

lágrima sequer, não vou mais conseguir parar.

PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e cinco

Arthur é o primeiro a acordar, um pouco antes do amanhecer. Eu o deixo encarregado de acordar Max, José e Líria, e vou até a cabana.

Encontro Darion sentado, no mesmo lugar em que dormiu. Quando me vê, sorri sem alegria. Eu me aproximo, me sentando ao seu lado.

– Quer ir atrás deles?

Ele me olha por muito tempo até responder.

– Eles fizeram a escolha deles.

A tristeza nas palavras de Darion é quase palpável. Seguro sua mão.

– As coisas não precisam ser assim, Darion. Eles acham que você está morto.

– Eu sei – ele suspira – talvez seja melhor que eles continuem pensando isso.

– Você está maluco? – estou chocada.

– Celine, você já passou pelo luto. Não quero que eles passem por isso duas vezes.

– Do que você está falando?



## PERIGOSAS NACIONAIS

– Odeio ser pessimista, Celine. Mas veja nossa situação. Podemos morrer a qualquer momento.

Pobre Darion, posso ver o quanto ele está arrasado. Se entregar assim não é de seu feitio. Tenho vontade de abraçá-lo, mas não é o que ele precisa agora. Olho bem no fundo de seus olhos e dou um tapa na sua cara.

Seu rosto vai para o lado e ele fica assim. Depois leva a mão até onde o acertei, afagando a região. Espero que ele olhe para mim antes de falar qualquer outra coisa, e ele o faz.

– Tem muita gente lá fora contando com você, seu filho da puta. Como ousa se entregar assim? Onde você guardou essa covardia esses anos todos, que eu nunca enxerguei em você? – ele arregala os olhos para mim. Seguro a gola de sua camisa com as duas mãos e o sacudo. Ele faz uma careta de dor, provavelmente por seus ferimentos, mas eu não ligo – Você não vai morrer! Você é sangue do meu sangue, vou proteger você! Assim como eu sei que você vai me proteger também! – seu olhar de tristeza muda para raiva, subitamente.

– Você diz como se fosse fácil proteger você. Eu estou tentando! – ele grita – Mas você torna isso

## PERIGOSAS ACHERON

cada vez mais difícil!

Ele está falando de Max. Ele realmente acha que Max nos traiu. Puta que pariu, é de foder! Quero bater na cara dele de novo, com mais força. Mas isso não resolveria nada.

– Porra, Darion! Para com isso! Não vê que isso está nos afastando?

– Eu sei o que está nos afastando!

– Chega! – grito alto. Perdi a paciência, ele está passando dos limites – Por que você acha que Max nos traiu? Ele está aqui, não está? Ele trouxe nosso povo de volta para nós, não trouxe? – ele me olha pensativo, e eu sei o que dizer para acabar com essa putaria – Julio confiava plenamente nele. Isso não basta? – ele fica surpreso com meu argumento. Faz menção de dizer algo, no entanto fica calado – Sabe, dói muito em mim você achar que eu colocaria você, nosso povo, todo mundo em risco porque estou apaixonada – digo a palavra *apaixonada* carregada de desprezo – posso parecer apenas uma garotinha assustada porque perdeu toda a família, mas não sou. Eu sou a líder dos guerreiros do nosso povo, sempre cuidei de todos muito bem. Então, a não ser que você realmente

tenha um motivo, nunca mais duvide de mim dessa maneira – não estou mais gritando, mas sei que ele preferia que eu estivesse.

Meu tom é frio, como me sinto. Eu me lembro de Max me dizendo que Darion o desarmou na covardia e a decepção me invade. Reflito brevemente, decidindo não compartilhar isso com ele, ainda.

– Desculpe – ele diz, mas não parece arrependido.

– Não quero suas desculpas – estou pegando pesado, mas é assim que ele reage melhor – só quero saber uma coisa, Darion. E eu vou perguntar apenas uma vez – abaixo a cabeça, massageando meus olhos. Nem acredito que vou ter que perguntar isso logo para ele. Caralho, como a vida nos fez chegar a isso? Em tão pouco tempo... Não deixo que essa tristeza transpareça na minha voz, quero parecer forte, decidida – eu tenho uma guerra para vencer, Darion. Você a vencerá comigo? Lutará ao meu lado?

– Sempre – ele responde sem pestanejar – eu mato e morro por você! – puta que pariu, esse é meu melhor amigo! Consegui trazê-lo de volta,

graças a Deus! Ele me puxa pela nuca, encostando sua testa na minha – Sempre, Celine! Não importa o que aconteça – seu tom é firme, como ele costuma ser.

Seguro seu pescoço com as duas mãos. Ele respira fundo, e eu sinto sua respiração no meu rosto.

– Sangue do meu sangue.

– Sangue do meu sangue – ele repete.

Sinto como se uma rocha enorme tivesse saído das minhas costas. Darion está de volta. Ainda bem, não sei se conseguiria sem ele.

– Vou chamar os outros. Vamos acabar logo com isso!

Meu corpo fica inquieto conforme me levanto. É a adrenalina começando a aparecer, a sede de vingança me dominando. Eu vou acabar com Jafar. Não vai sobrar porra nenhuma desse filho da puta.

Antes que eu possa sair, eles entram. Líria parece triste, como ontem. José não manifesta nada, como sempre. Arthur já está pronto para o que der e vier. Max é o último a entrar, bocejando e se espreguiçando. Ele suspira, o cabelo todo bagunçado. Reparo o quanto ele fica delicioso

assim, preguiçoso.

Como eu posso pensar essas coisas em uma hora dessas? Eu sou um caso perdido.

Max se aproxima de mim e beija minha testa. Apoio minhas mão em sua cintura, olhando para ele.

– Você não dormiu, né? – sua voz sai sonolenta.

Minha vontade é de ficar deitada com ele o dia todo, o resto da vida.

– Alguém tinha que vigiar – digo, petulante.

Encaro os outros com os olhos semicerrados, fingindo estar brava.

– Ah, qual é?! – Arthur reclama enquanto Max, Lília e José dão risada.

É muito bom ver Lília sorrir. Os outros também.

– Eu disse que ela ia jogar na cara! – Max se gaba.

– Você provocou!

– Você me deve uma faca, mesmo assim. E uma bem feita. Pode se dedicar, procurar uma rocha boa...

– Você é muito burro, Arthur! – brinca José.

– A Lília também achou que ela não falaria

nada.

– Mas eu não apostei, seu tolo.

Todos damos risada, a sensação é ótima. Sei que é apenas questão de tempo para que essa alegria vá embora, mas aproveito o momento mesmo assim.

Belisco a barriga de Max.

– Ai – ele reclama – eu te conheço, princesa guerreira – brinca comigo.

Escuto Darion se levantar.

– E aí, Darion! Como é que vai essa força, cacique?

O corpo de Max se enrijece, mas não deixo que isso me aborreça. Eu me divirto com a maneira como Arthur chama Darion, que realmente parece um índio. Arthur passa por mim, em direção a Darion. Escuto suas mãos se encontrando.

Passo a mão por baixo da camiseta de Max, acariciando sua barriga. Ele olha para mim bravo, e eu faço que não com a cabeça, pedindo em silêncio para que ele não brigue com Darion.

Sei que o que ele fez foi terrível, mas precisamos nos unir. Foi um lapso. Darion não é disso, Max sabe.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele vira o rosto um pouco de lado, ainda bravo. Faço um biquinho, implorando. Ele não resiste e sorri. Sorrio de volta.

– Vou chamar Norah – digo indo em direção à saída.

– Para quê? – pergunta José, confuso.

– Estamos juntos agora, José. Além do mais, não quero que ele tome qualquer decisão sem conversar conosco antes. Então darei o exemplo – sua expressão demonstra que eu não o convenci. E nem preciso, mas continuo mesmo assim – precisamos que ele confie em nós.

José olha para Max, que dá de ombros.

Assim que saio da cabana, Savana pula no meu colo.

– Oi, pequena.

Ela me abraça, me apertando em seus pequenos braços. Sinto seu carinho, o que me faz bem. Ela beija meu pescoço e olha pra mim.

– Onde você estava? – me pergunta, animada.

– Resolvendo uns problemas. Não está muito cedo pra uma garotinha estar acordada?

– Perdi o sono.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Savana, vá ajudar Tereza.

Olho para frente e vejo Luke. Ele me olha, com aqueles olhos verdes penetrantes.

– Não quero! – Savana reclama.

Não consigo desviar os olhos de Luke para lhe dar atenção. Ele sustenta meu olhar, me analisando. Eu deveria estar com raiva dele, mas não estou.

Mesmo assim, fecho a cara. ele revira os olhos para mim, ousado.

– Você não tem que querer, Savana. Vá logo.

– Chato! – ela me dá um beijo no rosto, e aproveito para abraçá-la mais uma vez – Até mais tarde, Celine!

– Vou ficar esperando.

Eu a coloco no chão, e ela sai correndo. Penso em perguntar para Luke onde está Norah, mas decido descobrir sozinha.

Quando tento passar por ele, sua mão segura o meu braço.

– Quero falar com você – ele diz, com cautela.

Mas a sutileza de suas palavras não combina com o modo como ele aperta meu braço.

– Não posso agora – meu tom é de petulância,

## PERIGOSAS ACHERON



fazendo-o bufar.

– Você vai me torturar, Celine? – ele parece magoado.

Eu me sinto culpada, ele salvou minha vida.

– Onde está Norah? – pergunto em um tom mais brando.

Ele olha para trás, procurando. Começo a andar na direção do seu olhar, o puxando pela mão. Ele me acompanha até a entrada do alojamento.

Um dos guerreiros que guarda a entrada me diz que Norah está fazendo a ronda com Nyfer. Apoio no tronco de uma árvore para esperar, e Luke fica na minha frente. Nos olhamos por um tempo até que ele tenha coragem para falar.

– Desculpe.

– Pelo quê?

Quero que ele especifique que seu erro foi mandar que amarrassem Max, planejar torturá-lo. Ele respira fundo e faz um bico com a boca.

– Por machucar Max – fico apenas olhando para ele – eu não gosto de machucar as pessoas, Celine. Acho que você já sabe disso. Não sei o que me deu. Eu só pensava em proteger a todos – ele dá um passo em minha direção – proteger você – ele tenta

PERIGOSAS ACHERON

se aproximar mais, mas eu coloco a mão na sua barriga, barrando-o. Ele abaixa a cabeça, triste – eu te perdi.

Sinto pena dele. Não quero magoá-lo, no entanto não posso deixar que tenha falsas esperanças. Coloco a mão no seu rosto, o fazendo olhar pra mim.

– Você nunca me teve, Luke – digo da maneira mais doce que posso.

Ele suspira, derrotado. Acaricio seu rosto. Ele é tão bonito.

– Não quero que você pense que sou uma pessoa ruim.

A imagem de Tereza vem automaticamente à minha mente.

– Uma decisão errada não faz de você uma pessoa ruim.

Eu me aproximo dele, passo os braços pelo seu pescoço e o abraço. Não quero que ele se sinta triste, muito menos por minha causa. Ele me abraça pela cintura, me apertando. Sinto seu cheiro, que eu adoro.

– Estava me procurando?

Solto Luke e olho para Norah. Ele está sujo,  
PERIGOSAS ACHERON

parece cansado. Não dormiu essa noite, como eu.

– Sim. Vamos decidir o que fazer? – ele me olha, desconfiado. Presumiu que eu tomaria essa decisão sozinha – Meus guerreiros estão prontos. Chame quem costuma tomar as decisões com você. Estamos esperando.

Deixo Norah e Luke se olhando e volto para a cabana. Poucos minutos depois, Norah, Luke, Tereza, Jess e Nyfer chegam. Percebo que Norah trouxe menos pessoas dessa vez. Melhor assim.

Nyfer dormiu pouco, pois está bocejando e com cara de cansado. Sorrio para ele, que sorri de volta para mim. Arthur fica um pouco inquieto ao meu lado. Ciúme? Tenho vontade de dizer a Arthur que ele ainda é meu favorito, mas fico quieta.

A postura de Luke está bem diferente da última vez que o vi nessa cabana. Embora pareça tranquilo, sei muito bem o quanto está incomodado. Ele não encara Max, que não tira os olhos dele.

Toco o ombro de Max, pedindo em silêncio para ele se manter calmo. Ele respira fundo, e acho que concordou em não causar problemas com Luke.

Espero que Tereza se sente ao lado de Darion para começar a falar.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Temos dois inimigos, os aligortes e o povo da areia. Os aligortes não são um problema, poderíamos derrotá-los muito facilmente. Mas, aparentemente, eles formaram uma aliança com o povo da areia, que conforme vocês nos disseram, tem um número muito grande de guerreiros, de modo que não sobreviveríamos a um ataque – faço uma pausa, ninguém diz nada. Olho para Norah – nós sabemos os interesses que os aligortes têm em uma aliança com o povo da areia. Proteção, armas, ensinamentos de guerra, entre outros. E o povo da areia, o que ganharia ao se aliar com os aligortes?

Norah pensa por um momento, depois olha para Tereza, que faz que não com a cabeça. Eles também não sabem.

Levo a mão à boca, apertando meu lábio inferior. Por quê? Por que o líder do povo da areia ajudaria Jafar? Um acordo entre cavalheiros? Como Jafar teve acesso ao líder deles? Eles se conheciam do passado? Olho para Norah novamente.

– O líder de vocês costuma sair do deserto?

– Desde que ele chegou, nunca mais saiu.

*Desde que ele chegou?*

– Espere, ele não nasceu no deserto?

## PERIGOSAS ACHERON

– Não. Ele apareceu no deserto há mais de dez anos. Os rumores dizem que nosso antigo líder aprendeu muitas coisas com ele e por isso o nomeou seu sucessor...

– De onde ele veio? – interrompo Norah antes que ele termine de falar.

A resposta para essa aliança está na origem do líder do povo da areia. Tenho certeza disso.

– Ninguém sabe.

Caralho! Nunca sabemos o que precisamos para entender a situação. Aperto as mãos com força, injuriada. Respiro fundo, soltando o ar ruidosamente. Olho para Max.

– Ele já conhecia Jafar.

– Talvez – ele responde, após pensar um pouco.

– Talvez, não. Tenho certeza. Por qual outro motivo ele ajudaria Jafar?

– Calma. Ele pode ter interesses nesta floresta. Pode estar apenas usando Jafar para saber mais informações sobre os povos que vivem aqui – ele faz uma pausa, com o olhar fixo em mim – sobre a fortaleza...

Talvez Max tenha razão. O povo da areia já conquistou todo o deserto. Pelo que Norah e Luke

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

nos contaram, as florestas nas redondezas do deserto também abastecem o povo da areia. Que interesse eles teriam na nossa floresta? Seria um trabalho enorme transportar qualquer coisa até lá. Por esse motivo, eles nos atacam com pouca frequência.

Mas Luke me disse que o povo da areia tem famílias que viajam pelo mundo, para reportar ao líder sobre outros povos. Faz sentido que eles tenham interesse na fortaleza. Eles têm muitas coisas que, certamente, interessam ao líder do povo da areia. E, talvez, seu exército seja capaz de invadir o povo mais forte desse lado. Não. Os guerreiros da fortaleza possuem armas de fogo. Se o povo da areia tentasse um ataque, seria dizimado.

Interrompo meus devaneios e noto que todos olham para mim, aguardando. Viro o pescoço de um lado para o outro, estralando-o.

– Ok. Vamos deixar para pensar nisso depois. A decisão que devemos tomar agora é outra: ficar ou partir. E, se partir, para onde. Jafar não é o tipo de líder vingativo, que viria atrás de nós porque matei seu filho, por exemplo. Ele faz o tipo frio e calculista, que deixa suas emoções de lado na hora

## PERIGOSAS ACHERON

de tomar decisões. Por isso não acho que ele viria atrás de nós de imediato. Talvez ele volte rápido, com medo de perder o povo que ele acaba de conseguir. Lembrando que, provavelmente, ele ainda não sabe que vocês estão aqui – olho para meus guerreiros. Depois me volto para Norah – e o líder do povo da areia? Acha que ele viria atrás de vocês porque fugiram?

– Sim. Acho, inclusive, que estamos com muita sorte. A essa altura, imaginei que já teríamos sido surpreendidos.

Percebo que Norah e os outros fugitivos partiram para uma missão suicida. Por que fugiram, se tinham certeza de que seriam caçados? O que imaginaram? Que conseguiriam fugir para sempre, carregando mulheres, crianças e idosos?

Olho para trás, para Darion. Ele está sentado com o cotovelo apoiado no joelho, a mão acariciando o queixo. Está pensativo, e eu poderia apostar um dedo da minha mão que ele está pensando exatamente como eu.

Ele percebe que estou olhando para ele. Levanta a sobrancelha e vira a cabeça de lado, indicando que não sabe a resposta para essa pergunta. Volto a

olhar para frente.

– Não temos muito tempo, então. Max sugeriu que fôssemos para a fortaleza, que eles nos ajudariam, já que o líder é seu tio.

Olho para Max, mostrando minha dúvida.

– Eles não nos atacam, eu tenho certeza.

– Desculpe, mas por que atacariam mesmo que ele não fosse da família do líder? – Nyfer parece bem confuso.

Preciso me lembrar de que eles não sabem muito sobre a fortaleza.

– A fortaleza é o povo mais evoluído daqui, Nyfer. Eles possuem armas de fogo e tecnologia, por isso são mais fortes. Há muitos anos, a fortaleza tem tentado manter a paz entre os povos. Pelo menos, esse é o discurso que eles promovem. Quando existe qualquer conflito, eles intervêm. Muitas vezes, os conflitantes são mortos – Nyfer assume uma expressão que mostra o quanto ele está indignado. Sim, Nyfer, eles garantem a paz matando! – e podemos dizer que nós estamos incitando um conflito com o povo da areia e os aligortes.

– Aliás, já não era para eles terem se



manifestado, depois de tudo que aconteceu com os aligortes?

José tem razão, a fortaleza está quieta demais. Será que é por causa de Max? Pensando por esse lado, não tivemos problemas com a fortaleza desde que Max está conosco. Olho para ele, estreitando meu olhar.

Também não tiveram conflitos. Sim, é por isso.

– Talvez eles não saibam ainda – sugere Líria.

– Eu e Luke vimos alguns guerreiros da fortaleza andando pela floresta quando viemos para cá. Eles sabem o que está acontecendo.

– Isso se esses guerreiros conseguiram voltar para contar.

Max está defendendo a fortaleza?

– Acho que o simples fato de eles não voltarem já indicaria um problema, não? – estou sendo fria, não sei por quê. Max me analisa irritado, deixando claro que ele não gostou do meu tom – Enfim, o povo da areia está a caminho. Podemos ficar e lutar. Se eles não vierem com tantos guerreiros, temos chances de vencer. Mas eles sabem quantos guerreiros deles fugiram e Jafar contará quantos guerreiros temos. Certamente, ele virá com um

exército capaz de nos derrotar. Então, teremos que pedir ajuda à fortaleza. Concordam?

Todos se olham. Norah massageia os olhos, parecendo indeciso. Ele não gosta da ideia de depender de quem ele nem conhece. Eu me sinto da mesma maneira, mas não temos alternativa. Ficar e esperar a morte definitivamente não é uma opção válida.

Depois de alguns minutos, todos concordam.

– Ok. Essa decisão todos imaginavam. Agora, vem a pior parte: vamos apenas alguns pedir ajuda e trazer o exército da fortaleza para cá, ou vamos todos?

– Todos? – pergunta Jess – Todos os guerreiros, você quer dizer?

– Não, Jess. Eu não deixaria nosso povo sem nenhum guerreiro. Ao dizer todos, me refiro a todas as pessoas que estão neste alojamento. Se formos só alguns, certamente a viagem será mais rápida. Mas corremos dois riscos. O primeiro é não chegarmos a tempo com o exército da fortaleza. Jafar e o povo da areia podem chegar primeiro e matar todos. O segundo é não convencermos a fortaleza a mandar um exército até aqui para nos

ajudar. Se formos todos e conseguirmos apenas que eles nos deixem entrar, já estaremos seguros. Do povo da areia, pelo menos.

– O que nos garante que não estaremos entrando na boca do lobo? Como vocês podem ter certeza de que a fortaleza nos manterá seguros?

– Nada nos garante isso, Norah. Nós não temos essa certeza. A única certeza de que temos é que, se ficarmos, morreremos. Para mim, basta.

– Vocês estão contando com o fato de Max ser sobrinho do líder deles. Talvez eles levem esse parentesco em consideração e ajudem seu povo. Mas e nós? Por que eles nos ajudariam?

O tom de Norah não é arrogante. Também não é calmo, já que a situação não permite. E ele tem toda razão. Além do fato de seu povo não ter um parente da fortaleza com eles, seu número é muito maior que o nosso, o que representaria muito mais trabalho para os anfitriões.

Mas ele não está sozinho. Decido me aproximar, devagar.

– Norah, você salvou meu melhor amigo, sangue do meu sangue. Seu povo me recebeu aqui quando eu precisei. Não fui recebida com flores, mas fui

recebida. Luke salvou a minha vida. Meu povo dormiu ao lado do meu essa noite. Nós não abandonaremos vocês. Eu não abandonarei você. Se a fortaleza se recusar a ajudar seu povo, ela estará se recusando a ajudar o meu também. Aí pensaremos em outra solução – minhas palavras saem firmes, e estou sendo sincera. Mesmo com essa cara de quem comeu e não gostou, eu pude contar com Norah até agora. Ele poderá contar comigo também. Meu irmão me ensinou isso – você confia em mim?

Uma pergunta simples que decidirá o destino de muita gente. Sinto um calafrio percorrer meu corpo ao me lembrar de que a vida de tantas pessoas está em minhas mãos. O que eu decidir traçará o futuro delas.

Para minha surpresa, Norah olha somente para mim. Pensei que ele consultaria Tereza, pelo menos. Depois de um tempo me encarando, ele responde:

– Sim – apenas uma palavra, tudo que eu preciso.

– Ótimo. Eu acho melhor irmos todos. Será mais trabalhoso, mas será mais seguro. São vinte e

## PERIGOSAS NACIONAIS

quatro horas até a fortaleza. Contando que estaremos com idosos, crianças e demais pessoas que não estão acostumadas com muito esforço, creio que chegaremos em quarenta e oito horas. A cada dia, dois guerreiros vão quatro horas na frente dos demais. Caso eles encontrem algum problema, terão tempo suficiente para voltar e nos avisar. Um guerreiro fica duas horas para trás, ele também terá tempo de correr e nos avisar caso algum perigo esteja nos alcançando. Os jovens carregarão os idosos. Não levaremos nada, além das roupas em nossos corpos e armas. Peçam para que nosso povo faça quantas flechas e facas puderem. Usem rochas, além de ossos de animais. Caçaremos diariamente. Se formos atacados de surpresa, apesar de todas as precauções, estaremos juntos e lutaremos. Essa é minha sugestão.

Não preciso olhar para meus guerreiros para saber que eles concordam comigo. Espero a resposta de Norah. Ele olha para seus dois guerreiros de confiança, que assentem. Nyfer com mais entusiasmo do que Jess.

- Faremos dessa maneira. Vou avisar meu povo.
- Vou consultar o meu.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– O quê? – Norah parece confuso – Consultar?

– Nós discutimos as possibilidades entre guerreiros, pois temos conhecimentos de batalha que nosso povo não tem. Mas eles têm direito de decidir sobre suas próprias vidas. Eles podem não concordar com o que achamos ser melhor para eles – Nyfer abre um sorriso enorme. Norah continua perplexo – meu irmão fazia dessa maneira. E eu farei igual.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e seis

Estão todos reunidos, o que sobrou do meu povo. Eles formam um círculo em volta de mim e de meus guerreiros. Todos sorriem quando me olham, mesmo sendo óbvio que não estão alegres. Respiro fundo e começo:

– Não tive tempo de falar com nenhum de vocês. As coisas estão bem corridas e complicadas – eles concordam, olhando para mim, mostrando que não se importam com isso – estou muito feliz por estarem aqui, apesar de ser uma tristeza muito grande que não estejam todos. Mas cada um tem o direito de escolher o que quer para si mesmo – a maioria abaixa a cabeça, provavelmente se lembrando de alguém que ficou para trás, alguém que está morto. Não consigo deixar de olhar para Maria, mãe de Jonas. Ela percebe que estou olhando para ela e sorri. Seu sorriso sai forçado e não me engana. Sinto minha garganta queimar. É meu dever proteger a todos, mas eu falhei. Abaixo a cabeça, tentando me controlar. Quando estou pronta, levanto a cabeça e olho para meu povo sem

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas, mas não consigo evitar que minha voz saia embargada – meu dever é proteger todos e peço desculpas pela minha falha – abaixo a cabeça de novo, limpando a primeira lágrima antes que ela caia – posso garantir a vocês que fiz o meu melhor, que em momento algum deixei de pensar em todos vocês – escuto-os tentando me incentivar, dizendo que contam comigo, que sabem que não foi minha culpa. Algumas pessoas tentam vir em minha direção, mas os outros os impedem, deixando que eu termine de falar. Respiro fundo para me preparar para o que vem a seguir – meu irmão está morto. Ainda não sabemos exatamente o que aconteceu, mas eu não tenho dúvidas de que ele morreu tentando nos proteger, como fez sua vida inteira.

Não consigo encarar meu povo enquanto falo do meu irmão. Sei que devo manter a cabeça erguida, mas é inevitável olhar para baixo novamente.

– Ao Julio! – escuto o primeiro grito.

Aos poucos, todos os outros gritam a mesma coisa. Não preciso olhar para saber que eles erguem a mão direita para o céu. Todos amavam meu irmão, disso eu tenho certeza. Sua morte certamente foi nossa pior perda. Ele era um ótimo



## PERIGOSAS NACIONAIS

líder, e eu vou garantir que ele tenha orgulho de mim, onde quer que esteja.

Esfrego o rosto com força, deixando minha voz firme. Não temos tempo para lamentações.

– Os aligortes nos traíram, como vocês já perceberam – escuto a raiva na voz das pessoas, que xingam alto – e esse não é o nosso problema. Os aligortes não são porra nenhuma. Só conseguiram nos prejudicar porque cometemos o erro de confiar neles, dando oportunidade para nos pegarem desprevenidos. Hoje, o problema que enfrentamos é muito pior. Jafar, aparentemente, se aliou com o povo da areia – todos ficam inquietos, olhando uns para os outros perplexos. Solto a bomba: – e eles estão vindo para cá.

Todos começam a falar ao mesmo tempo. Thieno, guerreiro na época dos meus pais, agora velho, dá um passo à frente, falando mais alto do que os demais:

– Que venham! Não será a primeira vez que eu vejo os guerreiros do povo da areia no chão enquanto os nossos continuam em pé! – ele grita, e todos gritam logo em seguida.

Olho para meus guerreiros, que permanecem

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

parados, como eu. Logo, meu povo percebe que não estamos tão entusiasmados quanto eles e nos encaram, esperando uma resposta.

– As pessoas que estão conosco aqui eram do povo da areia, como vocês já devem estar sabendo. Eles fugiram da tirania cruel de seu líder. Graças a isso, temos algumas informações que antes não tínhamos – as sobancelhas de Thieno se unem.

– O que foi, princesa? – sua confiança se foi, dando espaço para a preocupação.

– O povo da areia é muito maior do que podíamos imaginar. Eles contam com milhares de guerreiros – a discórdia reina, todos falam ao mesmo tempo. Vejo o pânico nos olhos das pessoas. Talvez até arrependimento. Alguns devem estar pensando que seria melhor ter ficado com os aligortes, que agora contam com a proteção do povo da areia. E eles têm esse direito. José e Arthur começam a gesticular, pedindo silêncio. Quando eles conseguem, prossigo: – eu sei que muitos decidiram ficar com os aligortes porque consideraram mais seguro. Eu não os culpo, não os considero traidores. Provavelmente, eles estão mais seguros do que nós nesse momento. Se alguém aqui

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quiser voltar, não se preocupe, pois não haverá represálias – meu povo fica calado, trocando olhares – e quem ficar, esteja preparado, pois esta será uma batalha difícil. Mas eu não vou desistir. Vou lutar até que eu consiga permanecer em pé e darei a minha vida pela de qualquer um de vocês! – escuto meu tom de voz aumentar a cada palavra – Eu prefiro morrer lutando pelo o que eu acredito do que viver de joelhos, seguindo ordens de um assassino! – grito, contagiando a todos. Vejo Arthur gritar olhando para cima, um grito de guerra. As pessoas levam as mãos para cima, gritando também. Meu povo está pronto. Eu estou pronta. Decidida, levanto minha mão direita e grito o mais alto que meus pulmões aguentam: – Vocês estão comigo?

– Sim!!!

A resposta vem em uníssono e a energia deles passa para mim. Antes que eu perceba, estou sorrindo, orgulhosa.

Com o canto do olho, percebo uma movimentação. Norah e seu povo também estão reunidos. Mas eles não conversam entre eles, apenas nos observam. Sinalizo com a cabeça para

## PERIGOSAS ACHERON

que Norah venha até mim.

Quando ele me alcança, meu povo já está fazendo silêncio aos poucos.

– Esse é Norah, líder dos guerreiros... – olho para Norah, me dando conta de que não sei como chamar seu povo – é um guerreiro em quem vocês podem confiar. Estamos juntos, vocês terão oportunidade de conhecer os outros.

Todos olham para Norah, que assente com a cabeça.

– Celine, o que faremos? – Thomás me pergunta.

Quase não tinha reparado nele na multidão. Desde que terminamos, ficamos bem distantes um do outro. Não sei como isso aconteceu, pois sei que ele é uma pessoa maravilhosa e alguém que definitivamente eu gosto de ter por perto.

– Ótima pergunta, Thomás. Como eu disse, acreditamos que Jafar e o povo da areia estão vindo atrás de nós. Não sabemos a magnitude do ataque que eles planejam, mas sabemos que, se quiserem, podem trazer uma quantidade de guerreiros que seremos incapazes de derrotar. Sendo assim, ficar não é uma opção – meu povo não diz nada, só

espera que eu dê as coordenadas. Olho para Max – temos motivos para acreditar que a fortaleza nos receberá bem, uma vez que Max nasceu lá – fico esperando meu povo ir contra, dizer que é muito arriscado ir até a fortaleza, mas ninguém diz nada – acreditamos que nossa melhor chance é irmos todos até a fortaleza para pedir ajuda. Talvez eles ainda não saibam sobre o tamanho do exército do povo da areia e, se for o caso, agradecerão a informação.

– Será que é uma boa ideia? – Thomás é cauteloso, deve estar com receio de me ofender por estar duvidando do meu plano.

Quando ele mudou desse jeito? Fui eu que o afastei?

– Definitivamente não é uma boa ideia. Sair em um grupo tão grande pela floresta, correr o risco de chegarmos lá e não sermos bem recebidos pela fortaleza... Mas não encontramos opção melhor. Irmos apenas os guerreiros e voltarmos com a resposta pode significar um ataque onde vocês estariam desprotegidos. Prefiro que fiquemos juntos.

Todos se olham. Alguns trocam algumas palavras entre si. Norah me observa desconfiado,

# PERIGOSAS NACIONAIS

talvez achando que meu povo não concordará com a nossa sugestão.

Thomás se envolve na multidão e demora menos de um minuto para tomar a frente novamente, olhando para mim.

– Quando partimos? – ele me pergunta, mais seguro do que eu esperava.

– Agora. Não é uma viagem muito longa. Levem somente o que é extremamente necessário. Água e comida conseguiremos no caminho. Norah, quantos idosos de vocês precisarão de ajuda para se locomover?

– Uns quatro.

– Ok. Precisaremos de homens para carregar os idosos.

Todos os homens do meu povo dão um passo à frente. As mulheres começam a arrumar as coisas.

– Os meus também – Norah aponta para seu povo, indicando que também ajudarão.

– Sim, façam revezamento. Menos os guerreiros. Precisamos de todos a postos, caso sejamos atacados de surpresa. Nyfer pode ser o primeiro a se adiantar?

– Sim.

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Norah olha para Nyfer, sinalizando para que ele venha até nós. Faço o mesmo com meus guerreiros.

– Nyfer, você pode ser o primeiro a se adiantar?  
– ele sorri para mim.

– Com certeza.

– Líria? – ela assente – Muito bem. Nós seguiremos reto, paralelo ao rio comprido – Nyfer fica confuso, Líria assente mais uma vez – quero que vocês vão mais para direita, mais próximos da mata fechada. Sejam silenciosos. Caso se deparem com qualquer um, voltem imediatamente, o mais rápido possível. E fiquem juntos. Se separar não é uma opção, ok? – olho diretamente para Líria.

– Corro o risco de ela me abandonar? – Nyfer já começa a fazer piada, e Líria levanta uma sobrancelha para ele.

– Ela é muito rápida, cara. Boa sorte. Sério mesmo – Arthur tira sarro de Nyfer, mas está dizendo a mais pura verdade.

Líria é muito silenciosa e rápida nesta mata. Conhece a floresta muito bem, sabe como fazer com que seus movimentos emitam um som muito baixo, que é muito facilmente confundido com um animal qualquer.

## PERIGOSAS ACHERON

– Porra, posso trocar com o Jess?

– Nyfer! – Norah o repreende.

– Estou brincando! – ele olha para Líria – Vamos? – ela assente.

– Sairemos daqui a alguns minutos. Mas vamos devagar. Vocês tomarão boa distância em breve. Parem duas horas antes do anoitecer, em um lugar propício. A rocha fechada é uma boa opção.

– Rocha fechada? – Nyfer faz cara de choro, para dramatizar sua falta de informação.

– Não se preocupe. Líria conhece esta floresta muito bem, vocês não correm o risco de se perder.

Arthur passa um arco e flechas para Líria, que aceita e os coloca em volta de seu corpo. Depois ele levanta o punho fechado em sua direção, a cumprimentando como costuma fazer. Ela bate seu punho no dele, vira as costas e sai correndo. Nyfer revira os olhos e corre atrás dela.

Apesar de confiar nas habilidades de Líria, fico receosa vendo-a sair apenas com Nyfer para o perigo. Não sabemos o que encontraremos no percurso. Uma coisa eu aprendi nesses dias: tudo pode acontecer.

Max se aproxima de mim, colocando a mão no

## PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

meu ombro.

– Vai dar tudo certo. Estamos fazendo o melhor.

Olho diretamente em seus olhos.

– Espero.

# PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e sete

Estou totalmente concentrada enquanto caminho pela floresta, com a faca do meu irmão na mão. Mas não importa o quanto eu tente prestar atenção nos sons da mata, com tantas pessoas caminhando perto de mim é impossível. Eu me sinto vulnerável e isso está acabando com meu humor.

Thomás carrega Darion nas suas costas. Cinco idosos são carregados por amigos de Norah. Os guerreiros estão espalhados, em volta da multidão. Caminhamos mais devagar do que eu imaginava, o que me faz repensar nossa estratégia. Além disso, Líria, Nyfer e José não saem da minha cabeça. Sozinhos pela floresta...

Eu poderia ter deixado um dos guerreiros de Norah para trás. Mas, além de José conhecer muito melhor nosso território, a tarefa de ficar para trás e nos avisar caso Jafar nos alcance é muito importante. Ainda não confio nos guerreiros de Norah. Nem os vi lutando... não podia arriscar.

Percebo que estou mais à frente do que deveria.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Paro e olho para trás irritada, apesar de saber que não é culpa deles. Mesmo na parte mais aberta da floresta, o solo não é totalmente plano e dificulta a caminhada de quem não está acostumado. Meu povo tem mais facilidade do que os demais, mas também é lento.

Max olha para mim pedindo paciência em silêncio. Respiro fundo.

Quando o resto do grupo me alcança, me volto para frente e continuo caminhando. Uma mão toca meu ombro, me viro e vejo Norah. Porra, nem escutei ele se aproximar. Estamos fodidos.

– Alguns precisam descansar por um momento. Talvez seja uma boa ideia pararmos para comer. Já faz umas seis horas que estamos caminhando.

Não sinto um pinga de cansaço sequer. Como pode haver pessoas precisando parar? Olho brava para Norah, soltando o ar com força. Quantos dias demoraremos para chegar na fortaleza?

– Ok. Vamos mais para a direita, onde há sombra. A parada não pode passar de uma hora. Arthur! – grito de modo brusco, demonstrando minha irritação – Vá com mais dois guerreiros de Norah até o rio para pegar água. Vou entrar na mata

## PERIGOSAS ACHERON

para caçar.

– Vou com você – Max aparece logo atrás de Arthur.

Não é uma boa ideia, mas não tenho paciência para discutir.

– Vocês podem ficar. Nós caçaremos – Luke carrega um arco e flechas e os dois homens que estão com ele seguram lanças.

Analiso a ideia, indecisa. Tenho medo de que algo lhe aconteça. Seus amigos não parecem guerreiros e Luke não sabe lutar.

– Vocês não vão sozinhos. É perigoso. Eu vou com vocês.

– Deixa eles, Celine. Estão bem grandinhos – péssima hora para vir com crise de ciúme, Max, meu humor está péssimo. Eu o fuzilo com o olhar mais sombrio que posso. Ele percebe seu erro e revira os olhos – então vamos todos!

– Norah, venha na mesma direção que a gente. Assim que encontrar sombra, pode parar. Mantenha os guerreiros na mesma posição, em volta dos demais. Nós vamos entrar bem mais na floresta.

Olho para Arthur e ele pisca para mim, indicando que ficará atento. Levanto as

## PERIGOSAS ACHERON

sobancelhas, pedindo para que ele preste mais atenção do que o normal.

Avançamos até que o sol não ultrapasse as árvores, Max ao meu lado, Luke e seus amigos logo atrás. Pouco tempo depois, sou abençoada pelo silêncio. Escutar apenas os sons da floresta faz eu me sentir aliviada. Parece noite e os barulhos de animais aumentam.

Noto que Luke é silencioso, ao contrário de seus amigos. Eles não devem ser caçadores. Caçadores precisam ser silenciosos para não espantar suas presas.

No caminho, cruzamos com animais pequenos, como coelhos. Precisamos de animais maiores para servir tantas pessoas. Então entramos ainda mais na floresta.

Começo a ficar com frio e acho que estamos demorando mais do que deveríamos. Estou prestes a sugerir que cacemos mil coelhos quando escuto um barulho alto.

Sinalizo para que os outros façam mais silêncio. Estamos próximos de uma presa. Andamos um pouco mais e avistamos dois cervos. Perfeito!

Mas eles já estão atentos, procurando. Com

certeza nos escutaram. Não podemos nos aproximar mais.

Luke pega uma flecha e carrega seu arco. Seu amigo não terá força suficiente para sua lança a esta distância. Por mais que Luke acerte seu tiro, o outro cervo fugirá. E precisamos dos dois.

Toco o braço de Luke, pego uma flecha e também armo meu arco. Sinalizo para ele que vou mirar no da direita. Ele assente.

Puxo a flecha para trás, mirando no meu cervo. Puxo o ar e prendo a respiração. Já estou pronta para atirar, mas espero Luke.

Assim que ele solta sua flecha, faço o mesmo. Nós dois acertamos e os cervos caem. Pego minha faca, correndo o mais rápido que posso até eles. Não quero que sofram mais do que o necessário.

Eu me agacho ao lado do primeiro, acaricio seu rosto e coloco a faca na sua garganta.

– Obrigada.

Passo a lâmina por sua pele e repito o ritual com o outro animal. Luke levanta a camiseta e começa a desenrolar uma corda que estava amarrada em volta da sua barriga. Ela parece ser feita com fibras da casca de árvores. Dou risada enquanto seus amigos

fazem o mesmo que ele.

Eu os deixo cuidando de nossas presas e me afasto um pouco. Meus olhos varrem a floresta atentamente. A qualquer momento, podemos ser atacados por um felino, atraído pelo sangue dos cervos.

Max para ao meu lado, e eu aprecio seu lindo rosto.

– Será que conseguiremos alcançar Lília? – ele pergunta.

– Estava me perguntando o mesmo há pouco. Não temos opções. Todos vão andar até os encontrarmos.

Max está assentindo para mim quando seu rosto assume uma expressão assustada. Antes de olhar para trás, escuto um rosnado.

Um lobo enorme nos encara, parecendo faminto. Escuto a arma de Max sendo engatilhada e levo a mão lentamente até seu braço, impedindo que vá adiante.

Nem por um segundo desvio os olhos do lobo cinza que está na nossa frente. Ele mostra os dentes para nós, rosnando alto.

Um de seus olhos é azul, o outro castanho. Eu o  
PERIGOSAS ACHERON

reconheço. Mesmo sem saber qual a reação de Luke e os demais, levanto a mão atrás de mim, sinalizando para que não ataquem.

– Celine... – Max sussurra.

Não posso desviar os olhos do lobo ou ele nos atacará. Apenas sinalizo para que Max não atire. Espero que ele saiba que sei o que estou fazendo.

Dou um passo para frente, e o lobo rosna ainda mais. Estou a uns cinco passos dele. Eu me agacho, procurando por uma cicatriz em sua pata dianteira esquerda. Mas seus pelos cresceram da última vez que nos vimos, não consigo confirmar. Só pode ser ele. Nunca vi outro lobo com pelugem e olhos dessas cores.

Ele era bem menor, há quatro anos, quando o encontrei machucado na floresta e cuidei dele. Dormi na mata com ele por três dias para trocar as ervas de seus ferimentos, alimentá-lo e protegê-lo, caso algum animal tentasse se aproveitar de sua condição.

Eu não queria abandoná-lo. Queria levá-lo comigo para nosso alojamento, ficar com ele. Mas Julio disse que isso o enfraqueceria, que seu lugar era na floresta e que ele precisaria aprender sozinho



a se virar por lá. Por isso, quando seus ferimentos já estavam melhores, eu o deixei e nunca mais o vi.

Ele continua rosnando para mim, pronto para atacar. Será que não me reconhece? Ou será que está com raiva, por eu tê-lo abandonado?

Estico minha perna para frente, me aproximando mais. O lobo não recua. Pelo contrário, fica ainda mais agressivo. Escuto a respiração de Max ficar pesada e tenho certeza de que sua arma está apontada para o lobo.

Por favor, me reconheça. Não quero machucar você.

Continuo olhando diretamente para seus olhos enquanto ele me ameaça. O vento bate, levando meus cabelos para o lado. Logo em seguida, o lobo abaixa um pouco a guarda, deixando de mostrar os dentes, apesar de continuar em posição de ataque.

Meu cheiro! O vento levou meu cheiro até ele e talvez ele tenha o reconhecido. Aproveito e me aproximo um pouco mais.

Estamos a dois passos de distância um do outro. Estico meu braço para ele, a palma da mão aberta. Ele me olha por um tempo.

Então, lentamente, dá um passo à frente, saindo

## PERIGOSAS ACHERON

de sua posição ameaçadora. Sorrio. Ele avança um pouco mais, até que seu focinho quase encoste na minha mão. Consigo sentir sua respiração.

Meu lobo reconhece meu cheiro, levanta a cabeça e uiva. O som é lindo, enche meu coração de alegria. Sei que não corro mais nenhum risco e acaricio seu rosto quando ele para de uivar.

Ele rompe a distância entre nós, e eu passo os braços por seu pescoço, o abraçando. Ele se senta sobre as patas traseiras, permitindo que eu faça carinho nele todo.

– Quanto tempo, meu amigo.

Ele encosta o focinho gelado no meu rosto, me cumprimentando.

– Só pode ser brincadeira – não reconheço a voz que diz isso, por isso sei que é um dos amigos de Luke.

Escuto a risada de Max e seus passos se aproximando. Meu lobo rosna pra ele, mostrando que não gostou da aproximação. Olho para trás e vejo que Max está assustado.

– *Shhh*, calma. Ele é amigo – falo, dando risada.

Meu lobo não quer saber, continua rosnando. Max dá dois passos para trás e ele se acalma,  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

voltando sua atenção para mim.

– Ele pensa que você é dele – sinto o ciúme na voz de Max.

Será possível? Ciúme de um animal? Esse cara precisa de ajuda!

– Ele está com saudade. Não me via há muito tempo – meu lobo encosta o focinho no meu rosto novamente, transmitindo seu carinho – Luke, leve os cervos para os outros. Max, você os acompanha?

– Não. Eu espero você.

– Por favor. Eu já vou – meu tom é calmo.

Não tem por que ele ficar comigo. Posso muito bem me defender sozinha e dificilmente encontrarei companhia humana neste ponto da floresta.

Max olha para mim, depois para meu lobo.

– Você é foda. Não demore.

Quando os outros se afastam, meu lobo deita no chão. Eu me deito também, apoiando em seu corpo. Ele vira sua cabeça em minha direção, e eu acaricio suas orelhas.

– Muita coisa aconteceu depois da última vez que estivemos juntos, lobo – ele emite um som baixinho, como se realmente pudesse me entender.

## PERIGOSAS ACHERON

Sei que ele não interpreta minhas palavras, mas tenho certeza de que assimila meus sentimentos pelo meu tom de voz, pela minha respiração – você se lembra do meu irmão? Ele está morto, como o resto da minha família – ele tenta trazer seu focinho para perto de mim, mas, pela maneira que estamos deitados, não consegue. Então me movo em direção a seu rosto, apoiando minha cabeça um pouco depois da junção de seu pescoço – meu povo é responsabilidade minha agora. Se eu tomar uma decisão errada, todos podem sofrer as consequências. Engraçado isso, não é, lobo? O fato de uma pessoa ter influência direta no destino de tantas outras. Diná poderia me preparar para isso, mas ela também está morta. Morreu para que eu vivesse. Que troca ingrata. Alguém com tantos conhecimentos por alguém que não sabe quase nada – eu me mexo de maneira que minhas mãos alcancem seu rosto. Ele é muito bonito. Seus olhos disformes são o que ele tem de mais belo – você sentiu minha falta? Sabe que eu te deixei porque era melhor para você, não sabe? – meu lobo fecha os olhos enquanto acaricio seu rosto – Você é um preguiçoso, não é? – ele respira na minha cara, molhando o meu rosto – Ei, não faça isso, seu

preguiçoso! – ele faz de novo. Dou risada. Depois, olho séria para ele – Você acha que eu posso vencer essa batalha? – ele fica parado, olhando para mim. Depois levanta o rosto, ainda deitado, e uiva – Sim, eu sei que você estará comigo. Você está tão forte! Quando te encontrei, ainda era um filhote, não era? Agora, você é um lobo de verdade. Sobreviveu. Deve ter reunido algumas vitórias, não é? – ele passa seu focinho por todo o meu rosto – Que focinho mais gelado meu lobo guerreiro tem! Você conseguiu uma família? Ou ficou sozinho? Deve ter ficado sozinho, não é? Mas isso acabou, você reencontrou sua família – beijo seu rosto duas vezes – acha que meu irmão guiou você até aqui? Julio pediu que cuidasse de mim? Diná dizia que os espíritos mais puros não somem da terra depois que morrem. Ela acreditava que eles reencarnam em animais. Você pode ter sido um homem um dia. Acredita nisso? – um barulho nos interrompe e meu lobo levanta rapidamente, me derrubando. Seus olhos varrem a floresta, atentos. Faço o mesmo, mas não vejo nada – Calma, era só um animal andando por perto – ele continua olhando a floresta por um tempo. Depois, se volta para mim. Eu me ajoelho na sua frente – preciso ir. Tem muita gente

## PERIGOSAS NACIONAIS

vulnerável por aqui. Preciso protegê-los – acaricio seu rosto e beijo entre seus olhos – você vai ficar por perto? – pergunto em um sussurro. Ele se levanta nas patas traseiras, apoiando as dianteiras em meus ombros. Ele é muito grande – É claro que vai. Sou sua família agora, não é? Você é a minha, também. E nós cuidamos da família, não é? – beijo entre seus lindos olhos mais uma vez e fico ali, pertinho do meu lobo – Tome cuidado. Seja cauteloso, ok?

Eu me levanto e volto para meu povo. Meu lobo me segue. Mas, quando a mata começa a se abrir e o sol a aparecer, não escuto mais seus passos.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e oito

Já vai anoitecer e não estamos nem perto de onde Nyfer e Líria devem ter parado. Meu povo e o de Norah são mais lentos do que eu imaginava. José já nos alcançou duas vezes, tendo que voltar. Começo a me preocupar.

Continuo andando na frente, impaciente. Quando me distancio muito, paro e espero. As horas parecem dias, eu estou muito inquieta. Duvido que consiga dormir esta noite.

Max me alcança antes dos outros. Ele olha para a floresta à nossa frente, preocupado.

– Estamos muito devagar – seu tom é sombrio.

– Sim. Se eles estiverem atrás de nós, nos alcançarão antes de chegarmos à fortaleza, sem dúvida – ele continua olhando para a mata, pensativo – o que foi?

– Nada – ele não olha para mim para responder.

Ele está pensando em algo, e acho que sei o que é.

– Acha melhor você ir na frente? – ele estreita os olhos, ainda olhando para frente.

– Não sei – nós dois sabemos que é melhor que ele vá na frente, mas temos o mesmo medo: que o outro se machuque. Ele quer ficar para me proteger, eu não quero que ele vá para onde eu não possa protegê-lo. Ele finalmente olha para mim – podemos ir nós dois.

– Não podemos fazer isso, Max, você sabe disso – como falar para o meu povo que vou na frente e deixá-los sozinhos? Também não posso arriscar nossa aliança com Norah. Isso, certamente, soaria como covardia – de qualquer maneira, já está para anoitecer. Pensaremos nisso amanhã, ok?

Luke nos alcança, posso ver os outros atrás dele.

– Precisamos parar.

– Não. Nem estamos perto de Nyfer e Líria. Vamos caminhar até anoitecer.

– Celine, eles estão cansados.

– Eu sei, Luke, posso ver isso por mim mesma. Mas nós estamos muito lentos. Neste ritmo, Jafar e o povo da areia nos alcançarão antes da metade do caminho. Aí eles poderão descansar para sempre!

Estou muito irritada. Escuto Max tentar segurar

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

a risada e o encaro.

– Desculpe, mas essa foi foda, princesa! – ele se entrega e começa a gargalhar.

Luke sai andando, bravo.

– Você é um cretino! – digo ríspida para Max e continuo andando na frente.

Todos me obedecem e caminham até o escurecer. Quando paramos, a maioria desaba no chão, exaustos. Reparo que os guerreiros de Norah não parecem cansados, o que me indica que eles tiveram um bom treinamento.

Poucos minutos depois que paramos, José nos alcança pela terceira vez. Decido ir eu mesma atrás de Liria e Nyfer, mas Max e Arthur me convencem a ficar, dizendo que é importante para todos que eu esteja presente. Eles confiam em mim. Não tenho ânimo para discutir, então aceito que Arthur vá no meu lugar.

Eu me distancio do grupo, observando a floresta. Não vi sinal do meu lobo no resto do dia. Pensei que ele nos acompanharia, mesmo que à distância.

– Você precisa descansar – reconheço a voz de Norah e não olho para ele.

– Você também.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, quem não dormiu na noite passada, dormirá hoje. Teremos dez guerreiros e cinco vigilantes acordados. É o suficiente?

– Acho que sim.

– Por que você está tão desanimada?

Estudo seu rosto, vendo sua preocupação. Posso estar sendo presunçosa, mas acho que ele confia em mim e conta comigo. Preciso ser sincera.

– Estamos muito devagar, Norah. Neste ritmo, chegaremos uns dois dias depois do esperado – ele abaixa a cabeça, pensativo – não sei se temos dois dias.

– Eles não conseguem ir mais rápido.

– Eu sei. Amanhã não pararemos para comer.

– Celine, enfraquecê-los não é a solução.

– Eles não ficarão fracos, comeram carne hoje. Comerão frutas amanhã enquanto caminham – sua expressão me mostra que ele não concorda comigo – olhe, eu não quero que eles sofram. Não quero vê-los esgotados. Mas, acima de tudo, não quero vê-los mortos.

– Você parece ter certeza de que eles estão atrás de nós.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Estou me sentindo muito inquieta. Algo dentro de mim me diz para forçá-los o máximo que eu puder. Tenho a sensação de que nosso tempo é precioso.

– Tudo bem. Vamos tentar isso amanhã. Mas, quando eles não aguentarem mais, pararemos.

Meu plano é que os mais fortes carreguem os mais fracos quando eles não aguentarem mais. Mas não é uma boa ideia dividir isso com Norah agora. Amanhã eu faço isso.

– Ok.

– Por que você não descansa um pouco? Eu cuido da vigilância esta noite.

– Você também não dormiu na noite passada.

– Passarei as coordenadas para Jess e descansarei em seguida – assinto com a cabeça.

Volto para o acampamento improvisado. Encontro um lugar confortável e me sento. Tento manter a mente limpa, me surpreendendo por conseguir.

Depois de um tempo, começo a me sentir sonolenta. Olho adiante e vejo Max, andando pelo acampamento, olhando a floresta. Darion e Tereza estão juntos, conversando. Minhas pálpebras ficam

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pesadas, mas decido que não dormirei até Nyfer, Líria e Arthur voltarem.

Preciso fazer um grande esforço para ficar acordada. Max se senta ao meu lado.

– Já era para eles terem voltado? – pergunto, sonolenta.

– Daqui a pouco eles estão aí. Durma logo.

– Vou esperá-los.

– Celine, você está caindo de sono.

– Você cuida da segurança com Norah hoje?

– Fique tranquila. Já providenciamos tudo. Saberemos antecipadamente se alguém estiver se aproximando. José não viu ninguém, o que nos garante algumas horas.

Faço que sim com a cabeça, meu movimento sai mais lento do que eu esperava. Alongo o pescoço e me sinto extremamente aliviada quando Nyfer, Arthur e Líria chegam. Eles vêm direto até mim.

– Tudo bem?

– Sim. Ninguém por todo o caminho. Fomos até a rocha fechada e entramos um pouco na floresta – Líria me passa as informações.

– Nem a fortaleza?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Nem a fortaleza.

Olho para Max. A fortaleza está quieta demais. É normal vermos seus guerreiros andando pela floresta vez ou outra.

– Vocês comeram?

– Opa! – Nyfer parece animado, apesar da nossa situação, e eu esboço um sorriso.

– Pronto, Celine, eles chegaram. Nosso plano está dando certo. Ninguém à frente, ninguém nos seguindo. Durma, você precisa descansar – Max manda mais do que pede, o que não me incomoda.

Concordo com a cabeça e, antes que eu decida, meus olhos se fecham lentamente. Sinto as mãos de Max no meu corpo, me deitando. Permito que ele faça o que achar melhor.

Acredito que minha cabeça esteja apoiada em sua perna, não chego a abrir os olhos para confirmar. Apenas viro de lado, encontro uma posição confortável e durmo.

## PERIGOSAS ACHERON

## Vinte e nove

Julio se agacha, passando a mão pela terra molhada da floresta. Um vento bate e ele respira fundo.

– Sinta isso, Celine – respiro fundo também, sentindo o cheiro de terra molhada, de flores, plantas... O cheiro da floresta – vem aqui – eu me agacho ao seu lado e imito seus movimentos, esfregando a terra nos meus dedos – sinta a floresta. Você fará parte dela, se ela te aceitar. Por isso, você deve tomar da mata somente o que precisar para sobreviver. Você se sente bem aqui?

Fico impaciente. Hoje é o primeiro dia do meu treinamento como guerreira. Por que meu irmão está perdendo tempo com isso?

– Achei que você ia me ensinar a lutar! – resmungo.

– Estou te ensinando, Celine. Você acha que pode ser guerreira sozinha? Acha que não precisará da floresta e do que ela pode lhe oferecer? – olho insolente para ele – Onde vivem os espíritos,

Celine?

- Na floresta – respondo, sem vontade.
- E por que eles vivem aqui?
- Porque eles fazem parte daqui. É onde eles se sentem bem.
- Além dos espíritos, quem mais pode ajudar você, que vive aqui?
- Os animais, filhos da floresta, guiados pelos espíritos.

Um uivo corta a floresta, e eu acordo calma. Eu me levanto devagar, sem acordar Max. Mais um uivo. Desta vez, presto atenção. É um uivo longo, urgente.

O som vem de trás, de onde estávamos. Fecho os olhos, me lembrando do treinamento do meu irmão, que revivi segundos atrás. Sim, os animais podem me ajudar.

Caminho rapidamente em direção ao som que escutei há pouco. Os guerreiros que fazem a vigília não me perguntam nada. Noto que apenas o pessoal do Norah está acordado. Um erro, mas não tenho tempo para isso nesse momento.

Avanço na floresta, em direção ao som. Espero que meu lobo uive novamente, mas isso não

PERIGOSAS ACHERON

acontece.

Escuto um barulho e me deparo com Arthur apontando uma flecha para mim.

– Que susto, chefe!

Claro que meus guerreiros não dormiriam todos. Arthur deve estar andando pelo perímetro. Ele se aproxima de mim e faz menção de dizer algo, mas eu sinalizo para que fique em silêncio. Preciso me concentrar.

É muita coincidência reencontrar meu lobo depois de quatro anos, sonhar com o dia que meu irmão me ensinava sobre a influência da floresta e acordar com um uivo.

Espero, mas nada acontece.

Olho para a mata à minha volta: as árvores, as plantas, os frutos. Eu me aproximo de uma árvore grande, passando os dedos por seu tronco. Fecho os olhos e respiro fundo.

Espero. Nada.

Então me agacho, afundando as mãos na terra. Ainda de olhos fechados, respiro fundo mais uma vez.

– Espíritos da floresta, se eu estiver certa, me mostrem – sussurro para mim mesma.

# PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

Segundos depois, meu lobo uiva para mim novamente. Sinto sua urgência e confirmo que o som vem de onde estávamos. Encaro Arthur, aflita.

— Acorde todos! — ordeno.

# PERIGOSAS ACHERON

# Trinta

– O que aconteceu? – Norah parece assustado. Deveria.

– Todos devem continuar. Meus guerreiros e quem você confia ficam para decidirmos o que fazer.

– Ainda está escuro.

– A escuridão é nossa maior aliada agora – olho para cima e vejo a lua – amanhecerá em no máximo quatro horas.

– Não é seguro eles irem na frente.

Começo a me irritar com tanto questionamento. Porra, apenas faça o que eu mando!

– O perigo não está à frente, Norah. Não sei quanto tempo temos, mas sei que é pouco. Eles são lentos, devem ir na frente. Nós os alcançaremos em breve. E eu não os quero caminhando. Quero até o mais velho correndo!

Norah continua desconfiado, mas chama Jess e pede para que ele faça o que eu mandei.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– O que aconteceu, chefe? – José me pergunta.

– Eles estão vindo.

Darion nos alcança, acompanhado de Tereza. Percebo que ele caminha bem melhor, apesar de não estar pronto para a batalha.

– Como você sabe? – Nyfer me pergunta.

– Meu lobo me disse – todos ficam me olhando. Devem achar que eu sou louca. Não importa. Confio nos meus instintos, eles nunca me decepcionaram. Não dou oportunidade para que me questionem. Olho para Max, que já está na expectativa do que fazer – você deve ir na frente – ele faz que não com a cabeça, mas eu não ligo. Não estou pedindo – caso veja alguém, entre na floresta fechada. Mas não acho que será o caso. Volte com o máximo de guerreiros que seu tio permitir. E seja rápido, Max.

– Celine, acha que eu vou deixar você aqui porque um lobo uivou à noite?

Filho da puta! Não tenho tempo para ficar argumentando. Minha vontade é dizer que não estou pedindo, mas isso não funcionará com ele. Rompo a distância entre nós, parando muito perto de seu rosto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Você não confia em mim? – ele fica me encarando, e não sei se o convenci – Se eu estiver errada e ninguém estiver a caminho, o máximo que acontecerá é conseguirmos ajuda da fortaleza em nossa viagem. Nos encontraremos em breve, de qualquer maneira.

Ele pensa por alguns segundos antes de segurar meu pescoço e encostar sua testa na minha.

– Pelo amor de Deus, Celine, tenha cuidado! – ele pede.

Faço que sim com a cabeça.

– Volte logo, Max. O exército da fortaleza é a nossa única chance.

– Não vou parar de correr até chegar lá.

Ele tira sua arma de trás do corpo e tenta me entregar. Empurro sua mão de volta para ele.

– Não. Você pode precisar – ele tenta falar algo, mas eu não permito – você é a nossa única esperança, Max. Precisamos dos guerreiros da fortaleza ou não venceremos. Se você não conseguir chegar até lá, tudo estará perdido.

Ele fica me olhando por um tempo. Então guarda a arma novamente, segura meu rosto com as duas mãos e me beija.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Não é um beijinho qualquer. Posso sentir o medo que ele tem de me perder na intensidade de seu beijo. Provavelmente, estou passando a mesma sensação para ele.

Todos devem estar olhando para nós, mas eu não me importo. Este pode ser nosso último beijo.

Ele me solta abruptamente e sai correndo em direção à fortaleza. Vendo-o correr, penso se não seria melhor que ele ficasse e eu mandasse outra pessoa mais rápida. Contudo, apenas ele é sobrinho do líder da fortaleza. Ele é o único que pode trazer um exército para nos salvar.

Talvez seja uma boa ideia mandar alguém ir junto. Não, precisaremos de todos os guerreiros que tivermos. Fecho os olhos, decidindo não pensar mais nisso. Max chegará à fortaleza e voltará para nos ajudar o mais rápido possível.

Eu me volto para os demais, eles esperam que eu lhes dê as coordenadas. Preciso que alguém volte para analisar a situação. Não gosto da ideia de mandar Líria sozinha ao encontro de Jafar e sei lá quantos guerreiros do povo da areia. Mas ela é a mais silenciosa e a mais rápida. Não vai me decepcionar.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

– Líria, com muita cautela, volte e veja a situação – ela afirma com a cabeça e começa a sair, mas eu seguro seu braço – muita cautela! Ninguém pode te ver.

Ela não diz nada, só concorda com a cabeça novamente e corre na direção oposta a de Max. Líria é muito corajosa, sempre foi.

– Celine, se eles realmente estiverem vindo, nós não seremos capazes de derrotá-los sozinhos. Eles são muitos.

Norah já está se entregando. O povo da areia definitivamente não teve o mesmo treinamento que nós.

– Nós não precisamos derrotá-los, por ora.

– Apenas atrasá-los – Darion está de volta à ativa.

Sei que seu corpo ainda não se recuperou totalmente. Será dureza convencê-lo a ficar de fora. Dureza é pouco, será impossível.

Sorrio maliciosamente para meu melhor amigo. Ele já sabe o que estou pensando.

– Eles têm vantagem em número, mas nós temos vantagem em território – olho para cada um de meus guerreiros. Não quero deixar Norah e seus

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

guerreiros de lado, até porque precisarei deles. Mas, desta vez, eles serão apenas coadjuvantes – esta floresta é nossa! Ninguém a conhece como nós. E ela está do nosso lado!

José e Arthur sorriem para mim, eles estão prontos.

– O que você planeja? – pergunta Nyfer.

Eu o sinto mais como meu guerreiro do que de Norah.

– Vamos atraí-los para dentro da floresta – começo sentir a familiar sensação que a adrenalina causa em mim. Pode soar muito estranho, mas eu gosto disso – precisamos chegar até um pouco antes da rocha fechada.

– A fileira de árvores – Darion anuncia meu plano, ciente de cada ideia que se passa em minha cabeça.

Norah e os outros nos olham confusos.

– Na mata fechada tem uma área que parece um corredor de árvores. Um corredor largo, com árvores em volta por uns trinta metros. Cortaremos seus troncos, os deixando prestes a cair. Atrairemos os guerreiros do povo da areia para lá e, quando eles estiverem passando, derrubaremos as árvores.

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eles não sobreviverão. A maioria, pelo menos.

– E depois?

– O depois vai depender das informações de Líria. Por enquanto, vocês sabem o que fazer. José, você conhece o corredor. Leve, pelo menos, trinta homens com você. Quero todos trabalhando no corte das árvores. Cuidado para não derrubá-las antes da hora. Elas devem ficar no ponto certo.

– Deixa comigo, chefe!

José sai em disparada para sua missão.

– Luke, quantos caçadores que caçam com arco e flechas vocês possuem?

– Sou o único caçador aqui.

Como é? Nenhum outro caçador fugiu do deserto? Foda-se, isso não importa agora.

– Além dos guerreiros, há alguém que sabe atirar com arco e flechas?

– Zeke e Tushiran se deram bem nos treinamentos.

Caralho. Muito pouco, precisaríamos de mais.

– Precisaremos deles.

– Você vai usar artesãos em uma batalha?

Norah já está me tirando do sério com tantos

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

questionamentos. Nossa aliança é importante, mas ele está passando dos limites.

– Norah, sei exatamente o que estou fazendo. Se tem alguém aqui que pode salvar a gente, esse alguém sou eu. Talvez você não esteja nem acreditando que o povo da areia está logo atrás de nós, mas eu posso te garantir que está. Então, se você não tiver ideias melhores que as minhas para compartilhar, pare de me questionar!

– Eu não tenho ideias melhores porque não há o que fazer. Se eles realmente estiverem por perto, todos nós já estamos mortos!

Pronto. Ele conseguiu esgotar minha paciência.

– Então adiante o processo e se entregue para eles! – grito – Já ajuda quem não atrapalha!

Não perco mais tempo com Norah. Eu o deixo falando sozinho e me viro para os outros.

– Nyfer, preciso que divida seus guerreiros em dois grupos. Um com dez e outro com sete. Mescle por habilidades. O grupo menor seguirá com nosso povo. O maior lutará ao nosso lado esta noite. Luke, precisaremos dos seus arqueiros. Vocês ficarão em árvores. Se algum deles não souber escalar, terá que aprender em minutos. Arthur e

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Darion, vocês vêm comigo. Precisamos achar um lugar seguro para os outros.

Dadas as ordens, todos seguem em direção ao grupo. Norah fica para trás para ajudar Tereza, que não disse uma palavra até agora.

Não precisamos caminhar muito para alcançá-los. Eles continuam lentos.

– Pessoal, prestem atenção em mim conforme andam. Tenho fortes motivos para acreditar que seremos atacados pelo povo da areia em breve – neste momento, a diferença entre meu povo e o de Norah fica evidente. O pessoal de Norah entra em pânico e começa a conversar entre si, enquanto o meu fica calado, esperando por minhas ordens – ei, acalmem-se! Não temos tempo, prestem atenção – grito, impaciente – nós temos um plano. Preciso que vocês confiem em mim. E, além disso, preciso que sejam mais rápidos. Sei que muitos de vocês estão em seus limites, mas será preciso mais. Arthur guiará vocês. Eu quero que vocês corram, de maneira organizada, o máximo que conseguirem. Quando alguém não aguentar mais, será carregado por quem tiver condições. Os guerreiros devem parar e ficar com Nyfer. Ele

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

dividirá vocês rapidamente em dois grupos. O grupo menor deve alcançar os demais e ajudá-los a irem o mais longe possível. O grupo maior fica aqui – ainda vejo o pânico nos olhos das pessoas, muitas devem estar pensando que morrerão esta noite. Talvez estejam certos – vão, agora!

Arthur toma a liderança, orientando as pessoas para que corram de maneira organizada. Todos colaboram. As crianças estão reunidas com algumas mulheres e parecem mais calmas do que eu imaginava. Elas não entendem o risco que estão correndo.

Thomás pega uma senhora nas costas. Outros também são carregados. Muitos não tão idosos. Mesmo correndo, eles são lentos.

Os guerreiros se agrupam perto de Nyfer, que começa a dividi-los. Norah finalmente chega com Tereza. Decido que darei mais uma chance a ele. Tenho a impressão de que ele é um ótimo guerreiro.

– Johnny! – grito para o primeiro homem do meu povo que vejo e que não carrega ninguém. Ele corre até mim – Ajude Tereza, por favor.

Tereza se aproxima de Norah, segurando seu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

rosto, em despedida. Depois sorri para mim.

– Boa sorte para vocês.

Johnny a carrega para o resto do grupo. Norah fica ao meu lado, sem dizer nada. Olho para Darion.

– O ideal era que eles passassem a rocha fechada para além da nossa armadilha. Mas acho que não chegam a tempo.

– Vai depender do que Lória nos disser. Se tivermos algumas horas... – Darion pondera.

Eu me lembro da urgência que senti no uivo do meu lobo.

– Acho que não teremos. O que também é bom, pois precisaremos da escuridão da noite.

Ninguém diz nada. Ficamos apenas pensando.

Ficar próximo do rio não é uma boa ideia, o povo da areia deve estar vindo por lá. O começo da mata também não é uma boa opção, pois faz parte do trajeto para nossa armadilha. Se iremos atraí-los para lá, nosso povo não poderá estar no caminho.

– Talvez seja melhor que eles parem de caminhar em linha reta. Vamos mandá-los para a mata fechada – sugiro a Darion.

## PERIGOSAS ACHERON

– Mas nossa armadilha não será no corredor das grandes árvores? Se eles não alcançarão a rocha fechada, também não alcançarão além do corredor.

– Nós os levaremos ainda mais para dentro da mata.

Darion me olha, pensando sobre o assunto. Ir muito para o fundo da floresta não é uma boa ideia, pois há animais que podem nos atacar, principalmente à noite. Fora que o terreno é muito difícil para caminhar. Mas não há outra opção.

– É nossa melhor opção – Darion chega à mesma conclusão que eu.

– Será isso, então.

– Pronto, guerreiros divididos.

Olho para Nyfer e vejo que os grupos estão prontos, na proporção que eu pedi.

– Ótimo.

Tomo a dianteira e nós alcançamos o grupo, que desta vez chegou um pouco mais adiante. O pânico desperta a adrenalina, que nos torna mais fortes.

– Arthur, vocês devem entrar na mata. Leve-os o mais longe possível. Mas afaste-os da fileira de árvores. Aquele grupo de guerreiros vai com vocês. Ache um lugar para ficarem. Não deixe todos

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

juntos. Faça uns três grupos em lugares diferentes, distantes. E não perca muito tempo com isso, preciso que você volte o quanto antes – meu guerreiro favorito vai assentindo com a cabeça enquanto lhe oriento – separe os guerreiros em volta dos grupos. Os arqueiros devem subir nas árvores. Avise a eles para ficarem atentos não só a ataques do povo da areia, mas de animais também. Se alguém estiver ferido, deve cobrir o ferimento para disfarçar o cheiro de sangue – paro de falar para respirar um pouco, refletindo se me esqueci de algo. Acho que não. Eu me aproximo mais de Arthur para falar baixo – se nossa armadilha não der certo e formos derrotados, talvez o povo da areia não encontre ninguém. Se tiverem a ideia de entrar na mata para procurar, talvez voltem ao achar o primeiro grupo e os demais se salvem.

– Vai dar certo, chefe, nós vamos vencer! – ele coloca as mãos nos meus ombros – Nós sempre vencemos! – ele diz com convicção, e eu acredito nele.

– Você está certo – sorrio – vá, depois corra para a fileira de árvores grandes.

Arthur não perde tempo, grita para o grupo e

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

começa a organizá-los. Sete guerreiros de Norah vão com eles.

Dará certo. Os espíritos estão do nosso lado.

Olho para os que ficaram: Darion, Norah, Nyfer, Jess, dez guerreiros que desconheço as habilidades, Luke e seus dois artesãos arqueiros.

– Vamos. Precisamos ajudar José e os outros com as árvores.

– E se Líria voltar, alguém não deve esperá-la? – percebo pelo tom de Norah que ele não está mais irritado.

– Ela verá pelas nossas pegadas para onde fomos. Não se preocupe, ela conhece muito bem esta floresta.

## PERIGOSAS ACHERON

# Trinta e um

As árvores já estão no ponto certo. Arthur se juntou a nós, levou os homens que nos ajudaram a cortar os troncos para o restante do grupo, voltou para a armadilha e nada de Líria.

Imagino que já tenham se passado umas duas horas. Olho para o céu. Não poderemos contar com a escuridão da noite por muito tempo.

Minha garganta fica seca enquanto o resto do meu corpo sua. É o medo. Medo de que Líria tenha sido capturada, de que esteja morta. Ela é muito rápida, já deveria ter voltado. Será que tudo isso foi uma armadilha? Será que mandei Líria para a morte?

E Max? Será que está bem? Pensando melhor sobre a distância que estamos da fortaleza, não creio que ele chegue a tempo de voltar e nos ajudar. Esta armadilha é a nossa única esperança. Se não der certo, morreremos esta noite.

Começo a andar de um lado para o outro, todos percebem que estou mais impaciente do que



deveria. Até Arthur, que é o mais falador, está calado, esperando a chegada de Líria.

Meu Deus, permita que Líria esteja viva, que esteja bem. Permita que eu não a tenha enviado para a morte.

Olho novamente para a fileira de árvores. O corredor é largo. Conseguiremos atingir muitos guerreiros do povo da areia. Vai dar certo.

José se vira bruscamente. Presto atenção e escuto um barulho vindo da direita. Estou tão nervosa que me deixei distrair, José percebeu antes do que eu.

Rapidamente tiro uma flecha das minhas costas, a armando em meu arco. Um alívio enorme percorre todo o meu corpo quando vejo uma silhueta pequena correndo no escuro, em nossa direção. É Líria.

Ao nos alcançar, ela se abaixa, apoiando as mãos nos dois joelhos, respirando com dificuldade. Seu rosto está vermelho, os fios soltos de seus cabelos grudam em sua pele suada. Ela correu muito.

Coloco a mão em seu ombro, esperando que ela retome o fôlego para conseguir falar. Ela demora

## PERIGOSAS NACIONAIS

mais do que eu gostaria de esperar, o que indica que ela correu até seu limite.

Finalmente, ela levanta, puxa o ar com força e começa:

– O primeiro exército está a trinta minutos daqui – a falta de tempo deveria chamar mais a minha atenção, mas tudo no que consigo focar é que ela disse *primeiro exército* – mais de cem guerreiros. Arcos e flechas, facas, machados e lanças – ela para um pouco para respirar mais. Primeiro exército? – Tito os lidera – Tito? Então ele está mesmo vivo. E vindo para mim? Sinto como se uma corrente elétrica tivesse me atingido por dentro. É a raiva, a sede por vingança. Posso morrer esta noite, mas Tito, definitivamente, morrerá também – eles andam rápido.

– Por que você demorou tanto, Líria? – Arthur pergunta antes que eu possa me manifestar.

A imagem de Tito carregando meu irmão morto passa como um filme na minha cabeça.

– Esta é a pior parte – ok, consigo me concentrar novamente. É agora que ela explicará porque disse *primeiro exército* – eu já tinha reconhecido as armas e tinha noção da quantidade de inimigos.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Estava quase voltando, quando escutei os guerreiros conversarem e entendi que havia mais deles para trás. Fiquei na dúvida se ganhava tempo vindo para cá o mais rápido possível, ou se me atrasava para garantir informações sobre um possível segundo exército – ela olha para mim. Assinto, dizendo em silêncio que ela fez uma boa escolha voltando para averiguar de verdade nossa situação. Eu faria o mesmo – encontrei mais inimigos a menos de uma hora de distância – Lória faz outra pausa para puxar o ar, e olha para mim – eu nem consegui contar, Celine. Devem estar em mais de trezentos guerreiros – os ruídos de frustração começam. Olho para Norah, que não parece surpreso. Desvio o olhar, começando a pensar em uma estratégia, mas Lória me interrompe – isso não é tudo. Jafar está com eles. E acho que o líder do povo da areia também.

– Como é? – Norah parece indignado.

– Isso não é possível. Ele nunca saiu do deserto. Ele não se arriscaria a esse ponto – Nyfer parece ter certeza do que diz.

– Posso estar enganada. Mas, seja quem for, é alguém poderoso. Os guerreiros carregam uma

## PERIGOSAS ACHERON

espécie de casa nas costas e ele está dentro.

O líder do povo da areia a uma hora de distância de nós? É uma oportunidade única. Se matarmos o líder deles, provavelmente acabamos com essa selvageria.

– Quem mais pode ser, Norah? O líder dos guerreiros? – pergunto, já calculando o tempo que nos resta até o primeiro exército chegar.

– Não. O líder dos guerreiros é Tonito, mas ele jamais seria carregado. Ninguém seria carregado. O rei é o único que teria uma postura como essa.

– Então é ele.

– Isso não faz sentido, Celine. Ele não se arriscaria dessa maneira. Pra que vir pessoalmente atrás de nós?

– Se Jafar está com ele, eles podem ter um plano. Talvez eles contem tanto com o fato de que nos derrotarão, que ele veio para ficar na nossa floresta – José supõe.

Não temos tempo para especulações. Líria disse que o primeiro exército chega em trinta minutos.

– As possibilidades são inúmeras. Não temos tempo, o primeiro exército está chegando. Vamos seguir com o plano.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Celine, por mais que consigamos derrotar os cem primeiros guerreiros, como faremos com os outros trezentos? – é a primeira vez que Jess pergunta algo assim para mim, não para Norah.

– Jess, nós conseguiremos derrotar o primeiro exército! O corredor é largo, pelo menos os sessenta primeiros ficarão embaixo dessas árvores. O restante, mataremos com nossas próprias mãos – não estou apenas incentivando Jess, realmente acredito que seremos capazes de lidar com os cem primeiros – quanto aos demais, preciso ser sincera, não faço ideia. Max foi pedir ajuda à fortaleza...

– Chefe – Arthur me interrompe – Max não conseguirá ir e voltar tão rápido, infelizmente. Eles estão a uma hora.

Arthur está certo, é muito provável que morramos esta noite. Mas eu não vou desistir.

– Talvez. Mas ainda existe uma chance. Não vou simplesmente esperar a morte me pegar. Vamos derrotar o primeiro exército, depois veremos o que é possível fazer.

Considero dizer que poderemos correr, mas sei que, se ganharmos esta primeira batalha, estaremos sem condições para uma segunda ou para continuar

## PERIGOSAS ACHERON

fugindo.

– Nós podemos ter uma chance, se matarmos o rei – diz Norah, e eu estreito os olhos para ele – não sei até que ponto os guerreiros são fiéis ao rei. Tonito é, mas os demais só fazem o que ele manda.

– Acha que os guerreiros podem ficar do nosso lado, se matarmos seus líderes?

– Não sei, Celine. Mas uma coisa eu tenho certeza, eles ficarão confusos. Não saberão o que fazer. Isso pode significar que eles ataquem ou que recuem.

Penso nas palavras de Norah enquanto olho para ele. Gostaria que Tereza estivesse aqui, ela certamente teria uma resposta para essa dúvida.

Mesmo sem saber a resposta exata, sinto que nossas chances aumentaram. Se Norah estiver certo, precisaremos matar apenas cento e duas pessoas esta noite.

– Isso é ótimo, Norah. Talvez você tenha razão. Mas, agora, vamos nos concentrar em nossa armadilha, ok? – todos concordam – Não se esqueçam, esperem o meu sinal para começar a derrubar as árvores, de maneira gradativa. Derrubem a que estiverem empurrando e vão para a

próxima árvore vazia. Boa sorte!

Olho nos olhos dos guerreiros à minha frente, me demorando em cada um deles. Então me viro e vou em direção a nossos inimigos. Darion, Luke, Zeke e Tushiran vêm comigo.

Passamos pelo corredor de árvores, andamos por alguns minutos pela mata fechada e, antes de chegarmos à trilha perto do rio, paro.

– Ok, Luke e Zeke, vocês ficam por aqui.

Procuro por duas árvores grandes, que tenham folhas o suficiente para esconder uma pessoa. Acho duas, uma bem próxima da outra, perfeitas.

– Não se esqueçam: gastem suas flechas exclusivamente com os arqueiros. Isso é de extrema importância.

Luke me olha preocupado. Ele está com essa cara desde que avisei o óbvio, que eu seria a isca. Pela primeira vez, agradei por Max não estar com a gente. Ele criaria um problema enorme quanto a isso. Ou não, ele confia em mim. Vai saber... Quando se trata de Max, nada é muito fácil de prever.

Luke se aproxima de mim, colocando sua mão no meu rosto.

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Tome cuidado, Celine – seguro sua mão.

– Fique tranquilo, Luke. Eu conheço muito bem esta floresta. Eles não me alcançarão. Conto com vocês para derrubar os arqueiros.

Ele apenas diz que sim com a cabeça e me abraça. Continuo andando, sem olhar para trás.

Na entrada da floresta, paramos novamente. É a vez de Darion e Tushiran.

– Darion, pelo amor de Deus, você não desce desta árvore até que venhamos buscá-lo, ok?

– Ok.

Ele não me convence nem um pouco. Sei que planeja participar de toda a batalha, mesmo que seu corpo ainda não esteja pronto. Decido apelar.

– Sabe que vai me atrapalhar se aparecer, não sabe? – ele não gosta nem um pouco das minhas palavras e faz uma careta para demonstrar isso. Não me importo, preciso convencê-lo – Vou ficar tão preocupada com o seu bem-estar, que me esquecerei do meu.

– Eu vou ficar de fora desta vez, Celine.

Acho que acredito nele. De qualquer maneira, não temos mais tempo. Tushiran já está escalando sua árvore. Encosto minha testa na de Darion.

## PERIGOSAS ACHERON



– Derrube os arqueiros – peço baixinho.

Não sei até que ponto posso confiar em Luke e seus amigos. Eles são bons, mas talvez não o suficiente. Se os arqueiros não forem abatidos, eles podem me acertar, me impedindo de chegar até a armadilha. E podem nos trazer complicações após a derrubada das árvores.

– Sangue do meu sangue – Darion inicia nosso ritual antes da batalha.

Seu tom me mostra que ele está pronto, mesmo que seu corpo esteja frágil.

– Sangue do meu sangue – repito.

Ele me solta para começar a subir na árvore, com dificuldade. Fico por um tempo olhando seus movimentos lentos. Então, continuo.

Chego à beira do rio e olho para o céu. A noite está acabando, é melhor que eles cheguem logo.

Prendo meu cabelo, me ajoelhando no chão. Levo minha mão até o fundo do rio e pego o máximo de lama que consigo. Espalho por todo o meu corpo, esperando me camuflar na floresta.

Quando acredito estar toda coberta, me posiciono atrás de uma grande pedra, próxima ao rio e à entrada da mata fechada. É o lugar perfeito.

Espero.

Trezentos guerreiros com Jafar e o líder do povo da areia. Por que ele está se arriscando tanto? Segundo Luke e os outros, ele nunca mais saiu do deserto. Por que sair agora? O que tem aqui de tão importante que justifique sua presença?

Onde será que Max está? Ele se foi antes que tivéssemos a confirmação de que seríamos atacados. Espero que ele tenha levado a sério minha ordem. Sim, ele levou. Nosso problema não é esse. Ele não terá tempo suficiente.

Pobre Max. O que fará se eu morrer esta noite? Ele se recuperará, é forte. Se eu morrer, vou me encontrar com Julio e minha mãe? Meu espírito ficará aqui, nesta floresta, para ajudar meu povo?

Escuto o primeiro som, que me indica que meus inimigos estão próximos. Eu me agacho mais atrás da pedra, apoiando minhas costas nela.

O som aumenta, são vozes. É uma mistura de canto com gritos de guerra, algo bem estranho. Talvez sejam várias pessoas conversando ao mesmo tempo. Não, o povo da areia é um povo guerreiro. Eles não conversariam tanto assim.

Cada vez mais alto, o som ecoa por todo o meu

## PERIGOSAS NACIONAIS

corpo. Minhas mãos começam a suar e tremem de leve. Muitas bocas são necessárias para produzir um som tão alto. Respiro fundo, tentando me acalmar.

Quando acho que eles estão próximos, me arrisco a dar uma espiada. Aproximo meu rosto do final da pedra e olho para trás.

Eles realmente são muitos. Agora, olhando para eles, percebo que cantam. Uma música com pouco ritmo. Uma canção de guerra, sem palavras, apenas gritos. Não parecem se preocupar em serem notados. Ao contrário, eles querem que saibamos que estão chegando.

Conforme eles se aproximam, noto que alguns guerreiros não estão com os rostos pintados de preto. São aligortes. Os traidores que mataram meu irmão. Pensar em Julio desperta em mim exatamente o que preciso: ódio.

Sinto esse ódio se espalhar em mim. Quando penso que já estou tomada pela raiva, meus olhos encontram Tito. Ele se destaca na multidão, pelo seu tamanho. É o único que reconheço.

Mais uma vez minha mente revive o momento em que Tito me mostra o corpo morto do meu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

irmão. Escuto sua voz dizendo que Julio implorou pela vida, como um covarde. Desgraçado! Você é um homem morto.

Antes que minha mente decida o que fazer, a flecha já está na minha mão, posicionada no arco. Sem desviar os olhos de Tito, me levanto, giro nos calcanhares, miro e atiro.

O guerreiro à frente de Tito se movimenta e a flecha atinge seu rosto. Tito para de caminhar, olhando para seu parceiro sem vida enquanto ele cai no chão. Depois, olha para frente e estreita o olhar. Seus olhos não focam diretamente em mim, o que confirma que a lama realmente me esconde na escuridão.

Mas isso é porque Tito está longe. Os guerreiros mais próximos olham diretamente para mim. Eles parecem em choque, pois apenas param e ficam me olhando com os olhos arregalados.

A música vai diminuindo de volume aos poucos até que o silêncio reine, mesmo que por pouco tempo. O guerreiro mais próximo a mim levanta o braço segurando sua lança e dá um grito.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# Trinta e dois

Meu corpo reage, eu me viro e corro. Os gritos se intensificam, não preciso olhar para trás para saber que eles correm atrás de mim.

Uma flecha passa perto da minha cabeça, depois uma lança. Começo a correr em zigue-zague, o que permite que eles se aproximem mais.

Mais flechas passam perto de mim, sei que elas podem me acertar a qualquer momento. Fixo meu olhar no ponto por onde devo entrar na floresta e acelero o passo.

Sinto uma ardência no meu braço direito, acho que uma flecha pegou de raspão, pois a dor não é intensa. Minha respiração começa a ficar pesada.

Entro na mata fechada, me sentindo aliviada. Olho para trás rapidamente para saber se tenho tempo de parar por alguns segundos. Antes que eu possa avaliar minha situação, sou lançada para o chão. Este é o preço de ter corrido em zigue-zague: eles me alcançaram.

Rolamos no chão e o guerreiro do povo da areia

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cai em cima de mim. Mas ele não tem oportunidade de me atacar, uma flecha vinda do céu acerta seu peito. Eu me levanto, percebendo que este foi o único a me alcançar. Ele era mais veloz do que os demais, mas os outros também estão perto.

Não perco tempo e continuo correndo. Os guerreiros do povo da areia gritam enquanto se movimentam. A cada grito de guerra que escuto, me esforço para correr ainda mais rápido.

As flechas continuam sendo lançadas mesmo após termos passado pela localização de Darion e Tushiran, o que significa que eles não conseguiram derrubar todos os arqueiros. Espero que nenhum guerreiro pare para combatê-los. Quero que todos venham atrás de mim, como planejado.

Meus olhos percorrem o chão da floresta enquanto corro. Pulo por cima das raízes maiores, tentando me esquivar dos galhos que estão na altura do meu rosto.

Quando me aproximo das árvores onde estão Luke e Zeke, meu pé fica preso entre duas raízes grossas e eu caio no chão. Devido à velocidade, rolo por alguns metros.

Meu pé lateja de dor, mas eu não tenho tempo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me levanto rapidamente, sem olhar para trás para saber o tamanho da minha vantagem, e continuo correndo.

Assim que meu pé encosta no chão, uma pontada de dor percorre todo o meu corpo, me fazendo gritar. Tento correr mancando, encostando pouco o pé machucado no chão, mas é impossível. Olho para trás e vejo a multidão atrás de mim.

O guerreiro que está mais próximo levanta a mão direita, segurando sua lança. Ele vai jogá-la. Eu me abaixo, e a lança crava com força no tronco da árvore que estou apoiada.

Tiro meu arco das costas e atiro três flechas em sequência. Elas acertam os três guerreiros mais próximos a mim.

Estudo meu pé, acho que ele já está inchado. Não tenho certeza, está muito escuro. Volto a correr, não tenho tempo para mancar. A cada passo, a dor toma conta de mim, mas eu não paro.

Sei que não estou correndo tão rápido quanto deveria, pois os gritos dos meus inimigos ficam cada vez mais altos. Eles estão mais próximos a cada segundo.

Uma flecha passa próxima ao meu rosto, mas

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

desta vez a lâmina está apontada para mim. Escuto quando ela atinge um guerreiro que estava mais próximo do que eu esperava. São flechas amigas.

Percebo que estou chegando até Luke, o que significa que estou perto da armadilha. Não posso parar agora. Continuo correndo. A cada pontada de dor, forço minha mente a se lembrar do meu irmão morto diante de mim. A raiva é minha maior aliada.

Quando avisto o corredor de árvores à minha frente, arrisco olhar para trás. Meus inimigos estão próximos, o que é bom neste momento. Reparo que os homens que correm atrás de mim não carregam arcos. Meus arqueiros fizeram um bom trabalho.

Entro na fileira de árvores bem pelo centro, rezando para que nenhum guerreiro corra por fora. É um corredor largo, cabem todos.

Está escuro e forço meus olhos para tentar enxergar meus guerreiros atrás das árvores. Consigo ver alguns, mas só porque presto atenção. Sei que meus inimigos não vão notá-los.

Na metade do corredor, consigo ver Líria me esperando no final da armadilha. Ela está apontando flechas em minha direção, para os inimigos atrás de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Faltando cerca de três metros para o fim do corredor, olho para trás novamente. Sim, nosso plano deu certo. O corredor está cheio de guerreiros aligortes e do povo da areia. Fico curiosa para saber se Tito também está aqui, mas não tenho tempo para ficar procurando.

Puxo o ar e dou o sinal.

– Agora! – grito o mais alto que meus pulmões cansados aguentam.

Primeiro, escuto os gritos dos meus aliados fazendo força para empurrar as árvores. Depois, o som dos troncos terminando de quebrar. Em seguida, os gritos desesperados dos meus inimigos. E, por último, o som ensurdecedor das árvores indo ao chão.

Eu me forço a correr ainda mais rápido, ignorando completamente os protestos do meu pé.

Meu medo vira realidade no momento em que percebo que as árvores perto de mim começam a cair. Foco meu olhar em Líria e continuo correndo. Estou próxima da última árvore quando ela começa a tombar. Prendo a respiração, dando o melhor de mim.

As folhas dos galhos roçam meu corpo e,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quando penso que também serei atingida por nossa armadilha, saio do corredor. Líria dispara algumas flechas, o que significa que alguns dos nossos inimigos também conseguiram passar ilesos. Mas ela não atira muitas, poucos foram tão rápidos.

Paro de correr, me jogando no chão. Puxo o ar com dificuldade enquanto aperto meu pé machucado com as mãos. Líria fala algo para mim, mas eu não consigo escutar. O som alto das árvores caindo prejudicou minha audição.

Vejo cinco corpos caídos, atingidos por flechas. Pouco mais adiante, avisto as árvores caídas. Uma névoa de terra paira sobre nós.

Líria me alcança e analisa meu pé. Aos poucos, nossos amigos vão surgindo, tossindo em volta das árvores caídas. Meus olhos buscam por José, Arthur, Nyfer e Norah. Fico aliviada ao reconhecê-los entre nossos guerreiros.

Esse alívio é momentâneo, chegando ao fim assim que escutamos os gritos do povo da areia. Eles surgem correndo, facas em punho, por cima das árvores caídas, pelos lados, por todo lugar. Não tenho tempo de contar, mas sei que são mais numerosos do que nós.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me levanto rapidamente, ignorando a dor no meu pé. Ao puxar a primeira flecha, sinto com meus dedos que tenho apenas mais sete. Descarrego tudo. Líria faz o mesmo.

Sinalizo para que meus guerreiros corram até nós, mas nossos inimigos os alcançam primeiro. Assisto o combate corporal se iniciar. José derruba alguns, mas vai ao chão.

Solto um grito alto, correndo em direção aos meus inimigos. Eles também correm em minha direção e nos encontramos no meio do caminho. A adrenalina já me tomou por completo, a dor no pé nem me incomoda.

A cada guerreiro que derrubo, me sinto mais forte. Antes que eu consiga chegar até José, ele já se recuperou e está em pé. Mas não deixo de perceber que seu braço esquerdo sangra.

Seguro facas nas minhas duas mãos, meu corpo se mexe mais automaticamente do que por decisões tomadas. Acerto golpes únicos em cada guerreiro do povo da areia, sempre buscando regiões sensíveis, capazes de imobilizar quando atingidas. Não posso me cansar desferindo vários golpes no mesmo inimigo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Derrubo os guerreiros perto de mim e olho em volta. Encontro Líria e José, lutando. Enquanto procuro por Arthur, vejo Tito. Enorme, ele derruba vários guerreiros de Norah com seu facão.

Seguro minhas facas pelas lâminas. Nossos olhos se encontram, e ele sorri para mim, erguendo um guerreiro de Norah pelo pescoço. Jogo minhas duas facas nele, caminhando decidida em sua direção. Ele usa o corpo que segura para se proteger, fazendo com que as facas acertem o homem já morto.

Não firo meu maior inimigo nesta batalha, mas o movimento que ele fez para se salvar me deixou fora do seu campo de visão por alguns segundos.

Começo a correr com toda a velocidade que posso. Tito se desfaz do cadáver que salvou sua vida e olha para mim quando já estou no ar. Meus dois pés acertam seu peito.

Ele cai, a dor no meu pé machucado me impede de atacar novamente. Tito se levanta e olha em volta, procurando seu facão. É meu momento de acabar com ele, no entanto algo chama minha atenção.

Logo ao nosso lado, Norah está no chão, sendo

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

atingido diversas vezes por um guerreiro do povo da areia. Ele não consegue revidar, deve estar no seu limite. Seu agressor leva a mão até a bota e tira uma pequena faca. Ele levanta a mão, cuspidando no rosto de Norah.

– Traidor! – ele diz e começa a descer o braço.

Não tenho arma nenhuma comigo, então apenas me lanço sobre ele, impedindo que desfira o último golpe em Norah. Rolamos no chão, ele acaba em cima de mim. Acerto sua garganta com força e ele solta a faca, segurando o pescoço com as duas mãos. Vai demorar para ele conseguir respirar novamente. Talvez nem chegue lá.

Eu o tiro de cima de mim, me levantando. Antes que eu possa olhar ao redor para procurar Tito, seu punho acerta o meu rosto. Sou lançada para trás pelo impacto, o gosto metálico de sangue se espalha pela minha boca. Por alguns segundos, minha vista fica embaçada.

Tento me levantar, mas Tito chuta minha barriga, me lançando novamente para longe. Fico sem ar. Apoio as mãos no chão, olho para frente e vejo somente mato. Rolei para longe da clareira onde acontece o combate.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para trás e Tito sorri para mim, andando em minha direção. Minha cabeça parece que gira, mas não me deixo levar pela exaustão. Eu me levanto o mais rápido que posso.

Tito para diante de mim com aquele sorriso nojento nos lábios. Percebo que ele não carrega seu facão. Lutaremos sem armas, e eu vou acabar com ele.

Um *flash* passa rapidamente pelos meus olhos. Vejo meu irmão vivo, correndo pela floresta, sorridente. Logo depois, vejo Tito jogando seu corpo sem vida no chão, como se fosse lixo.

O sangue se acumula na minha boca, e eu o cuspo. Passo as costas da mão embaixo do nariz, limpando o sangue que escorre ali.

Respiro fundo. É agora, vou matá-lo! Só preciso alcançar seu pescoço para quebrá-lo.

Reúno minhas forças e, no instante em que dou um passo à frente, Tito leva a mão para suas costas. Quando ela reaparece, segura um revólver.

Seu sorriso aumenta e ele engatilha a arma, mirando meu rosto. A distância entre nós é grande demais para que eu possa me defender. Não há nada que eu possa fazer.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Adeus, princesa guerreira — Tito diz, sorridente.

Vou morrer. Eu me recuso a fechar os olhos e encarar meu assassino. Ele se lembrará do meu olhar focado nele.

Seu dedo se move para o gatilho. Sinto uma mistura de dor e ardor na orelha. A flecha surge do nada, acertando o braço de Tito que segura o revólver. Escuto o barulho do tiro e fecho os olhos, esperando a dor. Mas não sinto nada, a bala não me atingiu.

Abro os olhos rapidamente. Tito leva a mão ao ferimento, olhando para o revólver no chão. Ele tenta alcançar a arma antes que eu, mas passa longe. Pego o revólver e atiro em seu outro braço. Seus gritos de agonia me dão certo prazer.

Olho para trás e vejo Darion segurando seu arco. Luke, Zeke e Tushiran estão ao seu lado, olhando horrorizados para o campo de batalha. Levo a mão até a orelha, sentindo meu sangue. Essa passou bem perto, ainda bem que foi Darion que atirou.

Com o revólver em punho, analiso nossa situação. O primeiro que encontro é Norah. Ele está jogado no chão, no mesmo lugar que estava antes,

## PERIGOSAS ACHERON



parecendo vivo. José está abaixado sobre Líria, que está sentada no chão segurando o braço. Arthur corre para cima de um guerreiro do povo da areia que está socando algum dos nossos.

A batalha está no final. Restam poucos inimigos vivos. Um guerreiro do povo da areia está em cima de alguém, desferindo golpes. Aponto a arma para ele e atiro. Quando me aproximo, vejo que era Nyfer embaixo dele. Ele parece muito ferido.

Coloco o revólver no cós da minha calça, me abaixando sobre Nyfer. Ele respira com dificuldades. Uma faca está cravada no seu ombro, seu sangue se espalha pelo chão em uma velocidade preocupante. Ele olha para mim, tentando falar algo. Seguro seu rosto.

- *Shhh*. Tudo bem, não diga nada. Não faça esforço, Nyfer. Você vai ficar bem – ele continua tentando falar – nós ganhamos – digo, achando que é isso que lhe interessa. Ele continua se esforçando, mas sua voz não sai. Penso ter lido seus lábios dizendo *Líria* – Líria? – ele faz que sim com a cabeça – Ela está bem! Está bem ali – aponto para onde Líria está com José. Ele parece aliviado e relaxa um pouco.

Ainda agachada sobre Nyfer, olho ao redor novamente. Tito está imóvel no chão, com Luke ao seu lado, me olhando. Arthur está agachado ao lado de Norah. Olho para ele em expectativa, que assente com a cabeça, me dizendo que Norah está vivo.

Dois guerreiros de Norah estão de pé, olhando em volta. Jess se agacha ao meu lado, falando palavras de conforto para Nyfer. Eu me aproximo de Líria e vejo José fazendo algum tipo de curativo no braço dela.

– Vocês estão bem? – pergunto, cansada.

– Sim, chefe – eles respondem juntos.

– Uma facada, nada sério – Líria me explica seu ferimento.

O rosto de José está inchado. Ele levou alguns socos, mas parece bem. Após finalizar com Líria, ele se levanta, me segura pelo pescoço e examina meu rosto.

– Estou bem – digo, mas permito que ele continue olhando.

Ele se convence e me solta. Olho ao redor mais uma vez. Vencemos esta batalha, mas perdemos mais guerreiros do que eu imaginava. Os corpos

## PERIGOSAS NACIONAIS

estão jogados no chão, sem vida. Agradeço pelos meus estarem vivos, mesmo me sentindo mal pelo egoísmo.

Arthur carrega Norah até onde estamos. Jess faz o mesmo com Nyfer. Eles estão conscientes, apesar de seus ferimentos. Arthur se aproxima de Nyfer, o advertindo sobre a dor que ele sentirá enquanto segura a faca que corta sua carne.

Vai doer mesmo. Arthur puxa a faca de seu ombro de uma vez. Rasgo a barra da minha camiseta ouvindo Nyfer gritar de dor. Passo o pano por sua ferida, estacando o sangramento. Ele precisa de ajuda médica, rápido. Espero que possamos dar.

Os guerreiros sobreviventes de Norah se juntam a nós e se sentam no chão, exaustos. Zeke e Tushiran fazem o mesmo.

Sei que outro exército se aproxima rapidamente de nós, mas eles simplesmente não conseguirão se mover agora. Alguns precisam de descanso, outros terão que ser carregados.

Caminho mancando até Darion e Luke. Abraço meu melhor amigo.

– Obrigada.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estaria morta se não fosse por ele. E sua ótima mira, claro.

– O que aconteceu com seu pé? – é a voz de Luke.

Olho para ele, agradecendo em silêncio por ele estar bem. Os guerreiros do povo da areia não pararam para lutar com eles, graças a Deus. Eles puderam vir tranquilamente até aqui, apesar de eu ter falado para esperarem.

– Acho que torci. Não é nada demais.

Eu me aproximo de Tito e coloco meus dedos em seu pescoço. Sinto sua respiração fraca, ele ainda está vivo. É forte o filho da puta. José e Arthur se posicionam ao meu lado.

– Apoie esse filho da puta na árvore. Precisamos conversar.

Meus guerreiros me obedecem, José dá alguns tapas na cara de Tito para que ele acorde. Minha cabeça dói. Levo minha mão até ela e sinto o molhado do sangue. Não é nada sério, mas faz com que eu me sinta um pouco zonza. Ou talvez seja apenas a adrenalina deixando meu corpo.

Depois de muitos tapas, Tito abre os olhos devagar. Ele demora um pouco para entender o que

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

está acontecendo. E, quando consegue, o desgraçado começa a dar risada.

Arthur faz menção de acertar um soco na cara dele, mas eu sinalizo para que pare. Precisamos dele acordado.

Espero que ele pare de rir.

– Você já perdeu os braços, Tito. Quer perder as pernas também?

– Vá em frente – ele diz, sarcástico.

Não penso duas vezes. Saco a arma e atiro na sua perna esquerda. Ele grita.

Não gostaria de atirar novamente, o barulho desses tiros certamente alertou o segundo exército. Os próximos mostrarão nossa localização exata.

Mas nossa única chance é entender a aliança entre os aligortes e o povo da areia. Algo me diz que a chave para tudo isso está nessa união.

– Sua filha da puta, desgraçada!

– A vontade de rir passou? – Arthur provoca.

Luke me olha horrorizado, mas isso não me abala.

– Vamos lá, Tito. Não temos tempo. Por que o povo da areia aceitou uma aliança com Jafar? O

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que vocês ofereceram a eles?

Ele fica calado, emitindo os ruídos do seu sofrimento. Arthur me olha, e eu assinto. Ele pressiona o pé no braço de Tito, que grita de dor. Abro o tambor do revólver.

– Tito, tenho mais três balas. Onde você quer a próxima? Na outra perna?

Ele continua gemendo de dor. Aponto a arma para sua perna boa.

– Não! – ele grita, desesperado – Eu não sei de nada. Jafar não me conta nada, não me deixa participar das reuniões com o rei!

Ele fala do líder do povo da areia com respeito. Não me espanta que Tito admire um assassino como ele.

– Você acha que a gente vai acreditar nisso, seu cretino? – José está nervoso e puxa a flecha que está no braço de Tito.

Fecho os olhos e os massageio, decepcionada.

– Ele diz a verdade, José. Jafar é esperto demais para dividir informações sigilosas com um guerreiro. De qualquer maneira, se contasse, não o mandaria na frente. Ele não se arriscaria a esse ponto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

– Está vendo, seu bosta? Seu chefe te mandou na frente para morrer! – Arthur vocifera – O que faremos com ele?

– Ele não nos serve para nada – digo, olhando no fundo dos olhos de Tito.

Ele apenas me encara, um tanto petulante. Levanto meu braço e aponto a arma para sua testa.

– Você não vai fazer isso. Não você, princesa perfeita. Eu já estou derrotado! Você não terá coragem de me matar a sangue frio... – Tito fica falando o quanto eu não seria capaz de matá-lo assim, sem motivo. Ele fala algo sobre eu não conseguir mais dormir, que verei seu rosto em meus sonhos. Mas eu não escuto com clareza o que ele diz. Minha mente viaja no tempo, voltando mais uma vez para o dia em que vi Julio morto. Vejo claramente Tito entrar com ele nos ombros e jogá-lo no chão. Eu me lembro de vomitar enquanto Tito me dizia que meu irmão implorou pela vida. Todos os sentimentos que experimentei naquele momento me invadem. Olho para Tito. Meu olhar deve ser de puro ódio, pois ele para de falar, me encarando assustado – você vai conseguir fazer isso, Celine?

– Sim. E vou gostar – respondo e puxo o gatilho.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



# Trinta e três

Agora, sem a adrenalina ou a raiva, meu pé dói mais do que nunca. José, Arthur e Jess parecem bem, apenas com ferimentos superficiais. Darion continua com os mesmo ferimentos de antes. Ele, Luke, Zeke e Tushiran não sofreram nada com essa batalha. Líria está com um braço imobilizado. Norah e Nyfer não têm condições nem de andar. Os outros dois guerreiros de Norah estão cansados e com alguns ferimentos, mas nada sério.

Não temos chance alguma de lutar. Correr também não adiantará nada, abandonaríamos os que não têm condições para não aguentarmos mais em alguns metros.

O sol começa a aparecer, diminuindo o frio que sinto. Estamos reunidos no final da clareira onde houve a batalha, a mata fechada atrás de nós. Tento pensar no que fazer quando Jafar e o líder do povo da areia nos alcançarem, mas não consigo raciocinar direito.

Minha cabeça dói, eu me sinto fraca. Meu pé

incha cada vez mais e percebo na minha pele uma coloração roxa.

Olho para meus guerreiros. Eles olham para o nada, em silêncio. Provavelmente, pensando nas vidas que tiveram. Ou nas que tiraram.

Nossa única chance é matar o rei, como sugerido por Norah. Tenho duas balas no meu revólver. O único plano patético que passa pela minha cabeça é fingir me entregar para conseguir me aproximar o suficiente do rei e acabar com sua vida.

Talvez Jafar ainda tenha interesse em mim. Talvez eu consiga negociar a vida do meu povo, dos meus guerreiros.

Tento confortar a mim mesma com essas palavras, mas sei que minha vida terá um fim hoje. Jafar não tem mais motivos para se interessar por mim ou por meu povo, já que está com o povo da areia. Aliás, se ele já tinha realmente fechado uma aliança com o povo da areia, para que precisava de mim para ensinar seus guerreiros? Foda-se. Isso não faz mais diferença.

Olho para Luke, que já estava olhando para mim.

– Vá, Luke. Leve quem conseguir andar com

## PERIGOSAS NACIONAIS

você.

– Eu não vou te deixar!

Fico comovida. Mesmo à beira da morte, ele ainda quer ficar ao meu lado.

– Sua irmã precisa de você – ele me olha, pensativo – eu não tenho mais chances. Jafar estará aqui em breve.

– Eu carrego você... – ele tenta bolar um plano, mas eu não deixo que ele termine.

– Pare, Luke. Você terá que ser rápido! – ele faz que não com a cabeça, mas finjo que nem vi – Encontre nosso povo na floresta fechada. Guie-os. Talvez vocês tenham uma chance.

Ele se levanta, se agacha na minha frente e segura meu rosto com as duas mãos.

– Eu não vou a lugar nenhum sem você.

Ele parece irredutível, mas sei o que dizer para que ele mude de ideia. Mas não direi isso na frente de todos.

Afasto suas mãos do meu rosto e me levanto. Caminho mancando, o mais rápido que posso, entrando na mata fechada. Escuto seus passos atrás de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

Ando pouco e me viro para encará-lo.

– Está pronto para abandonar Savana? – seus olhos se arregalam. Sim, Luke, estou apelando. É a mais pura verdade, ficar aqui comigo significa abandonar sua irmã – Você não pode fazer isso. Não deve morrer até que sua irmã esteja pronta para sobreviver sozinha. Vá e a mantenha segura. Vocês podem ter uma chance...

Ele caminha rapidamente, me pegando de surpresa. Suas mãos alcançam meu rosto antes que seus lábios encostem-se aos meus. É um beijo casto, mas ele se demora, e eu deixo que leve o tempo que precisar para se despedir de mim.

Luke se afasta um pouco, mantendo os olhos fechados. Fico observando seu rosto lindo enquanto sinto sua respiração na minha pele. Ele raspa o nariz no meu e me presenteia com seus olhos incríveis que me hipnotizam.

Sorrio de leve para ele, vidrada no seu olhar. Mas, por dentro, estou triste. Esta é uma despedida para sempre. Eu morrerei, Luke sobreviverá.

Ele se esforça para esboçar um sorriso, mas não consegue. Quando ele tenta se afastar, sou mais rápida e seguro seu rosto com minhas mãos. Ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

fica parado, e eu aproximo nossos rostos novamente. Roço meu nariz no dele, sentindo seu cheiro uma última vez.

– Eu te amo – ele sussurra.

Sorrio novamente e acaricio seu rosto.

– Não se esqueça de mim – peço.

Não dou tempo para ele falar mais nada. Afasto meu rosto do seu, empurrando seu peito com a mão. Volto para a clareira.

## PERIGOSAS ACHERON

# Trinta e quatro

– Quem tiver condições, vá com Luke. Entrem na mata fechada e encontrem nosso povo. Talvez vocês tenham uma chance. Seguraremos nossos inimigos aqui o máximo que pudermos – digo em voz alta.

Zeke e Tushiran se levantam. Um dos guerreiros de Norah faz o mesmo. Olho para Darion.

– Tenho tantas condições quanto você – ele me diz, olhando para sua perna enfaixada e depois para o meu pé.

Encaro José, Líria e Arthur, mas não tenho chance de falar algo.

– Nem perca seu tempo, chefe. Nós não vamos a lugar algum – diz Arthur.

Penso em dizer que nosso povo precisa de ajuda, que o dever deles é ajudá-los. Porém, sei que nada que eu diga fará eles irem embora. Eu jamais os abandonaria, não importa o que acontecesse. Eles farão o mesmo.

Jess faz que não com a cabeça enquanto olha

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

para mim e se senta no chão. Ele também vai ficar. Muitas mortes para um dia só.

Nos minutos seguintes, o silêncio reina. Ninguém diz uma palavra, o que nos possibilita escutar o barulho que nossos inimigos fazem muito antes de chegarem.

A cada grito que escuto, me sinto mais próxima da morte. Como passos em direção ao vazio. Um grito, um passo.

Eu me levanto, sem apoiar o pé machucado no chão. Os que conseguem se levantam também.

Os primeiros que aparecem entre as árvores são os arqueiros. Eles passam pelas árvores derrubadas, apontando suas flechas para nós. Outros guerreiros vão surgindo sem parar. Compreendo o que Líria quis dizer quando informou que não foi capaz de contá-los.

Depois de mais de cem guerreiros aparecerem, avisto a casa ambulante que Líria descreveu. Os homens que a carregam nas costas andam com muita dificuldade pela floresta. Outros vão na frente com facões, cortando os galhos das árvores que impedem a passagem da casa.

Os filhos da puta estão machucando minha

## PERIGOSAS ACHERON

floresta apenas para que seu rei não encoste o pé no chão. Respiro fundo, controlando minha ira.

Vejo Jafar andando ao lado do líder do povo da areia e isso dificulta meu trabalho de me manter calma.

A casa ambulante alcança a clareira e os homens que a carregam a colocam no chão. A casa é uma estrutura de madeira, coberta por um pano azul marinho. Posso ver a silhueta do homem que está sentado lá dentro. Sua postura é ereta, suas mãos se apoiam nas laterais da poltrona. É a postura de alguém que tem poder.

Os guerreiros são tantos que não cabem na clareira. Muitos ficam em cima das árvores caídas. Os arqueiros permanecem na frente, apontando suas flechas para nós.

Não terei chance de matar o rei de onde estou. Ele está muito longe e, antes que eu possa erguer a arma, serei atingida por uma flecha.

Um homem extremamente alto e forte toma a liderança, olhando ao redor. Depois, seu olhar se fixa em Norah, sentado no chão ao meu lado.

– Achou que poderia fugir de nós, Norah? – imagino que se trate de Tonito, líder dos guerreiros



## PERIGOSAS NACIONAIS

do povo da areia. Norah não diz nada. Não sei se porque não quer ou porque não consegue. O homem grande dá risada – Você apenas postergou a morte deles, seu idiota.

Com minha visão periférica, vejo o guerreiro de Norah começar a correr. Uma flecha atinge suas costas e ele cai. Meu coração começa a bater mais forte, é a adrenalina voltando.

Jafar se aproxima de Tonito e para ao seu lado. Sinto a arma fria contra minha pele da cintura. Não, Celine. Seu alvo não é Jafar, você cuida dele depois.

– Olá, Celine – seu tom é calmo, como sempre – é um prazer revê-la – ele passa os olhos pelos meus guerreiros, depois pelos mortos no chão – devo confessar que você está se saindo muito bem sem seu irmão. Os guerreiros que não matei ainda estão vivos – ele aponta para nós – e não há ninguém do seu povo morto daqui. Aliás, onde estão as pessoas que você roubou de mim?

– Roubei de você? – cuspo as palavras – Você é um filho da puta, Jafar. Eu queria ver toda essa valentia estampada na sua cara se não fosse por eles – aponto para os guerreiros do povo da areia com a

## PERIGOSAS ACHERON

cabeça.

Jafar sorri para mim.

– Querida, aposto que você pensou que poderia mesmo salvá-los, não é? Não tenha dúvida de que vamos encontrá-los. Por puro prazer, é claro. Eles não nos interessam mais – noto como Jafar fala no plural. Ele já se considera do povo da areia – vou atrás deles apenas para que você os assista morrer. Inclusive, vamos dar início ao espetáculo – ele se vira para Tonito – mate a todos, menos ela.

Meus olhos se arregalam e, quando o líder dos guerreiros do povo da areia está prestes a ordenar que os arqueiros matem todos, pego a arma e aponto para ele.

– Se você fizer isso, será sua última ordem! – ameaço.

Todos os arqueiros passam a apontar suas flechas para mim.

– Não! Não atirem! – grita Jafar. Ele realmente me quer viva. Por quê? – Atirem nos outros – ordena.

Minha boca fica seca. Penso no que fazer. Tenho somente duas balas, não serei capaz de salvar meus amigos. Mas posso matar Jafar.

Tento mirar meu revólver nele, mas o covarde já se escondeu atrás dos arqueiros.

Tudo está perdido. Meus amigos morrerão, e eu serei sequestrada. Prefiro morrer do que seja lá o que Jafar planeja para mim. Mas essa é uma decisão muito difícil.

Estou pensando se uso uma das balas na minha própria cabeça quando vejo os arqueiros puxando mais os braços para trás. Eles vão atirar, mas nenhuma flecha me acertará.

Tomo minha decisão. Jafar não me terá.

Escuto um barulho atrás de nós e os olhos dos arqueiros se arregalarem. Olho para trás, me deparando com Max e mais onze guerreiros, que só podem ser da fortaleza, pelas roupas.

Max segura sua arma apontada para nossos inimigos. Os outros fazem o mesmo, mas com armas maiores. É preciso duas mãos para segurá-las.

– Mande-os abaixarem as armas, Jafar – Max ordena. Sei pela sua voz o quanto está furioso – estas armas são automáticas, fazem muitos disparos de uma vez. Vocês morrerão. As roupas destes guerreiros são à prova de bala, que dirá de flechas.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Além disso, dois homens foram até a fortaleza pedir reforço, já devem estar chegando. Se você tomar a decisão errada e ordenar um ataque, vocês não sobreviverão.

Max está com apenas onze guerreiros, mas já me sinto segura. Ele conseguiu! Trouxe a fortaleza para nos salvar.

Nossos olhares não se cruzam, pois Max não desgruda os olhos de Jafar.

– Calma, cavalheiros – uma voz muito familiar interrompe meus pensamentos. Volto a olhar para nossos inimigos e vejo a silhueta do rei do povo da areia se levantando. Varro minha mente em busca do rosto dono dessa voz. Meu Deus, não é possível! Ele caminha devagar até que esteja fora do pano azul, o sol brilha no seu rosto. Eu o reconheço de imediato, apesar da barba e do cabelo longo – afinal, estamos em família! – meu pai diz animado e sorri para mim.

## PERIGOSAS ACHERON